OBRAS

DE

Camillo Castello-Branco.

ROMANCES ORIGINAES.

I.

ANATHEMA.

PUBLICADO POR F. G. DA FONSECA.

PORTO:
NA LOJA DE F. G. DA FONSECA.
LIVREIRO E EDITOR.
1851.

OBRAS

DE

Camillo Castello-Branco.

ROMANCES ORIGINAES.

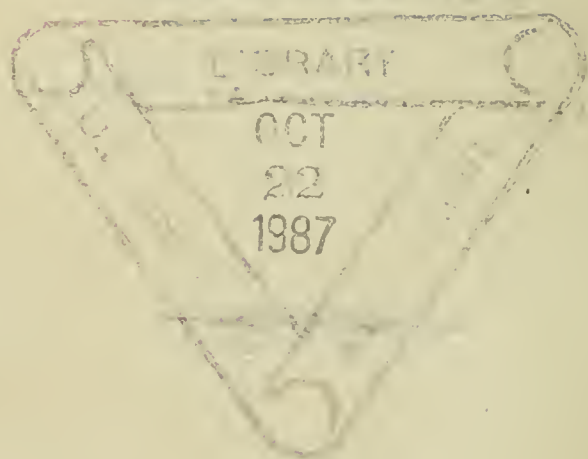
I.

ANATHEMA.

PUBLICADO POR F. G. DA FONSECA.

PORTO:

NA LOJA DE F. G. DA FONSECA.

LIVREIRO E EDITOR.

1851.

PORTO:
NA TYPOGRAPHIA DE FARIA GUIMARÃES,
Rua do Bomjardim n.º 566.

1851.

AO LEITOR.

Tenho dado e darei sempre mostras (sobejas talvez para minhas forças) de cooperar, senão com a minha intelligencia d'escriptor, ao menos com os auxilios para que os escriptores não adormeçam na indifferença pela gloria do seu paiz.

Mais d'um poeta, mais d'um romanceiro, e mais d'um fylosofo, dignos deste honroso appellido, não publicam as suas obras, aqui principalmente no Porto, porque lhe escasseam recursos para empatarem no prélo dispendios, que muito tarde haverão de leitores pouco numerosos, e estes pouco enthusiastas.

Não é o Anathema a primeira edição que faço de livros, posto que não é tambem o vêso dos grandes lucros, que me instigou a faze-la. O publico julgará pelo seu amor a romances portuguezes o que deverei eu esperar nesta aventura dispendiosa.

Deram-se circumstancias que me forçaram a imprimir o presente romance n'um typo, que nem é o conveniente para o auctor, nem para o leitor. Erratas, muitas passariam sem no-

ta, mas algumas ha que forçoso é busca-las quando a intelligencia do romance fôr obscura.

N'outra edição, que, por ventura virá provar o merito do romance, cuidarei no maior realce das bellezas caligraphicas.

N'este paiz, as emprezas litterarias são as mais arriscadas, e o empreiteiro d'ellas, mais que nenhum outro de diverso genero de commercio, precisa muito, como costuma dizer-se, *sustentar-se no balanço.*

Os meus desejos são menos egoistas e materiaes do que pensarão. Tomára eu que o ANATHEMA valesse mais á reputação do auctor, que aos meus interesses de editor.

Porto 13 de Setembro de 1851.

Francisco Gomes da Fonseca.

ANATHEMA.

ROMANCE.

IDEIAS PRELIMINARES.

Não queremos enviosar peripecias milagrosas de palavras eufonicas, ao cansado véu de mysterios com que por ahi se enfaixa o romance chamado *da época*. Filho legitimo da litteratura *palpitante de actualidade*, chamam-lhe uns: outros dizem que não é nada, ou por muito favor — uma gymnastica de contorsões difficultosas de estylo, opulenta de pontinhos e *ahs!* e *ohs!*

Não subscrevemos a alguma das opinioens.

A primeira é um revoltante empyrismo da sciencia, pavoneando-se como o arlequim scintillante de lentejoulas. Tem de seu uma prodigiosa collecção de palavras elasticas até o infinito das reticencias. O que escreve magnetisa a intelligencia do que lê, e manda-o adivinhar. Os temperamentos de nervoso afinadissimo, á custa de grandes cargas de electricidade, vergam ao somnambulismo, e dormem com meia pagina do *Judeu Errante* no meio. A litteratura, *que palpita*, está para a litteratura que não palpita como menino de collegio, todo vibrante de vivesa, que vem no sabbado a casa perguntar ao bom do pae:

— *Mon per! comment se porte, bien?*

O pae que é portuguez, como uma pagina de fr. Bernardo de Brito, responde:

— Estou bom, louvado seja Deus.

Depois, o traquinas esperto e inquieto, cançado das caricias do pai, diz-lhe assim com uma indolencia apaixonada:

— *Je suis faché... Je m'en vais jouer la cavatine en Torquate Tasse.*

O pae aventura uma pergunta:

— Quem foi esse Torquato Tasso?

— Torquato Tasso... foi um poeta de aspirações ethereas, rico d'estylo luxuriante, vivido de paixões ardidas e incisivas, estro inspirado do grandioso da arte, fadado para os seculos como o pregão de uma lucta que se ha travado no primitivo das crenças...

— Muito bem — interrompe o pae. — Donde era Tasso, em que annos floresceu, e qual dos cantos do seu poema é o mais importante?

O *palpitante* menino (que já tinha escripto prosa em byblico, e versos a uma mariposa) pede uma resposta á reminiscencia, e esta dá-lhe o que póde: um trecho de uma *revista semanal*, em que o escriptor, analysando a opera *Torquato Tasso*, escrevêra assim — *Da harmonia resalta o pensamento: o pensamento vibrado pelo impulso mystico da arte, é como a harpa intima de Tasso a modular tristesas. A dôr e o abysmo! a cavatina e o pranto! A alma que se rasga, e a harmonia que se quebra, rapida e improvisa como o expirar do fulminado!...*

....

Estas palavras bem as decorára o collegial; mas isto, que muito vale, não era resposta para um velho biographo, chronologico, e, diga-se o que é, *sem palpitações de actualidade!*

Se o estylo é o homem, como dizem os que sabem, não nos desapprovem este recurso de emparelhar o saber dos velhos com o dos novos.

Segunda opinião:

Dizem que o escrever de hoje é dessorado de erudição, leviano, vaporoso, gymnastico, estridente, cabalistico, bafagem de brisa, balão aerostatico, fogo chinez, vecejante, ondulante, estrepitoso, e abysmador!

Não é tudo assim.

Popularisada a litteratura, era necessario despojá-la das alfaias graves e sinceras da sciencia, trazê-la da pro-

fundesa da erudição á superficie das intelligencias vulgares, e vesti-la do maravilhoso surprehendedor, já que o logico verosimil é repellido da bibliotheca da burgueza e do artista. Para captar a benevolencia da leitora, precisava-se a historia d'uns amores tragicos, urgentes, e lamentosos. Para a do artista, cumpria ampliar-lhe a orbita do espirito apoucado, ostentando-lhe, no molde do romance, a fórma real, augusta, e humanitaria da arte. O estylo devia ser exaggerado como o pensamento: chymerico, hybrido, e mentiroso como todas as theorias, creadas no cahos de todas as praticas.

Trabalho exclusivamente do coração, artimanha politica, methodo *civilisador*, era aquelle e unico adaptado para cabeças sem cultura, sem systema, prenhes de utopias e fumos de socialismo, como elle se escreve em jornaes e romances. Creou-se, pois, uma escóla militante. E o povo applaude esses estereotypos baratos consagrados a elle — a elle precisamente — *ao povo!*

As capacidades mesquinhas incham com a adulação. Uma ode laudatoria a um estupido vale um jantar. Uma solemne e patriotica dedicação da intelligencia á materia é uma das poucas vilesas bem pagas, não digo cá, mas por esses paizes em que o povo sabe lêr. Raro aqui a mão do thuribulo tem a certesa no obolo...

Cada uma dessas asserções, tinha uma demonstração, a querermos ampliar um quadro de maiores dimensões que a nossa galeria.

O certo é que existe uma escóla romantica, democrata, social, e regeneradora. Não tem academias, nem paragem determinada. E' immensa, electrica, e omnipotente. Lá é que se aprende a agradar ás turbas, dellas inspira-se *esta mocidade coroada e corajosa*, é della, finalmente, que surdem os apodos e vaias litterarias para os que sacrificam ao passado esse cabedal de intelligencia, negativa para esta *sociedade aspirante.*

O escriptor destas cousas ainda não abriu matricula, nem pede que o inscrevam mesmo á custa de uma boa reputação de folhetinista. Se a escóla, em nome do seculo, do futuro e da humanidade, o interrogar pela substancia util deste apontoado de palavras — o auctor não lhe dá resposta alguma.

Dito isto, comecemos.

*

CAPITULO I.

No qual se prova, que o auctor não tem geito para escrever romances.

Este começa por onde acabam os outros.

Pedro da Veiga, e D. Custodia Osorio de Mesquita casaram, com todas as ceremonias do santo sacramento, aos 17 dias de Janeiro de 1750, pelas duas horas da tarde, na matriz de S. Pedro, em Villa Real, provincia de Traz-os-Montes. (*Vide livro d'obitos e casamentos, rubricado e visto em correição, pelo p. João das Chagas, em Março de* 1746.)

Aquella senhora era de uma linhagem, que, por muito brilhante, perdia-se nas trevas fabulosas da mythologia!

O cavalheiro encontrava thearas e corôas em quantas geraçoens desciam do paraiso terreal até elle. Chegando ao requinte genealogico de Adão e Eva, Pedro da Veiga chorava, como Alexandre, por não achar mais avós que conquistar para a sua genealogia!

A vergontea, que brotasse deste enxerto, tinha na Odisseá a prosapia gentilica de sua mãe, e no Genesis a arvore patriarchal de seu pae. Representaria Achilles e Abrahão, Sara e Calypso, Neptuno e Noé.

Vamos agora vêr se tiveram filhos, que viveram felizes.

Nove luas depois daquelle casamento o mesmo abbade abria no livro dos baptisados o assento de baptismo solemne de Manoel, filho legitimo de Pedro da Veiga, e D. Custodia Osorio de Mesquita. Certo do bom serviço, que faço ao leitor, não copio aqui na sua integra o assento do livro, mesmo porque um jornal hebdomadario não comporta uma myriade de avós maternos e paternos,

afóra os titulos do padrinho, que, diga-se de fugida, era chanceller-mór do reino, e, pelos modos, primo da casa, por Noronhas, e Menezes, e Porto-Carreiros, e Albergarias. *(Vide — Genealogico do conde D. Pedro. Faria e Sousa. Fr. Manoel dos Anjos, e outros.)*

Convém aqui dizer que o guardião dos franciscanos, fr. Amaro do Corpo de Deus, por occasião do baptismo da criança, compoz uma dissertação didatica e apologetica, e em latim, que intitulou — *De accurata juventutis educatione. (Torre do Tombo, gav. 2:715, masso 17:210.)* Era como a *Cyropedia.* Na segunda parte (por que o todo tinha tres) era fr. Amaro de voto, (de combinação com os fados) que o menino se formasse «*placuit fatis puerem doctorem esse.*» Vereis que a opinião dos fados, interpretada pelo frade, que era sabedor de todas as linguas mortas e moribundas, teve depois grande influencia nos destinos do recem-nascido.

Além do discurso em latim, as musas ainda gongoricas na provincia, consagraram alguns rimances e estribilhos á apparição

« Do menino que menino
Era velho em christandade,
Pois que novo de seus velhos
Era já christão d'herdade. »

Este fragmento, que é do poeta, deve ser accuradamente sergido á novissima impressão da *Fenix renascida*, para gloria do bisneto, que hoje representa seu bisavô, cantando mais independente que elle, *brizas travessas*, e *estrellas louçans*, e *olhos negros*, *negros.*

E tudo era pouco para saudar a apparição daquelle primogenito, enfaixado em primorosos setins, e acalentado em berço d'ebano, com embutidos d'ouro, e as armas da casa gravadas na cabeceira.

Manoelsinho crescia viçoso como o jasmim entre perfumes de rosa, e... alecrim! (portentosa rima!) E qual jasmim em assetinadas mãos de donzella, o estremecido menino emballava-se nos braços de sua mãe, como que balouçado pelas brizas da innocencia, e da intima felicidade.

Cresceu, desenvolveu-se, e encantou seus paes com

a sua vivesa prematura. Era esperto como um alho, dizia a criada da cosinha — a boa Michaela, muito contra o melindre de D. Custodia, que não consentia fosse o filho das suas entranhas comparado a um alho!...

E tinha razão, que o alho é cousa de feitiço, e não sei que diabolica historia d'alhos tinha havido com um seu avô por parte d'Albuquerques — (Vide fr. *Bernardo de Brito*, no cap. *alhos.)*

Era uma vez no dia dos annos do menino. Fazia doze, e dizia a thia Michaela que estava *espigadinho como uma couve troncha*. Teima de velha! não achava comparação fóra do reino vegetal!

Aos doze annos Manoelsinho sabia o *novo methodo*, que lh'o ensinára aquelle bom fr. Amaro, guardião dos franciscanos, cousa admiravel em latim, e theologia, e oratoria. Durante o jantar, que celebrava os annos do menino, fallou-se em latinos, e com especialidade do bispo Jeronymo Osorio, ascendente collateral de D. Custodia Osorio de Mesquita. Fr. Amaro, recitou com enfatica entonação os melhores trechos *de rebus Emmanuelis*. D. Custodia sabia de cór a carta escripta pelo seu parente a el-rei D. Sebastião, e Pedro da Veiga fechou este curso de historia, recitando em esboço as scenas lamentosas da catastrophe de Alcacerquibir, como lh'as deixára escriptas o seu parente *Hieronimo de Mendôça.*

Ora, nas academias e gremios litterarios de hoje não se diz tanto em dia de sessão. Aquelle frade sabia mais que tres ou quatro como eu, exceptuando os meus conhecimentos sobre Mac-Adam — phalansterio, e gaz.

Jeronymo Paturot não cederia tambem os seus conhecimentos sobre o *bitume imperial de Morrocos.*

Perdoae, leitoras, estes repetidos mergulhos que dou no mar da erudição, que se me encapella debaixo da penna. Queria dar-vos obra que palpitasse de actualidade, romance de estylo perfurante. Camaleão romantico, sustento esta imaginação das auras do passado: aspiro o pó que se volatisa d'um manuscripto roido da traça, que aqui tenho a meu lado, e do qual vou extrahindo esta fidelissima historia.

Do qual consta, que findo o jantar, cada um dos convidados foi para sua casa. Fr. Amaro, se bem que reco-

lheu á sua cella, póde dizer-se que não foi para sua casa, por isso que foi demonstrado depois, que um frade não tinha casa nenhuma.

Vamos fechar este capitulo.

— Com que lance dramatico? — pergunta o leitor.

— Nenhum! — respondo eu.

E vae elle replica:

— Porque não inventaste um encapotado, que viesse perturbar esse festim, como o *Mane Tacel Thares* de Balthazar?

— Era mentira — respondo eu.

— Pois não houve mais nada? — torna o importuno.

— Houve o seguinte:

O menino que fazia annos, metteu-se na capoeira das gallinhas e degolou-as todas!

Que tal acaba o capitulo?

CAPITULO II.

Onde o mestre sapateiro João Rodrigues Cambado apparece a conversar com sua mulher Jacintha Rosa, e do mais que a seu respeito se disser.

Desde a fundação, talvez, de uma das sobre-lojas da casa apalaçada de Pedro da Veiga, morava ahi uma linhagem de sapateiros, mais ou menos remendoens, e representados em 1750 por João Rodrigues, *vulgo* o *cambado*, e sua mulher Jacintha Rosa.

A innoculação immemorial d'aquella familia de artistas no solar do fidalgo era uma devoção do fundador, ou um segredo domestico — se optarmos por uma das duas opinioens mais rasoaveis, entre as muitas que surdiam ácerca da moradia perpetua destes inquilinos.

João Rodrigues era um homem redondo, vermelho e carnoso. Teria quarenta e cinco annos, e constava que se não lavára, durante a sua vida, quarenta e cinco vezes. As mãos eram o armazem de não sei quantas arrobas de pêz amassadas em graixa, o que tudo juxtaposto em camadas compactas, rugosas, e petrificadas, representava (se nos permittem um simile ressaibado de actualidade) o monumento da arte, consagrado á memoria de quantos sapateiros, ascendentes do snr. João Rodrigues, atravessaram as geraçoens, alinhavando viras, tombas, e entrecospias.

Jacintha Rosa era uma alta mulher, de cabellos erriçados como uma strygе, escavacada e angulosa na face, secca do peito como as costas de um ethico, e cortante de braços e de pernas como as quatro laminas de uma roda de navalhas. Tinha trinta annos, e um filho de nove. Este era gago, e desmentia prodigiosamente a fealdade

de seus progenitores, obrigando-os a julgarem-se, senão lindos, ao menos, sympaticos, á vista da revoltante cara de seu filho.

Era medonho de vêr-se o grupo entretecido por aquella mãe e aquelle aborto, se ambos, em extasis materno e filial, se apertavam contra as mutuas costellas, em muito reciproco e recheadissimo abraço! Dirieis que um aranhão de grandes pernas cavalgava uma carocha, ou que um filho de satanaz se divertia com uma das furias!

N'uma dessas posturas entre o selvagem da realidade, e o burlesco da fantasia, estavam uma tarde a thia Jacintha com o seu filho Anacleto, em quanto o marido e pae destas creaturas inverosimis dava cebo a umas botas de cano alto pertencentes ao reverendo escrivão do ecclesiastico, bullas, e casamentos.

O pequeno Manoel da Veiga descia para a rua, e parece que tocado pela caricatura familiar do sapateiro, parou no limiar da porta, que dizia para o pateo. D'ahi, com um sorriso afidalgado de sarcasmo, disse lá para dentro:

— Que diabo fazes tu ahi, rapaz de nove annos, pendurado no cavername de tua mãe? Pareces-me uma lesma enroscada n'um molho de grelos!...

Ninguem lhe respondeu, á excepção do thio Rodrigues, que agradeceu o sarcasmo, mendigando uma esmola:

— Se v. exc.ª me désse um bocadinho de cebo para engraixar esta botina...

— Tira-o alli das queixadas do teu rapaz, que está gordo como os porcos dos meus foreiros.

— Pois não é pelo muito que elle come... E' que os filhos dos pobres são de boa medrança...

A esta timida razão da pobre Jacintha, que era mãe, respondeu o estouvado menino, que era rico:

— Engordam com a graça de Deus e com a agua do chafariz, não é assim?

O silencio succedeu á ironia. Manoelsinho continuou inquieto como um truão:

— Essas botas são do padre Luiz da Cunha... Bem as conheço... vem descriptas no *Clarimundo* de João de Barros... São mais velhas que o meu vinculo... Já em 1640 o alcaide desta villa, querendo felicitar o snr. D.

João IV com uma illuminação, mandou pedir esse par de botas ao avô do padre Luiz.

— P'ra que? — perguntou o sapateiro.

— P'ra que? sempre és muito selvagem! Para servirem de columnas á illuminação.

— De columnas?!... como?!...

— Como? és muito estupido! Embrulhando-as em algodão, e deixando-as arder, porque essas botas sam todas de cebo. Ha quem tenha visto, na força do calor, o padre Luiz com ellas embrulhadas em grandes folhas de repolho para se lhes não derreterem.

A thia Jacintha não pôde suster o riso, o filho fez uma careta inimitavel, e o sapateiro pousou a bota para se rir e cheirar uma pitada de simonte.

O fidalguinho não era estranho á triple risada d'aquella gente. Ao rapaz, que escancarava umas guelas amuradas de dentes amarellos e acavallados, disse-lhe:

— Tapa lá essas fauces de cerbero! A tua bocca parece-me uma gaiola cheia de grillos! És feio como o diabo!

A' mãe tambem a mimoseóu:

— Não te rias que me fazes chorar de medo. Olha esses ossos da cara que me parecem as ancas das vaccas do sonho de Faraó!

Ao velho foi-lhe pelo simonte:

— Que estás tu ahi a metter nesses buracos? De que te serve ahi essa rolha, sem garrafa, espetada nesse enorme tomate, a que tu chamas cara?

— Seja o que v. exc.ª quizer — tornou o sapateiro com uma visagem de colera suffocada — cada qual é como Deus o fez.

O implacavel motejador proseguiu:

— Vós tendes cão morto em casa, ou bacalhau podre... Cheiraes a esterco... Porque não queimaes ahi um carro de alecrim? Eu direi aos moços que vos mettam no poço *Romão*, em dia de cheia, para dardes estrume para os meus lameiros da *Portella*...

— O menino hoje está muito mausinho! — disse a thia Jacintha com o acanhamento do respeito e do medo.

— *Menino!* ouviste? olha que tenho quinze annos... Se me tornares a chamar menino hei-de embainhar-te a

cabeça n'uma das botas do padre Luiz, que has-de ficar encadernada em cebo *per omnia secula seculorum.*

— *Amen!*

Respondeu o sapateiro que era sacristão interino das freiras de Santa Clara, e ajudava quotidianamente a quatro missas.

Manoelsinho sahiu, assobiando; gritou á porta da cocheira pelo lacaio; montou o seu andaluz, e galopou, galgou, e fez tremer as ruas de Villa Real, salpicando de lama as alas dos passageiros, que se cosiam com as portas, como se o demonio alli passasse montado n'um dragão, sacudindo um feixe de raios.

Deixemo-lo ir, e volvamos a casa do sapateiro, se é que não está alli leitora de olfato tão susceptivel como o de Manoelsinho.

Diga-se o que é verdade em abono do fidalgo. A casa do sapateiro não cheirava bem; por quanto, a mobilia constava de um catre, tarimba, plataforma, ou tablado composto de dois bancos com quatro taboas, tudo embrulhado n'uns farrapos, especie de estufa de historia natural, rica de classes e familias, e generos vivos e inteiros de insectos, cujo primeiro elo da escala zoologica era o sapateiro e sua familia, quando todos alli estavam embrulhados, ennovelados, consubstanciados, e mettidos uns nos outros, como uma ninhada de leitoens.

Item. Uma commoda de bilros de pau santo, com lavores e escaninhos, e pó, e lama, e folhas de couve, e uma véla de cebo na bôca de uma garrafa, e uma panella de barro negro com um pouco de unto embrulhado em alface, e quatro pares de sapatos, e uma brôa, e a primeira edição de Carlos Magno, e uma duzia de fôrmas á mistura com meia duzia de sardinhas.

Item. Uma tripeça, e um rebolo, e uma sovela, e fios, e linhas, e aparas de sola, e a mais ferramenta provada, gasta, e safada nas botas do padre Luiz.

O mais eram os andrajos da miseria — costume perpetuado, vivo, e inalteravel, não obstante o direito de associação, e os jornaes, e o *Judeu Errante*, e os *Mysterios do Povo*, e a civilisação.

Ouçamos agora estas creaturas mephyticas, symbolicas, soffredoras, e muito dignas de terem praça n'um

romance com seus palpites de humanitario, social, e regenerador.

A snr.ª Jacintha Rosa principiou:

— Muito mal creado é este fedelho!... Se é rico, que coma duas vezes... Nem parece fidalgo!... T'arrenego!...

— Cala-te, mulher! — replicou affavelmente mestre Rodrigues, cozendo a octogesima tomba na bota de padre Luiz.

— Que me cale!... inda mais essa!... Um pobre não lhe bonda bem a fome e o frio para cá virem estas creanças ricas fazerem escarneo da miseria... Quando lhe eu pedir alguma esmola...

— Cala-te, mulher... Olha que eu sou um sapateiro, e tu és minha mulher... Cala-te...

— Tenho muita honra em ser pobre, mas não da graça de Deus...

— Mas eu não tenho honra nenhuma em ser posto na rua com estes farrapos, e sem um crusado para aluguel d'uma casa...

A razão era d'algarismos: Jacintha cedeu á evidencia da arithmetica, e applacou a porção de bilis irritada que lhe refervia nas vêas tumidas e escarlates da testa. O filho apresentou o seu memorial sobre alimentos, e documentou-o com um grunhido lamentoso, que mais cortava as cordas do ouvido, que as do coração. Era um chorar rispido, agreste, e incisivo, que, junto ás pragas da mãe, e ao rebolo do pae, compunham uma assonansia estranha, grutesca, e sublimemente infernal. — Julgarieis estar na sala dos capèllos em dia de charamelas! Depois um bocado de pão, e outro de cebola crua serenaram a laringe barbara do pequeno *Quasimodo*. As outras partes cantantes, como obrigadas áquella, calaram-se.

Anoitecêra.

Anacleto dormia, e mais o gato, na cinza da lareira. O mestre Cambado veio para a porta da rua cheirar simonte. Jacintha carregou a roca, e sentou-se ao pé de seu marido, torcendo, entre os dedos magros e callosos, o fuso, a cujo fremito monotono e regular o sapateiro parecia dormir.

— Tu dormes, João?

— Não... estava cá a scismar.
— No que disse o fidalgo?
— Não... Já estou muito affeito a isso...
— Então... em que?!
— Scismava no pouco que deixa o officio... Nós, a fallar a verdade, vivemos pobres como ninguem. Nem os que pedem pelas portas vivem assim!...
— E então?... que queres tu, João? a nossa sina é esta...
— Isso lá é verdade... a nossa sina é esta... E' preciso vêr se se quebra este fado... Ahi vem o fidalgo... Anda p'ra dentro, mulher, que nos não venha elle pisar com o cavallo...
— E' o que faltava!.., — replicou indignada a snr.ª Jacintha.
— Anda p'ra dentro, já t'o disse... Olha que esse rapaz é de mau coração.
A mulher obedeceu, e o marido, a meia porta, esperou a chegada de Manoel da Veiga.
— V. exc.ª quer que chame o lacaio?
— Chama! — respondeu soberanamente o menino.
O lacaio tomou conta do cavallo, e recebeu de seu amo as seguintes ordens:
— Manhan, sobe com esse cavallo ao alto do *monte da forca*, e empurra-o pelo despenhadeiro abaixo, que quero vêr cá da janella, se elle recua nas ladeiras.
— Então quer mata-lo?
— Quero, antes que elle me mate.
O fidalgo condemnou, e sahiu.
Jacintha foi reintegrada no seu logar á porta da rua.
— Eu que te disse, mulher? O rapaz tem um coração de tigre!... Lá mandou matar o cavallo...
— Não te lembras o que elle fez o outro anno?
— E' verdade... que degolou as gallinhas...
— No dia em que fez annos...
— Pois vê tu lá!...
— E o pae e a mãe beijaram-no, e disseram-lhe *benza-te Deus*.
— Lá irão para onde o paguem... Veremos a quem S. Pedro abre primeiro as portas do céu... se ao nosso filho, se ao delles...
— Dizes bem, homem... Quem faz o mal p'ra si

o faz... Ao menos temos essa consolação... O nosso é filho de pobres; mas tem mais educação. A's vezes chora e grita, mas...

— Mas é com frio e fome... E no céu entra-se nú como se nasce... Vae tratar da cêa.

Jacintha accendeu umas aparas; atirou ás chammas quatro sardinhas amarellas, salitrosas e retezadas; — nisto cifrava-se a cullinaria desta familia.

Durante a cêa, e n'um intervallo de quietação aos grasnidos do rapaz faminto e insaciavel, o sapateiro, trasfegando o ultimo pucaro de vinho, assumiu uma postura imponente, séria, e parlamentar, e disse para a sua digna metade, entretida ainda com o esqueleto de uma sardinha:

— Ora, mulher, esta vida não póde levar-se assim!... Será sina, mas tambem póde ser preguiça este nosso estado... E' preciso mudar...

— De casa?

— Não: de vida.

— E como?

— Logo.

Este *logo* equivalia a dizer — Deixa adormecer o rapaz, porque ha certos modos de vida que os paes podem exercer sem os transmittirem aos filhos, e que os filhos ás vezes desempenham prodigiosamente sem os herdarem dos paes.

E' por isso que, meia hora depois, o mestre Cambado, deitado muito licitamente no thalamo conjugal com sua mulher, lhe dizia a meia voz:

— Vou fazer-me ladrão.

Primeiro um grito de surpresa estrugiu nos ouvidos do sapateiro. A candêa tinha expirado, do contrario esta victima de tentação geláva-se de medo diante da visagem rugosa, trapesoide e enverrugada da thia Jacintha. Era a expressão da mulher feia indignada: o transluzir de uma boa alma no aspecto incendiado de uma furia incrivel: o genio caprichoso do Canova nas contorsoens de uma esphinge.

— Ladrão! meu marido... la... drão!

Estas palavras, cortadas de gemidos, eccoaram, um instante, nos ouvidos do infeliz, como uma supplica do anjo da guarda.

Calaram-se...

Uma hora depois mestre Rodrigues roncava em dueto com seu filho. Jacintha Rosa chorava, e soluçava.

CAPITULO III.

Quem era a cosinheira destes fidalgos, que ditos ficam, e d'outras coisas muito para se lerem, e menos para se imitarem.

Quem lê-se o primeiro capitulo desta bonita historia, com a attenção de que ella se faz digna, lembrar-se-ha de uma certa Michaela, cosinheira em casa dos fidalgos, e indiscreta em comparaçoens de couves e alhos. Pois, attenciosos leitores, seria não corresponder á vossa reconhecida bondade, omittindo-vos a interessante nova de que esta Michaela era nem mais nem menos, que irmã de Jacintha Rosa — a serpente matrimonial de João Rodrigues Cambado.

Michaela é uma figura de cincoenta annos. Especie de capricho do systema reproductor, não tem um contorno, um orgão, uma moldura na face, um gesto, uma insignificancia anathomica, que a faça parecer irmã da mulher do sapateiro. O romancista é como o estatuario: este, na escultura de um busto decente e modesto de mulher, não se enthusiasma copiando os logares communs da naturesa. Eu imito o primeiro e o segundo.

E' porque aquella mulher fôra bella como a creação d'um sonho delicioso. Como a visão d'um sonho, essa bellesa esvaíra-se-lhe aos vinte annos, sumindo-se n'um véu melancolico de magresa livida e profunda. Michaela era uma dessas existencias mysteriosas de martyrio, cuja condição social é muito baixa, para que os olhos altaneiros da sociedade desçam ao abysmo da sua dôr. Que importava a improvisa transição de uma frescura gentil e graciosa para as rugas da velhice? E o rapido embranquecer de uma trança ondulante de cabellos negros? A rosa solitaria e abandonada em chão agreste, quem vae

carpi-la esfolhada, se o vento lhe sacudiu a corolla mal aberta, na primeira manhan da vida? Não obstante, trinta annos antes, houve quem assim reflectisse:

— Que terá aquella folgasã Michaela que tanto se acaba e amarellece?

— São maleitas — diziam os parentes.

— Que terá aquella presumida de Michaela, que tanto se definha e esconde?

— Quer abraçar o céu e a terra, cosendo e fiando — diziam as raparigas preguiçosas e desalinhavadas.

— Que terá ella, que perde os sentidos e cahe no chão?

— São flatulencias — diziam os medicos e os barbeiros.

— Que terá aquella rapariga, que já não vae á missa?

— E' peccado mofento... Tem o porco-sujo no corpo, salvo este!... — diziam as velhas.

A philosophia é mais circumspecta nas suas respostas. O escalpello do romancista vae mais dentro no cadaver das moralidades, e afasta fibra a fibra as camadas de tecidos exteriores de que as turbas se impressionam para os seus juizos, sempre errados, empyricos, ou estupidos. A phisiologia da dôr é mais subtil que a theoria das flatulencias dos medicos. e o porco-sujo das velhas.

Michaela, e sua irmã Jacintha, eram filhas de um cuteleiro natural de Guimarães, e desde 1708 estabelecido em Braga. Se não fosse o contraste da irmã, déravos aqui em testemunho real da opinião de formosura, porque são tidas as filhas de Guimaraens, um typo de especial lindesa e graça nesta donairosa Michaela entre os quinze e os seus vinte e quatro annos. (1)

O viver do artista remediado tem um perfume de innocencia e honestidade, uma regularidade tal nos seus costumes, uma singelesa tão sempre a mesma, e tão patriarchal naquelles seus recreios familiares, que não ha

---

(1) Virey no seu tratado *de la femme*, diz o seguinte: — La ville de Guimarães et ses environs sont peuplés des plus charmantes portugaises, la plupart courtes e vives, qui présentent en général beaucoup de gorge, tandis que les castillanes n'en ont presque pas. Toutes ont ces beaux yeux noirs, cette taille svelte et souple, ce teint pâle, cet air sérieux, dédaigneux même, que peuvent enflammer les grandes passions, et rebuter les hommagas frivotes ou vulgaires.

vida mais poetica na sua simplicidade, e mais preciosa na sua mediania. O artista probo, como elle deve ter sido antes da falsa importancia com que as imaginaçoens candentes burniram a idêa da arte para lhe darem a fosfurencia das utopias socialistas — o artista, tal como Antonio Gil, cuteleiro de Braga, era realmente o homem feliz, estranho ás commoçoens da republica, independente nos seus recursos relativamente fartos, vivendo para sua mulher, a muito honrada e gorda Anastacia dos Anjos, e para suas duas filhas, que o leitor já conhece, mas que muito importa conhecer muito d'antes.

Ahi por 1720 Michaela tinha os seus dezoito annos, trajava mantilha de durante muito honestasinha, e frequentava o Santissimo Sacramento, com grande temor de Deus, na vigilante companhia de sua mãe, e de sua irman mais nova, a quem os ordenandos seminaristas chamavam a *Megera por antonomasia.* Nesses conflictos, Michaela pregava os olhos no chão, e atravessava envergonhada por entre as alas de estudantes, cujos galanteios e chistes enrugavam, com muita razão, a testa da snr.ª Anastacia dos Anjos.

— Ora passe, menina, que é objecto de consumo, e de primeira necessidade...

— E que não paga direitos por isso...

— E' uma pomba celestial...

— Mas parece-me uma franguinha terrestre...

— E' filha das *Graças*, e d'algum estudante...

— Nego! Olha lá se essa velha que ahi vae de testa fransida, como os canos das botas do padre-mestre, tem cousa por onde se pareça com uma *Graça?!*

— Não, que esta velha é uma *Venus* desmoronada...

— Se é *Venus*, nasceu do sangue da cabeça d'alguma phoca!

E a pequena córava destas chufas semsaboronas, em quanto sobre sua irmã choviam sarcasmos e ironias, desapiedadamente.

— Olha a *Megera* a esconder a grenha no forro da mantilha, que é mais branco que a sua cara!

— Não que ella tem compaixão de nós!...

— Deixe lá vêr essa careta eterna, horrorosa menina!

D'entre os estudantes sahiu uma voz pausada e severa:

— Isso é muito vil, amigos! Calai-vos, que a vergonha dessa familia reflecte nas vossas faces...

A velha fitou o escholar que fallára, e alguma cousa disse. A turba dos minoristas ergueu uma grita estrepitosa de risadas mofadoras, não sabemos se pelo aspecto sério e tristonho de Timotheo d'Oliveira, se pela observação lisongeira da velha, se pela attenção envergonhada com que a linda Michaela procurava entre os estudantes, aquelle que sua mãe elogiava. Nesse seu olhar instantaneo, mas penetrante, Michaela viu um rosto oval, imberbe, pallido, d'olhos apaixonados, fronte espaçosa, e d'uma magresa sympathica e melancolica. Afastado da roda dos condiscipulos, Timotheo, olhava, senão com indifferença, ao menos, com compaixão por esse insipido folgar á custa de uma velha, de uma feia, e de uma formosa.

A fallar a verdade, os escholares envejavam o talento de Timotheo, e aborreciam-lhe a sisudez intempestiva com que as mais das vezes se impunha de caracter austero, aguando-lhes com textos, philosophias, e questoens theologicas as distracçoens e os brinquedos. Algum delles, menos soffredor de reflexoens, propalava no seminario que Timotheo d'Oliveira era um *franchinote*, que, por esses tempos, equivalia a *jesuita.*

O estudante de dezoito annos era admirado como um prodigio de sciencia infusa, e de propheticas e indeterminadas aspiraçoens para a sciencia. Prestigiosamente conceituado, a sua reputação de sabedoria firmava-se na fé popular, mais que na opinião de seus examinadores de humanidades no *collegio das artes* de Coimbra, onde diziam que Timotheo d'Oliveira se iniciára nos profundos mysterios da philosophia. Era a estes que seus condiscipulos imputavam a misantropia e pertinacia estudiosa do estudante. Chamavam-lhe alchymista, hermetico, *Bandarra*, e sobre tudo *embrião jesuitico.* Quando muito, nos labios de Oliveira, sempre cerrados para o insulto, voitava um riso indefinivel de ironia ou compaixão por seus motejadores.

— Lêde os vossos livros ainda virgens, vasias creaturas...

E' o que elle raramente contrapunha aos desdens insossos dos condiscipulos.

Em compensação, lá estavam os frades, as freiras, os paes de familia, o cuteleiro Antonio Gil, e as velhas, para lhe fazerem justiça.

Não eram só as velhas.

Entre as homenagens de respeito que Timotheo, modesta, e seraficamente recebia dos seus numerosos amigos, algumas havia, filhas legitimas do coração, timidas e indecisas n'um córar pudibundo em faces virginaes, e por ventura as primeiras e as menos innocentes que Michaela consagrava a homem.

Homem! esta palavra começou no coração a encorporar-se-lhe n'uma idèa, e esta idèa lá a definiu ella como pôde, sem recorrer á ideologia das escholas. Amava com esta poesia universal de todas as almas que se estreiam nas affeiçoens. Era uma paixão surda, dita muito baixinho ao confessor, relatada em lagrimas ao travesseiro, travada nos sonhos de donzella, que não póde comprimir-se, e confessada muitas vezes n'um gemido espontaneo a uma velha mãe, cuja sensibilidade está safada de reminiscencia para recordar-se d'um gemido, que soltára igual, ha quarenta annos.

Timotheo d'Oliveira não podia sacrificar ao artificio de seu caracter exterior as vocaçoens da alma, sempre ardentes na sua idade, e no homem do seu temperamento. Ethereo, e fantastico nas subtilesas espirituaes da theologia, disperso nas diafanas regioens do infinito, Timotheo, no desalento das inconsequencias metafysicas, devia anciar pela realidade — buscar a mulher como ella se divinisa nos primeiros amores, e, vasando-a no molde poetico da sua imaginação errante, adorá-la como se adora uma vez sómente.

E' o que elle fez.

A facil admissão que teve em casa do cuteleiro, cujas faculdades admiradoras expandiam-se, extasiavam-se á maneira que a eloquencia sacerdotal de um S. Paulo, jorrava por entre os labios de uma creança; — as reverentes attençoens da muito veneranda Anastacia dos Anjos, sempre prompta a chorar, todas as vezes que um ultrage á religião era patheticamente commemorado pelo estudante; — o acatamento monastico de severidade, que

Timotheo praticava com a feia Jacintha, e com a linda Michaela promiscuamente; — e, sobre tudo, uma collecção de nominas, bentinhos, bulas, livrinhos e imagens de indulgencia plenaria, com que todas tres eram mimoseadas pela sua visita quotidiana; tudo isto era uma venda opaca, impenetravel, para os olhos linces da mais fina das nossas leitoras de cincoenta annos, quanto mais para os de uma obtusa e cerrada mulher de Braga, nascida e creada para seu marido, para os seus filhos e para as suas gallinhas!

Deveria, sensiveis amadores de duas almas e dous corpos que se amam — deveria dar-vos aqui meia duzia de dialogos, tocantes de ternura, lamentosos e apaixonados, se por ventura nas paixoens violentas militassem sentimentos e palavras diversas das sanccionadas para toda a casta de paixoens amorosas, desde a mentira do cynico, que atraiçôa, até ao sagrado juramento do crente, que supplica uma esmola de amor. A syntaxe é a mesma. Acreditae que Timotheo d'Oliveira era um prodigio de latinidade, para poder faltar aos preceitos de uma grammatica correcta.

Ora aconteceu, que ao dar das onze horas de uma noite de muito vento e muita chuva, um rapaz, que tinha geito de aprendiz de sapateiro, parava defronte da porta de Antonio Gil, e dizia espantado comsigo mesmo:

— Que diabo de vulto é aquelle que está pendurado na janella do cuteleiro?!... Espera... que elle mette-se para dentro!... oh diabo!... lá se fechou a janella!... será ladrão?... A'gora é!... será conversado da minha Jacintha?!... Quem sabe?... Vou bater á porta...

E, com effeito, a suja e ciumenta creatura escoucinhou estrondosamente á porta. Uma voz tremida e debil, atravez de uma rotula, perguntou:

— Quem é?

— Sou o Cambado.

— Que queres?

— E' que entrou gente lá para dentro...

— Vae-te embora, e cala-te por alma das tuas obrigaçoens... vae-te embora, João... Não acordes meu pae...

— Ah!... vmc. não é...

— Não sou a Jacintha... não... Vae-te embora...

O pequeno Cambado foi-se, mas dizendo comsigo:
— Ora vejam o que sam as mulheres!... Fiem-se lá!....

CAPITULO IV.

No qual se tractam coisas mais tristes.

Antonio Gil, considerado cidadão, artista, e pae, era exemplar de virtude, de honra, e de ternura. Amava o genero humano na sua totalidade. Estremecia os seus filhos e os dos outros. Acariciava sua mulher — e, se não podemos dizer que fazia o mesmo ás dos outros, estimava-as respeitosamente, sendo o primeiro a perdoar-lhes as suas incriveis faltas. Não achára, durante vinte e sete annos, vergonhas em sua casa para corrigir. Era abençoado o suor do seu rosto!

Mas o artista vae soffrer um golpe incuravel na sua honra.

Eu creio cegamente nos presentimentos. Não fallo já daquella previdencia dolorosa, de que o espirito se nos atribula, quando a consciencia nos vaticina a proxima ou tardia expiação de um crime. Neste sentimento, por assim dizer, logico e rigoroso, é o remorso que magôa — é o castigo que se annuncia por um pavor estranho.

Quero fallar daquelles tremores de dentro, que nos assaltam a alma, derramada nos folguedos d'um baile, ou concentrada na meditação d'um livro.

Não pulsa um coração debaixo do céu, que não soffra.

Vêde esses espiritos frivolos, essas cabeças ardentes, essas almas cynicas e estereis, esses hercules de sentimentos apaixonados; — ahi está um feixe de espiritualidades confusas, cujo atilho é a dôr.

Não pulsa um coração debaixo do céu, que não soffra.

O sol abrasador que tisna o sargaço, na raiz do penedo da montanha, queima tambem o lyrio mimoso do gracioso jardim. E' como a dôr presentida no coração do

miseravel, aconchegado de vermes e andrajos, ou no do homem, que ahi vae revendo-se nos listroens prateados da sua libré.

Não perguntarei ao primeiro — se na serie continua dos seus padecimentos, ha um pesadello de improvisa amargura, que o surprehenda no abysmo insondavel das suas dôres. E' possivel que para esse esteja cerrado o horisonte da esperança — e, então, não ha previsão que lhe infunda o vago terror d'uma nova desgraça. A' consciencia do segundo é que aqui se falla.

Não pulsa um coração debaixo do céu que não soffra.

Pergunta-se á virgem dos doirados sonhos, no goso das suas poeticas e innocentes realidades, que nuvem pallida de soffrimento lhe assombrou, um instante, a purpura das faces?

Pergunta-se ao homem de muito dinheiro, e muitos amigos, se é possivel dar a uma bacchanal vinte horas de deliciosa vida, sem a mescla de um palpite doloroso, que é ás vezes como o pensamento repentino d'uma tragedia, appensa a esses festins?

Pergunta-se o que é essa tenaz de fogo, que nos entala o coração d'uma dôr compressiva, quando, um momento antes, se nos dilatava este amor do mundo folgazão n'um descuidado sorriso d'eterno prazer?

E a donzella, o mancebo, o rico, e o miseravel sentem a necessidade d'uma lagrima, sem causa, sem definição, para soltar a vidá d'umas peias pesadas e atrozes!....

Não pulsa um coração debaixo do céu, que não soffra.

Que resposta daria Antonio Gil, se lhe perguntassem:

— Que soffres? que presentimento é esse que te baixa os olhos embaciados de lagrimas? Porque não ergues essa face sem manchas — esse pregão d'uma alma sem remorso?

O cuteleiro não responderia.

Pois ninguem duvide que era dilacerante a sua melancolia.

— Não sei o que tenho, Anastacia! — dizia elle a sua mulher, áquella boa consorte, que, á falta d'outros

recursos hygienicos ou espirituaes, tratava de curar a enfermidade moral de seu marido, desafiando-lhe o apetite com os melhores guisados que pôde amanhar, afóra os muitos que lhe ministraram as visinhas.

— Não sei o que tenho, Anastacia!

— Ora, que has-de tu ter, homem! isso são invejas e maus olhados... Havemos d'ir aos *incorcismos* ao snr. fr. Julião da Falperra... Vê se comes... olha esta asinha de frango... Tudo se ha-de fazer pelo melhor, com ajuda de S. Torcato, e da senhora Sant'Anna.

— Oxalá!...— respondia o cuteleiro com um sceptycismo que não era delle, mas que o soffrimento lhe infiltrára na consciencia, que se não accusava d'um crime...— Olha, mulher... aqui nesta casa, alguma desgraça está para acontecer... Não vês como a nossa Michaela anda triste... e descórada?... é que ella tambem alguma coisa adivinha...

— Lá isso é verdade... a rapariga não anda boa, mas isso...

E aqui não sabemos que palavras a snr.ª Anastacia disse a meia voz a seu marido... Ou fossem confidencias matrimoniaes, ou alguma insignificante reflexão — respeitemos estes segredos de casados, visto que não podemos deduzir nada da fisionomia do artista, depois que o segredo lhe foi communicado...

— E então... não te parece?...

— Não sei... mas ella chora quando me vê chorar... Não me apparece ás vezes oito dias... e eu não sei...

— E' que está quasi sempre a rezar, e mais a Jacintha...

— E' verdade... e a Jacintha tão triste sempre... tambem!... Mulher! alguma desgraça está para vir a esta casa!... Tenho dito isto ao snr. padre Timotheo, e elle não me responde nada... Elle bem vê que a alma adivinha...

Este dialogo foi interrompido por Jacintha, que vinha esbaforida:

— O' rapariga, que é isso, que tão atrigada vens?

— Não é nada, minha mãe... olhe aqui...

E levando-a de parte, disse-lhe ao ouvido:

— A nossa Michaela deitou-se, porque estava muito mal, e pediu-me que viesse chama-la...

As lagrimas rebentavam duas a duas nas faces de Jacintha.

— Então que tem ella? é alguma pontada? manda o aprendiz buscar um vintem d'oleo de amendoas doces...

— Pois sim... mas vá lá, minha mãe... vá lá, por alma da avó... e não diga nada ao pae...

— O' rapariga! tu fazes-me douda!... pois eu não hei-de dizer a teu pae, que tua irmã está doente?

— Não... não... logo lh'o dirá...

Antonio Gil era estranho a este suspeito dialogo, porque se entretinha á porta da officina, conversando com o padre Timotheo d'Oliveira; — *padre*, chamavam-lhe elles, porque, por esses tempos, o ordinando apenas tinha *prima-tonsura.*

— Então que me diz a esta minha doença, snr. padre Timotheo?... Não haverá agua benta que me cure?...

— Que hei-de eu dizer-lhe, snr. Antonio!... As enfermidades de espirito é o tempo e a distracção que as cura... Vm.ce aqui na sua officina tarde melhorará... E' um dever religioso, que o pae de familia tem a cumprir — o da sua conservação... Busque distrahir-se n'outros ares, e com outros trabalhos... Deve sair de Braga, ir até Guimaraens fortalecer-se d'ares patrios, e finalmente cumprir os encargos d'um bom pae, e, sobre todos os encargos, o de um bom christão...

— Diz bem, snr. padre Timotheo: mas eu hei-de aqui deixar esta familia, sem amparo, com as portas da officina fechadas?!... Não sabe o snr. padre que não temos outras rendas senão as do officio?! Vm.ce diz bem... mas..

— Mas é preciso contarmos com os amigos na hora das tribulaçoens. Os preceitos da caridade estam gravados na minha alma, como os da virtude na sua. Vm.ce é verdade que tem uma familia a viver do trabalho do seu chefe, mas veja que tambem tem um amigo... e esse amigo...

— E' o snr. padre... eu bem o sei, e toda a minha familia o diz... Ora pois, nesse caso, eu vou até Guimaraens espairecer, se poder... Vm.ce olhará por esta fa-

milia. Cá em casa ainda ha algumas moedas, e, louvado seja o Senhor, não me cança credito por ahi; mas, valha-me Deus, eu não gosto de pedir nada a ninguem...

— Nem ha-de precisar de pedir. Faça de conta que tem um filho, senão pelo sangue, ao menos pelos laços da religião, que manda amar o proximo sem distincção de parentescos... Não haja demora nesta sahida... Eu tratarei de lhe aqui mandar ámanhan cavalgadura, e veja lá do que precisa...

— Não preciso senão da graça de Deus, e das suas oraçoens... Mas que me diz vm.^{ce} á doença da minha filha Michaela?

O rosto de Timotheo d'Oliveira perturbou-se d'um pallor instantaneo; a testa franziu-se-lhe, como comprimida por dois dedos de fogo; e palavras, se as tinha, expiraram-lhe na garganta como a exprobração blasfema, fulminada na bocca do impio por um anathema do céu.

Antonio Gil proseguiu:

— Pobre rapariga!... está acabada aos dezenove annos!... Verdade é que a minha Anastacia me disse ahi ha pouco umas coisas... eu sei cá?... a gente apanha as doenças e não sabe d'onde lhe ellas vem... E ella, que não era nada atreita a enfermidades...

— A's vezes... uma constipação mal curada...

Timotheo ia, na commoção d'um réu que mente, dar as suas razoens pathologicas e locaes da doença de Michaela, quando um grito agudo, tremido, e prolongado estrugiu lá do interior da casa, como um brado de soccorro por mulher atravessada d'um punhal...

Timotheo antes de soltar um *ah* de espanto paralisou n'uma suspensão de todos os sentidos, e transfigurou-se n'alguma coisa tetrica e inamovivel como a estatua do terror.

O artista, especie d'automato impellido por aquelle grito despedaçador, desappareceu no interior da casa, e deixou na postura em que o vimos, o seu interlocutor e serviçal amigo, padre Timotheo.

Deixa-lo-hemos nós tambem, e sondaremos aquelle coração de pae, que respondia ao grito ardido d'uma filha.

Antonio Gil não podia saber por onde ia, mas achou-se á porta do quarto de sua filha. Esta porta es-

tava fechada: — lá dentro era o silencio da morte; e fóra do quarto não apparecia mãe nem filhas.

Pasmado, e irresoluto, o artista indicava, pela ampla abertura da bocca, querer aspirar todas as columnas de ambiente que déssem uma palavra, um som, outro grito, para que a sua intelligencia podesse deduzir uma idèa daquelles fenomenos.

A desgraça e a natureza satisfizeram-lhe a vontade. Um novo grito convulso, estridente, e penetrante abalou aquelle homem de pedra, encostado á taipa do quarto, como uma estatua á porta d'um tumulo. E então conheceu que era un brado extraordinario — uma invocação á Virgem das Dôres — um surdo chorar de umas poucas de vozes — e finalmente, o improviso silencio dessa voz lamentosa, que elle bem percebeu ser a de sua filha.

Bateu á porta — ninguem lhe respondeu. Chamou sua filha, ouviu um *ai* de terror. Chamou sua mulher, sentiu um chorar de gemidos suffocados. Pediu que lhe abrissem a porta em nome do céu, e não houveram anjos que lhe erguessem aquelle sudario das miserias da terra.

Depois, muito depois, que o mais desgraçado dos paes sómente ouvia um ranger de dentes, que era a dôr suffocada, estrangulada, retrahida pela vergonha impotente. . . — depois, que a allucinação de Antonio Gil parecia caracterisar-se do indifferentismo do idiota, aquella porta foi meio-aberta para deixar passar o vulto respeitavel de Anastacia dos Anjos.

Esta mulher vinha como a mãe que acabasse de dar o extremo abraço em seu unico filho, lançado ás fogueiras da inquisição. . . vinha, como só podia vir uma d'essas raras mães, para quem a deshonra de uma filha é a perdição eterna da sua honra, e a vergonha das suas faces. Encarando o marido, lançou-se-lhe nos braços; quiz embalde articular uma palavra; sentiu mesmo que a afflicção lhe convertia as lagrimas em brazas intimas, e traspassadas no coração.

Era a desgraça no terrivel grandioso da sua poesia funebre! Duas existencias enlaçadas pela religião, pelo amor, e pela virtude, eram despojadas naquelle momento de todo o seu cabedal de reputação — deshonradas, e pobres do pouco que só a perdição d'uma filha podia roubar-lhes. . .

Os gritos tornaram-se insoffridos, e indomaveis. Michaela invocava todos os santos: bradava já por seu pae; pedia perdão ao mundo inteiro, e o mundo inteiro entrava em casa do artista para perdoar-lhe. Era a visinhança, que vinha assombrada saber se alguem tinha morrido, ou se o fogo devorava as entranhas de alguma victima.

Anastacia dos Anjos tinha desmaiado, sem dar a seu marido uma palavra. Este, invocado tres vezes, entrou no quarto de sua filha.

Viu uma face pallida, desfigurada de contorsoens, vertendo suor de todos os poros nos cabellos empastados, revolvendo-se no chão em desesperado desalinho, estendendo os braços nús e ensanguentados para um crucifixo, pedindo-LHE a morte e a salvação de sua alma... E depois, aquelles braços penderam machinalmente do pescoço do artista... aquelles labios soltaram-lhe um gemido desfallecido na face livida, e...

Antonio Gil ouvia uns vagidos a seus pés...olhou... e viu uma creança recem-nascida ..

E' indefinivel a sua postura! Os grandes conflictos da vida com a morte, o aspecto da natureza transfigurado para o sublime do terror, o homem transportado de si para as regioens fantasticas e indescriptiveis do delirio, pertence aos Canovas, e aos Vellasques.

Ao incomprehensivel da vida, confusa em todas as suas potencias, succedeu a syncope.

Antonio Gil desfalleceu, e Michaela cahiu nos braços de sua irmã...

....

A essas horas Timotheo d'Oliveira, o seminarista de prima-tonsura, não curava das despezas d'um bom baptisado. Mettido na sua cella, apoiava a face cadaverica entre as mãos, e chorava.

CAPITULO V.

Varios successos a respeito da fidalguia destes reinos.

Se está decidido que os caranguejos não andam para diante, nem sam estacionarios, este romance é uma especie de caranguejo litterario: — recúa, pelo menos, vinte annos em cada capitulo! E' preciso, talvez, um esforço de mnemonica, para enfaixar estas personagens de retrocesso, esta dispersão de caracteres duvidosos, e imprescrutaveis! A originalidade, a verdade, a natureza, e o mundo moral, sam coisas desalinhadas como o meu romance. O auctor que não tem, como Affonso X, as pertençoens d'organisar um mundo melhor do que elle vae, entende que tambem não deve algemar á deducção analitica de uma novella ingleza os transportes de um genio livre, que traçára, em campanuda letra do seculo passado, estas coisas, que aqui se dizem.

Não quero ser tido por uma imaginação inquieta e anarchica; mas antes quero que me chamem romancista descozido e extravagante do que me adivinhem o pensamento. O meu manuscripto, cujos episodios e peripecias constituem um grande zig-zag da intelligencia, é justamente como eu, como a minha indole, como o meu romance, e como eu quizera que fossem os meus leitores, para, sem o menor constrangimento, me acompanharem a transcendentes coisas passadas em 1701.

N'uma aldêa, distante de Villa Real um quarto de legua, chamada *Lordello*, e algum dia elevada á cathegoria de villa, existiu uma grande casa de architectura manoelina, com alguns destroços de gothica, cuja serventia era armazenar os fóros, rendas, pensoens, e laudemios que se pagavam á casa dos *Tavoras* pela sua

commenda de *Panoyas.* Perto d'ahi erguia-se um castello gigante com seus adarves, ameias, e seteiras, com quanto a irregularidade da sua construcção, actualmente, nos affiance que tal fortaleza, collocada n'uma baixa, e dominada pelos cabeços das montanhas, a custo poderia defender-se d'uma aggressão de pastores d'ovelhas, que bem soubessem tanger uma pedra de funda. Este castello existe ainda: o povo chama-lhe a *torre de D. Chama.*

Se consultardes o thio Antonio da Maria, que actualmente conta noventa e cinco annos, sobre os promenores da *torre*, e a explicação *de D. Chama*, ve-lo-heis encostar-se ao cabo da sua sachola, assumir a perspectiva severa d'uma chronica viva, e contar assim uma historia, interrompida por accessos de um decrepito catarro:

« Tinha meu pae dez annos, quandò este caso aconteceu. Era em uma noite de lua cheia: via-se como de dia, e meu pae estava acolá naquelle outeiro á espera que désse a meia noite para tornar a agua para os nossos lameiros da *Chan.* Contava elle, que vendo umas luzes a correr por detraz dos balcoens da torre, tivera seu medo, porque bem sabia elle que ninguem cá morava ha muitos annos. Fez o signal da cruz, encommendou-se ao seu anjo da guarda, e esteve olhando, olhando, olhando, e fazendo o credo em cruz, sobre o lado esquerdo do coração... Como vinha dizendo, meu pae estava assim a tremer, quando ouviu uns gritos assim a modo de ruim agouro de passaros que cantam de noite nas matas e nos pinhaes. *Enfitando-se* mais naquelles gritos, pareceu-lhe que eram de gente. Esteve, esteve, esteve, e por fim, meu amiguinho, viu abrir-se aquella janella do meio, viu uma aventesma, amortalhada de branco, chegar á janella, e atirar-se della abaixo! E depois uma voz medonha diz que bradára aqui para estes sitios: — *Chama!... Chama!...* Meu pae ficou, como o outro que diz, sem pinga de sangue!... As luzinhas apagarám-se, ficou tudo calado, e meu pae, vindo para casa contar a passagem, veio aqui quasi meio povo, e não encontrou nada!... Em quanto a mim aquillo era moura que quebrou o seu encantamento, á voz do seu mouro que pellidava por ella — *Chama! Chama!* E é por isso que es-

tes pardeeiros sam — *a torre de D. Chama.* Ora aqui está o que ha a este respeito! »

E, rematando assim a sua historia, o thio Antonio da Maria convida o curioso a sua casa para beber vinho verde, e comer um bocado de brôa com azeitonas. Com quanto o repasto seja pouco apetitoso, vale a pena de acompanhar ó velho, que, depois da academia real das sciencias, e Halicarnasso, é a mĭelhor coisa que conheço em antiguidades.

Vamos agora cotejar a lenda do povo, com o manuscripto.

Manoel Carlos da Cunha e Tavora, conde de S. Vicente, fôra com um cortejo de nobres, e pagens, honrar os seus senhorios de Traz-os-Montes. Muitos annos havia que tão luzido prestito não estanceára por aquellas agrestes penedias, nem tão garbosos cavalleiros se requebrassem com as innocentes serranas daquellas paragens! A nobreza de Villa Real ostentava em dispendiosos sacrificios quanto luxo de provincia cabia em forças humanas, para dignamente receber esses troncos de reis, essas vergonteas de fidalguia ante-diluviana, essa côrte ambulante que vinha alli desenfastiar-se em folguedos de caça e cavalgadas como bem convinha a taes senhores.

Christovão da Veiga, alcaide-mór de Villa Real, fidalgo de raça estreme e immaculada, era d'entre todos o que abria mais esplendidos saloens com mais variadas folganças, á nobre turba dos representantes dos *Mens*, dos *Fuas*, dos *Albuquerques*, e *Castros* e *Roupinhos!* Mais fulgurantes que os seus candieiros de vidros multicores, mais purpureas e douradas que os seus opulentos pannaes da Persia, eram as formosas fidalgas, que matisavam nos seus espaldares de veludo aquelle todo severo de riqueza, e etiqueta, como ella se usava na côrte do principe regente D. Pedro II.

Linda, a mais linda de todas, era D. Ignez da Veiga, filha de Christovão da Veiga, bem que a Grecia, podendo adivinha-la, reservára na sua Mythologia uma vacatura para uma filha do *sol* e da *primavera.* Valiam menos as espiras d'oiro que lhe ondeavam da cintura aos pés, que um trancelim de seus cabellos, ennovellando-se-lhe n'um pescoço, onde labios ardentes d'um agoni-

sante de sêde poderiam sorver perpetuo halito de vida e frescura eterna!

Que a não havia mais linda na côrte, dizia o conde de S. Vicente.

— Eu repudiára a duqueza de Nemours, se fosse Pedro II, para me casar com ella! — accrescentava elle.

— Henrique VIII cazára oitava vez, se a visse — dizia o conde das Galvêas.

— David fizera uma boa collecção de poesias amorosas, se a sonhasse — dizia D. Pedro de Sá.

E D. Alvaro Pereira, que era amante da architectura, accrescentava a tudo isto, que, depois do portico de Belem, era a melhor creação dos homens, que tinha visto!

Estas opinioens, mais ou menos emboscadas no perfume do galanteio, eram-lhe reveladas a ella por labios que tremiam, por olhos que se petrificavam, e por pulsaçoens violentas que ella fazia não sentir sob os prateados mantos dos seus adoradores. Insensivel como um idolo de jaspe ás reverencias religiosas dos seus thuribularios, D. Ignez, o anjo dos saloens, a fada de mil sonhos, scismava n'uma esperança que lhe nascêra d'um desejo, e este desejo era... senão de ser rainha... de poder, ao menos, á sombra de um docel real, valer mais que o coração d'um homem... valer tanto como um grande titulo, valer mais que sua mãe, e sua avó!

No coração de uma linda mulher quem ousa analysar ambiçoens? Não é certo que os maus pensamentos, ao transluzirem nos olhos imperiosos della, depuram-se alli da sua maldade, para despertarem grandes virtudes no coração do homem? Que é a mulher neste mundo, senão um ente privilegiado, para quem as leis repressivas sam uma injuria? Como é que o homem, com a fragil feitura do seu codigo de leis, ousa intimidar, punir, julgar, e condemnar uma aspiração sempre grandiosa como sam todas as aspiraçoens desferidas na harpa intima do coração da mulher-anjo?

D. Ignez da Veiga, interessando-se de leve na adoração de Tavora, pagava-lhe uma destas raras paixoens, que matam, se não vingam. Ella presentia-o; distinguia-o entre o seu cortejo por um olhar affectado de descuido, symbolisava o seu amor n'uma *saudade*, que lhe pendia

esquecida no regaço, desprendia um destes suspiros indefiniveis para um amante, que não sabe se deve remettelo ao passado, ou perfuma-lo com o presente.

N'uma dessas noites faustosas de alegria, de perolas, e de formosuras, D. Ignez da Veiga, debruçada no peitoril da sua janella de balaustres, ouvia, ou não ouvia, um cavalleiro de gentil presença, de marcial postura, e de expressoens meditadas. Era o conde de S. Vicente, que renegára da sua humildade apaixonada, para se contrafazer de uma independencia de espirito — caracter difficil de se impôr o hypocrita mais astucioso.

— Por ventura, senhora, a formosa que fascina pelos encantos da sua face, deve ter um pé que impiamente esmague o coração do atrevido que a fictou?... Não vêdes que a lua vae passando tão alta no céu, e, menos orgulhosa que vós, não nega os seus resplendores ao que a namora?

— Estaes muito poeta, snr. conde!... Não tendes composto algum rimance de justas, algumas trovas como as do Bernardim?!

— Tenho-as aqui, senhora...

— Ahi!? dae-m'as...

— Aqui no coração... onde rasga uma dôr como a de Bernardim Ribeiro... Escrevi-as de sangue e de lagrimas... Deixa-las ahi estar... estão no seu sepulchro...

— Estaes tão funebre, snr. conde!... Ouço-vos sempre essas palavras da côrte... sam da côrte, pois não sam?

— Senhora!... uma ironia é um ultrage para mim... Manhan deixar-vos-hei com os vossos remorsos... Oh!... deveis de tê-los... ou sois...

— Que sou?...

— Um anjo... que extermina!... Adeus, senhora...

— Conde!... Olhae...

— Senhora!...

— Não vêdes acolá, no céu, aquellas duas estrellas... tão juntas... tão scintillantes... que parecem namorar-se? Vêdes... acolá?...

— Vejo-as... a brilharem uma na outra... a encorporarem-se na mesma luz...

— Sam lindas!...

— E então?!

— Vejo-as assim desde creança... ás mesmas horas, no mesmo céu...

— E com o mesmo brilho...

— Porque não serão assim os amores da terra?

— E não sam?!

— Não, creio eu... por que os astros do céu não se deslumbram... reflectem-se do mesmo sol... e nós, cá neste planeta, deslumbramos-nos uns aos outros...

— Que quereis dizer?

— Que o conde de S. Vicente se quizer viver da sua luz deve buscar uma condessa; se quizer ser eclipsado, busque uma duqueza; e se quer deslumbrar o timido fulgor de uma luz embaciada, busque... uma Ignez da Veiga...

— Que dizeis, senhora?!

— Amaes-me... e muito... quanto deveis?

— Oh!... muito... perdidamente!...

— Sabeis que meu pae tem um direito sobre a mais obediente das filhas?! Pedi-me... fallae-lhe... e elle que decida de mim, que o meu coração já se tem decidido... E' vosso...

Tavora emmudeceu. Este silencio era suspeito. D. Ignez parecia querer adivinha-lo pela astrologia judiciaria; — demorou-se examinando as suas duas estrellas... e esperou uma expressão magica do seu amado, que revestindo-a de um titulo, lhe garantisse a entrada no salão, com a galhardia de um triunfo.

Essa palavra não a ouviu; mas muito alto lhe fallava o seu orgulho, para que ella a repetisse. Era de ambos o silencio. N'elle o amor e o orgulho; nella o orgulho e as suas ambiçoens; — e amor? tambem: — esse amor que pede ao oiro um brilho emprestado; esse amor de reflexão, cuja base assenta n'um calculo, e por milagre póde uma vez elevar o vertice ás vulgares inclinaçoens da alma.

Parecia.

Christovão da Veiga tinha um experimental conhecimento da côrte. João IV e Affonso VI foram um prisma, atravez do qual as nodoas de uma nobreza intrigante e viciosa avultaram de mais, para que um educado na sua côrte, como Christovão da Veiga, se despedisse della sem um cabal conhecimento dos mysterios do paço, e da indole dos cortezãos. Severo com os seus, dizia elle, que a virtude se não graduava pelo numero de retratos d'avós,

que se penduram de uma galeria. Os reis, de instituição divina como elle os suppunha, conspurcavam-se nas mais hediondas instituiçoens humanas. As imprudencias de Affonso VI, e as crueldades de Pedro II tinham-o tornado sceptico da realeza, estoyco dos negocios publicos, e cynico a respeito do que convinha pensar de fidalgos rapazes e estouvados á laia de Manoel de Tavora.

Muito lhe aproveitaram estas reservas para não ser o ultimo a perceber as tendencias do conde. Interrogando sua filha, achou-lhe um coração propenso para o amor, mas maleavel ainda para o molde de um bom conselho, e facil de envergar-se ás theorias do calculo. Aconselhou-a: inspirou-lhe talvez aquelle amor de parabola que lhe ouvimos, e revestiu-a do caracter arteiro de uma dama tão experimentada como insinuante.

Tavora era o que sam os requintados amantes de hoje. Conscios do mais heroico processo de matar as grandes paixoens, é raro passarem-n'as pelo filtro do casamento — que é de todos os laboratorios sociaes, o mais provado apparelho para se manipularem estas muito energicas reacçoens do espirito no estado de fusão. De mais a mais convém distinguir o setimo sacramento da Madre Igreja entre fidalgos e pioens. Os primeiros, ainda innoculados na substancia paterna, já sam esposos promettidos no caso de virem ao mundo. Os segundos é cá no mundo que engendram, e elegem, e deixam, e tornam a eleger, e tornam a deixar as suas sympathias, até que finalmente lhes chegou a sua hora, e casam, com todas as alternativas e preparatorios dignos de um tão solemne acontecimento.

D. Ignez pelos pergaminhos estava na esfera dos primeiros; pela riqueza, pois que era filha segunda, não podia mesmo attingir á grande importancia actual de uma burgueza nobilitada nestes nossos dias de nobres merceeiros.

O conde de S. Vicente estava promettido a D. Isabel de Noronha, dama da rainha D. Maria Sofia — Que importava tê-la visto duas vezes, e não a ter amado de nenhuma? Era uma vocação — uma necessidade tão santa daquelle amor *honorario*, como podeis suppôr o de qualquer outro cidadão casado que dá a sua mulher o exemplo da tolerancia dos cultos, e lhe prohibe expressamente o desfalque nos bens havidos communmente á face do

mais respeitavel, do mais imprescriptivel dos sacramentos — o sagrado matrimonio!

Christovão da Veiga sabia como estas coisas eram. Confiado no ascendente que exercia sobre sua filha, deixava-a rever-se donairosa nas suas seducçoens, e gostava mesmo de vê-la armar a sua rede de pescaria, como uma fina Cleopatra, symbolisando no seu anzol lançado ás trutas das margens do Nilo, a boa pesca de imperadores que fazia no Tibre orgulhoso.

Tavora era chamado á côrte; mas para elle, em quanto se alimentasse d'uma esperança, não havia ordens regias que não fossem os caprichos de D. Ignez, nem côrte luzida que não fosse a sala de D. Christovão.

Grave incidente!

Questionava-se uma noite sobre fidalguias: Christovão da Veiga representava o rei de Leão; o conde de S. Vicente representava o rei de Granada; este tinha titulos até D. Tedon, e D. Rosendo, cavalleiros mais velhos que Pelagio; aquelle contava documentos até o primeiro dos Garcillassos de la Vega. A questão acalorou-se, espinhou-se, feriu-se, e por fim jogou-se de remoques e risos sardonicos. O cortejo do marquez era uma maquina de riso — ria com o amo, e com o amigo: dependia delle. Christovão da Veiga era só: a filha, se alli estivesse, collocára seu pae entre as estrellas — fizera-o arcade, mais velho que a lua, egypcio, mais velho que a terra, japonense, representante directo dos deuses!

Christovão da Veiga fòra ulcerado gravemente no orgão mais susceptivel da sua alma. Apodaram-lhe a sua fidalguia! Perdoaria mais depressa ao assassino de seu pae!

Quando se viu a sós com sua filha, estendendo-lhe um braço á roda da cintura, e gravando-lhe um beijo estremecido de amor, disse-lhe com uma expressão legitima de ternura e do coração:

— Minha querida filha! Manhan que o conde de S. Vicente te quizesse para esposa, e me implorasse de joelhos o meu consentimento, eu... cuspiria-lhe na cara!

— Mas eu...

— Mas tu?!...

— Creio... que o amo.

— Silencio!... que me envergonhas!

CAPITULO VI.

Em que o auctor diz o que pensa a respeito das mulheres; e continua a sua historia, bem arrependido de a ter principiado.

A MULHER não tem valor determinado como uma perola. Abstracta como os espiritos, espiritual como os anjos, não ha theologo, nem mathematico, que a defina pelo dogma, ou a calcule pelas operaçoens infalliveis. Sabe-se que vale muito; mas não é ella que o sabe. Sabem-no aquelles que soffreram por ella, embora as flôres do triunfo pendam murchas na sua corôa de martyrio. Sabem-no os que tiveram alma sedenta de paixoens, embora bebessem alfim por taças d'oiro esse licor, que embriaga, sacia, entorpece, e paralisa.

Não quero argumentar com este seculo em que as coisas, as pessoas, os astros, e as divindades está tudo subordinado ao materialismo da analyse. Esta autopsia, grave e circumspecta de sciencia, porque tudo vae passando, dezata aquelles enlaces subtis que prendem docemente a avidez penetradora do homem á poesia incognita do objecto. Hoje está tudo real de peso e de medida. Não ha segredos. A fome do oiro — esta pedra filosofal dos hermeticos da actualidade, tem raspado, pulverisado, fundido, e depurado, no cadinho da avareza, todos os mysterios — todas as idealidades — até lhe extrahirem o atomo palpavel, luzente, e incomparavel da moeda cunhada, sonante e corredia.

A mulher era o ente mais poetico da criação. Firme no seu throno, se quizesse ser rainha incorruptivel, veria baldarem-se as conspiraçoens da avareza, quando ella estendesse o seu olhar angelico e imperioso sobre as legioens assoldadadas ao demonio do egoismo. Ella — a

commissionada do céu — poderia assentar os seus arraiaes de conquista sobre as ruinas dos emporios traficantes, e manealaria ás rodas do seu carro triunfal essas frontes empennachadas que varrem os estrados da cabeça do bezerro. Nem o templo teria *publicanos*, nem a lei salica, nem os harens teriam cuspido uma affronta na alfaia mais preciosa que adornou o Ente Supremo no dia da criação.

Mas a mulher, embaciada no seu verniz ideal, desenfeitada desses adereces, cujo cofre de mysteriosas chaves era o coração do homem — a mulher, sem poesia — é um barro mais quebradiço, que a tradiccional costella do homem.

Faça-se justiça ao homem. Não foi elle o depressor da mulher. E' ella que pediu o seu quinhão á mesa das ambiçoens. Quiz ser contemplada em interesses havidos e por haver. Fez-se carnal em todas as suas potencias. Calculou com as lagrimas e com os risos: vendeu-se nos seus affectos, e protrahiu o grandioso da sua realesa, decretando que o turibulo de seus perfumes contivesse myrrha, incenso, e *oiro* tambem. Constituida mercancia, esta engenhosa feitura de Deus, tornou-se para mim um objecto de permutação, uma compra de contento, uma coisa de fastio como o meu casaco usado, as minhas pantalonas velhas, e o meu chapéu do anno passado.

E' mentira! A mulher não póde, não tem o direito de se baratear. Não é fadada pelos homens; representa uma lei immutavel do Eterno — não póde invalidar-se. Tem épocas de soberania — estação de cultos — fertil colheita de adoraçoens, que a consolam na sua decadencia.

Foi surprehendida por uma traição, quando se impunha fascinante ao seu cansado adorador?

E' uma desgraça — mas não cansam outros labios vigorosos d'amor que lhe beijem os pés. Ha muitos coraçoens a reflectirem-lhe o seu esplendor. Não é uma só nuvem a que turva a face do sol...

Quem podera dizer-lhe o que ella é!... Não lhe bastam as intimas revelaçoens do instincto — não bastam — que bem no sabem todos... Era necessario dizer-lhe que o orgulho é a mais bella das suas feiçoens... Dizer-lhe que a perfidia astuciosa é a sua perola de maior qui-

late, e que mais vale um seu riso sarcastico, que o mais apaixonado suspiro. Era preciso, em resumo de outros conselhos que me comprometem, dar-lhe um espelho, subjeita-la a um compendio, manda-la estudar naquella D. Ignez da Veiga, que tão linda e requestada nos ficou no capitulo anterior.

Depois que Christo disse em vão: *Não furtarás* — ninguem deve esperar nada do mandamento d'um pae que diz a sua filha — *Não amarás*. Christovão da Veiga trovejou do alto do seu *Synai* paterno, quando quiz gravar a sua lei, não em taboa duradoira como a do Altissimo, mas no coração impersistente de sua filha. D. Ignez, cuja paixão era condiccional, entendeu que bem podia, sem sacrificio de suas affeiçoens, obedecer a seu pae, visto que era ella a primeira a duvidar que o conde de S. Vicente viesse um dia pedi-la em casamento.

Mas... quem sabe se viria?...

Os saloens dos Veigas fecharam-se pouco e pouco. E' que o rancor das questoens genealogicas viera derramar as trevas silenciosas nesses recintos, onde, dias antes, formigavam setins, diamantes, fidalgos, bandejas e musicas.

Christovão da Veiga rectificava com um antiquario franciscano algumas duvidas que lhe restavam de sua linhagem; cada dia encontrava um avô perdido na côrte de Mauregato, e Roderico; enfunava-se-lhe a alma nestas intimas expansoens que só o frade testemunhava; e, algumas vezes, chamando sua filha, apresentava-lhe um novo ascendente, esquecido por descuido na exuberancia de tão intrincada progenie.

Tavora não tinha que fazer com os godos. A actualidade pesava-lhe de morte no coração. Repeso daquelles sorrisos indiscretos, melancolico nos seus sombrios casaroens de *Lordello*, não haviam galgos nem lebres por essas mattas que o distrahissem. A' tarde, quando o sol no occidente toucava d'uma purpura languente as ameias do seu castello, o conde, passeando sósinho nas açoteas, buscava, entre as egrejas de Villa Real, a torre de S. Dionisio, com a anciedade do nauta que fixa olhos incansaveis, em noite de tormenta, na luz indecisa do farol. E' que á sombra dessa torre estirava-se o orgulhoso palacio de Christovão da Veiga. Vivia lá esse thesoi-

ro defeso, inaccessivel — a filha do fidalgo altivo, que poría menos em encerra-la n'um claustro, que em fechar as suas portas á primeira nobreza de Lisboa.

O conde, abandonado á sua paixão, esquecera serios compromissos com o rei, com seu pae, e com a sua destinada esposa. No dilemma de *casar ou abandonar* vinha o amor, requintado pelas difficuldades, estabelecer um segundo dilemma — *casar e gosar; abandonar e morrer.* — Era prepotente essa imagem que lhe volteava dia e noite na fantasia de fogo! A saudade despedaçava-o, e muito desigual era a lucta do homem apaixonado, com as convençoens prestigiosamente honrosas de compromissos, para que D. Ignez da Veiga não vencesse.

Venceu como vencem todas as Ignezes, e Catharinas, e Beatrizes que comprimem a gonilha na garganta de fidalgos e pioens, até que as palavras sacrosantas do altar venham, como uma especie de — *pg* — commercial, saldar essas contas em que o homem representa o devedor de muita boa fé e temor de Deus.

Resolve o muito nobre conde de S. Vicente, na vanguarda do seu cortejo deslumbrante, afagar as iras do fidalgo offendido, exalçando-lhe tão acima a sua prosapia, que, em cumulo de todas as provas, não restasse a Christovão um ligeiro resentimento. Acima de todas as satisfaçoens publicas e particulares, a maior lisonja para um Veiga, pensava o conde, que de certo era o parentesco d'um Tavora.

Os raciocinios do amor proprio não gosam do credito das melhores consequencias.

A luzida cavalgada despertou os eccos todos do amplo pateo de Christovão da Veiga. Sendo-lhe annunciada a visita de um Tavora, aquelle dizem que sorrira para o frade, ou o frade, no seu livro de lembranças, escreveu este dialogo que tivera com o fidalgo:

— Cuidei que este neto de reis teria já recolhido aos seus paços reaes!...

— Virá despedir-se agora... E' de crêr que não partisse sem vir offerecer-se a v. exc.ª... Elle bem sabe que um Tavora está sempre em divida de homenagens a um Veiga...

Note-se que o frade acabava de almoçar, e bem. Com este dito conceituoso e laudatorio ficava pago o al-

moço, e alguma coisa tinha dado por conta do jantar. Christovão da Veiga continuou sempre com o seu riso malicioso:

— Bem póde ser que a visita não seja para mim...

— Então?! essa é boa!... pois elle está ahi na sala, esperando por v. exc.ª...

— Pois sim, elle espera por mim... mas se a minha Ignez lhe fizer as honras da sala, póde ser que elle me desculpe...

— Nada... A presença de v. exc.ª nunca se desculpa... Veigas foram sempre o lustre dos saloens... Na côrte de Filippe II, Garcillasso de la Vega, o gentilhomem de Castella-a-Velha, esse nobre avô de v. exc.ª, era o mais rutilante adorno do paço... Bem é que no seu solar a mais brilhante personagem seja o representante dos Veigas..

Desta vez alcançou fr. José da Natividade paga e quitação do jantar. Que frade tão parecido com os nossos leigos!

Christovão vestiu os seus calçoens de broches de prata, empolvilhou o longo rabicho da sua marrafa, vestiu a casaca de seda amarella de longa cauda, e entrou no salão acompanhado do frade.

O cortejo foi breve, airoso, e diplomata. O conde de S. Vicente indicou a necessidade de fallar a sós com Christovão da Veiga. Justamente no acto de se apartarem á sala proxima, entrou D. Ignez. Os cortesãos formaram um simicirculo, e inclinaram-se profundamente, como era devido á futura condessa de S. Vicente.

Deixemos D. Alvaro Pereira, o infatigavel admirador do baixo relevo, explicando a D. Ignez da Veiga as bellesas architectonicas do seu palacio. Não nos importa que D. Luiz de Mello aproveite a occasião para descrever a raça immemorial do seu galgo, que ousadamente pousava o ponteagudo focinho no regaço de D. Ignez. Mesmo que alguns dos cortesãos tenha dito na sua consciencia — *Quem podera ser galgo!* — não deve esse dito innocente e consciencioso demorar-nos em comentos o tempo que nos falta para assistirmos ao colloquio privado de Christovão, e conde de S. Vicente.

Fallavam assim:

— Eu sei que incorremos, eu e os meus companheiros, n'uma falta com v. exc.ª

— Que falta?

— Aquellas nossas indiscretas questoens genealogicas...

— Ora... não fallemos disso, snr. conde..

— Eu quero dar um solemne desmentido ás minhas arguсias imprudentes...

— Não é preciso, snr... não é preciso... Eu estou capacitado da sua boa fé, e da dos seus amigos... Rapazes, rapazes...

Era muito sardonica a risada do Veiga, e muito sentimental a séria polidez com que Tavora a recebia. Ambos estavam bonitos e interessantes. Quem quizer vêr estes caracteres desenhados ao vivo, siga vida diplomatica, ou peça á Providencia que o colloque invisivel ao lado de duas altas notabilidades politicas despeitadas e rivaes.

O conde de S. Vicente, alentando-se daquella consciencia superior, que dá a presença de espirito, continuou:

— O meu objecto, snr. Veiga, é simples de tractar-se... Sua filha, a snr.ª D. Ignez, a quem, se me não engano, eu não sou indifferente, tenho-a destinado para minha esposa...

— Errou no destino que lhe deu, snr. conde. Primeiro que v. exc.ª a destinasse sua esposa, Deus a destinára minha filha..,

— E' possivel que v. exc.ª recuse conceder-ma?...

— E', e tanto é que recuso.

— Posso saber porque?!

— Em primeiro logar, porque não tenho outra, e amo esta muito. Meu filho morgado está na Italia ha quatro annos, e Deus sabe quando elle virá; preciso ter um filho comigo. Em segundo logar, minha filha não tem fortuna que lhe garanta, depois do primeiro anno de casada... a amisade de seu marido. Finalmente, snr. conde, é minha vontade que ella não case com v. exc.ª

O conde ergueu-se de improviso, e entrou na sala em que D. Ignez da Veiga estava com os demais cavalleiros. Entrando, e com elle entrando Christovão da Veiga, bem conheceram os circumstantes, e ella bem mais

que elles, alguma coisa extraordinaria no riso petrificado do velho, e na postura que Tavora vem assumir diante de D. Ignez.

— « Senhora! — diz elle — quando um Tavora lhe revelou uma paixão — não mentia. Se elle a amava, era preciso que as consequencias desse amor fossem sagradas como a honra do cavalleiro, e a virgindade da donzella. *O meu coração tem-se já decidido... é vosso.* Foram estas as suas palavras, D. Ignez; animado por ellas venho de pedi-la a seu pae, que formalmente m'a recusou. Dei-lhe esta derradeira prova da minha estima; e tanta honra ella me faz, que aqui a publico perante meus amigos. »

Momentos de silencio, pasmos em fr. José da Natividade, e uma lagrima na face de D. Ignez.

O conde proseguiu:

— « Passados dois dias recolho-me a Lisboa... »

D. Ignez estremece visivelmente.

— « Lá, e em toda a parte, snr. Veiga, tem v. exc.ª um amigo, e a snr.ª D. Ignez um irmão. »

Trocaram-se mais algumas palavras sacramentaes de despedidas, mas na troca não se ouviram as de D. Ignez. Quando Tavora, com a voz tremida d'um suspiro indomavel, fazia á sua adorada um convite d'irmã — a mais amorosa, que fraternal menina, levantou-se, cortejou brevemente os fidalgos, e recolheu-se ao seu quarto. Ahi, antes de enxugar as lagrimas, dobrou uma folha de papel, e escreveu.

E' justamente, neste instante, que acaba a independencia senhoril de D. Ignez: abdica da sua corôa d'orgulho; converte-se mulher flexivel, e sente a precisão de ser grata a um marido que lhe é roubado por seu pae. D'aqui em diante dou de conselho ás leitoras que a não imitem.

D. Ignez da Veiga principia a ser romantica.

CAPITULO VII.

Que é necessario lér-se para entender o que vier depois. O auctor esquece-se do romance algumas vezes.

LA' vem, caminho de Lisboa, a bagagem do conde de S. Vicente. Descem os povos das aldêas montanhosas para verem, á beira das estradas, a cavalgada dos nobres, que vae passar.

A pomposa comitiva da fidalguia circumvisinha apeava de suas mulas, ricamente ajaesadas, á porta dos Tavoras. Era uma vida estranha e fantastica para aquellas aldêas todo aquelle bulicio de ricos-homens, e ricas casacas verdes, amarellas, e vermelhas.

Christovão da Veiga, vingados os seus caprichos, não duvidou contribuir com a sua pessoa, machos, e liteira ao prestito da despedida. O conde, traduzindo mal uma ironia em todo aquelle apparato, offereceu a Veiga um de seus cavallos de estado, que elle não acceitou por justos motivos de rheumatico chronico.

Tavora assistira ao profuso almoço com que brindou os seus amigos, antes da partida. Cada conviva era uma paixão incendiada, segundo a sua natureza e temperamento. A não ser *Victor Hugo*, um seculo depois, ninguem, como D. Alvaro Pereira, fallou tão apaixonadamente em architectura! D. Luiz de Mello foi sublime na questão dos galgos; e D. Pedro de Athaide, em raças de cavallos e alveitaria, não deixou nada a desejar, como dizem os jornaes. Em mulheres fallou o conde da Ponte, e, começando pela sua, desafiou todo e qualquer *Tarquinio*, que fosse capaz de deixar em duvida a honra da sua *Lucrecia*. Em litteratura ninguem fallou, porque o unico frade presente era o guardião dos

dominicos de Villa Real, homem gordo e chão, que tinha as horas de tal sorte divididas, que, contra toda a accumulação de empregos, não podia comer e conversar.

Mas o conde de S. Vicente não conversava nem comia. O amor infeliz entristecia-o com todas as suas torturas. Fôra desabridamente motejado no seu orgulho por um repudio arbitrario e inconsequente. Soffria do coração e da cabeça. — Dois grandes soffrimentos novos para homem que se presava de manter illesas na sua pessoa as nobres virtudes de seus avós!

Com quanto feliz nas suas aventuras amorosas, Tavora não contribuira com uma infamia para o sudario das muitas que desvirtuavam uma côrte exemplar de torpesas. Era honrado como fidalgo, e como mancebo. Doia-lhe muito acerbo um aviltamento sem motivos, por que a sensibilidade em almas bem formadas é varada até aos seus abysmos pelo punhal da affronta injusta. Não succede assim á do homem que offendeu antes de ser affrontado, por que alguma coisa lhe diz lá dentro que estão saldadas as contas. Se quizessemos escrever aqui uma pagina de fysiologia moral, mostrariamos que ao espirito mais aguçado para o desforço de uma bofetada, ha uma lima que o desgasta, e embrutece — é a do remorso. Se não basta essa primeira expiação, quando vier a segunda, infligida pela sociedade, o homem de mais corajosos alentos recebe-a com a impassibilidade da victima manealada. Ha algemas intimas de uma formidavel tenacidade!

Tornando ao que é verdade, o conde tinha jus a uma vingança, mas não a delineava nesse melancolico silencio que o avexou, durante o almoço. Era uma tristesa inoffensiva, como é a dos bons infelizes.

No começo do almoço, foi dito ao conde que um mendigo esperava no pateo ensejo de poder fallar-lhe. Era impropria a occasião para attender a esta exigencia. Tavora lembrou-se que tinha de dar uma esmola; enviando-a, não lhe foi acceita, porque o mendigo rigorosamente queria fallar ao fidalgo.

Foi ainda desattendido o supplicante. — Era talvez, um delator de foros sonegados na mão deste ou daquelle caseiro, ou a denuncia de algum despotismo vexatorio do arrematante da commenda de Panoyas. . .

Emfim, vae o pobre importuno ter occasião de fallar ao snr. conde. Os ruidosos fidalgos ergueram-se da mesa, e vão montar. Tavora prolonga o olhar saudoso do ultimo adeus até onde não póde chegar a lagrima afflictiva que lhe brilha no rosto. *Talvez... para sempre!* Quando assim se partem n'um adeus surdo e profundissimo os tenues fios que prendem o homem a um anjo — esse é o primeiro instante sublime de agonia — é o ultimo bago de areia que da ampulheta da vida desesperada cahe irremissivelmente no tumulo.

O mendigo aproxima-se:

— Tenha v. exc.ª feliz jornada, fidalgo.

— Que queres?

— Dar-lhe este papel, exc.^{mo} snr.

— De quem é isto?

— Saberá v. exc.ª que não sei.

O conde abriu e leu:

« Meu pae não póde impôr-me o sacrificio da minha felicidade. Amando-vos, conde, diz-me o coração que sou feliz; sendo vossa, meu pae e todo o mundo me julgará ditosa. Quem me obrigar a perder-vos, quer a minha desgraça... não direi a vossa. E' verdadeiro o vosso amor, conde? Se é, eu devo ser-vos grata á custa de tudo, menos da minha reputação, que essa — sois vós muito nobre de sentimentos para que eu trema por ella. Esforçae-vos em que eu vos pertença. Pela minha parte não haverá estorvo invencivel. »

O mendigo, mesmo que fosse romancista, não poderia contar-nos as scenas magicas de transfiguração porque passou o rosto de Tavora. Ninguem póde descrever ainda a fysionomia do naufragado desesperado de salvação, quando o seio de uma onda lhe arremessa a taboa que o salva. Ninguem sabe donde vem aquelle raio celeste que incendeia de jubilo a face de uma boa esposa, ao annunciarem-lhe a salvação do marido enfermo, cujo coração se esvaia de pulsaçoens retardadas debaixo da mão febril da sua angustiada consorte. Sam lances perceptiveis, mas indecifraveis, como tudo o que se encorpora com o celeste por um nó espiritual, que o sentimento percebe, mas que a descripção não desata.

Tavora sentiu tudo isso. O mendigo, pois tal era a sua missão, não esperou resposta. Os cavalleiros instavam

pela marcha; e Christovão da Veiga, vasando a cabeça pela portinhola da liteira, perguntava ao conde se era aquella a occasião de receber cartinhas das pastoras! O boa fé paternal! tu vieste até nós pura e immaculada; — conserva-te assim, ó mãe perenne de folgados risos!

Grandes reflexoens:

Ha casos de allucinação, extasis incendiados de fantasia, em que o homem subjuga ao seu transporte as ferreas consideraçoens sociaes, fazendo-as reflexivas de todo o brilho da sua alegria. E' por isso que as grandes paixoens estão em divorcio com o juizo prudencial. No mar da vida o fanal do amor é o que mais resplende. Cegam-se os olhos e entendimento ao que mais anciosamente o fita. Com a mente fixa nesse clarão esperançoso que tão frouxas resteas de luz nos dá em paga de tremendos trabalhos, transcuram-se vagas e baixios que nos assaltam o pobre baixel. O amor indomito, frementc e tempestuoso é um naufragio que se ama, uma dòr com que se brinca, e, emfim, um delirio *honroso* em qualquer creatura.

Almas venerandas de logica e geometria! coraçoens que podeis vencer cincoenta annos de tecidos trôpegos, arfando pausadas convulsoens de amor, n'uma destas languidas tardes de indolente primavera: e vós, tambem cabeças judiciosas e meditabundas — vereis um espirito sereno e pensador no coração febril de um mancebo apaixonado!

O conde de S. Vicente não intimou os seus lacaios para descarregarem a bagagem, nem fingiu uma pontada repentina, nem ao menos, confiou de algum amigo a alegria, que lhe extravasava do coração, raso de fel um momento antes. Suspenso naquella intima lucta das trévas com a luz — do desalento com a esperança — lá vae calado, e triste no semblante contrafeito, seguindo a marcha destinada, e estranho aos curiosos murmurios dos que intentavam decifrar o enygma do mendigo.

Que admiravel espelho de juizo prudencial!

Na subida do *Marão*, Christovão da Veiga despediu-se, visto que os ares da serra lhe irritavam o rheumatico. Os de mais fidalgos da comitiva despediram-se tambem, e não consta do manuscripto que o conde nas estalagens, onde pernoitou até ao Porto, tivesse coisa

que o affligisse, a não fallarmos das corpulentas gallinhas cozidas em agua de arroz — coisa detestavel, immemorial, e unica, que um homem depára por esses caminhos de cabras, a que as camaras municipaes chamam *estradas*, pela mesma razão que ellas se chamam *camaras municipaes.*

Christovão da Veiga, recolhendo livre de perigo a sua casa, encontrou sua filha taciturna, triste, ou caprichosa de mimo, como era de uso. Na qualidade de amigo, interrogou-a pelos motivos de sua melancolia; como pae, reprehendeu-a pela desobediencia em não responder-lhe. — D. Ignez não fingia resentimentos, nem ambicionava caricias: — queria-se sósinha com as suas lagrimas, e com as suas esperanças.

O auctor não mentiu, quando annunciou ao publico que esta menina estava romantica. Se estava!

Que lindas não devem ser estas creaçoens ethereas da vaporosa imaginação de uma virgem! Como será aquelle anciar indefinido que ella tem pela realidade de uns sonhos diafanos, em que lhe sorriram lindos mancebos de cabellos louros, em palacios de missanga, e nuvens cambiantes de todos os reflexos da innocencia!...

Porque não ha de ser romantica D. Ignez da Veiga, se ella vê, e compara tudo isto, que o homem, o mais poeta e o mais fantastico, não é capaz de vêr nem comparar!

E assim começam todos os amores: assim vae até ao altar a menina que se casa; acompanham-na até lá chymericas legioens de espiritos lucidos, cujas azas se enlaçam, para a embalarem n'um coxim ideal de aspiraçoens e santos desejos. E, depois, é muito triste vê-la, passados dois mezes, a fazer um rol de roupa çuja, a acertar a gravata do marido que vae vêr o cambio, ou — oh essencia do materialismo! — a pregar um botão nas calças conjugaes!

Esta é a ordem do mundo, leitores! Cinjamos os rins de silicio, cubramo-nos de sacco, e baixemos a cabeça ao methodo providencial, qual elle é, porque o methodo é uma necessidade prima, até mesmo no romance.

Valha-nos o calmante do pergaminho, porque o leitor deve saber que as filosofias são todas do copista.

— Então, manhan seguimos para Lisboa, não é assim, conde?

Esta pergunta é do conde das Galveas, ao conde de S. Vicente, na estalagem da *Julia Benta*, moradora que foi na *rua de S. Sebastião* na cidade do Porto.

— Tomára-me eu já d'aqui fóra — accrescentou D. Alvaro Pereira. — Monumentos, tirem-lhe o da Sé, que não ha coisa que preste aqui... Terra de tripas e dos tamancos, eu t'arrenego, em nome da arte e da sciencia!

— Pois, amigos — respondeu o Tavora — parti quando quizerdes, que eu fico aqui...

— Tu, conde!? tu ficas aqui!

— Preciso ficar — exigem-m'o negocios da minha casa, por causa da minha commenda de *Margaride*, e *Refojos de Basto.*

— E inda agora te sahes com essa?

— E' verdade — mas muito a tempo... Esperam-vos esposas, paes, e amigos... A mim... se me esperam... que me desculpem... Eu vou escrever a meu pae, e vós advogareis perante o rei a minha causa... não é assim?...

— Devéras... conta comnosco...

No dia immediato os fidalgos partiram de manhan; e o conde de S. Vicente, com dois lacaios, ás dez horas da noite, passava em Vallongo, e ás seis da manhã, entrava por uma porta escusa na sua quinta de Lordello. Um quarto de hora depois, poderia estar á porta de D. Ignez da Veiga.

Mas não estava. Adormecêra, depois de obrigar os caseiros a um juramento, pelo segredo da sua residencia alli.

Eu, que não admitto uma desgraça sem um presentimento, juro que á mesma hora, Christovão da Veiga acordou com um pesadello de morte; e D. Ignez da Veiga sentiu-se banhada em lagrimas.

CAPITULO VIII.

No qual o auctor a modo que teve suas pretençoens a estylo sublime. De como as más linguas só dizem ás vezes metade do que é. Vé-se que as mulheres pouco adiantaram em civilisação e romanticismo desde 1701. *E de outras coisas dignas de se lerem a muitos respeitos.*

Vae alta a noite. As escarpas cinzentas, que formam a eterna peanha de Villa Real, rugem uma toada soturna e sussurrante; é o fremito dos pinhaes e dos arbustos balouçados pelo sopro cortante e gelado do *Marão*. Mais longe desenha-se, sob o esplendor indeciso da lua, o vulto pardacento, fantastico, e movediço do castello dos Tavoras. Na base despenha-se o regato que muge soberbo da sua onda, engrossada pelas aguas do céu:— é o retrato do homem improvisado na sua magestade caduca. De entre as mattas e florestas surdem guinchos melancolicos de aves, que parecem lamentar-se na sua perpetua condição das trevas. E ao poente, nuvens, que, tetricas e carregadas, corôam os cabeços das serras, mais tarde crescem, recrescem, e absorvem o fulgor mortiço das estrellas.

Sam tres horas: o céu é fechado e triste como abobada de marmore negro.

Um homem atravessa a *ponte do Prado*. Vae só com os seus pensamentos: devem de ser tristes, porque é sinistra a perspectiva daquellas sombras de salgueiros e choupos, que se reflectem na torrente verde-negra do rio. Sobe a encosta, e senta-se no adro da capella da *Senhora de Almudena*. A seus pés profunda-se o abysmo, que negreja, como o fosso descommunal de uma enorme cidade acastelada; defronte avulta o castello dos

Tavoras, toucado de nuvens, que se penduram nas quebradas da serra; mais perto, os velhos torreoens d'el-rei D. Diniz recortam o horisonte, e assombram o palacio carrancudo e sepulchral de Christovão da Veiga.

O homem em questão não é salteador, nem fugitivo, nem criminoso politico, nem amante. Hoje pode-lo-iamos suppôr outra coisa, porque as classes noctivagas augmentaram com a civilisação. Poderia ser, por exemplo, um regedor de parochia, que, em vesperas de eleição, sahe de sua casa, para, na alvorada, romper com bons auspicios o ataque eleitoral! — Laboriosa victima da urna! — justiça te farão os vindouros! (1)

---

(1) Ageita-se aqui uma nota que deve aproveitar-se para a historia joco-séria dos governos constitucionaes de provincia.

Em 1845 era eu rapaz de 18 annos, tão estranho como hoje á politica eleitoral. Achava-me, nos suburbios de Villa Real, em uma aldêa; e sendo-me forçoso á meia noite passar para outra, encontrei-me na estrada com um grupo de homens, á testa dos quaes sobresahia uma creatura de casaca, nisa, ou quer que era que tinha abas, em disputa de maioria com os respectivos collarinhos A tres passos arredados de mim, gritaram todos, para melhor se fazerem ouvir:

— Quem vem lá?

— Sou eu.

— E quem é você?

— Sou... eu.

— Faça alto — ou... *morre!*

Fiz alto para viver. « Sam ladroens com educação militar » — disse eu cá comigo. — Se pelos seus regulamentos o corpo fôr inviolavel, não me podem prejudicar muito na fazenda....

Aproximaram-se.

— Então que faz você por aqui?

— O que faço?... sigo esta estrada que vê.

O commandante da força poz o gatilho no descanço. O meu espirito socegou.

— Está preso! — bradaram todos.

— Preso... porque?...

— Vm.^ce^ é algum *agiota* (queria dizer *agente*) dos septembristas, que vem aos votos á freguezia de *S. Gonhedo*...

— Eu!... aos votos!... Ora deixe-se disso... eu começo por não saber que havia um santo chamado *Gonhedo*... Deixem-me passar...

— Está preso, já se lhe disse... e não se mexa...

Não me mexi.

— Quem é o snr.?

Não me convinha dizer quem era: dei um nome tão desconhecido para elles como para mim. Empalaram-me as vasas vinte minutos, e deixaram-me, depois de lavrado uma especie de auto de inquerito, n'um sobscripto de carta á luz das estrellas, e a lapis.

O regedor da freguezia de *S. Gonhedo*, e a sua escolta de cabos

O vulto sahiu do adro, e encaminha-se ao centro da villa. Quem o seguir póde adivinha-lo, talvez; e quem o vir parado á porta do quintal de D. Ignez da Veiga, vae, sendo preciso, jurar que é o conde de S. Vicente! Pois jurava falso!... Assim é que se perdem muitas reputaçoens! Vejam o perigo que corria a mocidade de D. Ignez, se alguem, que não fosse o discreto auctor do manuscripto, que viu tudo pelos modos, tivesse observado a direcção daquelle vulto!

Mas sempre ha coisas e casos!...

Não succede ás vezes, que as más linguas só dizem metade da verdade? E' o mais palpitante exemplo este que ides vêr.

Que poderia dizer o publico de soalheiro a respeito de D. Ignez?

Isto:

« A's tres horas e meia, um homem embuçado n'um grande manto encostou-se á hombreira da porta travessa de Christovão da Veiga. A's quatro horas abriu-se a mesma porta, e alguem fallou de dentro com quem estava de fóra. A's quatro e meia chegaram dois cavallos sellados e equipados á porta do mesmo quintal, e foram immediatamente montados por dois cavalleiros embuçados. Depois partiram, galoparam, pararam a cem passos, um delles apeou-se, tornou a montar... e desappareceram... »

Mas o que ninguem poderia dizer é que o conde de S. Vicente estava ha dois dias no quarto com D. Ignez da Veiga!!!

Ahi está quando as más linguas só dizem metade das verdades!

O benevolo leitor recorda-se da entrada clandestina que o conde fez na sua casa de Lordello. No dia immediato, graças á perspicacia do caseiro, nas ruas de Villa Real, foi intimado um mendigo para vir a casa do fidalgo. Este mendigo era precisamente o mesmo diplomata da cartinha, que já conhecemos. Interrogado por

---

de policia, armados de enxadas e fueiros, entenderam que era assim que se entendia o espirito da *Carta*. D'entre todos os interpretes não eram aquelles os mais estupidos.............................

No dia seguinte o governo venceu as eleiçoens em S. Gonhedo, Não sabemos se o regedor é barão.

Tavora, disse o pobre — que aquella carta lhe fôra entregue por mestre Antonio, sapateiro, estabelecido nos sotãos da casa de Christovão da Veiga; accrescentou que a commissão lhe rendêra dez crusados, e que, pelo muito desejo que tinha de ser util ao seu similhante, não se lhe dava de continuar naquellas negociaçoens.

Em virtude do que, Manoel de Tavora, ajuramentado o mendigo pelo segredo do que se passava, escreveu a D. Ignez da Veiga, com toda a effusão de uma felicidade imprevista; e, por uma terminante decisão de sua alma, convida-a a abandonar o pae, se elle cruelmente lhe repellir as obedientes supplicas, que ella, uma vez ainda, deve humildemente fazer-lhe.

Uma carta assim conceituosa e franca abona o caracter de Manoel de Tavora. Bastára que os affectos da linda Ignez, fossem a simples inclinação de uma sympathia tepida, para que uma tal carta os acalorasse até ao incendio do amor tenaz e imperioso.

Eram de alegria as lagrimas que D. Ignez vertia nesta carta, lida tantas vezes, quantas ella se deixaria beijar nas faces virgens, se ahi estivesse quem tão nobremente lhe galardoava a sua paixão! A fortuna e o amor tinham-se decidido pór ella... Seriam impotentes os caprichos de seu pae, depois que os do coração tão graciosos lhe sorriam!

Era feliz! Só, com a sua vida tão ideal de esperanças, brincava ella puerilmente com as suas flores, com a borboleta inquieta, com o murmurinho da agua, com as brisas da tarde, com esses ricos *nadas* da natureza, animados e dourados pelo jubilo radiante daquelle espirito infantil!...

Romantica, até á metafisica do amor, passava-lhe ás vezes no rosto um véu subtil de melancolia, que tanto encarecia aquellas feiçoens retinctas do pudor instinctivo do casamento. Era um véu que ella amava, como as bellas de hoje amam esses filós transparentes de que se alindam, quando fingem temer que o halito audacioso do homem lhes vá profanar o sacrario da sua formosura!

N'uma dessas horas de engraçada melancolia, foi uma vez a menina surprehendida por seu pae. Velho experimentado em amores, bem sabia elle que o coração da pequena não era só um centro de circulação — um or-

gão anathomico, uma agglomeração de varios tecidos.

— Tu estás apaixonada, minha filha...

— Sim, meu pae.

— E apaixonada por quem a estas horas corteja as damas da côrte, e sorri da credulidade das fidalgas de provincia ..

— Isso não é assim, meu pae...

— Como? Tu insultas-me!... Atreves-te, Ignez, a desmentir teu pae!?... Quem te fez assim tão ousada?!...

— E' a verdade, meu pae... e a verdade, não insulta ninguem, porque o proprio Deus quer que ella se lhe diga aos pés do confessor, inda mesmo que seja um crime... uma blasfemia...

— Basta... Eu não concedo que me argumentem moral... Tenho descido da minha dignidade em ouvir-te... Visto que o conde de S. Vicente não está na côrte... és tu que o affirmas... e tu, minha criminosa innocente, saberás onde elle está... Já vejo que ha segredos... eu vou partir esse nó gordio com a espada da razão e do meu dever... Apromple-se senhora... que dentro em oito dias ha de entrar nas *Ursulinas* em Braga...

— Eu... freira!... meu pae!... oh! não... não... por piedade... não que eu morro de soffrimento...

— Bem... mui... to... bem...

Estes monosylabos, entrecortados de risos, davam ao aspecto de D. Christovão pronunciados relevos de maldade. Não havia nada de paternal naquelle sardonismo — era a cruel expressão de um designio inabalavel! — Continuou, sorrindo:

— Recolha-se ao seu quarto, filha rebelde! — não é o sangue dos Veigas que lhe causa essas convulsoens... Retire-se...

Quem visse de perto o rosto abatido e desmaiado de D. Ignez, presenciára o improviso clarão de esperança que lhe fulgurou d'entre as trévas do claustro a que seu pae a condemnára. Batia-lhe o coração de prazer; por que entre o alvo amiculo e o lindo seio que arfava, escondia-se a carta do seu amante, onde fôra traçado o seu destino... Antes da condemnação, haviam-na os amores fadado para o mundo... Antes da morte... fô-

ra-lhe a vida promettida... O seu anjo de resgate estava perto, e viria salva-la das iras de seu pae...

Mestre Antonio — o sapateiro — essa individualidade de eterna representação nos sotãos dos Veigas — foi encarregado de transmittir ao conde as ultimas resoluçoens de D. Ignez. O mendigo exerceu uma actividade sobre natural, a ponto de ceder a moleta por aquelle dia, com grande admiração do publico, e perda de interesses por haver.

Ajuize-se do contheudo da carta pelos movimentos do conde.

Na noite do mesmo dia, sem acompanhamento, e no mais bem fingido disfarce, Tavora, prescriptos certos deveres ao seu fiel escudeiro, partiu para Villa Real, e ouviu a meia noite, encostado á porta do quintal de D. Ignez. Aberta essa porta, o conde que esperava um resto mimoso e envergonhado debaixo de mão rival do jaspe, topou uma cara orbicular, barbada, vermelha, e espantadiça; e umas mãos callosas, pretas, e debruadas de alcatrão. Era mestre Antonio — o sapateiro — potencia alliada a estes amores romanticos — força plastica entre estas duas linhagens nobres, nobilissimas, mas dependentes da vontade officiosa do artista.

— Então... isto que é?... — perguntou o conde, espantado em demasia.

— Não é nada que espante... fidalgo... Venha v. exc.ª comigo, e não tenha medo...

— Não tenho medo, não, bom homem... mas diz-me onde vamos...

— Vamos esperar na cosinha que a fidalga venha... V. exc.ª ha de ter paciencia, que a casa não é lá muito propria, mas, como o outro que diz — quando ha fome não ha pão mal feito...

— E' verdade...

Quieto o espirito do conde, fechada a porta do quintal, e aberta a da cosinha, faltava só D. Ignez. Tavora não podia vêr, mas sentiu, nos proximos corredores, um pisar subtil, um fremito de sedas, uma respiração tremida... e então alvoroçou-se-lhe o sangue, como se as grandes felicidades se annunciassem por um profundo terror.

— Onde está, snr. conde?

Sicion uma voz celeste — uma harmonia de anjos — a voz de D. Ignez timida e resoluta, firme e admirada da sua coragem, receosa e feliz do seu muito amar.

— Aqui, meu anjo!

— Aqui?...

E estendendo machinalmente a mão, passou-a de leve no rosto do conde, que, sem ser machinalmente, lhe imprimiu dois beijos frementes e anciosos.

— Não póde demorar-se, conde... Meu pae está a pé... e desconfia... Tenho muito que dizer-lhe... hoje não posso... ámanhan... ámanhan... talvez...

— Mas escute-me um instante...

— Não... não... as minhas tençoens sam sair d'aqui... mas quero fallar-lhe primeiro... chorar primeiro este amor que me faz esquecer tudo... manhan... manhan...

E nisto ouviram-se passos remotos: o ruido avisinhou-se, e D. Ignez conheceu que era seu pae.

— Fuja, fuja, conde, que é meu pae!...

E mal pronunciadas estas palavras, ligeira como uma fada, D. Ignez desappareceu. O conde vae direito á porta do quintal, e encontra-a fechada. O sapateiro imprevidente tinha levado a chave, por não suppôr tão rapida a entrevista. Intenta transpôr o muro, e não acha uma juntura de pedras em que se estribe. Era uma cantaria hermetica e justaposta como um carcere feudal. As vozes de Veiga retumbavam lá no interior:

— Quem abriu a porta da cosinha nova?!

Dava, por consequencia, idêa de existir uma cosinha velha. Justamente situado ao fundo do quintal estava o pardieiro da velha cosinha.

O instincto do escondrijo encaminhou o conde para lá. Mal transposera o limiar do casarão, descia ao quintal Christovão da Veiga, armado de um arcabuz, e mais adiante um creado com uma candeia. Tavora hesitou um momento na afflicção de um conflicto de consequencias. Quiz tirar uma pistola do cinturão, e falhou-lhe o impulso... Era pae de D. Ignez aquelle homem que alli vinha!... Felizmente para todos, apaga-se a luz. Ainda assim Christovão da Veiga entra no pardieiro: os patos e gallinhas e caens acorrentados alvoroçam-se: grasnidos, chilros, latidos, e berros junta-se tudo diabo-

licamente. A este tempo o conde está ennovellado debaixo de uma ampla mesa de pedra, que, depois das reformas culinarias, servia de poleiro de gallinhas.

Foram-lhe desagradaveis ao olfato e á sensibilidade alguns contactos que teve debaixo da mesa com corpos externos. — Conheceu uma situação nova, e por ventura um novo prazer quando sentiu a retirada do arcabuz. Fechadas as portas da cosinha, tudo se calou, menos os caens, que farejavam um corpo estranho muito perto de si.

Soaram duas horas, e o conde não sabia ainda o processo da evasão; sondava portas e paredes, frestas e postigos, mas tudo era cerrado e compacto como por cima delle a face do céu bronzeada de nuvens, agoureiras de tempestade na madrugada. Tavora tiritava de frio, e descoroçoava da esperança de sair sem comprometter D. Ignez. A's quatro horas os tufoens enregelados do *Marão* impelliram uma nuvem de grossa saraiva sobre Villa Real. O conde aninhou-se a um canto do pardieiro, e principiou a reflectir naquella maravilhosa scena da sua vida! Vinha-lhe ás vezes um riso de compaixão de si mesmo, dilatar os labios contraidos pelo frio da manhan; mas, por mais estoycismo que tal riso tivesse, era muito desagradavel a postura e as circumstancias de Tavora. Homens, familiarisados com estas e outras peores situaçoens, chegaram muitas vezes a convencer-se de que a mulher não valia tanto! . . .

Uma janella de rotulas, que dizia para o quintal, ficára aberta por esquecimento. Embatida pelo impeto do vento produzia um insoffrivel estrepito. Uma criada erguera-se para fecha-la, quando, ao romper do dia, descortinou um homem no quintal. — Vê-lo e gritar brutalmente, foi o resultado do seu estupido raciocinio:

— Quem é que está ahi?

— Não grite assim, mulher! . . . — respondeu a meia voz o conde, surpreso, e enfiado.

— Mas que faz ahi a estas horas?

— O que faço? . . . faço diligencias por cá não estar. . . Ouviu, menina, manda. . . ou vem-me abrir uma destas portas do quintal? . . .

— Nemja eu. . . Deus me defenda. . . eu sei cá se vm.ce é algum ladrão. . .

— Não sou, não, rapariguinha... Sou um guarda dos caens, e das gallinhas de seu amo...

— Ah! é verdade... viria *você* cá ás gallinhas...

— Não vim, não... venha abrir-me a porta e verá que não levo, nem sequer um ovo, quanto mais uma gallinha...

— Ah! vm.ce está a mangar?... pois eu vou chamar os criados...

— Não chame, que faz uma loucura... Ouviu... Vá perguntar á snr.a D. Ignez se quer que me abra a porta...

— Eu!... pois eu hei-de ir!... Então quem é o snr.?

— Vá... vá perguntar-lhe... e não me queira aqui vêr morrer de frio...

A criada, depois de benzer-se tres vezes com a mão esquerda, botou o saioto pelo pescoço, e foi ao quarto da menina. Bateu, e a porta foi-lhe logo aberta. A fidalga não se deitára, nem podéra adormecer; mas bem longe era ella de suspeitar que o seu amante encontrára fechada a porta do quintal!

— Tu a esta hora aqui, Gertrudes?... a que vens?...

— Minha senhora... eu ia fechar a janella da despensa que ficou aberta, e vi um homem ..

— Viste um homem... no quintal?

— Sim, minha senhora... e disse-me... que lhe viesse dizer...

— Ah! era elle?!

— Elle!... quem?

— O conde de S. Vicente?...

— A'gora! Eu não sei, fidalga... mas elle disse-me que lhe viesse dizer...

— Diz... diz...

— Se queria que lhe abrisse a porta do quintal para elle sahir...

— Oh! meu Deus!... o que elle não terá soffrido com esta noite tão fria... O' Gertrudes... tu és minha amiga... não és?...

— A fidalga bem o sabe...

— Pois então... vae abrir-lhe a porta da cosinha... sim?...

— E depois?...

— Depois... eu não sei!... espera... deixa-me pensar... Gertrudes... se elle aqui viesse para o quarto... ao menos... meia hora...

— Mas olhe que é quasi dia...

— Então dez minutos só... só cinco minutos... sim, Gertrudes?

— Credo!... e seu pae!

— Meu pae não sabe nada... dou-te vestidos, dinheiro, e arrecadas... vae, minha Gertrudinhas... se não... vou eu...

— Pois eu vou, minha menina, não chore...

Não sabemos se o espirito romantico, se as promessas classicas se infiltraram no prosaismo da rapariga; o certo é, que o conde, poucos segundos depois, entrava no quarto de D. Ignez. Frio, gelado e hirto como entrou, é crivel que, cinco minutos depois, marcasse no thermometro oitenta graus acima de zero! Ha certas mulheres que influem sobre certos homens como o sol da zona ardente.

D. Ignez da Veiga era uma dessas poucas do seculo passado: hoje, graças aos romances, são quasi todas.

CAPITULO IX.

Metade do qual é para metade dos leitores, e a outra metade para todos.

Depois que o conde de S. Vicente entrou no quarto de D. Ignez da Veiga, o publico espera um fervoroso dialogo, em que de parte a parte, se digam coisas fortes, e incendiarias, e agudamente amorosas. E desta vez as exigencias do publico auctorisam-se na pratica de todos os romances! — Onde é que *Eugenio Sue* preparou o conflicto de dois amantes sósinhos no mesmo quarto, que os não fizesse dizer quatro paginas de nervosas exclamaçoens, afóra uma de reticencias?!

Pergunta é esta a que eu vou, oh critica, humildemente responder.

Todo o homem é poeta.

A religião e a mulher são duas columnas de fogo, cujas centelhas luminosas, scintillando por todos os coraçoens, despertam este anhelante sentir, esta vida espiritual, esta harmonia ingenita na humanidade, a que o accordam universal de todas as intelligencias chama — *poesia.*

Leitor! — se desperdiçaste vinte e cinco annos da tua vida, semeando-a em esperanças, que não vingaram, por este brejo sáfaro da sociedade, onde á farta se desenrosca a serpente traiçoeira do positivismo atroz...

Leitor! — se te apraz volver a esse terreno bravio de cruas experiencias, e, por entre espinhos de saudade, juntar as petalas murchas da tua grinalda de innocencia...

Leitor! — se te não aterra revocar do coração dôres fundas, como aquelle que foi ao cemiterio entoar o *memento* para recordar a hora de lagrimas em que o cadaver de seu pae entre os crepes negros do esquife, descia aos sete palmos do leito eterno...

Leitor!... E' sublime de angustia esta prova de

martyrio; mas ajuda-me nestas choradas memorias do que fomos, do que eramos para um mundo ingrato, e como dessa face poetica do mundo, ervado de materialismo, mal podémos saborear um riso mentido, para lhe amargarmos o travo inconsolavel das lagrimas.........

....

Todo o homem é poeta.

E a religião e a mulher sentam-se á beira do seu berço. Está alli uma existencia melindrosa e tenra, confiada aos desvelos de mãe, trémula á incertesa de um futuro, que seu filho vae deparar talhado ao molde de uma sociedade pessima.

A mulher — é essa mãe virtuosa, em cujo regaço as primeiras augustas imagens da religião são entalhadas no espirito do filho. Dos labios della filtram-se palavras de Deus — as primeiras sensaçoens para o coração virgem, despovoado, e ancioso da creancinha, que repete de mãos postas para o oratorio de sua mãe as tres AVE-MARIAS da oração da tarde.

A mulher — é essa que passa entre as multidoens do templo com seu filho no collo, para ajoelhar com elle sobre a pedra polida de um tumulo. E a creança prega olhos avidos nos labios de sua mãe, que siciam a oração da hostia; ergue as mãos para o altar onde bruxuleam nas suas luzes os fulgores indecisos da patria dos anjos — e resa um murmurio solto de palavras que não comprehende. Mas debaixo de seus joelhos, á sombra do baptisterio, onde as portas do céu lhe foram franqueadas, estão os ossos de seu avô; e a creança resa um *padre-nosso*, porque sua mãe lhe ensinára, que as preces do innocente podem alcançar de Deus o perdão para o criminoso.

A mulher — é essa que chorou, quando seu filho, apoz o irresistivel instincto da vida livre, repartiu as horas do dia e da noite, entre as novas sensaçoens do mundo mentiroso, e as doutrinas evangelicas de sua mãe. E ella chorava, porque tão poucas eram as horas que sobejavam a seu filho para escutá-la, e tantas as visagens de impaciencia que divisava naquelle rosto já deslustrado do verniz da candura.

Mas o filho da mãe virtuosa não era impio. — A *mulher*, e a *religião* dominavam-no ainda.

A' noite, viram-no, muitas vezes, absorto ante a face do céu, errar com olhos de lagrimas nesse manto de estrellas, como se d'entre ellas lhe fulgurasse em letras de fogo a palavra magica, que labios de mulher lhe não tinham dito áquelle seu anciar de coração.

Ao sopé da cruz, onde, creança, balbuciava preces de vida para seus paes, viram-no de joelhos, fervente, choroso, e aconchegado da sombra, como envergonhando-se do homem que passava coberto, assobiando chocarrices do prostibulo.

Nas oraçoens do mancebo travava-se a imagem celeste da mulher.

Viu-a entre as estrellas, e á sombra da cruz, e por entre as nuvens odorosas do incenso do sacrificio incruento, e nas harmonias mysticas do orgão, e nas vibraçoens melancolicas do campanario.

E esta mulher não era sua mãe. — Imagem illuminada pela projecção de uns olhos divinos. Fantasia inquieta, resplendente, e tremula como a centelha d'entre as que fulguravam no throno do Eterno. Perspectiva lucida e deslumbrante da sociedade que tanto lhe dizia aos enlevos de sua alma...

Era o reflexo de sua mãe: era a benção de Deus personalisada n'um anjo de consolação, descido a abençoar a mãe que educára, e o filho que obedecèra:

Era o amor, e a religião: — a religião, e a poesia!

Vereis que a poesia onde rescendem perfumes de religião não é uma chymera. O malvado sonha atrocidades inexequiveis, mas o que adormeceu com os labios serenos da saudação ao Crucificado, viu imagens do céu no esvair do sonho. Desperto, prostrou-se aos primeiros raios do sol: e, debaixo de uma restea desse pregão do Infinito, purpurearam-se umas faces de mulher que lhe sorriram de jubilo. Esta fôra a visão do que adormecèra acalentado por pensamentos immaculados ....
....

O mancebo adorava essa mulher. O mundo era lindo para elle — lindo de todos os encantos sobre que assentava o throno da rainha dos seus cultos. Os transportes vigorosos de sua alma afogueada refrigerava-lhos esta dulcissima tristesa do homem, que pena em amores umas saudades repassadas de extasis e poesia...

Quando o fervido coração desse homem apaixonado pulsou debaixo da mão tremula e timida da mulher, por que arfava — quem ouviu os juramentos delle tantas vezes repetidos no ermo das suas melancolias?!

Ninguem!

Os olhos turvaram-se-lhe de lagrimas — o coração batia-lhe com a sesão do delirio — as mãos tremiam-lhe no accesso da surpresa — as faces tingiu-lhas um pudor receoso e acanhado... mas os labios emmudeceram, e o espirito paralisou na exaltação da febre.

Esta, ó leitor, é uma scena de infancia: é o primeiro amor: é a harpa do coração ainda não estreada — é o amor infantil, cujos vagidos não tem pronuncia.

E' o amor e a religião — a religião e a poesia.

Não venha um hypocrita, vanglorioso do seu cynismo, dizer-me — *mentes!* — O relapso, desmemoriado dos tempos em que creu e esperou, não se envergonhe do respeito religioso que lhe idealisára as suas primeiras paixoens.

Todo o homem é poeta!........................

....

....

....

Era esta a poesia do conde de S. Vicente, quando crusou o limiar da porta do quarto de D. Ignez da Veiga. Ella tão resoluta, e despreoccupada um momento antes, tremeu na presença de um homem, cujo caracter tanto de receio lhe inspirára vinte dias antes.

— Senhor conde... eu não sabia que estava... fechado...

Foi D. Ignez que quebrou a mudez interessante de dois amantes que se fitavam extaticos, surpresos, e, de mais a mais, prodigiosamente admirados, e creio mesmo — censurados pela creada Gertrudes, que, apesar do frio e do somno, pé ante pé, veio aninhar-se á porta.

— Senhora!... — respondeu o conde, tomando-lhe timidamente a mão, que horas antes beijára avidamente ás escuras. — Qualquer que fosse o meu soffrimento... estou bem recompensado...

— Mas devia ter muito frio, e medo...

— Medo, não, minha querida... Medo, sim, de

faze-la soffrer ainda mais, se fatalmente eu fosse descoberto...

Uma conversa assim tepida e familiar não interessa ao leitor, nem lisongeia a minha fidelidade de copista. Não obstante, o manuscripto reza mais algumas perguntas e respostas, constantemente allusivas ao frio, á chuva e ao vento do quintal. Não protrahiremos este colloquio, cheio de naturalidade e acanhamento, mesmo por que bem cedo aquella Gertrudes — especie de pendula surda, ou sineta importuna de *missa d'alva*, virá annunciar que é dia claro, e o conde de S. Vicente deixará, como prova irrefragavel da sua honra, a nota de um sisudo cavalheiro.

Occorre um incidente imprevisto.

Tavora, não affeito á frialdade de uma noite de inverno em Villa Real, passada ao relento, e face a face com um céu inclemente, devia resentir-se, logo que uma improvisa mudança de temperatura lhe actuasse sobre os tecidos enregelados. Além do calor animal que necessariamente lhe injectou a calorifica presença de D. Ignez, um farto brazeiro de carvão de raizes, ateado de lavaredas, abrasára a atmosfera do pequeno quarto da menina, cujas paredes, já então, argamaçadas de tijolos, não tinham um orificio respiratorio, que temperasse aquelle ar deleterio.

O conde, entretido com as mudanças subitas e variadissimas do espirito, não attendeu ás do corpo, nem que attendêra, má occasião seria aquella para adivinhar que o acido carbonico era contrario á respiração...

Empallideceu; afastou os cabellos que lhe escorriam bagas de suor afflicto pelas faces; queixou-se de uma violenta dôr de cabeça; pendeu-a languidamente para o encosto encourado e marchetado de uma grande cadeira... e cerrou as palpebras, com grande susto e terror de D. Ignez.

Felizmente, Gertrudes bate á porta de mansinho. Ignez, afflicta, chorosa, e perturbada vae abrir, e olha para a creada como quem emmudecesse no acto de implorar soccorro. Gertrudes estacou petrificada como a estatua do idiotismo. Deixando por esquecimento a porta aberta, uma columna de ar gelado e cortante arejou momentaneamente o quarto. Tavora estremeceu; — quiz er-

guer a fronte livida, oscillou com as palpebras um instante, e recaiu no torpor do magnetismo.

D. Ignez, receando que a aragem fria aggravasse o pesadello do enfermo, mandou desgraçadamente fechar a porta. A creada que pouco mais ou menos passára pelas vicissitudes frigoriferas do conde, achou-se tonta da cabeça, cambaleou um pouco dentro do seu saioto de baieta amarella, e tombou-se n'outra cadeira defronte do Tavora.

Aqui temos D. Ignez, respeitada pelo acido carbonico, presidindo a uma scena tragica, não sei porque, aparentada com as de Lucrecia Borgia! Mettia dó vêr esta menina, ignorante de asfixias, enleiada n'um labyrintho de conjecturas, que todas por fim lhe não explicavam a razão de tão estupendo caso! — De quem ha-de ella valer-se?

Mestre Antonio — o sapateiro, tinha a cama posta na linha vertical da de D. Ignez. Se elle ouvisse... Quem sabe?... A sobresaltada menina bate com força no pavimento tres vezes, e alcança uma resposta — especie de ronco, grunhido, ou arroto flatulento. Ignez bate quarta e quinta vez, até que finalmente mestre Antonio responde como homem, que era. Por muito que ella gritasse, difficil era fazer-se entender n'um andar inferior; mas o sapateiro, lembrado do que lá fôra por cima, e do que por lá iria, enfia os calçoens de belbutina, embainha as primeiras botinas do freguez que encontrou — entra pela porta do quintal, acha a da cosinha cerrada, investe pelo corredor, e perfila-se ao lado dos moribundos, com a seriedade do *Pedro João*, cirurgião, fisico, e barbeiro que então era em Villa Real.

— Esta gente está afogada!... disse elle para D. Ignez que chorava continuamente.

— Afogada!... que dizes, Antonio?

— Sim, fidalga!... está afogada com o fumo do carvão... Deixe-me abrir estas janellas, e portas, para sair o fumo...

Mestre Antonio explicava o fenomeno como hoje se explica muita somma de medicina. A *pathologia interna* não é ás vezes mais analytica que este mestre sapateiro — homem de intelligencia chymica muito acima da sciencia do seculo passado.

E, abertas as janellas, mestre Antonio, pegando desenganadamente na cabeça do conde, tratou-a como costumava tratar o seu rebôlo.

— E'lé... E'lé! ha *âmeno*, ou não ha *âmeno?!*

E taes salavancos lhe dava, que Tavora abriu os olhos, aspirou com toda a força dos seus pulmoens uma nova torrente de ar, e mediu com os olhos bassos e estupefactos D. Ignez, o sapateiro, e a pobre Gertrudes, cuja cabeça lá estava posta em movimento entre as mãos operatorias do maldito, capaz de deslocar as vertebras cervicaes de S. Christovão, que resam chronicas ter duas braças de pescoço!

Gertrudes restituida ás funcçoens vitaes, *despediu-se em latim*, como disse mestre Antonio. O conde mal podia fallar, porque a não ter o craneo estalado entre as mãos do *salvador de afogados em fumo de carvão*, pelo menos grande constipação se lhe tinha *arrumado para os miolos* — como declarou o sapateiro, applicando-lhe umas *fumaças de rosmaninho, e erva santa colhida em dia de N. Senhora das Candeias no adro da egreja.*

Era dia claro. Tavora não podia gesticular, nem mover as articulaçoens femuraes: a circulação, desordenada pela irregularidade da pressão atmosferica, produzira-lhe essa atrophia *in partibus*, como diria um enfermeiro, que tivesse lido o seguinte aforismo de Hypocrates:

Frigidum verò convulsiones, tetanos, nigrores et rigores febrites.

O conde, gravemente enfermo, e muito instado por D. Ignez, deixou-se conduzir para o leito della, cuja armação de bilros de pau preto deviam crear-lhe imagens grutescas. *Victor Hugo* diria que o enfermo na allucinação da febre, vira *grandes velhas com grandes rosarios*, para dar importancia aos bilros. Esta nada ficava a dever áquella imagem em que elle compára a torre de *Notre Dame* a uma grande verruma, que tentasse furar o céu! E falla sério!

Ha coisas notaveis a contar-se no capitulo seguinte. Qualquer que seja o palpite dos previdentes leitores — será sempre falso, quando envolva deshonra para D. Ignez da Veiga.

*

Em quanto ao conde de S. Vicente, mostrem-me um na actualidade tão nobre como elle, que eu não irei aos seculos, que foram, mendigar typos de honra para os meus romances.

CAPITULO X.

Prova-se que o rheumatismo e o amor sam incompativeis. Prova-se que honra e cem mil reis, afóra o arrendamento de uns moinhos, tambem sam incompativeis. De como é preciso abolir estes argumentos *jocosos, quando se tratam assumptos sérios. Dizem-se cousas piedosas de se ouvirem.*

CHRISTOVÃO da Veiga não vivia só para os pergaminhos. As paixoens amorosas desmentiam nelle o gentil pensamento de *Stael.* — Não fôra o amor um simples episodio na vida folgada do velho amador de mulheres e prazeres. Amára sempre uma infinidade de primas daquelles arredores; e quando o rheumatismo lhe restringiu as entrevistas nocturnas, a ponto de transformá-lo em decrepita vestal de calção e meia, Christovão da Veiga tratou de sustentar o fogo sagrado com as creadas da casa.

D'entre as muito esquivas que este velho *lidador* de affectos deparou nas suas ultimas batalhas, Gertrudes foi uma dessas honradas cosinheiras que não comprehendeu as cinzas fumegantes do coração de seu amo. O fidalgo, vendo assim repellidos os nobres carinhos de sua alma, deu comsigo no inferno do ciume, e protestou na primeira occasião, despejar um bacamarte nos intestinos do miseravel que ousasse pôr mãos plebeas naquelle pomo que lhe era vedado a elle, entre panellas, tachos, e cassarolas.

A vibora do zelo enroscara-se-lhe na fibra mais sonora do coração, quando áquelles ouvidos afinadissimos de amante chegára um ruido de passos, e um cochixar de

beiços femininos lá por dentro nos desvãos da casa. Fervem-lhe no mechanismo da circulação os brios corajosos d'envolta no sangue dos Veigas; alenta-se-lhe o pulso de uma coragem digna de um arcabuz, e — com effeito — ahi vem o velho á cosinha, como o vimos no outro capitulo, procurar uma victima — um rival — um cadaver á luz baça da candeia!!!

Muito convém, por tanto, que em vista do fielmente exposto, ninguem se persuada que Christovão da Veiga viera alli, suspeitando os amores da filha tão postos em contacto, e tanto contra as regras da nobresa e cavalleria. Eram temores do muito amar os que intimidaram D. Ignez, que tão apavorada communicava ao conde as suspeitas de seu pae.

Mas, funestos ciumes foram aquelles! — funestos e injustissimos! Gertrudes dormia como a pedra da lareira, no seu nicho de porta aferrolhada, á prova de incorruptivel aos empuxoens do amo. E elle, sem respeito aos bons costumes, á ordem domestica, e principalmente ao rheumatico, veio, assim ao frio e á geada, sujeitar á dura prova das intemperies uns membros melindrosos, que deveram, pelo que dizia o sapateiro, estarem sempre empastados em felpudas pelles de carneiros! Desculpa-lo nesta imprudente loucura

Tu só, tu, puro amor, que a tanto obrigas...

Foram deploraveis as consequencias. Ao outro dia, Christovão da Veiga quiz erguer-se para consolar sua filha das palavras asperas que lhe déra, n'um excesso de zelo paternal — e não pôde erguer-se. Doiam-lhe agudamente os ossos das pernas com aquelle doer rude, insoffrido, e grosseiramente prosaico do rheumatismo. Era alguma coisa que se lhe agarrava mais aos joelhos que o ciume ao coração: era finalmente um sacrificio atroz que as suas articulaçoens femuro-tibiaes celebravam á immaculada virtude da snr.ª Gertrudes, cujos amores nesta vida, eram dormir em toda ella, como prova da sua constancia.

Acontecimentos estes, honrado leitor, que muito concorreram para a paz e quietação do conde de S. Vicente no quarto de D. Ignez.

Alto dia, quando a intelligencia e coração de Tavora se desanuviaram daquelles vapores e aturdimentos do

acido carbonico, era celestemente sonhada a perspectiva do quadro real de que seus olhos se feriram! Ignez — a tão linda enfermeira — pallida de uma noite de sobresaltos — vertia-lhe sobre a respiração cortada raios de amor daquelles olhos, onde lusiam os residuos das muitas lagrimas que chorára em extremos de afflicção! Dos labios vinha-lhe a saude n'um sorriso de alegria, candida e singela como a luz humilde da estrella matinal, ao vêr-se alliviada da compressão das trevas. Bem trevas fôra a tristesa que parecia enlutar-lhe a infancia para toda a vida! Tinha soffrido o que só podem soffrer mulheres espiritualisadas por brios de uma grande affeição!

O conde, extatico nos arrôbos desse amor, que, uma só vez na vida, os anjos emprestam a homens, estendeu-lhe a mão, insensivel ha pouco aos beijos... Perdão! O manuscripto não resa destes beijos, e eu, no mundo da verdade, não quero responsabilidades.

Ignez travou com ternura daquella mão, aqueceu-a entre as suas, comprimiu-a docemente, como se alguem tentasse priva-la de uma joia que lhe custára prantos do coração!... Olhava o conde com anciedade... esperava-lhe alguma syllaba dos labios, que a animasse a dizer-lhe uma palavra; — e esta palavra refluia-lhe da alma aos olhos, dos olhos ao tremor convulso das mãos, das mãos á consciencia do mais feliz dos amantes... AMO-VOS! — era preciso que ella lhe dissesse esta palavra... e comtudo não podia... não sabia dize-la...

E elle? — o conde, se tinha pensamentos, voejavam-lhe no céu!

Era ainda a religião e a poesia, absorvendo-lhe os sentidos e palavras para o intimo ideal de vida, que parece librar-se nas altas regioens do infinito!

Pesa sobre o homem a condemnação dos momentaneos prazeres... Tavora despertou do extasis.

— Ignez!... minha... Ignez!...

— *Sua*... conde?

— Oh!... minha... como este coração que me não atraiçôa... E' um amor que não comprehendes... é um amor...

— Que não comprehendo?!...

— Sabes como eu te amo?

— Sei como vos amo, conde... E' o que eu sei...

— E é tão pequena a vida... para estas paixoens que Deus... Não sei, Ignez... não sei!

— Não sabe? Diga... *estas paixoens que Deus...*

— Deve proteger na eternidade!

— Sim, sim... Tem febre... está tão córado...

— Febre... não... E tu, soffreste uma noite inteira...

— E viu-me?...

— Sonhava-te neste pesadello... Devia morrer então, se ha ainda quem possa privar-nos...

— Não... não póde haver...

Este dialogo, que tanto promettia, quebrou-o a entrada de Gertrudes, risonha e affavel, como se o *fumo do carvão* lhe não influisse na cabeça com toda a gravidade das theorias do mestre sapateiro. A boa da mocetona trazia uma farta malga de caldo de gallinha, visto que aproveitára a enfermidade de seu amo, para do mesmo pucáro restabelecer o digno hospede. Em justos louvores á sua caridade, diga-se, sem rebuço, que a rapariga dividiu fraternalmente o caldo pelos dois, sem embargo de certas antipathias lá com o amo — especie de demonio tentador, que a queria fazer perjurar a palavra dada ao *João da Thomasia*, seu conversado de quatro annos e sete mezes feitos nas orvalhadas de S. João.

Tavora sorriu á singelesa da creada, e não pôde esquecer-se do impagavel serviço que lhe fizera.

— Então, pequena, queres ser a minha enfermeira?

— Não... o fidalgo tem lá coisas melhores... Eu cá, como o outro que diz, sou de outra nascença...quero rapazes cá da minha igualha...

— E então que tem lá isso? basta-te um bom coração...

— Lá isso, a fallar a verdade, é que eu não posso vèr ninguem doente. Já lá em *Ferreiros* onde eu fui nascida e criada, quando o snr padre *Zé da Eira* estava co'as maleitas, era eu que fazia os caldos...

— Está bom... e então queres ir comnosco?...

— Pr'a onde? pois os fidalgos vão-se lá por ahi abaixo pr'a Lisboa?

— Vamos — queres ir?

— Não que lá andam as guerras dos hespanhoes... Credo! Santa Apollinaria virgem!

— As guerras já lá vão... queres ir?

— Ia, ia, assim eu viva; mas *pr'ámor* do meu João não me fica bem...

— Então tens algum João?

— E' o João da Thomasia, que Deus lhe falle n'alma.

— Elle já morreu?!

— A'gora, com bem o digamos; quem morreu foi a tia Thomasia, faz agora um anno pr'ás castanhas.

O tinido da campainha, vibrado pelos recantos dos saloens, veio varrer as ideias funebres e chronologicas de Gertrudes. Era o impaciente fidalgo, que se achava lesado nos seus direitos de estomago, pela muita demora de um caldo — ou, talvez, pela muita saudade da rapariga.

Iremos com ella ao quarto do velho, porque já agora não desengraça aqui um dialogo de contraste, depois que ouvimos o muito metafisico do conde, e, pelo que elle disse, da futura condessa de S. Vicente.

Já sabem que Christóvão estava na cama, formando com as pernas varias figuras de geometria, em que predominava o triangulo. Liam-se-lhe no semblante enrugado e amarello uns vislumbres de ternura por aquella vermelha e espadauda Gertrudes, que, á excepção de uns enormes pés, não era mal lançada. Desde muito que Christovão, sceptico das organisaçoens melindrosas, preferia mulheres carnosas, compactas, e robustas. Dizia elle, com alguma immodestia, ao seu amigo franciscano, que dos cincoenta annos para cima, eram muito difficeis os triunfos sobre o espirito; e muito lhe convinha a elle, por tanto, requestar mulheres subordinadas á materia. O frade, com toda a humildade de respeito monacal, replicava — que sendo para elle Veiga a materia synonimo de carne, grande peccado era travar batalha com o mais poderoso dos *tres inimigos da alma!*

A isto nada respondia o pouco orthodoxo Christovão, porque era defeso ao leigo — dizia elle — questionar em materias de religião. *Voltaire*, e *Diderot* aproveitariam para a Encyclopedia este *espirito forte!*

Gertrudes entrou com olhos baixos, e esperou as ordens de seu amo.

— Onde estavas tu mettida, minha ingrata?

— Estava na cosinha a cuidar do almoço.

— Sim!... E então... não tens pena de me vêr aqui passadinho de rheumatismo?...

— Lá ter, tenho; mas eu não posso dar-lhe saude...

— Podias... podias... E' por tua causa que assim estou.

— Credo! anjo bento!... eu que lhe fiz?

— Fizeste-me erguer esta noite, com aquelle frio...

— Credo! e pr'a que se ergueu o fidalgo?

— Cuidei... sim... cuidei que tinhas por ahi algum conversado...

— O meu João? Inda mais essa... Elle só cá vem ós domingos, quando o fidalgo dá licença que me elle falle lá de fóra do quintal .. Mal o haja eu se elle cá veio de noite...

— Não é isso... não é isso... Cuidei que fosse algum outro escudeirote alli dos Nizas, ou dos Mellos...

— Cega seja eu dos olhos ambos...

— Não jures, rapariga... Ora chega-te para aqui...

— Que me quer... aqui estou...

— Escuta. Eu vou-te agora fallar com o coração nas mãos...

— Eu não entendo o que o fidalgo diz...

— Escuta, Gertrudes. Eu tenho-te amor, e quero-te como a pouca gente...

— Vou buscar o caldo?

— Não me interrompas, mulher!... ouve o que te digo...

— Eu não sei o que o fidalgo diz... Se me não quer assim cá em casa, vou para a minha mãe. Eu só sei fallar com gente da minha igualha...

— Pois sim, escuta-me; e depois, se quizeres, vaite embora... Eu quero-te fazer feliz. Tu tens lá o teu conversado com quem queres casar não é assim?

— Podéra não...

— Ora, pois; tu não tens nada — e elle que tem?

— Pouco é; só tem o cabeço da tapada da chan...

— E que rende isso de pão?

— Dez rasas de centeio, e ás vezes mais, em anno bom.

— Que desgraça, rapariga!... isso que é?

— Afóra duas duzias de palha.

— Mas vocês não comem palha, pobres parvos!...

Como has de tu sustentar-te, e mais o marido e os filhos?

— Trabalha-se de dia para comer á noite. Elle vae dar o dia que sam quatro vintens, eu fio o meu arratelinho de estopa que são setenta reis, com quatro vintens... faz... faz... oito vintens menos dez reis...

— Pobre gente, como haveis de viver, rotos e esfomeados!... e vestir?... e calçar?...

— Deixe lá, que o sol quando nasce, nasce para todos...

— Estás enganada, rapariga, muita gente morre de fome ao sol...

— Isso é quem não puxa pelos braços a trabalhar, e o meu João é o melhor jornaleiro da freguezia.

— Será, será, mas olha — eu quero dar-te um dote de cem mil reis...

— O fidalgo está a mangar...

— Não estou... quero dar-te um dote para comprares umas leiras...

— Umas leiras!... e é verdade que a tia Rosa quer vender as suas no *Reguengo*.

— De mais a mais dou-te de meias os meus moinhos de *Penêda*.

— Isso perdôe o fidalgo, mas não quero ser molleira... Sempre ouvi dizer que é despreso pagar-se a gente pelas suas mãos...

— Mas tu podes arrenda-los, tolinha.

— Ah! arrenda-los?...então, sim, senhor... Deus lhe pague a esmola. E quando é que hei-de ir á egreja com o meu João?

— A' egreja?...isso... veremos quando ha-de ser... Eu quero que vivas aqui comigo dois ou tres annos, e depois dou-te os cem mil reis...

— Os cem mil reis?

— Sim... ou se tu não fôres tola como tens sido, dou-tos já para os pôres a render...

— A render?... e damos já? E se a fidalga ralha?

— A fidalga não ha-de saber nada...

— Ah! ella não ha-de saber?...

— Não, porque para a semana vae ella para um convento...

— Vae?!

— Vae, sim — e depois ficaremos aqui sósinhos, á nossa vontade...

— Pois a menina vae metter-se freira?

— Isso lá veremos; mas não a quero em casa, porque...

— Ella não deixa dar-me o dinheiro?

— Não é isso; mas trago cá minhas suspeitas...

— Coitadinha!... E ella já o sabe?

— Já lh'o disse hontem; mas manhan é que hei-de manda-la preparar-se... E tu não gostas de estar só comigo?

— Se cá estivesse o meu João... *támem*...

— O teu João, terá tempo de mais para estar comtigo... D'aqui a dois ou tres annos, quando a menina tornar para casa, então casarás...

— Tres annos!... Não sei o que me parece isto...

— Ora anda, vae buscar-me o caldo, e conversaremos depois sobre o teu casamento, e os cem mil reis...

Gertrudes, desde que ouvira fallar em cem mil reis, perdeu aquelle tracto grosseiro das maneiras, e ganhou uma certa docilidade parva, uma franca e estupida allucinação de si mesma, como se o pudor e fé jurada ao seu João fossem coisas, cuja responsabilidade caducasse á vista de cem mil reis, e o arrendamento de uns moinhos.

Antes de entrar na cosinha foi ao quarto da fidalga, e, já maliciosa como a mulher civilisada pelas idèas do dinheiro, contou do dialogo apenas o que interessava a D. Ignez. Disse-lhe que seu pae a faria entrar n'um convento por tempo de tres annos; e que no dia seguinte havia de aprompar-se para partir na semana que vinha.

Ignez estremeceu e chorou. O conde animou-se, e sorriu.

— E, por tanto, é preciso sahir hoje, não é verdade, Ignez?

— Sim — é preciso; mas... meu pae morrerá de saudade...

— Não morrerá... Que póde demorar-se o nosso casamento? Elle ha-de abençoar-nos depois...

— Quem sabe?...

— Quem sabe!? Sei-o eu, que pedirei a Christovão da Veiga uma satisfação publica de seus caprichos que me aviltam... Hei-de ser louvado pela nobreza, quando

seja falsamente accusado por elle... Accusado, por ter a audacia de gracejar um instante dos seus orgulhosos fumos de fidalguia...

— Conde!...

— Perdoa-me!... elle é teu pae, e... é meu pae...

— Quero que o ames.

— Amo, Ignez, respeito-o, e nunca o odiei, por não poder... Elle é teu pae... creou-te para mim que te adoro perdidamente... Minha filha, espera-nos muita felicidade...

— És o meu marido?

— Perguntas-m'o, anjo da minha alma?!...

O conde tirou um annel do dedo, onde na face pollida de uma preciosa pedra, brilhavam as armas dos Tavoras, e uma tira, no inverso, com a seguinte legenda — *Reges descendunt á nobis.* Ignez estendeu a linda mão a elle que lh'a pedia, sentiu derramar-se-lhe por ella o calor de uns labios abrasados, e deixou-se em amoroso abandono investir do annel de esposa. Com um destes sorrisos indistinctos de tristeza e alegria, foi que a virgem desposada agradeceu a immensa ventura que lhe brilhava no resplendor daquelle annel. Tavora sentia-se embriagar nas libaçoens dos anjos. Via em toda aquella effusão de jubilo a obra do seu amor — a refracção da lava que o escaldava por dentro.

— Este annel, conde... é um penhor tão sagrado... tão consolador para mim, que te adoro sobre todas as coisas deste mundo...

— Eu te agradeço... Ignez!... agradeço-te com as lagrimas nos olhos... Um dia... oh! é impossivel...

— Que é impossível, conde?

— Se um dia Manoel de Tavora atraiçoar Ignez da Veiga... este annel... ella que lh'o mostre... e elle suicidar-se-ha; porque antes da traição... nestes dias de felicidade roubados á vida do céu... elle fará assim um juramento — Ignez! o meu sangue lavará de tua face o estygma da perfidia...

— Conde... eu tremo, e soffro cruelmente... Oh meu Deus!... ouvi uma coisa nova... Tu... trahires-me... a mim que não posso amar-te mais!...

— Ignez!... não me comprehendeste... Condoe-te de mim, que essas lagrimas martyrisam-me... Eu!... o

teu traidor!... Por Deus, que este pensamento é uma inspiração de demonio...

Não era inspiração de demonio. Era o espinho acerbo do presentimento — surdo rasgar de fibras — mordedura de vibora que sangra e cauterisa momentaneamente. Desciam lagrimas na face de ambos — era de ambos o terror; mas escondiam-n'o, calavam-n'o, e nenhum queria dizer — *Brada-me uma voz inintelligivel nos abysmos d'alma*; — *não a comprehendo*; — *mas o som do fallar de mortos deve ser assim!*...

O presagio passou como o profeta da destruição por entre as turbas festivaes da Babylonia opulenta. Eram muito felizes os dois, que se amavam, para soçobrarem á passageira compressão da angustia. — Não crèram — não podiam crèr... Era a *inspiração do demonio!*...

— Ignez... diz-me alguma coisa... falla-me do teu amor...

— Sim, conde... digamos alguma coisa... fallemos do nosso amor... Estavamos tão distrahidos... com que?...

— E' verdade... com que?...

— Nada, meu querido... não era nada? sonhavamos...

— Dá-me papel... E' preciso escrever ao meu escudeiro... Esta noite, sim, Ignez!... esta noite...

— Sahiremos?... ó conde!...

— Recusas!... É incrivel!... Depois... tudo perdido...

— Não, não — escreve... Sou tua... mais que irmã a quem deves amor de irmão... mais que mulher infeliz, a quem deves protecção de cavalleiro... tanto como tua amante... tua...

— Esposa!...

Tavora escreveu. Mestre Antonio partiu. D. Ignez enfardou as suas preciosidades. Christovão da Veiga conversou largamente com dois franciscanos, ácerca da segurança do convento das *Ursulinas*. Gertrudes deu-se tratos por adivinhar o volume que fariam cem mil reis; e o resto do mundo girava naturalmente no seu eixo.

Está explicada parte dos mysterios daquella noite do capitulo VIII. Vimos um homem parado á porta do quintal de Christovão da Veiga: era o escudeiro do conde de

S. Vicente a explorar terreno. Vimos dois cavallos sellados e equipados — eram ainda pertenças do conde. Depois montaram dois cavalleiros: não é verdade; mas parecia que o era, porque o manto de D. Ignez da Veiga, airosa e destemida sobre um andaluz orgulhoso nos seus corcovos, parecia realmente um cavalleiro. Dizia-se, depois, que um dos cavalleiros, a cem passos, apeára.

É verdade.

D. Ignez da Veiga sentira escorregar-lhe o annel dos desposorios; cahiu-lhe; queixou-se; e pediu que lh'o procurassem, por tudo quanto havia de sagrado.

Foi bem procurado: rastejaram, como serpentes pela lama da rua, os dois lacaios, o escudeiro, e o proprio conde; mas não encontraram o annel.

A garantia do juramento estava perdida! O que elles sentiram ninguem o sabe... Pensamentos espavoridos, reconditos na escuridade do coração, como o annel nas trevas da noite.

Avante, nobres desgraçados!

CAPITULO XI.

De como ninguem sabe para o que nasceu. Diz-se como a salvação de um cavallo depende de um triangulo. Espirito das mathematicas nos irracionaes, e outras coisas tristes. De como Christovão da Veiga era um trabuco. Franquezas d'uma creada de servir, e de outras muitas coisas que não faz minga dize-las.

A FACHA negra da noite cinge o véu dos horisontes. A lampada mortiça do crepusculo não a ergueu ainda mão invisivel do Eterno, por detraz das assomadas do levante. Cruzam-se os tufoens, que rollam dos visos penhascosos das serras de *Santa Barbara*, *Mesio*, e *Marão*. Ao fundo, na balça escura dos povoados, vae passando o vortice do desbarate. Lascam-se as florestas vergadas pelos braços flexiveis da tempestade movediça. E' o gigante da destruição, que finca um pé sobre as açoteas do castello dos Tavoras, outro nos torreoens de Villa Real, e fustiga com o latego do destroço aquella natureza, que geme, estorcendo-se no leito da porcella.

Debaixo deste céu passa uma virgem debil, mimosa, e resignada. — E' como o archanjo, no dia final, por entre as ruinas do mundo!

Esta é a noite em que Manoel de Tavora, e a sua linda fugitiva, atravessam os plainos alagadiços do *Prado*.

— Depressa, Ignez!... depressa, meu anjo de soffrimento...

— Não posso, conde... Estou gellada de frio... Não sinto as redeas na mão...

— Depressa, Ignez!... depressa...

Depressa — dizia elle — porque os corregos, rapidos

e caudaes, desciam das montanhas para o pobre regato que, ha pouco, se escondia entre salgueiraes, a cem passos do castello. A passagem era a que ainda hoje tem: — algumas pôldres resvaladiças, vidradas, com dois palmos á superficie d'agua.

Depressa — dizia elle — porque, em cinco minutos, o passadiço incerto e perigoso viria a onda da enchurrada absorve-lo.

E galopavam, galopavam por aquelle terreno brejoso, e cavado de lorgas e abysmos. Os bulcoens de ventanias contrarias brincavam com as nuvens, impelliam-nas de um para outro cabeço das montanhas, fendiam-nas umas contra o seio das outras, e os bagos de chuva glacial, frigida, e incisiva, cortavam na face enregelada e retrahida de D. Ignez.

— Conde!...

— Ignez! — não podes soffrer tanto... não é assim, minha querida!?...

— Posso... que ainda vivo.. Tenho medo de cahir... mas — depressa, depressa!

E galopavam, galopavam, porque, a cem passos, o relampago do sul tingia do seu clarão funebre os balcoens, e as quadrellas do castello, cujas seteiras dir-se-hiam gargantas enormes desse monstro de pedra, soprando os furacoens da tempestade!

D. Ignez adiantára-se alguns passos. O andaluz embravecido pelo açoite da chuva, ancioso pela mangedoura que lhe acenava de lá, ou, como o tritão de Camoens, orgulhoso pelo precioso fardo que levava, atirava-se desenfreadamente por subidas e descidas, fragoedos e lameiraes, até que finalmente as patas lhe resvallaram para o alveo do regato, cuja enchente fôra mais rapida que o *depressa* de Tavora.

Eram trevas. Ignez, se um relampago lhe allumiasse o abysmo, esvaíra-se de forças a soffrear as redeas do cavallo; mas nem o vira — nem o conde lhe advertira que as soffreasse. O cavallo estacou. A cavalleira, por uma destas inexplicaveis paralysias dos sentidos externos, não ouviu, sequer, o mugido fragoroso das catadupas.

Affoitou o resentido animal, retesando-lhe as bridas: — era de mais para que um velho andaluz dos esquadroens

de Ameixial e Badajoz, recuasse espontaneamente ás bravesas de um regato!...

— Pára... pára!... Ignez, que te perdes... — Gritava anciosamente o conde.

Era já tarde!

Ignez julgou-se morta; e, como essas almas de remorso, que sonham visoens do inferno, petrificou-se, digamo-lo assim, no frenesi da agonia! As unhas, consistentes de ferro, na vertigem do terror, cravaram-se nas crinas do cavallo. Era ainda o sonho, em que o homem, pendurado na bocca do abysmo, enterra as unhas na aresta lisa do rochedo, que parece abalar-se... despenhar-se com elle! Os cabellos eriçaram-se-lhe. Os dentes crepitaram-lhe um estallido convulso e doloroso. A face assombrou-se-lhe de uma lividez patibular. E os olhos, raiados de tiras sanguineas, cravaram-se espavoridos nos tôpos dos salgueiros, que, na outra margem, balouçando-se, rugiam uma aria de escarneo — uma harmonia de demonios!

A infeliz não pôde ao menos gritar para Deus! Está perdida, se a misericordia divina carece de supplicas para salvar a victima dos homens no extremo da perdição!

Mas a Providencia déra o instincto aos irracionaes. O mundo, se lhe tirarem o homem, é uma coisa sublime!..

O cavallo entestára a cabeça contra a torrente: cortára-a, não em linha recta, porque então ninguem valera á perdição de Ignez: — o instincto ensinou-lhe a traçar um triangulo no dorso das aguas, rompeu o rolo da onda em direcção obliqua — e quando mais impetuosa descia a torrente, o irracional deixou-se derivar com pouco esforço de natação, até abicar na margem opposta.

Estava salva; mas entorpecida, fria, e inanimada como o cristal de uma estatua de resignação. O cavallo sustinha-se retido por uma compressão violenta. Ignez esperava... o que... nem ella sabia!

O conde... ninguem deve pedir-me o seu retrato. Entre o demente e o cadaver ha um annel de existencia — uma crise de animação: era a delle. O suicida, que se despede do mundo por um olhar vertiginoso, ou o que, fitando a espuma da onda que ha-de amortalha-lo,

parece beber a morte no seu extremo olhar de desesperado — é cómo o conde de S. Vicente.

A mão do terror suspendeu-o pelos cabellos em toda a altesa do seu infortunio. Depois, entre elle, e a desgraçada que morria por elle, estava aquelle agonisar do afogado, que é um morrer atroz de ancias incomportaveis. Viu as gargantas, as lavaredas, e os apparelhos da morada dos reprobos... A consciencia gritou-lhe — « condemnado! » — mas mais sonora que o grito da consciencia, d'entre os labios convulsos de desesperação coou-lhe uma palavra dorida de todo o soffrimento humano:

— Oh Christo!

E despertou...

— Ignez!...

— Já está da parte d'além — responderam os criados.

— Salva?

— Salva.

— Conde! — murmurou de lá uma voz desfallecida.

— Ignez!... estás salva?

— Estou viva... Vem depressa, que estou passada de tremuras...

O cavallo de Tavora gemeu entre dois acicates salpicados de sangue. Não havia caminho a torcer, nem comoro de picaria a transpôr, nem esquadrão de hespanhoes a rasgar. Era o seio de uma torrente que descia em cachoeiras sobre os troncos humilhados dos arvoredos da margem. Para o conde não haviam calculos nem rodeios. Cortou a direito por essas ondas que remoinhavam sopeadas pelos corcovos do cavallo...

Um relampago allumiou á flôr da agua alguma coisa estupenda que fez empallidecer e soltar um grito aos criados do conde. Era um vulto arrastado na esteira da corrente: era Tavora, vencido pelo impeto do cachão, e mal firme sobre o cavallo, fatigado, mergulhado, e morto, talvez...

Os criados horrorisaram-se; ajoelharam; e tambem pela sua vez bradaram:

— Oh Christo!

— Conde!... não vens?...

Era um chamar lamentoso, desfallecido, e quasi imperceptivel.

— Ignez!

— Espera... — disse um dos tres criados — não ouviste chamar lá em baixo...

— Ignez!

— E' verdade... é elle... está vivo... Bradaram todos simultaneamente com o coração, com os labios, com a alma, e com as lagrimas!...

Ignez reconhecera aquella voz, quando um novo pasmo, e esvaimento de forças iam lança-la por terra, para ser, talvez, erguida quando o esquife viesse ao cadaver, engastado nas ramagens dos amieiros, dar-lhe o asylo do christão.

O conde salvára-se. Ignez tinha-o junto de si — quizera abraça-lo, mas os braços tinha-os hirtos, retesados, e inflexiveis.

— O teu cavallo, Tavora?

— Morreu... Nadou comigo até á margem direita: parou contra as raizes de uma arvore: abracei-me ás ramas, e ás pedras, e a tudo que pude abraçar-me no conflicto da morte... Tenho ainda aqui chumbada nesta mão a redea, que me salvou... não posso jogar estes dedos... tenho-os ensanguentados... mas o meu generoso cavallo... morreu!...

— Vamos... vamos... Ignez!...

— Senhor conde!... — gritaram d'além os criados.

— Ide-vos rapazes — esperae passagem para o dia...

— Está tudo salvo, fidalgo?

— Tudo; menos o fouveiro...

— O fouveiro morreu!!! — disseram os criados uns para os outros com paixão, e saudade, e tudo que ha sublime de dó em coração de homens...

— O meu fouveiro!.... — repetiu Gervasio, moço de farda, cuja affeição neste mundo, a mais independente, depois do vinho, dizia elle, ser uma — uma só — a do seu fouveiro... E chorava!................

....

Eram seis horas da manhan. A tempestade não adormecera ainda, nem a estrella d'alva, atravez da cerração, podéra abrandar-lhe a feresa com a sua imagem serena e consoladora. Dirieis que as trévas, como os homens pavorosos cá debaixo, conspiravam contra a luz,

e erguiam o seu throno de escuridade debaixo da face lucida do céu.

As velhas velavam, acercadas de filhos e netos, resando a *Magnifica*, os versos de *S. Gregorio*, e as oraçoens de *Santa Barbara*, *S. Jeronymo*, e outros santos advogados contra trovoens, e terremotos, como *S. Francisco de Borja.*

Christovão da Veiga, muito relacionado com a electricidade atmosferica por intermedio do rheumatismo, passára uma noite dolorosa. A fim de mitigar as dôres, que qualquer enfermeiro chamaria *ostyocopias*, ergueu-se, agasalhou-se no seu farto capote de saragoça forrado de baeta vermelha — tudo nacional — e passeou algumas voltas no seu quarto.

Gertrudes não se deitára. Desde que D. Ignez sahira, fôra um enfiar de responsos de Santo Antonio, coisa admiravel, mas muito afflictiva para ella que não podéra resar um só, sem se enganar. Ora, deveis de saber que um responso de Santo Antonio, se não vae direito desde o principio até ao fim, ruim agoiro é para a coisa ou pessoa responsada. Além disso, e para maior afflicção da pobre rapariga, ás tres horas em ponto, no relogio de S. Domingos, um cão uivara tres vezes por alli perto de casa; e, se o medo a não engana, uma coruja grasnou sobre o telhado. Mas o que acabou de agourar grande desgraça áquella boa Gertrudes — foi uma borboleta negra, que se afogou no azeite da candeia!... Então, sim! a rapariga, se não são *certas conveniencias*, como dizem os deputados, ia metter-se no quarto do amo!

Como dito é, Christovão da Veiga, que não era medroso de trovoens desde que um franciscano lhe confiára alguns segredos de electricidade, lembrou-se que a sua Ignez estaria de joelhos diante da *Virgem*, cheiinha de medo, e assombradinha dos relampagos. Lembrou-se, outro sim, que a sua presença iria confortar a pequena — e parecia-lhe que não era má a occasião de convence-la, ao som dos trovoens (que eram os brados do Altissimo) da vida monastica, como vehiculo da gloriosa eternidade.

Tantas e tão solidas eram as razoens, que foi.

A porta do quarto de D. Ignez estava aberta, como ella a deixára. O velho disse lá comsigo — « Querem vêr

que a pequena teve medo e foi metter-se na cama com alguma criada! A ser, foi com a Gertrudes... porque das outras não gosta ella muito... »

Com estes e outros pensamentos, o homem das conjecturas entrou no quarto, e confirmou a sua opinião. Sem perda de tempo, foi ao quarto de Gertrudes, que resava em voz inintelligivel o

O' meu padre Santo Antonio,
Que em Lisboa foste nado,
....

— Bem! — disse o velho — ellas cá estão conversando!...

E batendo á porta, disse com ar affectuoso:

— O'lá de dentro! — Se estão vestidas abram a porta...

— Quem está ahi? — gritou Gertrudes, assustada.

— Sou eu... abride...

— A'gora abro... *O' meu padre Santo Antonio, Que em Lisboa foste nado...*

— O' Ignez... Ignez!...

— Cá não está a menina, fidalgo...

— Pois ella não está aqui?

— Não está, não, senhor... *O' meu padre Santo Antonio, Que em Lisboa foste nado...*

— Pois eu não vos ouço conversar!...

— Sou eu, que estou a resar o responso de Santo Antonio.

— Mas onde está a menina?

— A menina!?... Eu sei cá!... foi por ahi abaixo...

Christovão da Veiga não era homem — era um ariete — um trabuco! Tamanho encontrão imprimiu na porta, que o ferrolho, a tranca, a fechadura, os prégos, e uma nuvem de pó, foi tudo dentro, e á cara de Gertrudes, que despediu um grito digno daquella gigante de *Carlos Magno*, que tres leguas em redor fez oscillar as entranhas da terra.

Veiga, formalisado e altivo como quem acabava de levar uma praça d'assalto, interroga a prisioneira:

— Onde está minha filha?

— Faz favor de fazer-me as minhas contas, que me quero ir embora...

— Onde está minha filha? responde... onde está minha filha?

— Vir cá estropear á porta, mette-la dentro com esta áquella... Isso não é cortesia...

— Gertrudes! eu estouro-te com um pontapé!... Onde está minha filha?

— Já lhe disse, que foi por ahi abaixo.

— Tu que dizes, mulher? tu que dizes!... Jesus, santo nome de Jesus!... A minha filha!... que é da minha filha?!...

— O fidalgo não está *bô*...

— Tu fallas a verdade, ó rapariga? A minha Ignez não está em casa?

— Não, senhor, foi-se, com um senhor fidalgo d'além de Lisboa... Foram-se casar...

— Foram-se... meu Deus!...

Christovão da Veiga deixou pender cabeça e braços para o chão, como se para cahir no tumulo, tivesse apenas de vergar ao peso de toda a sua dôr.

No tumulo não, mas cahiu sobre uma arca; e quando quiz levar a mão ao suor frio que lhe borbulhava da testa, não pôde ergue-la. Desmaiára.

CAPITULO XII.

Em que o auctor tem a honra de apresentar a snr.ª Joaquina da Luz, e pede que a tenham na devida consideração, como do capitulo melhor se verá.

ERAM oito horas da manhan do dia 7 de Fevereiro de 1701. Os moradores de Villa Real apinhavam-se nas cristas das collinas para admirarem a cheia nunca vista do rio *Corrego*, que refervia lá em baixo debatendo-se no angustiado leito de rocha viva. Contavam-se os destroços da tempestade. Consignava-se a noite passada, como uma dessas revoluçoens da natureza, que annunciam a proxima dissolução do universo. Viam-se choupanas inteiras com os seus colmados a branquejarem nas aguas lodosas da torrente, tôros enormes de arvores, tombadas do pendor das mattas, aparelhos e armaçoens de moinhos, e rèzes afogadas em seus curraes.

Os olhos dos espantados observadores convergiram todos para um ponto. Lá em baixo, ao fundo d'um barrocal, via-se uma clareira de terreno encharcado, onde, um dia antes, os doze moinhos de Christovão da Veiga campeavam entre o seu cinto de fragas como um gracioso *chalet* na Suissa, revendo-se nas aguas serenas do *Engadine*.

— Louvado seja Deus!... O que são as coisas deste mundo!... — Dizia uma das muitas velhas que se benziam com grande apparato de devoção, á vista do tristissimo espectaculo dos moinhos destruidos.

— Que grande perda não teve o fidalgo, ó Joaquina!

— Deixa lá, que isto é castigo de Deus... — res-

pondia a respeitavel Joaquina da Luz, mulher decrepita e entendida em feitiços, quebrantos, maus olhados, e de solida religião dos *setenta annos em diante*, como diziam por alli os velhos da sua creação.

— Assim será!... Deus não dá com pau nem pedra... Ora vejam... quem ha-de dizer que estiveram alli doze moinhos! ..

— Vocês não sabem da porca dos sete leitoens?

— E' verdade, tia Joaquina, diga-nos isso como foi...

— Eu vos digo, raparigas. Vasco da Veiga, pae deste fidalgo, que Deus lhe falle n'alma, era um mau homem para as donzellas. Não havia nenhuma que elle não tirasse de casa por bem ou por mal, e depois tinha-as alli naquelles moinhos...

— E ellas deixavam-se lá estar? — interrompeu uma rapariga espevitada, e desinquieta.

— Cala-te lá que não sabes o que dizes... inda hontem te vi nascer... Estavam lá, porque estavam enfeitiçadas por arte de bruxaria... ora sabes?

— Ah!

Este *ah* era a espontanea expressão d'uma miriade de boccas abertas.

— E como é que as enfeitiçava, ó tia Joaquina?

Perguntou um rapaz de cara bicuda, expondo uma fileira de enormes dentes como provas de admiração. A velha, que tinha bem fundados escrupulos em não dizer áquelle idiota o processo de conquistar mulheres — pois bem sabia ella que pelos processos ordinarios não seria elle capaz de arranjar uma — disfarçou por pouco tempo a conversa, e continuou-a depois a meia voz:

— Ora *como é que as enfeitiçava!*... E' de tolo a pergunta!... O fidalgo fez pacto com o diabo... e Deus me perdoe, se pecco.

— Cruzes!... Cruzes!... T'arrenego!... Responderam em coro as ouvintes indignadas.

— E depois — proseguiu a velha na sua horrenda historia, cuspindo tres vezes para o chão, e raspando com-o-pé por cima — depois o diabo disse-lhe que apanhasse uma vibora entre o pino do meio dia e as duas horas...

— E depois?... E depois?...

— Depois... disse-lhe que lhe passasse pelos olhos, salvo tal logar, uma agulha enfiada em troçal preto; e que fosse ao dar da meia noite á porta da egreja da freguezia, e dissesse tres vezes umas palavras, que são assim: *Almas! almas! almas! tres enforcadas, tres afogadas, tres mortas a ferro frio...*

— Não digas, Joaquina, que não vá Deus castigar-te...

Esta edificante reflexão privou-nos d'uma preciosidade de serventia para muita gente, que se désse ao incommodo de apanhar uma vibora, e furar-lhe os olhos!... Agradeçam esta perda á snr.ª *Brazia do cabo-da-villa*, mulher temente a Deus, e forneira das melhores broas daquella terra.

— Tens razão... — continuou a velha — nem tudo se deve dizer... Vae depois, o diabo... (Deus me perdoe!)

— Credo!... credo!...

A historiadora era interrompida todas as vezes que a fidelissima naturalidade do conto urgia a palavra — *diabo!*

— O porco-çujo appareceu ao fidalgo, em aventesma, e disse-lhe: — *Pelos poderes que te dou, toda a mulher, que quizeres para ti, será tua, se lhe déres na saia, ou na camisa, ou no capote, ou no lenço da cabeça, um ponto com essa agulha enfiada nos olhos da vibora.* E, dito isto, o demonio desappareceu deixando maus cheiros.

Silencio e terror!... A velha continuou em tom mysterioso e sybillino:

— Não havia rapariga que elle não...

— Santo nome de Jesus!... Nossa Senhora da Guia... Cala-te, mulher...

Esta *Brazia do cabo-da-villa* é inimiga das oraçoens completas. Devemos ao fanatismo das velhas — ás licenças do *santo-officio* — e á *congregação do oratorio* a privação de interessantissimas noticias de costumes, que tinham para o Portugal de então a veneranda importancia que hoje nada tem por cá, a não serem os jornaes; porquanto, os contos das viboras e o pão quotidiano, apar dos jornaes conscienciosos e da fome e da vergonha... Silencio!... *Cavete á scribis...* — Foge dos litteratos — disse S. Matheus.

A velha devia ir por diante com esta chronica de intelligencias entre Satanaz e Vasco da Veiga, e a *porca dos sete leitoens*, que é o texto da historia. Se a *Brazia do cabo-da-villa* não vier tolher-lhe a liberdade do pensamento, poderemos conseguir um quadro de edificantes moralidades, senão completo, ao menos digno d'umas reflexoens que reservamos para o fim.

— Era uma vez. O fidalgo ia acolá a descer naquelle altinho que faz um cotovello para traz, assim a modo de quem quer rebentar sobre a sua direita... Vêdes, mulheres?

— Vêmos, vêmos.

— E vae... que ha-de acontecer?... uma porca, com sete leitoens, veio prantar-se diante do fidalgo... a grunhir... a grunhir, detraz para diante, e de diante para traz. E vae o fidalgo puxa da espada, e dá com ella na porca, mas foi o mesmo que dar com ella n'uma sombra...

— Appello eu!... O' mulher... tu fazes-me medo!...— interrompeu a snr.ª Brazia...— acaba lá com isso...

— E depois o fidalgo, com os cabellos arripiados, disse assim: — *Pelo poder que Deus te deu, quem quer que és, alma do outro mundo, em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, diz-me a que vens, e o que queres.* E vae a porca respondeu assim: — *Eu sou a alma de Anna Catharina, a quem tu déste um ponto no vestido, que estive comtigo em peccado mortal sete annos, e sete dias, e tive sete filhos que tu sumistes de meus olhos; e que morri sem os vêr, mas encontrei-os depois como aqui os estás vendo, e não posso entrar no céu nem no inferno, em quanto não fizeres penitencia.*

Aqui não se calculam as caretas da snr.ª Brazia! O resto do auditorio pregava os olhos lá em baixo no logar dos moinhos, e estava capaz de affirmar que via as pégadas da porca! A velha, cheia de crenças, e arbitra de terrores, via naquellas visagens apopleticas, o effeito da sua palavra profetica e fulminante.

Estas e outras scenas convenceram-na da superioridade do seu espirito entre as outras velhas. Consultada para o desmancho de varios sortilegios, e para levantar espinhela, e cortar as lombrigas, tudo isto eram crite-

rios de sobra para a sua reputação de *mulher de virtude.*

Pergunta-se: — Valiam ou valem de alguma coisa estas mulheres, e estas lendas?

Demonstra-se que taes mulheres eram um thesouro de bons costumes:

Este solo, onde peregrinamos, chamou-se um dia — *terra de portuguezes.* Não vale termos aqui um berço, uma cruz, e um tumulo de paes, que nos quizeram muito, para que isto se chame — *a nossa terra.* Tambem a grama vegeta de rastos em terreno baldio; vem depois o ferro do arado, dilacera-lhe as raizes, e ella — a humilde creatura de Deus — morre alli sobre uma valla, mirrada de sequidão. Nós, os que aqui vamos atravessando debaixo deste lindo céu, por senda eriçada de espinhos, somos tão filhos deste chão, que pisamos, como o pobre do vegetal, a definhar-se ao pé do torrão, que devêra nutri-lo de seiva. Crêde, tambem, que os nossos irmãos afortunados não são mais legitimos desta mãe cuspida nas faces. Brilha nelles riqueza e contentamento? E' porque venderam a herança materna, exauthoraram-se de filhos para lhe não consolarem as lagrimas, e ei-los que passam, frontes serenas, pelas palhas onde a mãe agonisa de dôr e abandono! Aqui — crède-mo por Deus — não ha filhos, nem mãe! Isto é um longo dia de conflagração: é Babylonia que arde nas suas entranhas: é o irmão que pisa o peito de sua irman, cahida no fosso, para fugir á espada de Dario! Esta espada de dois gumes é a fome, que se ergue d'entre os farrapos do povo espoliado para ir sentar-se á porta do abastado de ouro e corrupção. Os que vão fugindo pelas avenidas da virtude — encontram-nas tomadas por alta barreira de crimes, cuja expiação é universal. Os outros, porém, cujas paginas de má vida tem de ser para os que hão-de vir uma improba collecção de quadros insolentes de cynismo — para esses são amplas todas as sahidas, todas, porque o mesmo é para elles a fama de Belisario, pedindo a Roma, não os louros do capitolio, mas o pão negro do soldado — ou a de Atila, que vae sentar-se em throno de cadaveres para saborear a rouca assonancia dos que gemem na agonia do expirar! — Ha uma certa magestade nas grandes atrocidades. Nero é horridamente sublime,

quando o rosto se lhe affoguea no reflexo de Roma incendiada! Mas, neste morrer obscuro de uma grande terra, ha uns paroxismos tediosos e repugnantes, um apunhalar villão, uma sordidez tão vilmente enlameada nos malfeitores, que — dir-vo-lo-hei de todo o coração — quem viesse aqui vingar esta desolada victima, deveria, quando muito, cuspir despresivelmente nas faces do algoz, e deixar-lhe o ouro, todo o seu ouro, para que o amesquinhado da patria, apontando para o descaro dos ricos de infamia, podesse dizer: — Ei-los que ahi vão salpicados do sangue de sua mãe!

Achaes que não é assim que se demonstra o grande valor moral da snr.ª Joaquina da Luz? Eu acho o mesmo. Se vos apraz, risquem-se todas essas linhas duras e espinhosas de verdade, e vamos á demonstração.

E' certo, porém, que esta albergaria de forasteiros, onde nascemos os do seculo que passa, foi para os que nos fallam coisas grandes no silencio do tumulo, — uma propriedade livre e inelienavel, regada com o suor de toda uma familia chamada portugueza, e semeada providencialmente pelo grão fecundo da fé.

A seiva da religião circulava por ella; e os fructos, que vecejavam ahi nessas varzeas da vida, eram a esperança e a caridade. O homem, na angustia do desalento, colhia-os, aspirava-lhes a frescura consoladora, e os labios, crestados pelo gemer das desgraças terrenas, diziam palavras perfumadas no balsamo da crença, e não ardidas e ferozes como a imprecação do impio que blasfema. Esta patria, embalada nos braços da religião, crescida pelos affagos della, e robusta na infancia pelo leite da fé, não foi, na virilidade, ruim filha de ingratidoens para sua mãe. Longe foi ella apregoar o seu reconhecimento. Longe — ao largo como as aspiraçoens de Deus — foi ella, roteando mattas bravias, regar de seu sangue o torrão crú e safaro, onde a haste incognita da cruz bracejasse os symbolos da redempção. O filho do deserto das crenças, mais tarde, sentou-se á sombra dessas frondes, e scismou nas amarguras do Christo, e na luz da eternidade bruxuleando-lhe detraz do tumulo. — Os que viveram aqui, tão poetas e tão soldados no prestigio do christianismo, eram povos rudes e sinceros. A mão gélida e mirrada da filosofia não viera bater ainda no cora-

ção d'um filho deste Portugal abençoado; — coração, como elle seria, cheio de saudades de Deus, e brios de cavalleiro!

Vens aqui, raro leitor, dizer á penna do christão, que a virtude dos tempos idos é mentira vaidosa de imaginação romantica! Pelo céu! não esterilises a alma do que pensa, com o fastiento cynismo da tua pobre intelligencia. — Lá fóra, dizes tu, que o balsão do cavalleiro de Christo era borrifado pelo sangue do proselitismo. E não te dizem as mesmas tradiçoens que mais de uma cabeça de apostolo ceifou-a o yatagan do mouro cruelissimo nas suas vinganças selvagens? Se o turbante do agareno era insolente á mansa palavra do apostolo — se o craneo do missionario era partido contra as paredes da mesquita, não iria primeiro a espada e o terror traçar entre selvagens o eido para a cruz?! . . . Não queiras que o evangelista daquelles dias de ignorancia convertesse momentaneamente á eloquencia da Biblia a mente bravia do filho dos bonzos. Era forçoso hastear a cruz sobre a peanha do idolo, depois — deixa-la fallar a sua linguagem mystica; deixar que os olhos do Nazareno, quebrados pela morte, vertessem para o intimo sentir das creaturas perdidas aquelle raio desfallecido — aquelle sôro das ultimas lagrimas choradas sobre Sião — porque nesse raio, e nessas lagrimas está o drama tocante da Redempção.

Cicatrisai-me este cerebro chagado das gottas venenosas da filosofia; soltai-me o coração deste carcere angustiado de tristonho materialismo — dai-me um dia dos seculos passados, e a enfesada haste da vida, que tão depressa emmurcheceu ao sol da civilisação, poderá florir uma primavera de alegres hymnos para o meu Deus, e de amor fervoroso para a minha patria. Levai-me ao seio do povo, como elle foi, antes que a grande taça do absynthio das cidades, no extravasar da corrupção, lhe vertesse a gota gangrenosa da indifferença hypocrita do atheu. Quero vêr os codigos de moralidade, os compendios de direito natural, as theorias pomposas de fraternidade, que encaminhavam as multidoens por estrada limpa de vilanias até á nave do templo: quero-as vêr, as multidoens ignorantes prostradas em torno da cruz no descampado — amigas e abraçadas nos negocios da vida terrena — ternas e virtuosas quando constituidas em familias.

— Esses codigos não existem, porque não existiram. No passar d'um seculo iam mortas as intelligencias; no seculo seguinte o ecco das tradicçoens afrouxava, calava-se, ao passo que no tumulo eram pasto de vermes os labios donde fluira a palavra da virtude chã e desenfeitada do ouropel da fylantropia vã. A lei era uma só para a prevenção de todos os delictos — *a religião.* — Não era o monge que ameaçava as turbas com a vingança de Deus, offendido por crimes que lá iam no intimo viver das familias. Esse vinha ás vezes acercar-se de velhos e creanças á sombra do carvalho do cemiterio, abria o livro de Deus, e explicava á intelligencia humilde do povo as sublimidades do christianismo. Não vinham alli as miserias humanas conspurcar o ungido pela poesia do evangelho. As miserias humanas, os peccados do recondito viver do homem, outrem era que os trazia a um tribunal lugubre e pavoroso, donde innocentes e criminosos sahiam avexados de terror, e contricção. — Não era a prova acerba e atroz do ferro em braza, nem a lavareda maldita do facho inquisitorial: — eram os contos das almas penadas, a moralidade das aventesmas e lamentaçoens no adro das egrejas, a sombra que remoinhára, ao cantar do gallo, na encrusilhada, e a visão luminosa que bruxuleara por entre os silvados da montanha... Riem-se? A filosofia tem um riso que é muito seu. Diogenes, que foi um grande filosofo, tambem tinha um riso empavonado de motejo; mas — coitado! — os herpes da immundicie formigavam-lhe nas costuras da tunica..................

A um canto do escabello do lavrador sentavam-se, á noite, no serão, a velha venerada na aldéa pelos seus raros cabellos brancos, e pelas grandes coisas que ella tinha visto. Em volta do tóro abrazador sentavam-se ao lar com ella os filhos dos seus filhos, e a familia do lavrador visinho. Depois que em sons melodiosos as moças cantadeiras tão suavemente diziam uns versos á Virgem Maria, ou a lenda de *cégo pelingrino* — a velha chegava-lhe a sua vez de rainha do serão, espiava a sua roca, fallava, e então era profundo o silencio, profundo o terror ou a admiração, e os labios pasmavam entre-abertos nos *ahs* de medo ou de contentamento.

— Ha cem annos — dizia ella — no crasto d'*Escarei*, santa vida vivia um lavrador com sua mulher e sua filha.

O filho d'outro lavrador visinho era um moço de ruins costumes, e mau coração, porque o demenio entrára nelle...

Aqui benzia-se o auditorio, e a velha continuava:

— Bem apessoado era elle, e não havia rapariga solteira, que o não quizesse para a egreja · mas elle não queria nenhuma, porque, (Deus me perdoe) o demonio entrára com elle!... A filha do lavrador do crasto era bonita, como vós outras raparigas, e, coitada da pobre, tinha um amor cégo ao rapaz... que era uma coisa por demais!...

— Coitada da pobre! — diziam as raparigas.

E a velha proseguia:

— O demonio tentou-o a fallar á rapariga para maus fins...

— Não era lá grande homem!... — interrompiam os rapazes.

— Não era, não... A rapariga venceu-a a tentação, e perdeu-se!... E' como vos digo... Vós não sabeis o que é o espirito mau quando tenta almas para o inferno!... O mau homem enganou-a com o casamento, e deixou-a com um filho no seu ventre, a chorar de dia e de noite...

Os que a ouviam choravam tambem. O terror apertava-os por dentro; e o zumbido dos fuzos cessava, por que as almas pendiam suspensas nos labios da que contava uma historia de crimes e expiaçoens.

— Os velhos paes daquella moça deshonrada na aldêa, morreram de desgosto e de vergonha... A pobre rapariga morreu de parto... E a alma condemnada do maldito não póde entrar no céu, nem no inferno!... A' meia noite, no crasto d'*Escarei*, uma sombra amortalhada, vem sentar-se á porta do pardieiro onde viveu e morreu a filha do lavrador... Pede perdão, mas a quem? Lá vão todos que podiam perdoar-lhe... e mais não sei... porque, parece-me que não ha perdão para o que foi a causa das vergonhas de uma rapariga boa e perfeita...

Terminado assim o conto, vinha o cantar do gallo annunciar a meia noite. Cada qual accendia as suas palhas, e ia para sua casa, resando materialmente um não acabar de oraçoens contra *espiritos ruins*.

No domingo, que vinha, o rapaz, que ouvira a his-

toria do terror, ajoelhava aos pés do confessor, e dizia: *padre tive um mau pensamento!* Os que o viram erguer-se ante a benção do sacerdote, disseram, á tarde, no soalheiro, que o rapaz trazia chorosos os olhos, mas não havia adivinhar as lagrimas contrictas do homem. E' certo, porém, que, pelo que se dizia, o moço, depois dos contos de almas penadas por causa da deshonra de uma mulher, entrára na egreja com a sua conversada de muitos annos, e lavava-se da nodoa peccaminosa de um mau pensamento, na banho aprovadissimo do matrimonio, e depois, como é de esperar, elle e sua mulher tinham filhos, felicissimos, como era justo e cabalmente romantico.

Quem não fôr bronco de intelligencia concordará e dará por demonstrado, que o valor moral da snr.ª Joaquina da Luz era como o d'um thesouro de bons costumes.

No capitulo immediato veremos se esta respeitavel *mulher de virtude* nos aterra com a historia de alguma outra porca, ou bicho damninho, ou outros quaesquer maleficios, como ligamentos, obras de veadeira, carantulas, e feitiços dados na comida a alguem, para querer bem ou mal a outrem, ou adivinhar em cabeça de homem morto, ou passar doente por debaixo de troviscos, ou em lameiro virgem... etc.

CAPITULO XIII.

Grande capitulo, em que a snr.ª Joaquina da Luz suspeita que o diabo se mettesse no corpo de D. Isabel da Veiga, e as duvidas do sapateiro a esse respeito. Vê-se o que é um fidalgo se lhe tocam na familia, e o que seria do tocador se por grande vilta nascesse plebeu. Salto prodigioso que o auctor dá para traz, e convence-se o leitor que seria peor saltar para diante.

O GRUPO de creaturas, assombradas pelo espectaculo da tempestade, conservava-se ainda ruminando a historia da porca e sete leitoens, quando mestre Antonio, o bem conhecido sapateiro, abordou por alli concentrado, meditabundo, e assim a fugir para o romantico.

— Ora, salve-as Deus!

— Deus o salve, mestre Antonio — responderam as velhas á saudação fria, e melancolica do sapateiro.

— Então?... estão vm.ᶜᵉˢ a verem os estragos da noite passada, heim?...

— Bemdito seja Deus, e sua santissima mãe!... Não consta assim uma coisa!... — respondeu a snr.ª Joaquina dando á fisionomia umas certas rugas de santidade.

— Que me dizem aos moinhos do fidalgo!?

— Que lhe havemos nós de dizer, tio Antonio!... é um louvar a Deus!...

— Quer não... O fidalgo não ha-de empobrecer com isto — disse a snr.ª Brasia *do cabo-da-villa.*

— Inda o peor não é isso...

— Então, tio Antonio, então?

— A fidalga fugiu esta noite.

— Que diz vm.ce, mestre Antonio?!!—bradou o grupo inteiro com um só brado, com uma só visagem rustica, parva, e alvarmente estupida.

— E' como vos digo... A fidalga fugiu, e ninguem sabe com quem, nem por onde, nem para onde... Parece que anda aqui...

— Sortilegio de bruxedo, não é isso, mestre Antonio?...—interrompeu a snr.a Joaquina.

— Lá isso... não direi tanto, mas obra do diabo, como diz fr. Antonio das Dôres... não sei que vos diga...

— E' obra do diabo, não póde ser outra coisa... —affirmou ainda a snr.a Joaquina.

— Ora pois... mais teremos ainda p'ra vêr... Cada qual encommende-se ao seu anjo da guarda, p'ra que o livre de maus olhados, e visinhos da porta... Anda d'ahí Maria, vamos p'ra casa, que são horas de amassar a fornada.

Já vêem que era Brasia—a padeira—fechando a sessão pelo que dizia respeito a ella, e a sua neta Maria.

O grupo desconjuntou-se, ramificou-se, e dispersou em fragmentos pelas viellas tortuosas da villa velha. A snr.a Joaquina, porém, sentada na unica escaleira da capella-mór de S. Diniz dava-se tractos por decidir o processo de que o demonio se servira para tirar de casa a nobre e casta filha de Christovão da Veiga.

— O' tio Antonio!—se lhe não custa, olhe aqui.

O sapateiro, que d'alli perto, contemplava os destroços da cheia, veio-se chegando da velha com certos visos de impaciencia e aborrecimento.

— Então que quer, tia Joaquina?

— Vm.ce nunca ouviu dizer que o demonio costuma metter-se no corpo dos homens para tentar as mulheres?

— Nada; eu nunca ouvi dizer isso, dos annos que tenho.

— Pois olhe, eu cá não sei, mas... a modo de dizer, augura-se-me que a fidalga... sim... isto é um modo de fallar...

— Que a fidalga, o que?

— Vm.ce a modo que está assim inquisilado! Olhe que aqui onde me vê tenho setenta annos, e tenho visto muita coisa... Olhe que já me lembro da acclamação

do snr. rei D. João IV, que Deus tem, e das guerras todas dos hespanhoes, por signal que meu pae, Deus lhe falle n'alma, poz luminarias de casca de laranja, que foi uma coisa fallada em casa do snr. Roy de Niza, que tambem já lá está, que era alcaide-mór desta villa, e que agora está alli enterrado naquelle carneiro em S. Domingos, carregando p'rá esquerda como quem entra pela porta da ilharga...

— Acabe lá com isso, mulher! .. Eu importa-me cá saber dessas coisas?!

— Não, qu'isto é p'ra vm.ce vêr que tenho visto coisas, que não sei o que lhe diga...

— Se não tem que me diga, fique-se com Deus.

— Olhe cá, mestre, eu estou porque a fidalga fugiu com homem, ou coisa que o valha...

— Ora, deixe-se disso... Tape lá essa bocca...

— O que? Que tape esta bocca... Então, diga-me vm.ce, que é tão atilado, que fim levou a fidalga!?...

— Se quer que lhe falle a verdade... — disse de manso o sapateiro, como quem quer transigir amigavelmente.

— E o fidalgo... como não estará elle?!... coitado...

— Está com umas furias, que parece endemoninhado!

— Então foi espirito ruim que se metteu na familia...

— Seria, seria... Até logo, tia Joaquina... Se souber onde a fidalga está faça favor de m'o dizer a mim... ouviu?...

— Póde ser que saiba... Se fòr demonio, com ajuda de Deus, hei-de sabe-lo...

— E se fòr demonio á laia de homem?...

— Isso lá...

— Isso lá a modo que sempre tem que se lhe diga... Se botar as cartas, tia Joaquina, dè parte do que souber... Adeusinho.

Mestre Antonio não precisava consultar o espirito das trevas. Bem sabia elle que o demonio, que presidira á fuga de sua ama, era de natureza de homem, e muito homem. Escarnecia lá por dentro as adivinhaçoens da velha, e, abandonando-a, com um riso critico-filosofico, era, sem elle o saber, a preexistencia destes encyclope-

dicos do dia, que lá tem as suas razoens para se rirem de espiritos pequenos, que recorrem ao sobrenatural no entendimento de coisas, que, no saber dos grandes, estão muito abaixo da maravilhosa descoberta das minas da California.

Todavia, o sapateiro não estava em bons lençoes. Era de presumir que aquella boçal Gertrudes o compromettesse. Era natural que Christovão da Veiga o mandasse despejar o sotão, quando se não lembrasse de lhe mandar zurzir o forro da camisa. Era possivel que o fizesse responder da cadêa pelos amores de D. Ignez. Tudo podia ser, e em tudo ia pênsando sériamente o sapateiro, quando, já perto de casa, viu brilhar entre duas pedras, descalçadas pela enchurrada da chuva, alguma coisa que o fez curvar, e mesmo distrahir das suas previsoens sinistras. Depois, entre os dedos verrugosos de mestre Antonio, luzia um annel de ouro e diamantes, com umas letras que elle não entendeu, mas que suppoz serem, em latim, o nome do dono ou dona do annel.

Em consultas comsigo, e com sua mulher, mestre Antonio resolveu por fim guardar religioso silencio ácerca do annel, visto que, offerecendo-o em venda a ourives da terra, correria o risco de restitui-lo, por causa daquellas letras, que, tambem na prudente opinião de sua mulher, representavam o nome da pessoa, cuja fôra o annel.

Nestas e n'outras praticas prudentes estavam mestre Antonio, e sua mulher, quando mui terminantes ordens o chamaram ao quarto de Christovão da Veiga. O sapateiro era homem de presença de espirito: mas o sangue alvoroçou-se-lhe lá por dentro, e a snr.ª Bernarda Maria viu que seu marido não estava bom. A pobre da mulher ignorava tudo! A não constar do manuscripto, eu não acabe este capitulo, se eu acreditasse no segredo do sapateiro com sua mulher! Pois é assim que o manuscripto resa, e diz elegantemente em bonitos estribilhos do seculo XVII:

Que tão acautelado pensava elle das mulheres, que como quem por ellas deve ter cautelas mil no pensamento, que muito era não confiar segredos amorosos á propria mulher pois que da alheia de tamanhos amores confiança recebera. E posto que por mais sagradas mais se-

gredos, não foi capaz o sapateiro de achar na sua mulher capacidade para revelar-lhe coisas que por mais reveladas mais perdidas, que perdidas sam mulheres a outras reveladas.

Ao certo não diremos se a pura versão deste cadenciado dizer é que a snr.ª Bernarda não merecera a confiança de seu marido; parece-nos, porém, que o manuscripto, sempre em harmonia, estabelece as provas deste fenomeno, no seguinte dialogo:

— O' Antonio, tu parece-me que não estás correito!

— A'gora não... E' que não sei p'ra que o fidalgo me mande chamar ao quarto.

— P'ra que ha-de ser? p'ra te mandar a algures saber da fidalga...

— Será, mas eu tenho medo que o diabo da Gertrudes...

— Da Gertrudes? que tens tu lá com a rapariga?... Diz, homem, pareces-me tolo!

— Não é nada, mulher... Deixa-me, não vá o diabo da rapariga...

— Não vá onde? A Gertrudes foi-se embora á migalinha...

— Foi-se embora!

— Ella foi; o fidalgo parecia coisa ruim, e a rapariga deixou-me aqui os farrapinhos della, e disse-me que cá os mandaria buscar...

Nova intimação ao mestre sapateiro. Desta vez lá vae com cara de parvo, e, não faz mingoa jura-lo, capaz de se dar ao diabo e mais a sua preponderancia nos amores de D. Ignez.

Na presença de D. Christovão da Veiga, e de alguns franciscanos e dominicanos — todos mudos e severos como em trintario cerrado — estava o bom do sapateiro, tremulo e encolhido como em presença de inquisidores. O fidalgo não déra pela entrada do sapateiro. Com o rosto escondido entre as mãos e o peito — nessa, que é a postura mais afflictiva do homem que se sente devorar no intimo — Christovão da Veiga, cansado das consolaçoens monasticas de seus numerosos amigos frades, ergueu a veneranda cabeça, quando, mestre Antonio exclamou com meliflua intonação: — *A's ordens de v. exc.ª!*

Veiga levantou-se, e acenou ao sapateiro que o seguisse.

Na sala mais remota, fidalgo e sapateiro fecharam-se por dentro.

— Sabes, Antonio, as desgraças que me vão por casa?

— E' verdade, fidalgo, já lá me chegou a triste nova...

— Da fugida de minha filha... daquella que eu esperava ter comigo até morrer...

— Ora, pois, como diz lá o dictado — o bom filho á casa torna.

— Quem sabe, Antonio, se a estas horas... Maldita idêa...

— Olhe, fidalgo... (Note-se que o sapateiro recuperára todo o seu vigor espiritual.) Eu não sei quem foi a culpa destas desgraças... Por ahi dizem que o snr. conde de S. Vicente pedira a fidalga em casamento, e que v. exc.ª não quizera dar-lh'a a troco de umas desavenças sobre o sangue de cada um... Olhe, fidalgo, lá os antepassados de v. exc.ª sam de sangue real, mas os do snr. commendador de Panoias, tambem diziam os velhos que não era somenos em linhagem que os Veigas...

— Quem te pergunta a ti por essas coisas!? Eu o que quero é a minha filha em casa.

— Honra lhe seja feita, snr. D. Christovão, isso é que é ter coração de pae... Eu logo disse á minha Bernarda, que v. exc.ª tarde ou cedo chamava os dois esposos para a sua companhia...

— E chamo, porque não posso viver sem ella... Não quero estas vergonhas, que me matam... E' preciso segui-los, e não tenho alma de pedir a algum dos que por ahi estão nessa sala o encargo de os chamar... Se tu fosses, Antonio, seguindo-os até os encontrares...

— Vou, fidalgo, e hei-de topa-los, se Deus quizer, porque não podem ir muito longe, que a noite não esteve para andar muito...

— Pois então, vae, parte, que te apparelhem um macho, depressa, e diz a minha filha que venha para casa, que seja esposa do conde de S. Vicente, mas que o seja sem envergonhar seu pae... Entendes-me, Antonio? como has-de dizer-lhe?

— Que venha para casa quando quizer, e que o snr. conde póde tambem vir, que a troco do casamento não ha-de haver nada...

— Bruto! — rosnou por entre os dentes D. Christovão. — Espera... Eu vou escrever-lhe...

E' o que o fidalgo ia executar no quarto proximo, quando o tintinar das campainhas de uma liteira, e depois o borborinho de muitas vozes lá no interior dos saloens o sustiveram encostado á hombreira do quarto.

— Quem chegaria? — perguntou D. Christovão ao sapateiro.

— Se v. exc.ª quer, eu vou saber.

— Naturalmente é o primo de Simães, ou o primo Osorio de Mondim... Seja quem fôr... Dá ordem ao meu capellão que mande esperar...

Mestre Antonio encontrou o capellão que vinha demandar o fidalgo!

— Mestre Antonio, onde está o fidalgo?

— Está lá para o quarto, e diz que mandasse v. s.ª esperar o fidalgo que chegou.

— Vá dizer-lhe que é seu filho Pedro.

— Seu filho Pedro!

— Ande, não se demore.

Fizemos dizer uma vez a D. Christovão — que tinha um filho, chamado Pedro. Este Pedro com que abrimos esta historia, segundo nos era permittido pelas leis do romance moderno, é justamente o filho de Christovão da Veiga.

Não sam bem liquidas no manuscripto as razoens que levaram o joven Pedro da Veiga fóra da patria, por esses dias que o viver dos nossos fidalgos de provincia era a negação absoluta do saber pelo viajar, e do viajar pelo recreio. O fidalgo de então tinha a sua liteira, a sua parelha de bons machos, a sua casaca de seda para a solemnidade de *Corpus Christi*, e a sua galeria de retratos a pincel de ladrilhos — coisa admiravel! A sua vida era fluente, socegada, e descançada como um gordo volume da *academia dos humildes*. — Era uma vida de estagnação, apenas serenamente agitada na occasião das ceifas, em que o fidalgo se levantava um pouco mais cedo para contar os almudes de vinho que entravam no tonel, e os alqueires de milho que atulhavam as caixas. Depois, o

neto dos Castros e Coelhos e Athaides acordava só em dias de feira para perguntar o preço dos cereaes.

Maravilhoso é, por tanto, o pensamento de Pedro da Veiga, nas suas viagens por Italia, durante quatro annos; e persuade-nos o proprio gosto de romances — que não é coisa que faça pena esta falta de esclarecimentos. O que devéras se declara para maior realce desta historia é que Pedro da Veiga ficou sériamente assombrado, quando deu de cara n'uma duzia de frades, que cercavam lugubremente o fogão onde elle esperava encontrar seu velho pae, e sua linda irmã, saudosos por o abraçarem, e surpresos de o verem inesperadamente.

Os frades, não menos espantados, ergueram-se a abraça-lo, e sentiram dolorosamente annunciar-lhe a infausta nova da fuga de sua irman.

— Meu pae não está em casa? — perguntou o mancebo, mal contente dos venerandos amplexos das duas ordens de S. Francisco, e S. Domingos.

— Sim, senhor... seu pae está em casa, adoentado, é verdade, mas vae vivendo — respondeu fr. Antonio da Encarnação mestre de latinidade, rhetorica, e doutrina christan no seu convento.

Neste meio tempo é que o padre capellão se apressára a annunciar a Christovão da Veiga a boa-vinda de seu filho. O velho sentiu-se indemnisado de todos os desgostos quando lh'o annunciaram. Seguindo os primeiros impulsos do coração dirigia-se para a sala, quando o filho impaciente lhe sahiu ao encontro, abraçando-o em transportes de saudade. Pobre velho, as lagrimas e o silencio eram a saudação que elle teve para a metade que lhe restava do seu thesouro! Como se precisasse do coração da sua Ignez para quinhoar daquella tamanha alegria, Veiga, como suspenso entre o prazer e a amargura, parecia um pae de entranhas frias, obrigado pela hypocrisia a receber um filho nos braços.

— Meu pae!... eu desconheço este modo de receber-me...

— E não me desconheces estas faces acabadas pelo soffrimento?... Vem comigo ao quarto, meu filho... Antes de chorarmos ambos, tenho que dizer-te...

Mestre Antonio, perfilado a respeitosa distancia,

quando viu transtornarem-se os planos do fidalgo, observou com a costumada humildade:

— V. exc.ª quer que eu siga o meu destino?

— Não: por ora não: espera um pouco, e veremos depois.

— Ora, queira Deus que a chegada do fidalgo novo não venha cá fazer mais desarranjos! — Assim disse lá comsigo o sapateiro, muitas e repetidas vezes, até que adormeceu serenamente sobre um escabello da immensa fileira de escabellos que decoravam os saloens, e corredores de D. Christovão.

Os frades, desenganados da incompatibilidade do almoço com os acontecimentos do dia, sahiram um a um até coarem-se todos juntos, pelos aditos dos respectivos refeitorios, e, resignados com a vontade do Senhor, diz o manuscripto que passaram o resto do dia, sentindo azedamente as desordens da casa dos Veigas, e pedindo nas suas oraçoens a pacificação da familia, para melhor harmonia dos almoços e jantares.

Pedro da Veiga ia perguntar se sua mana estaria doente, quando seu pae lhe atalhou a pergunta por este singelo e terminante annuncio:

— Tua irman fugiu esta noite de casa.

Pedro cruzou os braços, fez-se branco como os folhos da sua camisa, cravou olhos de terror e delirio nos do pae que choravam de colera ou de amor, e esteve assim longo tempo leso de espirito e de corpo.

— Parece que te assombraste de mais, rapaz!...— continuou D. Christovão — Tua irman fugiu; mas a Providencia quer que a honra não fugisse com ella de nossa casa...

A estatua parecia animar-se. Era menos carregado o semblante de Pedro da Veiga; mas á anciedade do terror, confuso de uma tal nova, succedera-lhe a da curiosidade. Ha pouco era o sangue que lhe refluira ao coração, e ameaçava quebrar-lho; agora é todo esse sangue que lhe ferve até ás pontas dos cabellos agitado pelo sentimento rancoroso d'uma vingança provavel. Mais de tres vezes o convulso moço perguntára ao pae os promenores da fuga de sua irman. O velho preparava-se para contar as occorrencias deste infausto acontecimento, desde a chegada do conde de S. Vicente a Villa Real — mas o filho

embaraçava-o com as suas inquietas posturas de impaciencia.

— Eu te conto, meu filho... Tu sabes que a nossa familia primou, entre as primeiras, na nobreza immemorial...

— Sim, meu pae, sei; mas diga-me o que mais preciso saber... — minha irman foi seduzida por algum vil sevandija da plebe?...

— Não — louvado seja Deus!... não; não é da plebe, é nobre como tu, e tão nobre como ella; mas... eu não sei quem teve a culpa desta desgraça...

— Que desgraça... meu pae?... falle, senhor, que me afflige com meias palavras... quem é esse homem?

— E' o conde de S. Vicente — é o morgado dos Tavoras.

— O conde de S. Vicente! Quem é aqui o morgado dos Tavoras para violar o decoro de nossa casa!?

— Meu filho!... serenidade. O decoro de nossa casa não está violado... Fui eu que me enganei nos meus caprichos...

— Explique-se, meu pae!...

— Tua irman foi-me pedida...

— Por o conde?

— Sim, e recusei-lh'a, porque antes disso...

— O que?

— A nossa linhagem foi menospresada por esse fidalgo ironico, frivolo, e incapaz de respeitar a nobreza de sua mulher.

— E depois?

— Não ha mais nada. Tirou-me a filha, e não sei com verdade...

— O que elle fará della, não é assim?

— De certo...

— Mas devemos sabe-lo, hoje mesmo, senhor. Já pelo trilho dos seus cavallos — já, e immediatamente... Eu, eu só perguntarei ao conde de S. Vicente se um Tavora, mais nobre que um Veiga, praticando a infamia de um rapto, é capaz de manter, á ponta da espada, a puridade do sangue vil que lhe farei saltar das veias...

— Pedro... E' necessario que me attendas. Tens um pae, não menos que tu, brioso no seu pundonor. Se

este desgraçado acontecimento fosse mancha de deshonra na face limpa de meus brazoens, crê que estes braços de velho não se ergueriam a mendigar estranhos para defesa propria. Sou pae: quando os teus olhos vertessem lagrimas, estes verteriam sangue, meu filho. Não é á ponta da espada, e neste seculo, que se vingam estas offensas intimas e reconditas de familia. Desgraçados de nós se nos é preciso lavar com o sangue do raptor uma perpetua mancha de atroz... deshonra em tua irman... Não o creias... Deus não quer este enorme peso de aviltamento sobre o meu tumulo...

— Meu pae, não vale aqui o chorar... Diga o que cumpre fazer...

— E' aquillo que eu estava praticando no momento da tua vinda. Enviemos um homem pela estrada do Porto até encontrar o conde. Mande-se-lhe uma carta de boas palavras; e outra a tua irman, para que ambos venham a esta casa, e se unam sem escandalo, sem subterfugios clandestinos, e vergonhas daquella pobre pequena...

— *Daquella pobre pequena* — diz meu pae! Bem pobre que ella é de sentimentos grandes!... Bem pobre dessas virtudes, que eu esperava aqui vir encontrar em uma irman que deixára innocente, singela e isempta no seu nobre orgulho... Tenho-lhe odio...

— Cala-te, Pedro!... Que é do fructo de longa experiencia que devias colher nas tuas viagens? Passaste de olhos vendados pelo mundo!... Ignoras mesmo o que está dentro em ti!... Não sentes esse impulso de coração que despedaça as mais duras prisoens do orgulho humano? Comprehende-te, Pedro. Se tiveste uma dessas poucas fascinaçoens de rapaz .. se amas como na tua idade teu pae se não envergonhava de amar...

— Basta, meu pae; eu obedeço-lhe, e calo-me... Irei eu mesmo; quero ser o mensageiro dessas cartas. Fallarei a ambos; não serei vil com o conde, nem cruel com minha irman... Se as intençoens forem sagradas elles virão aqui mesmo ajoelharem-lhe, meu pae, e depois... seremos outra vez felizes — e nem mais uma lagrima, nem mais uma deshonra, porque se outra irman me restasse... não seria ella o espelho do vilipendio em que minha face...

— Não falles assim... Não fallemos em deshonra... Queres partir, meu filho?

— Já, se m'o consente.

— Promettes-me a maior discrição?

— Juro-a.

Em consequencia destas prudentissimas resoluçoens, o leitor de boa fé, e as mães de familia, a quem a noticia deste acontecimento chegar, sentem-se possuidos da romantica alegria que — digam lá o que disserem os estoycos — vem sempre consolar-nos da ingrata leitura de scenas amarguradas. Aqui a consolação dá-no-la a proximidade de um casamento que deve celebrar-se a contento de ambas as partes, e sem vergonhas do mundo. Se as nossas esperanças se realisam, o copista destas coisas não dará mais credito a agouros de anneis perdidos, e de noites tempestuosas, e contrafeitiços de quantas *Joaquinas das Luzes* lhe vierem dizer onzenices neste val de lagrimas, e parvoices. Nós mesmos ignoramos o que vem adiante no manuscripto. Ha aqui uma especie de taboa quebrada neste pontilhão romantico; e ahi vamos nós galgar o passo, porque não temos outra vereda segura que nos encaminhe a D. Ignez da Veiga, e conde de S. Vicente.

Por uma especie de pelotica romantica, fomos, por debaixo de chuva e trovoada, syndicar o que era passado em casa de Christovão da Veiga, e deixamos a salvamento os fugitivos, além do ribeiro, fazendo suas reflexoens tragicas e necrologicas aos perigos passados e á morte do cavallo. Sigamo-los agora, e não esqueçamos que os tres lacaios do conde, por não poderem transpor a torrente, ficaram da parte de cá, ou de lá, segundo a linha em que o leitor estiver collocado.

D. Ignez de espirito robusto e varonil, bem menos melindrosa que as nervosas senhoras da actualidade, sentiu-se gravemente dos incommodos corporaes. A vida exaggerada, que lhe pulava no coração, como as cortorsoens musculares de quem sonha cemiterios e cadaveres, resfriara-lhe subitamente, e a debil menina, como desposada de emprestimo de vida, mal podendo suster-se na sella incommoda, nem forças tinha para responder ás palavras de animação, que o conde, mais timido que ella, lhe fallava.

O peior estava passado. Muito perto rugiam os soutos e pinhaes que circuitavam a vasta aposentadoria do senhor de Panoyas e Margaride. D. Ignez apeára, e sobraçada ao seu conde, subia lentamente a encosta em cujo cimo negrejava, erguido entre carçaes de espesso cômoro, o gigante de cantaria, o castello dos Tavoras, grave e carrancudo como a fachada tumular de marmore negro, á luz baça do archote, que treme na mão do que visita as catacumbas romanas. Negras eram as azas do pensamento que voejara do coração de D. Ignez para os miradouros angulares do castello! Com a vista turbida e perplexa, a amante de Tavora parára diante daquellas paredes, qual se a negridão que as entristecia, fosse o enorme crepe do gigante levantado em seu sarcophago. Que era lá de fascinador nesse monte de pedras, que assim travava do espirito flebil e timorato de uma virgem de dezoito annos!? Não o sabia ella mesma, talvez; não o sabia o conde; mas poderia adivinha-lo quem por dorida experiencia de infortunios, creasse um methodo de explicação entre o coração e o terror, o presentimento e o futuro. E esse methodo, impossivel de formular-se e exprimir-se com linguagem de escóla, não é, já hoje, uma simples chymera para muitos que ahi passam calados com os seus infortunios; é, fatalmente, uma verdade sincera, sem molde na arte, perdida na enredada sciencia de fenomenos psycologicos, mas tão sentida e reintrante nos seios da alma, como o sentia D. Ignez da Veiga, diante do aggregado insensivel de pedras quietas e inoffensivas como vasta pyramide de ossadas corroidas.

— Queres aqui ficar assim extasiada diante do teu castello, Ignez?

Era inutil o sorriso com que o conde embalsamava esta sua pergunta jovial e despertadora. Ella não respondera, e permanecia, sustendo-se no braço delle, a olhar, a olhar, para cima, como a cotovia, aninhada no restelo da varzea, para as azas negras do milhafre, que esvoaçassam libradas sobre ella.

— Então, minha filha, vamos?

— Ah! conde... eu estou soffrendo tanto!... Tenho aqui o coração a dizer-me tantas coisas tristes... Este teu castello aterrou-me de um modo tal...

— E tens medo a essa montanha de pedras?

— Medo!... eu sei cá o que é este sentimento...

— E' medo!... Ora *surriada* minha creancinha que tem medo ao papão!...

— E tu não sentes nada, ó Tavora?

— Eu!

— Sim... tu não tens aqui dentro nos segredos da alma uma ameaça para o futuro?

— Não, Ignez. Dentro daquellas portas espera-nos a paz de toda a vida. A tua saude, e o teu amor, minha querida, é o que eu peço a Deus e a ti. Não será Deus nem tu que me tornem depois infeliz... Não me diz nada o coração, que me atemorise... O teu... diz-te muito?

— Oh!... muito!...

— Pois já que o ouviste, ouve-me tambem agora. Vamos daqui: estás gellada, precisas de agasalho e descanso... Não me ouves, Ignez?

— Ouço-te, sim: mas... livra-me desta agonia que me tira a respiração!...

Era realmente incomprehensivel o soffrer daquelle anjo. As lagrimas, descendo-lhe nas faces frias, gelavam-se, e, nem ao menos, lhe descontavam na dôr a porção que vem travada no amargor do pranto.

A breve distancia do castello á aposentadoria foi custosa de vencer para D. Ignez, que, finalmente, se deixou encaminhar, quasi passiva como um authomato, e como se o espirito lhe ficasse consubstanciado nas ameias dentuladas do castello.

Em torno da casa era o profundo silencio das ruinas. Os cães de lobo açaimados no quinteiro rugiam a seus incognitos amos, e os caseiros, que vellaram toda a noite, appareciam nos patamares das escadas com as classicas candeias para receberem os nobres esposados.

— Como vem enfiada, minha fidalga!... benza-a Deus, que tão bonita e delicadinha é!...

Assim dizia a tia *Benta do João*, quando a nossa linda fugitiva lhe lançava o braço esquerdo em volta do pescoço, para se amparar na subida dos cincoenta degraus da escada.

D. Ignez sorriu-se á simplicidade da tia *Benta do João*, cujo appellido era o nome de seu homem geralmente conhecido pelo *João da Benta.*

O interior dos casaroens dos Tavoras, ou da *casa da renda*, como, com mais propriedade, os foreiros lhe chamavam — era uma sombria esplainada de saloens irregulares, escuros, e vazios. A voz e os passos despertavam por lá uns eccos soturnos a reboarem por aquelles desvãos, coisa melancolica de ouvir-se. A' excepção de um sobrado quadrangular, tecido no tecto por grossas vigas de castanho, com a sua rosa de arabescos talhados a enxó, o resto desse longo dormitorio de aranhas, e ratazanas prodigiosas em corpulencia, eram caixas de pedra, tapadas de ripas e colmo, respirando por grandes fendas gothicas e manuelinas.

Esta é a fugitiva descripção da moradia de D. Ignez da Veiga e conde de S. Vicente na madrugada de 7 de Fevereiro de 1701.

A fallarmos do quarto do mordomo, na ausencia do senhorio, nada teriamos a contrastar com o apparato das salas. Era um quarto de cantaria, sobradado de taboas carunchosas, e forrado de castanho com alguns lavores grosseiros, informes e descommunaes. A mobilia resumia-se a um catre de pau preto, com armação de velhos damascos, afóra uma guarnição de espadas e cravinas, que ao mesmo tempo, lhe davam o aspecto bellicoso de um arsenal de monteiro-mór de provincia.

Ignez atravessou por todos esses tristonhos saloens até ao quarto; ahi, quebrada de forças, e enregelada de frio, mal sentiu a ausencia do conde que se despedira, recommendando á snr.ª *Benta do João*, que fizesse deitar a snr.ª condessa, despindo-a e agasalhando-a com quanto desvello podesse.

O conde, feitas as necessarias mudanças nos vestidos molhados, partiu para o castello. Já dissemos, no rapido esboço desse mal denominado castello, que não era pelo apparelho de uma só peça quadrangular, coroada de ameias, e aberta em primorosos balcoens a meio pano — que deviamos considera-lo fortaleza ao molde de algumas ruinas, que mui raras se deparam em Portugal. Não temos noticia de outra machina de pedra assim construida e duvidosa no seu uso. Folheando quanto nos foi possivel os solares dos extinctos Tavoras, e mesmo os foraes da terra de *Panoias* ou *Panonyas*, encontramos o silencio semelhante não sabemos porque a esse enorme

tumulo, que nada conta de si aos que ainda hoje quizerem, na solidão do seu pardieiro, chamar alli o nobre fundador a razoens de arte. O povo, ao menos, baptisando-o *torre de D. Chama*, explica um facto adulterado segundo o seu costume. Até onde o manuscripto fôr com o seu escalpello, na descoberta deste facto, iremos nós tambem. Se a crença popular não fôr mentida, a historia da moura que nos foi contada por o tio *Antonio da Maria* deve tér o seu desfecho tragico neste anno de 1701.

Temos gasto muitas palavras para dizermos que o conde de S. Vicente, para transpor o fosso do seu castello não precisava tirar da bosina um som agudo, a fim de lhe descerem a ponte levadiça, com grande estrondo de ferrolhos, e apparato de pagens e escudeiros.

Só, com o *Bento da Maria*, homem de sócos, vestia de saragoça, e enxada ás costas, o neto dos reis de Aragão entrou dentro do seu castello, e ensinuou-se pela espiral de uma perigosa escada a pendurar-se no alçapão que se abria para o interior de uma sala. A decoração desta sala era a primorosa de cincoenta annos anteriores. Largas cadeiras de espaldas estofadas de veludo carmezim, mesas de douraduras sinuosas, e relevos de riquissimo trabalho e paciencia, dois matisados reposteiros de raz vermelho onde, em torno das floreadas armas dos Tavoras, brilhavam, em tecido de prata de muito custo, as palavras: — REGES DESCENDUNT A' NOBIS — NON NO'S A' REGIBUS — taes eram os objectos resplandecentes ao tremulo clarão do archote, que, momentos depois, foi substituido por quatro lumes, coisa muito para vêr-se, e mais para admirar-se. Eram quatro serpentes vomitando as quatro luzes das jubas encarniçadas pelo resplendor do fogo, ao mesmo tempo que pareciam estorcer-se de magoadas entre o bico de uma orgulhosa aguia que, do fecho do tecto, as represava pela extremidade escamosa da espinha dorsal. Tudo isto era muito lindo!

O conde de S. Vicente, depois que friamente ahi passou por tudo, virando-se para o caseiro, e apontando para um dos quartos, vedados pelo reposteiro, disse:

— E' preciso que este quarto se desoccupe; que o altar da *casa da renda* seja para alli mudado, e que o

abbade de Villa Marim venha ahi ámanhan dizer uma missa.

Dito isto, que realmente é mysterioso, o conde saiu, o castello adormeceu com as suas quatro luzes, como o feretro aluminado pelo oscillar funereo dos cyrios, e depois aquelle homem de mysterios, mudo e severo como a alma penada que passa, entrou na *casa da renda*, abriu mansamente a porta da camara de D. Ignez, escutou-lhe a respiração, viu que dormia profundamente, limpou-lhe as bagas de suor que lhe borbulhavam da face, e sentou-se á cabeceira do leito com os olhos fitos naquelle anjo, que dormia no regaço da virgindade.

CAPITULO XIV.

Dizem-se coisas interessantes, como por exemplo o encontro de Pedro da Veiga com tres phalansterianos, e outras muitas coisas que se não dizem aqui por causa da surpresa.

Dissipados os primeiros fumos de fidalguia no estado de fervura, Pedro da Veiga era mancebo rasoavel, discreto, e reflectido. Defenda-nos Deus que o brioso infanção, de alma galhardamente endurecida a conselhos de pae, e mal-ferido em seu pundonor por cavalleiro de ruins manhas, viesse a demandar o roubador de sua irman, como quem, á ponta de espada, e repto a todo o trance, busca de insoffridas villanias desaffrontar-se! Oh! a que meia duzia de *classicas* cutiladas não teria o leitor de piedosamente assistir!

Ou porque a metafisica dos grandes brios nada fosse por esses tempos, ou porque o auctor do manuscripto, que lealmente annotamos, era homem de pacato enthusiasmo nestes lances de pancadaria — o certo é que ahi está o romance, mais de meio do seu primeiro volume, sem nos fallar de uma tremenda sova de pau, como é de uso lá por cima; — ou de duas punhaladas, em noite de cerração, atraiçoadas no medonho de sombria viella; — ou, ao menos, e para maior realce do copista, se, no embrulho destas insossas filosofias, tivessemos uma vista de carcere, com o seu preso pallido, e arrepiado, afóra a bilha de agua e as palhas e o carcereiro de vesga olhadura — e depois... (oh! isto era bonito!) um encapotado a surdir d'um alçapão com uma lampada de furta-fogo e uns bigodes tyrannos, e aquelle homem tetrico bater no hombro do preso, que treme nas suas car-

nes maceradas, e este, que reconhece o seu rival, gritar *inferno! maldição!*... e rir, e rir, e rir d'um riso enfurecido e vibrado de todo o rancor das suas entranhas, e... finalmente, fechar assim o capitulo, para começar o outro por: — *Era alta noite!*... Isto é que era romance, palavra de honra!

Já agora, condemnado o manuscripto de insufficiente, e salva a minha reputação litteraria pelo muito que isto me pesa, sigamos resignadamente a historia até onde, mais visinha da actualidade, e independente do gellado formulario do viver no seculo XVII — possa ella desaffrontadamente barafustar por palacios e lupanares, carceres e cadafalsos, tudo com uma linguagem que nos falle ao coração, e faça verter lagrimas de edificante moral aos nossos pequenos.

A historia continúa:

A fugida de D. Ignez da Veiga deu que fallar em Villa Real; mas na critica da vinda imprevista, e rapida sahida do irmão, estafaram-se os mais robustos pulmoens de soalheiro.

Pedro da Veiga, que uma hora apenas se demorára na casa paterna, descia vagarosamente a encosta de *Almudena*, que, por esses dias, á excepção de um escabroso caminho de carro, era coberta de urzes, sargaços, e fraguras. Esta noticia topografica, parecida com uma frioleira, não é o que parece. A critica é diabolica. Se me contestassem por inverosimil o adverbio *vagarosamente*, que adduzi á descida do cavalleiro, em tão apressada commissão, iria eu á camara municipal de Villa Real extrahir actas comprovativas da pessima estrada que Veiga descia, para justifica-lo da sua fleuma inconsequente, ou do meu temerario contrasenso.

A historia continúa:

Nas raizes da montanha, Pedro da Veiga esporeou ardidamente o seu ginete. Por detraz das agulhas pardacentas do *monte d'ordens* levantava-se o lindo sol de Fevereiro com a face desassombrada de nuvens. Quem tão sereno o visse no seu throno de fragas, assim radioso de vida por aquelias veigas açoutadas e varridas da sua vegetação, diria que o Senhor das tormentas, quizera, em vinte e quatro horas, ostentar-se na sua grandesa de aniquilação, e na sua exclusiva soberania de Creador.

O brilho do sol depois do clarão do raio — a ervinha a despontar no prado sob a bafagem de uma restea de luz, e o ruidoso baquear do carvalho da encosta arqueado pelo furacão indomavel da tempestade — estes são os contrastes da omnipotencia do Eterno.

Ao longo das amuradas de serranía agreste, por entre aquellas varzeas scintillantes nos seus globulos de chuva, relinchava o fumoso ginete de Pedro da Veiga, corcovando-se em reforçados galoens, quando, embebido em lamaçaes encharcados, as esporas do cavalleiro impaciente lhe rossavam incisivas nos ilhaes. O castello dos Tavoras, na aldêa de *Lordello*, ficava á direita do viageiro, que mui longe levava seus pensamentos para por elles adivinhar o que alli, áquellas horas, se passava no interior daquelle severo e calado monumento de pedras musgosas. Ao sopé da povoação chamada a *Villa de Mondroens*, Pedro da Veiga soffreou as redeas do cavallo, vendo-se cortado pela corrente, que livremente colleava, como empavonando-se de arrancar pelos alicerces o robusto pontilhão que durante um seculo a dominára. Não era tão energico o intimo estimulo, que levára o nosso fidalgo ás margens daquella torrente sem passagem, como, horas antes, outro estimulo impellira sua irman ao vau daquelle mesmo rio. Pedro da Veiga parou e reflectiu. A não se arriscar ás incertesas da natação, o melhor, senão o unico, dos recursos, era voltar no mesmo trilho, cortar a estrada para o castello dos Tavoras, atravessar alli nas poldres com o cavallo á redea, e costear os desfiladeiros de *Penellas*, até deparar as vastas campinas da *Campeam*, dominadas pelos cabeços nevados do *Marão*.

Nestes planos, em que o fleumatico Pedro da Veiga, pesou sériamente as suas commodidades, vieram-no distrahir tres homens, que ao mesmo tempo estacaram diante do rio invadiavel. O seu trajar era uniforme. Fardas compridas, e carcelas atauxiadas de vivos azues e verdes, chapéus de sola e aba larga com estrella vermelha a um lado, gola e canhoens da còr dos vivos, calção amarello de camurça, e bota de bezerro cru, fendido externamente entre dois broches de metal; esta era a libré do conde de S. Vicente — e estes os lacaios do mesmo senhor.

Pedro da Veiga, pouco sabedor de librés, não atinou com o senhorio daquella gente, mas protestou não sahir d'alli sem conhece-lo.

— Então querem tambem passar para além? — perguntou o Veiga com esta curiosidade de quem quer armar *ao cavaco* como por cá se diz na giria dos litteratos.

— E' verdade que sim senhor, mas parece-me que desta vez não vamos lá... — Respondeu o mais velho dos tres, que por signal se chamava *Gervasio Pires.*

— O remedio que temos — continuou o fidalgo — é ir ás poldres de Lordello...

— Isso era bom... de lá vimos nós, mas levam mais de tres palmos de agua.

— Se houver homem que lá passe — accrescentou o *Caetano Alves* — eu ponho ahi já de aposta um crusado contra um tostão... E então, ainda que eu seja confiado, v. exc.ª vae para a estrada do Porto?

— Vou; e vm.ces vão tambem?

— Nada — respondeu Gervasio como o mais auctorisado — nós vamos cá n'outro caminho mais perto... V. exc.ª já vem de longe?

A esta pergunta Pedro da Veiga demorou-se na resposta. Não é milagre nenhum que taes homens assim vestidos, e caminheiros de sitios proximos, lhe fizessem, além da impressão da curiosidade, a da suspeita mais ou menos relacionada com o conde de S. Vicente. Antes, pois, de responder, perguntou o Veiga:

— Ora digam-me: a quem pertencem vm.ces com esse fardamento que me não parece provinciano?

— Nós — redarguiu Gervasio Pires — nós pertencemos a nosso amo, que é um fidalgo tão conhecido na terra de Portugal, como o grão turco nas Europas.

— Está bom! então vosso amo deve ser coisa que não cabe cá nestas provincias do norte!... Elle é homem que ande cá na terra como os outros?

— Anda na terra, e na agua, quando é preciso, meu fidalgo.

— Quem vos disse que eu era fidalgo?

— Diz-mo esse capote de pelles com broches de ouro, e essas botas de bezerro lavrado com esporas de prata... Em quanto á espada, muitos a trazem por ahi de

mau aço, na bainha lusidía, como cacifro de enfeites de mulher...

— Sabeis fallar ás direitas... mas o peor é não podermos passar... Vós sois de longe, ou ides para perto?

— Vamos para perto... se podérmos iremos ahi p'ra...

A não ser uma cotovellada do sisudo Gervasio Pires é natural que o ingenuo Caetano Alves acabasse o recado.

— Então não deixaes fallar o vosso companheiro?

Esta reflexão de Pedro da Veiga ao acotovellar do mais velho, vinha muito ferida de suspeitas. Desde logo a irritabilidade do mancebo espinhava-se em ares severos com aquella gente, muito vil para ser mysteriosa.

— De quem sois lacaios? — interrogou Pedro da Veiga imperiosamente.

— Somos *lacaios*, sim senhor, não nos envergonhamos disso, snr. cavalleiro.

— Vamos — replicou iradamente o mancebo — quem é vosso dono?

— Somos criados do snr. conde de S. Vicente. — Respondeu Gervasio com uma independencia romana, civica, patriotica, e diremos ainda mais — propria de um seu neto levado á cathegoria de barão independente, decidido, e visconde pela sua firmesa de caracter.

— Onde está o conde de S. Vicente? — replicou Pedro da Veiga contrafazendo-se nos assomos colericos que um tal nome lhe aferventára lá dentro.

— Não sabemos: nem podemos responder a mais nenhuma pergunta.

— Não podeis responder?

— Não, senhor.

— E se eu vos mandar conduzir ás cadêas de Villa Real?

— Iremos... — respondeu o *João Lisboa*, que até então estivera mudo. — Iremos, lá se quizer... mas chame tres ou quatro como o senhor.

A vontade do nosso fidalgo era atirar com o cavallo para cima daquella gente; isso era; mas o juizo prudencial, a experiencia, e tudo que quizerem, menos o temor, contiveram-no, e demais a mais mascararam-no de uma certa jovialidade e prasenteria, que os lacaios entenderam mal. Dos tres, o que mais brutalmente ajui-

gou da placidez risonha de Pedro da Veiga, foi o tal *João Lisboa*, cujas fumaças de valente, garantidas por alguma facada em richa de bolieiros, auctorisavam-no a insultar e bater, sendo necessario, meia duzia de lambadas nas costas fransininhas do fidalgo. Esta persuasão não é muito boa coisa nos conceitos do animal feroz e estupido chamado bolieiro. Mau é que esse alvar elemento da eschola moral — annel entreposto ao arrieiro e ao meirinho — se convença da grandesa relativa do seu instincto, sempre cerval e nauseabundo! Espirito, que aliás o tem, e não lho duvidam os *reformadores* que lhe fogem, converte-se em demonio inflammado, se fatalmente as peias do terror lhe estalam no seu estrebuchar de tigre. Ha dessas feras com abundancia neste nosso certão, onde a filantropia de alguem forceja em domestica-las, com a theoria da igualdade e fraternidade, como se meia duzia de javalis, mettidos fraternalmente n'uma gaiola, podessem conciliar-se com estes *Charles* da civilisação.

Já se disse que Pedro da Veiga não estremecia das iras assalvajadas do *João Lisboa*. Vêr, viu elle como na grosseria daquella cara material assomava o torcer dos olhos, e o carregar da sobrancelha, que realmente são coisas de aterrar nesses aspectos idiotas no contentamento, e enfurecidos na dôr.

— Então, amigos... — disse Pedro da Veiga — vós deixastes ir os vossos amos por essa estrada sósinhos?

— Os nossos amos! — replicou em ar de escarneo o *João Lisboa* — nossos! — repetiu, soltando uma gargalhada ridicula e sarcastica — Os nossos amos!... por ora não temos senão um...

— E' verdade — confirmaram os outros — cá por estes penhascos endiabrados só temos um, e tomaramo-lo nós d'aqui para fóra, senão cá morremos de frio nesta terra de broeiros e tamanqueiros.

Tavora, cujos olhos principiavam a afoguear-se, continuou:

— Mas disseram-me que vosso amo levára para Lisboa a que ha-de ser sua esposa...

— Isso lá veremos... snr. passageiro. O nosso amo costuma fazer dois ou tres casamentos destes em cada anno...

— Que queres tu dizer com isso, miseravel!?

Este interrogar cheio de despreso, indignação e colera fez trepidar o lacaio. Depois a mão direita de Pedro da Veiga, travada no punho da espada, e o salto improviso do cavallo para o lugar dos tres, que mais velozmente se afastaram, foi acção de mais para que os villãos, tão sem vergonha como sem coragem, formassem no seu bestunto uma outra idêa do cavalleiro.

— Que queres tu dizer, miseravel? — repetiu Pedro da Veiga, como quem mal póde suster o golpe que, depois de uma resposta, deve desaffrontar o injuriado.

— Tenha lá mão, snr. fidalgo! — respondeu Gervasio Pires — nós não sabemos com quem fallamos...

— Responde, bruto — onde está teu amo?

— Saberá v. exc.ª...

Esta humilhada resposta, especie de ultimo arranco daquelle feroz orgulho popular, foi mal pronunciada, já quando a espada do irmão de Ignez parecia ensaiar-se para o primeiro golpe. Os lacaios olhavam-se mutuamente, como se cada um quizesse conferir aos outros a gloria de responder, e a primasia de uma cutilada.

— Respondes, selvagem? — tornou Pedro da Veiga esporeando outra vez o cavallo para o reducto que subitamente os parvos desamparavam.

— O snr. conde de S. Vicente está no seu castello de Lordello — respondeu Gervasio, que diz o manuscripto ser de todos o mais tolo, o mais cobarde e o mais prudente.

— E uma mulher que elle trouxe fugida?

— Tambem lá está, creio eu, senhor...

— Olá! — todos adiante de mim até esse castello!... O primeiro que sahir da estrada, disparo-lhe uma cravina nas costas...

— Mas saberá v. exc.ª que se não póde passar nas poldres...

— Adiante, canalha! O primeiro que ousar fazer-me reflexoens, parto-lhe o craneo em pedaços...

Ora aqui está o que é o povo! Elles ahi vão — os reptis esmagados na cabeça — mansos como borregos, a tremerem do chôto do cavallo, que os força a caminhar mais lestros do que vieram.

Mas o *João Lisboa* tinha más entranhas, e imaginava alguma das suas. Pelo que elle fez não é facil conhe-

cer-lhe as tençoens. O caso é, que por uma asinhaga estreita, e resvalladiça no seu terreno de barro molhado, o tal heroe de taverna, como quem se desvia por melhor trilho, ficára um pouco atraz do cavalleiro. Pedro da Veiga, profundamente attribulado pela visão de scenas que se lhe antepunham, foi estranho áquelle passo traiçoeiro do lacaio. Este, quando mais opportuno o ensejo lhe pareceu, galgou o socalco de uma tapada, pareceu baixar-se por uma pedra, fez a postura de arremessa-la, e sentiu fallecer-lhe o braço no mais interessante do movimento, porque uma balla, quasi á queima roupa, lhe cortára os tendoens do hombro. Justamente o porco montez depois de ferido, *João Lisboa* saltava por entre aquellas estevas e mattos, coisa prodigiosa de vêr-se, pelas bandeirolas de variadas côres que a sua libré deixava nos espinhos das çarças e tojaes. Os dois, faça-se-lhes justiça, não se mexeram, nem mesmo lamentaram a sorte do seu companheiro. Com a mesma presença de espirito, Pedro da Veiga foi indo seu caminho, e mostrando a seus passavantes a estrada, que tinham a seguir.

Iremos vêr o *João Lisboa* correr, correr, até, naturalmente, cahir de esfalfado, e exangue n'algum barrocal. Bem longe disso. O homem tinha boa carnadura: por effeito da equidade providencial, sobrava-lhe de robusta materia o que lhe minguava de espirito. Seria vaidade querer mostrar por isso que alguns homens nascem para o cortejo da estupidez, com os seus braços musculares, retesados, e inflexiveis. Estes é uma loucura social manda-los ás universidades, quando a agricultura e o commercio exigem pulsos rijos para uma enxada, e espaduas robustas para uma alfandega.

João Lisboa era um ente pensante.

— Este fidalgo que me deu para baixo — disse elle lá comsigo mesmo — é um rival de meu amo, e meu amo não é mais homem que elle. Se eu não fôr adiante avisar o snr. conde, e alarmar os labregos da aldêa, este malvado é capaz de ir dar com a bocca de meu amo na botija, e alguma sova lhe dá, como, pelos modos, costumam dar estes cabreiros da provincia. Eu, por mim só, não posso dizer-lhe « Tenha lá mão! se dá um passo, aleijo-o! » — e meus companheiros é gente com que se não conta — cobardes como o diabo que os leve! — Devo,

por tanto, chegar primeiro que elles a Lordello. E de mais, eu tenho o braço direito esburacado; se arrefeço, não sou capaz de me mexer... Mau raio parta o caminho, que é de cobras e lagartos... Animo! meu *João Lisboa*, que déste com o teu homem...—

Não ha duvida—era um ente racional, e taes eram os pensamentos que elle cogitava caminhando pelos algares e ribanceiras da margem esquerda do regato. Chegando ás poldres, atalhára um quarto de legua, muito a salvo das iras de Pedro da Veiga, que, segundo elle confessa, não era homem para brincadeiras. O ferimento não lhe estorvava o bracejar: o sangue colerico e afadigado conservava-se-lhe na sua ordinaria temperatura.

A cheia do regato diminuira quantos palmos de agua lhe emprestára a tempestade. A passagem nas poldres era livre de perigo para *João Lisboa* que as transpoz com ligeiresa e felicidade. Do cabeço da encosta, coroado pelo castello dos Tavoras, o lacaio, abatido e alquebrado de cansaço, olhou para os montes d'além, e viu Pedro da Veiga, marchando solemnemente na retaguarda dos seus pobres companheiros. A sua vontade foi berrar-lhe para lá uns epithetos frisantes, que elle sabia, mas, muito mais que a offensa moral, doiam-lhe os musculos e ligamentos do braço. Chegando ao quinteiro da *casa da renda*, João Lisboa sentiu-se estonteado por calefrios, e agonias. A ferida principiava a aterra-lo. A dôr fisica é a que faz trepidar os homens daquella tempera; por ella é que o lacaio do conde de S. Vicente se deu mais consideração no seu curativo, que nos interesses amorosos de seu amo. A snr.ª *Benta do João*, que não sabia das aventuras do moço, matou-lhe a sède com um pucaro de agua ardente, que, segundo ella, provava a preceito em catarros e constipaçoens. *João Lisboa*, de uma vez, armazenou tanta agua ardente, que o resultado foi dar-lhe na fraquesa, como acertadamente disse a tia Benta, a ponto de o estender em terra, sem accordo, nem disturbios de embriaguez.

A mulher estava realmente atrigada com aquelle tombar silencioso e assustador! Não valeram bochechos de agua, nem fumos de alecrim, nem esfregaçoens de carqueja nas solas dos pés. *João Lisboa* era o bebado no

sublime do seu estoycismo! Impassivel, carrancudo, e entorpecido, de vez em quando, sussurrava um destes arrotos acidos e odorosos como a explosão da fervura a resaltar da torneira de um alambique.

— Esse homem está bebado... é o que elle está... — disse o tio *João da Benta*, com uma certa entonação de sciencia e certesa, como a não tem um medico, quando declara que o seu curado está morto.

— Parece-me que não dizes mal, João — respondeu a tia *Benta* — vamos nós despi-lo, e agasalha-lo?

— Deixa-te disso: calor tem elle de sobra; deixa-o dormir as vinte e quatro horas da lei, e elle que se dispa depois á sua vontade...

— O' homem!... isto era uma caridade... e não vês que elle é criado do snr. conde?!

— Seja elle o diabo, que o leve, e mais o amo. Eu sei cá desapertar essas aldrabas que elle ahi traz nas pernas!... E sabes tu que mais... mulher...

— Diz, homem..

— O fidalgo não veio cá fazer boas obras...

— Então? elle, pelos modos, veio casar com a fidalga dos Veigas...

— Eu sei cá se elle... Emfim, isto não me cheira... Olha lá esse diabo como ressona!... E' a minha aguardente a fazer dez graus...

— Deixa lá o homem...

— Olha lá João... não vês aqui por entre o souto um cavalleiro e dois homens a pé?

— Podéra não!... e queres tu vêr que são os outros dois lacaios do amo?...

— E olha que são... Mas quem é o homem que lá vem?... parece fidalgo, assim me Deus salve!

Effectivamente chegava Pedro da Veiga.

Não era já o homem de paz que viramos abraçar seu pae tres horas antes. Commissario de uma vingança, inflammada pelo estupido motejo de um lacaio, o joven irmão de Ignez, exprimia nas contracçoens do rosto incendiado a febre da desaffronta que lá dentro lhe refervia em pensamentos de sangue. Sua irman, nem o traidor, nem mesmo seu velho pae, teriam a esperar misericordia, amor, ou sujeição naquelle que alli ia vingar uma geração de pura fidalguia — geração *inteira*, porque as

ultimas nodoas são sempre as primeiras neste paiz, onde as remotas linhagens não tem para os fastos de *nobres immoralidades* Azuraras, Andrades, e Bernardos de Brito.

CAPITULO XV.

Os mysterios do castello, e os d'um abbade muito mysterioso.

Temos de entrar no quarto de D. Ignez onde a deixamos em somno de sobresaltos, vigiada pelo seu carinhoso conde.

Não era franquesa de romancista tornar mysteriosa essa noite, que, sem offensa das mães de familia, póde ser historiada até ao nascer do sol, sem o subsidio de reticencias, e engenhosos subterfugios.

Tavora contemplava um anjo. Assobervava-se de ser o homem para quem descera do céu a mulher que alli dormia, ás vezes serena como a virgem no regaço maternal, outras vezes convulsa como a virgem beijada, em sonhos de amor, por um desses beijos fantasticos, que filtram até ao coração o calor de uma certa chamma que a donzella, se o fôr, não saberá dizer que é... lascivia — diria um romancista francez.

D. Ignez, na tão linda agitação do seu sonhar febril, expunha aos olhos de um amante sequioso, as mimosas molduras de seus braços. Como se o anjo da guarda lhe protegesse o pudor dos seios, a orla rendada do lençol menos alvo que elles, enredára-se-lhe nas tranças desgrenhadas, e soltas em roscas voluptuosas.

Tavora, electrico nos olhos, nos labios e na imaginação, aspirava naquella atmosfera enebriante as particulas subtis de um ether que lhe vibrava espirito e corpo com estrecimentos vertiginosos, e calidos de anciedade.

E tudo isto era incendiario; mas o conde de S. Vicente respeitava o sagrado penhor da sua confiança, como

o avarento que não ousa tocar n'um thesouro que alli tem, certo, seu, e indisputavel.

A's vezes, quando a febricitante repellia de sobre o peito rossiado pelo suor a franja diafana do lençol, Tavora, soffreando a respiração convulsiva, comprimindo-a n'um suspiro fremente, aconchegava-lhe do pescoço o lençol com tanto carinho, com tão mimosa subtilesa, que, nesse estremecido cuidado, revelariam anjos toda a sua ternura pelo Creador, se, n'uma hora de repouso, lhes fosse confiada a sua segurança.

D. Ignez da Veiga estava enferma: o cansaço de per si não fôra bastante para aquelle dormir — se assim póde chamar-se á lucta do espirito com o turpor dos sentidos.

Sobre a madrugada as faces da futura condessa de S. Vicente eram de fogo. O pulso arfava-lhe pulsaçoens desordenadas. O coração elevava e abatia no seu arquejar o setim vermelho da coberta, que tanto se alindava naquellas molduras de jaspe.

O conde tremeu, apavorou-se, e, querendo animar-se de um olhar da sua enferma, chamou-a com uma voz de maviosa intimidade, com certo receio, pejo, affecto, ou terror, que tudo póde chamar-se a esse mystico sentir que obriga o homem ao soffrimento surdo, para se não matar na esperança, interrogando um futuro incerto.

— E poderá ella responder-me? — dizia o conde na sua secreta attribulação — e se me não responde... terei eu presença de espirito para esperar o conforto de Deus!.... Mas ella respira... Agita-se-lhe neste seio uma vida tumultuosa... Resalta nestas faces o sangue ardente de uma infancia robusta... Se esta febre lhe consumisse as forças... Se logo, no abrir amortecido destes olhos, brilhasse a lagrima do desalento mortal... Não!... isto seria um capricho atroz... meu Deus! eu peço o vosso amor para este anjo que mais me avisinhou da vossa omnipotencia... E' uma vida immaculada, que a sociedade perversa mancharia, se antes de ligar-se á minha, voasse ao seio do seu Creador!

Estas doridas supplicas, que mais vezes se fazem, do que se escrevem em romances, suspendeu-as um gemido de D. Ignez. Tavora, quasi, pousando o ouvido esquerdo sobre os labios della, quiz desperta-la, agita-la,

mas, não sei porque magia de reverente pudor, a mão tremula, outra vez ainda lhe esmoreceu.

— Ignez! — murmurou o conde.

Nem um movimento em resposta.

Depois, ouvira elle umas palavras soltas, e indefiniveis: — começava o delirio Um espirito franco e innocente ia agitar os labios da virgem onde a mentira e o orgulho poderiam ter fallado uma vez. O conde, com a face encostada sobre a mão direita, e segurando com a esquerda a coberta tantas vezes repellida, esperou, anciou, até que emfim ouviu o vago tumultuar daquella alma inquieta e adejante, (permitta-se-nos a figura) n'um carcere de fogo.

— Deus não quer este amor... Tu tens alguma grande restituição a fazer... Toda esta gente se conspira contra nós... Vago, amaldiçoada... Este castello é negro como o meu tumulo... —

Não sabemos pintar as torturas reconditas, sem um grito, sem uma lagrima, no coração do homem. Tavora soffria as cruesas da sua dòr, e os prejuizos do seu seculo. Era com elle aquelle fallar... — *Tu tens alguma grande restituição a fazer.* Teria? A sociedade, a côrte, e os seus inimigos não o condemnavam por ella. O proprio manuscripto fez-nos já conceituar lisongeiramente o amante de D. Ignez... Tudo parecia abonar-lhe virtudes nos fastos impudentes da còrte do seu rei. O que o João Lisboa dissera a Pedro da Veiga « *meu amo faz destes casamentos dois cada anno* » deve eliminar-se da muito circumspecta historia, que vamos annotando; pelo que, sem um milagre de encarnação na consciencia do conde, é difficil cedermos probabilidades *áquella sua grande restituição.*

D. Ignez, depois de alguns minutos e tremores, delirou ainda:

— Se o altar do nosso juramento... fosse a cruz do tumulo de nós ambos!... Sou tão nova para morrer!... Eu queria viver muito para amar-te muito tempo... Que frio! que estrada tão má... que gelo!... Conde!...

— Ignez... estou aqui... ouves-me?

As circumstancias eram já outras. Tavora precisava convencer-se de que tudo aquillo era mentira, e delirio. Para o seu fim, ninguem dirá que o processo que elle

adoptou seria o mais logico, mas, bom ou máu, o conde, entendendo que devia despertar Ignez, agitou-a com todo o melindre; elevou-lhe um pouco a cabeça sobre o seu braço esquerdo, chamou-a com muita brandura, com muito amor; e vendo alfim a mudez daquelles labios; apenas tremulos de uma crispação nervosa, Tavora, por um desses nobres desvarios de amante, collou um beijo compressivo, abrasado...

— *Um beijo!*...

Serenae, respeitaveis mães de familia! D. Ignez da Veiga estremeceu... abriu os seus grandes olhos... sorriu, e pareceu agradecer aquelle beijo...

Naquelle singelo sorrir da linda enferma revelava-se o espirito das enormes paixoens, estiradas em novellas interminaveis. Não é de hoje esta especie de tachigrafia amorosa applicada, nos olhos e no sorriso, á revelação de immensas sensaçoens. Quanto mais longe de nós, mais afinado o sentimento, menos astuciosa a linguagem, e mais necessaria a expressão muda nos olhos baixos, ou nos castos sorrisos de uma donzella do seculo passado.

O conde tambem sorriu, o que é muito natural. Pareceu-lhe que hia ser arguido da sua muita liberdade, alli, a sós com aquella virgem submissa á sua briosa protecção. Ha destas presumpçoens nos homens que muito amam — illosorias quasi sempre, porque em fim é dominio da muita experiencia a ingrata opinião em que são tidos os grandes espiritualistas do amor. Não chamem a isto *cynismo*. N'uma estação analytica e material como esta vae em autopsia de sentimentos, uma ou outra verdade, escripta com discrição e sisudez, deve ser bem vinda, se ella tiver as molduras da consciencia universal. Consulte-se cada um, depois de transfigurar-se em conde de S. Vicente. Debruce-se sobre o leito de uma portentosa mulher, no desalinho de uma febre buliçosa, ou mesmo na inquietação de virgem, que se cansa instinctivamente em vedar os seus primores de belleza, cuja fascinação ella mal comprehende. Se essa fôr a mulher amada com paixão, guarda-a, com a santidade do respeito, a atonia moral em que resfriam os energicos estimulos do homem. Que será? E' o que o conde de S. Vicente perguntára á sua inacção, depois que D. Ignez, acordada por um beijo, parecia interroga-lo pelos compromissos de um juramen-

to. Qual este juramento fosse, adivinha-o o leitor, com tanto que uma vez na vida escrevesse uma apaixonada carta de namoro, com este trivialissimo remate: « *Eu prometto, debaixo da minha palavra de cavalheiro, manter seguro e desoffrontado o vosso pudor. Depois deste sacrosanto protesto, seria cruelissima de ingratidão uma recusa vossa em conceder-me o uso de uma chave de trinquo, que, para maior prova do muito que por vós me abrazo, acabo de mandar fazer.*

O leitor está torturado com esta abundancia de espirito. Não ha nada mais importuno que a demora do relatorio de uma scena tão bonita, como é — uma menina acordada por um beijo, ficar sorrindo e olhando piedosamente para o que a beijou!

— Sentes-te alliviada, Ignez? — E' mais uma dessas perguntas sinceramente clynicas, que todo e qualquer amante dirige ternamente á sua querida, no estado pathologico.

— E tu?... estás aqui ha muito tempo?... — Replicou D. Ignez com indecifravel admiração e susto.

— Ha duas horas...

— Ha duas horas? Então, é dia já?...

— Sim, é dia... São sete horas... Dormiste duas horas e meia, não é assim?

— E tu?

— Eu fui ao castello... Fiz preparar o teu quarto, e o nosso... altar.

— Altar! para a missa?!

— Sim, e para a sagração deste nosso amor, desta nossa fuga... Não querias casar tão cedo, Ignez?

— Conde!... — respondeu Ignez transportada de jubilo — Eu não sabia que era aqui, e tão cedo... hoje mesmo...

— E para toda a vida, anjo da minha alma... Mandei chamar o abbade de Villamarim...

— Ah! não, não... — interrompeu D. Ignez com estranho sobresalto.

— Porque? d'onde vem essa tua agitação?

— Esse padre é... conde, não me obrigues a dizelo... Chama outro padre, outro, meu querido, esse homem é nosso inimigo...

— Inimigo!... e isso que importa?

— Importa muito...

— Está bom... Poderei ceder a esse terror panico, mas quero saber que mysteriosas ligaçoens... Sim, Ignez... disseste-me *esse homem é*... quem é esse padre?

— Porque não hei-de eu dizer-to, se tu vens a sabe-lo?... E' um filho... bastardo de meu pae... E' um homem que nos odeia, a mim, e a meu irmão, por termos nascido de uma outra mãe... Vês, conde, se este meu terror é panico?!...

— E muito!... E' uma obrigação, imposta pela egreja, a que elle tem de cumprir.

— Oh! tu não sabes como esse padre é mau... Dizem que elle amaldiçoára meu pae, entre a hostia e o calix!...

D. Ignez dissera isto como quem revella o segredo de uma conjuração sanguinaria, e atrocissima! Tavora estremeceu involuntariamente. Pragas, juradas no momento solemne da sagração da hostia, tinham para nossos avós um cunho de profecia cruel e irrevogavel. Os menos lidos, como o conde de S. Vicente, affrontariam mais depressa vinte dos hespanhoes que vieram a Badajoz, que um só cura da aldêa, fulminando anathemas manipulados, propinados entre a hostia e o calix. De mais, a visagem aterrada e sybillina de que D. Ignez acompanhára a infernal revellação assombrára o espirito religioso do conde, a ponto de acobarda-lo até ás previsoens fanaticas que, a seu pesar, lhe esvoaçavam por lá.

— Eu bem te dizia, conde... Tu não querias crêr...

— O que, Ignez? E' impossivel que Deus acolha essa maldição do filho ao pae... Onde estão os signaes visiveis da colera de Deus sobre a tua... a nossa familia!?...

— Começarão agora... quem sabe!...

— Pois bem... já agora, que o mandei chamar, deixa-lo vir... Se elle souber que este casamento se faz contra a vontade de teu pae, mais depressa nos unirá, suppondo que assim se vinga...

— Ah!... isso é verdade... Lembras-te muito bem... cuidará que assim se vinga, não é verdade?

— E'... e verás como elle folga de achar uma occasião de contrariar a vontade de teu pae...

— Se tu soubesses o medo que os freguezes lhe

teem!... Diz-se tanta coisa má deste padre?... Deixa-lo!... não é assim? Não vês que estou boa... sem febre... e tão contente?!...

— Somos muito felizes, não é assim?

— De certo... Tu não adivinhas nada, pois não, conde?

— Que hei-de eu adivinhar, condessa?... Estás sempre a vêr ao longe...

— Não, agora só te vejo a ti...— dizia ella, passando-lhe a mão pequenina por entre os cabellos que lhe ondeavam nos hombros.

— Ha quantos dias não empoaste o teu cabello, meu Tavora?... Has-de hoje vestir-te de festa, não é assim?!

— E tu, tambem?

— Eu não tenho... Vou casar-me com o meu vestido molhado... Não importa... pois não? Tu gostas de vêr-me vestida á moda da provincia?...

A innocencia, com que D. Ignez dissera isto, desculpa o terceiro ou quarto beijo do conde neste quasi pueril dialogo. Foi bem recebido, como um beijo de fogo matrimonialmente licito. Era um furto perdoavel, como o de um filho que tira da gaveta de seu pae uma moeda, que elle incontestavelmente, e sem prejuizo de terceiro, viria a herdar no dia-obito. Estas concessoens avulsas estão quasi constituidas em prologo de casamento. E' o annel das eras passadas.

Era muito dia. Bem sabia o conde que D. Ignez, espiritualisada pela proxima realidade de suas esperanças, ou, menos provavel, restabelecida da enfermidade que, um pouco antes, fizera crise — de boamente se vestiria para passar ao castello. Era preciso e recatado que elle se ausentasse, intimando-a docemente que se vestisse. São estas mui necessarias explicaçoens, que devem ser tomadas em conta de medidas preventivas contra reflexoens de criticos, como os eu conheço, capazes de se enroscarem n'um romance até que o pobre se desfaça em razoens de etiqueta e pudicicia, ácerca de uma donzella que se vestiu diante do seu apaixonado. E' justo, é justo, e não serei eu o ultimo a dar a razão do meu dito, em questoens de decencia, todas as vezes que ella me seja pedida, em nome da moralidade publica e decoro nacional.

Como reza o manuscripto, a tia Benta do João teve a distincta honra de ser a cuvilheira, aia, ou creada grave, como hoje se diz com muita gravidade, da nossa desposada. A boa da velha sentiu amargamente não ter espelho, quando a fidalga lh'o pediu. Em compensação offereceu-lhe um borrifador muito lusidio, onde a cara do snr. João, seu marido, se refractava semanalmente no aperfeiçoamento das suas barbas honradas. Que suprema desventura nos nossos dias a falta d'um toucador, ou *toilette*, que é mais bonito!

— Está tão coadinha!...—dizia a velha beijando-lhe a mão com fervoroso respeito — Benzã-a Deus, que tão casadoira está, por muitos annos e bons...

Não consultamos *Bluteau* sobre a genuina significação do adjectivo *coadinha*. E' uma palavra que nos retracta a fysionomia de D. Ignez. As faces pallidas, languentes, e amortecidas — chamam-se *coadas* na linguagem do povo das aldêas do norte. A expressão é tão difficil de dissecar-se por derivação, como é problematico o pincel de Miguel Angelo, coloriudo de um só traço as mais palpitantes fórmas da imagem.

Manoel de Tavora estava impaciente. Parecia inquieta-lo o receio de lhe não vingarem as esperanças de marido, por alguma contrariedade repentina. Timido e sobresaltado, bem se via que elle conde soffria na consciencia os temores de quem se desviára um pouco da praxe matrimonial, transgredindo assim o austero e meditativo ritual dos casamentos aristocratas.

D. Ignez da Veiga ataviou-se das poucas alfaias que trouxera. O rosto della era toda a opulencia de uma esposada. Descorada, atenuada e amortecida, ainda assim, tão linda estava, no parecer do auctor do manuscripto, que *sem requebros nem louçainhas era como a face do sol que menos cortejado, em seu nascer de doiradas nuvens, mais formoso em seu subir de ardentes raios.* Muito bem se explicava aquelle bom homem do manuscripto!

A tia Benta do João disse á bocca cheia que D. Ignez, a respeito de bonitesa era o que ella tinha visto. Seu homem, que não era espantadiço, nem mesmo se lhe dava da pouca ou muita symetria das caras alheias, deixou fallar a consciencia por esta vez com toda a sua poesia selvagem:

— O' Benta!... Olha que ella sempre é mulher de uma vez! O amo, se casa com ella, póde dizer que leva a melhor *veronica* destes arredores!...

— E é... Tem uma pelle de rosto que parece de cêra; e os dentes tão pequeninos e tão alvos que é uma coisa por demais... Olha como ella vae contente com o noivo... e como anda depressa com aquelles pésinhos tão mimosos pela estrada... Elles vão-se casar ao castello, não vão?

— Pelos modos, acho que sim... Eu já p'ra lá mudei o oratorio, e fui chamar o snr. abbade de Villamarim, que a fallar a verdade... não sei, mas...

— Diz, homem...

— Parece-me que não é lá dos mais proprios para este arranjo...

— P'ra se casarem?

— Sim, mulher... Eu não quero dizer nada, mas não ha muito que elle me perguntou se o fidalgo hia muito a casa do snr. D. Christovão da Veiga; e vae eu respondi que sim, e elle riu-se assim a modo de escarneo; e eu disse-lhe: —*então o snr. reverendo abbade porque perguntou isso?* — e elle poz-se a esfregar as mãos, e a dizer *abissus*, *abissus*, *voca*...

— E que quer dizer isso?

— Eu sei-te cá... é latim, ou coisa que o valha... Já perguntei ao fr. Julião de S. Francisco, o que queriam dizer estas palavras, e elle poz se a rir, e mandou-me cortar a lã aos carneiros... E vae depois eu tanto repisei nos taes latinorios que lhe disse o que tinha passado com o snr. abbade... Emfim, mulher, eu não sei o que isto quer dizer; mas fr. Julião, depois que lhe fallei no snr. abbade, deitou a cabeça nas canas dos braços e esteve, esteve, esteve a scismar até que me mandou embora como quem queria ficar só...

A snr.ª Benta hia adduzir mui pensadas reflexoens, quando o abbade de Villamarim entrava no quinteiro com a sua mula.

— Guarde-os Deus — saudou o padre, apeando com a destresa de um robusto moço de vinte e seis annos.

— Deus Nosso Senhor o salve, snr. reverendo abbade... O fidalgo lá está já para o castello...

— Com a noiva... — accrescentou a mulher do caseiro.

— Com a noiva?! — perguntou o padre com ares de hypocrita innocencia. — Quem é a noiva de vosso amo?...

A mulher hia responder, quando o marido, acotovelando-a, se adiantou com a resposta:

— Saberá v. reverendissima que não conhecemos. E' uma fidalga bonita como ainda não vi outra, louvado seja Deus...

— D'onde é ella? — interpellou o abbade cada vez mais surprehendido.

— Tambem não sei dizer, porque v. reverendissima bem sabe que o fidalgo não conta nada á gente *rustega*... Elles p'ra lá estão á espera do snr. abbade...

A tia Benta soffreu torturas diabolicas por não poder fallar. O que ella queria para descarga da sua lingua, em cuja ponta morava a consciencia, era pôr para alli tudo que sabia, e ouvir o que lhe faltava.

O abbade passou a mão pela testa, comprimiu as palpebras esfregando-as desesperadamente, montou a mula que se entretinha a mastigar uma espiga de milho, offerta da snr.ª Benta, e, sem mais nem menos, chotou a toda a pressa pelo caminho do castello.

— Que te parece?

— Elle não hia bom... — respondeu a snr.ª Benta. — O' João, sabes que mais... vae até lá vêr o que se passa...

— Parece que não dizes mal... sempre me vou até lá...

Iremos nós tambem.

....

O padre Carlos da Silva era homem de vinte e seis annos, e de presença tão franca, gentil, e desembaraçada, que por uma singular aberração do clero de provincia, muito custava a crêr que vocaçoens religiosas imperassem tão santamente naquelle mancebo de olhos ardentes, faces pallidas, e maneiras profanamente apaixonadas. Elegante nas suas vestes ecclesiasticas, apuradissimo no sapato, fivela, e meia de seda lavrada graciosamente, o abbade de Villamarim, se não era a inveja do clero seu patricio, mais de uma vez arcára vi-

ctoriosamente com a critica monastica e secular dos interpetres da *constituição do arcebispado*, que piedosamente lhe estranhavam o aprimorado e peccaminoso de seus orgulhosos, em vez de humildes, habitos.

Assim vestido e airoso é que o padre Carlos da Silva desmontava da sua mula na barbacan, ou cousa que o parecia, do castello do conde de S. Vicente. Logo depois, a sineta, cuja toada soturna parecia ter pertençoens a campanario de castello feudal, fez estremecer D. Ignez, que encostada ao parapeito de um balcão, contemplava o grupo cinzento e melancolico das torres de Villa Real, que principiavam a branquear por entre os turbilhoens nevoentos e dispersos da tempestade.

O conde, espreitando por uma seteira, reconhecera um padre, e esse era decididamente o homem da excommunhão e das pragas terriveis. D. Ignez, espreitando tambem, descorou, e sentiu-a o conde estremecer.

— Ignez... isso que é?!...

— Não posso vê-lo sem soffrer... Estou a tremer toda... Não quero estar aqui ao principio... Falla tu sósinho, e se elle não resistir ao nosso casamento, chama-me então... sim?

Tavora, antes de responder, titubeou em estranhas conjecturas. Parecia-lhe tão mysterioso este terror!..., scismava tanto nas incongruencias de um espirito corajoso com estes medos assim afeminados!...

O abbade esperára no salão de espera poucos minutos; todavia mais de um salto de impaciencia, n'uma cadeira de couro e laminas de cobre, revellava o seu orgulho offendido — contra toda a paciencia evangelica.

Apparecêra o conde.

O padre ergueu-se com altivez e severidade: comprimentou com uma ligeira curva da espinha dorsal, e sentou-se ao lado do conde, que balbuciava as trivialissimas expressoens de um cortejo afidalgado.

— Convidei, ha tempos, o snr. abbade para assistir a um almoço de amigos e rapazes...

— Creio que por occasião da sua sahida para Lisboa? — interrompeu o padre com um sorriso de pessima bondade.

— Justamente... da minha artificial sahida para

Lisboa... mas não tive o gosto de possui-lo em minha casa...

— Era n'um dia de urgentes obrigaçoens para mim, que sou o pastor deste rebanho disperso, que muito quero levar ao redil da bemaventurança...

A seriedade apocalyptica do padre não enganou Manoel de Tavora. A prevenção collocára face a face dois homens de má fé.

— Felizmente — continuou o conde — deparou-me o acaso a fortuna de conhece-lo, quando é tambem uma religiosa obrigação do seu augusto ministerio a que o conduz ao meu castello...

— Quererá a desventura, que v. exc.ª tenha moribundos em casa a quem eu deva ministrar o Sagrado Viatico?

— Não, senhor... E' a benção nupcial...

— Sim!? pois é crivel que o nobre senhor de Panoyas, Mirandella e Margaride, viesse da côrte a estas serras eleger a companheira da sua vida?!

— E' verdade... encontrei-a linda, virgem e innocente como a sonhára para a não deparar nos festejos da côrte...

— Devéras, snr. conde, v. exc.ª casa-se na provincia de Traz-os-Montes, na comarca de Villa Real, e na freguezia de Nossa Senhora de Villamarim?!... Fenomeno!... fenomeno!

— E' muito natural, snr. abbade, quando o coração, ancioso e apaixonado, não sente a precisão de outras emoçoens...

— Talvez um capricho... uma anciedade invencivel... um apetite sequioso...

O padre fallava como um elegante experimentado: abria-se n'um sorriso tão franco, e tão francez, que o conde, á parte o medo, as prevençoens e o respeito, não póde esconder um franzir de testa que equivalia a uma cutilada em questoens de cavalleiros.

— Soaram-lhe mal estas hypotheses, snr. conde?! — proseguiu o padre acenando magestosamente com a cabeça. — O ministro do altar cumpre as suas obrigaçoens, quando lembra ao christão, que vae casar-se, as mil e uma hypotheses em que póde ajuizar-se de um

amor improviso que vae atar duas existencias por toda a vida...

— Snr. abbade... Eu tenho previstas todas as conjecturas possiveis, redarguiu a conde com firmeza e resolução.

— Ah! sim, nesse caso... não lhe lembrarei ainda uma, que é muito de considerar-se no casamento de nobres, já que o matrimonio para os que herdaram brazoens é uma coisa diversa, e diversissima, snr. conde, do que elle é para os que apenas herdaram um coração independente, um desejo fogoso, e uma vida simples e despegada dos juizos da posteridade...

— Que quer dizer?

— Fui prolixo de mais... perdão: eu me explico, se poder. Não vejo por aqui mulher, cujo pae ao menos prestasse para pagem de fidalgos como v. exc.ª... Será disforme e repugnante o seu casamento, senhor, com a filha gentil de algum lavrador obscuro e rustico... Depois, os que tal virem rir-se-hão da sympathia... Risos desses ferem coraçoens orgulhosos. A meditação reclama o arrependimento... Este conduz pela estrada da indifferença ao sentimento oppressivo do despreso... e ultimamente, snr. conde de S. Vicente, essa indiscreta filha do lavrador ficará para ahi privilegiada como condessa, mas cuspida nas suas affeiçoens até á morte... — affeiçoens que ella repartiria por toda a vida com um homem do seu nascimento...

A fisionomia do padre vibrára de enthusiasmo! A's vezes, durante esse discorrer pausado e reflectido, vacillava-lhe a voz com uma certa commoção, quasi sempre em outros homens, excitada por lagrimas. Revellava uma dôr; não era um preceito christão e social. Sentia-se-lhe a precisão de fallar uma linguagem, que lhe não entenderiam os lavradores e os jornaleiros da sua abbadia. O conde ouvira-o primeiro com indignação, e depois com profunda reverencia. Os olhos do padre fascinaram o seu interlocutor, a ponto de lhe tolherem uma resposta rapida e decisiva.

O abbade continuou, dando á voz a inflexão da caridade religiosa:

— Permitta Deus, snr. conde, que esse seu silencio valha uma seria meditação, no passo que vae dar...

— Tenho meditado... — redarguiu o conde com vivesa e energia. — Tenho meditado... Está enganado, senhor... E' nobre a que vae ser minha esposa... demoreime nesta resposta, porque as suas supposiçoens obrigam a meditar aquelles que como eu, lhes são inteiramente estranhos... Concluiremos, porque assim o pede a santidade dos meus deveres... e não sei mesmo se a dos seus... A que é minha mulher chama-se Ignez da Veiga, e é filha de Christovão da Veiga...

— Conheço essa familia.

Respondeu o padre sem a menor alteração de voz, de postura, de gestos, e mesmo de sorriso — que este, na apathia ou no enthusiasmo, fôra-lhe collado para sempre aos labios, como a corôa sacerdotal lhe fôra aberta no alto da cabeça para todo o sempre.

— Já vê, snr. abbade — continuou o conde — que este meu casamento, sem poder chamar-se *de conveniencias*, nada tem de extraordinario, para que venham á realidade as suas sinistras previsoens.

— Inquestionavelmente — respondeu o padre dando ás syllabas daquelle grande adverbio uma pausa de cantochão — D. Ignez da Veiga é uma nobilissima fidalga: seu pae todos sabemos quem elle é...

— Um honrado cavalheiro, que não desmente a fama de seus avós...

— De seus *avoengos*, é como se diz em linguagem de nobliarchia — interrompeu o abbade com o seu costumado sorriso e continuou, depois, affectando uma seriedade joco-seria, que lhe ficava a matar pela variedade dos tons que modulavam as suas palavras sempre em harmonia com os tregeitos da fisionomia. — Inquestionavelmente, o snr. D. Christovão da Veiga é o sangue azul da nossa provincia... — deixe-me dizer-lhe mais, sem offensa dos nobres Tavoras — é a realesa feudal destes nossos burgos um pouco domesticada pelas tendencias humanitarias do nosso seculo... Por consequencia, snr. conde, eu declaro irritas, nullas, e de nenhuma valia as minhas expressoens tanto mais perdoaveis quanto innocentes... Inquestionavelmente eu não sabia quem era a eleita de v. exc.ª... Mas... não é sem muito pesar, que me acho collocado na singular e tristissima posição de não poder, sem grave infracção das leis civis e ecclesiasticas, aben-

çoar este rapto, que outra coisa não póde chamar-se á maneira porque v. exc.ª e a sua digna esposa se me apresentam para casa-los...

O conde balbuciou, como desarmado de quantas razoens tinha em seu favor.

— Um rapto!...dizia elle com uma especie de pasmo irrisorio — Um rapto, snr. abbade, quando esta senhora me é negada por seu pae, e se me entrega voluntariamente para lhe eu dar uma felicidade cuja posse lhe é disputada por caprichos de D. Christovão?

— Tanto peior — redarguiu o padre Carlos, com muito sentimento comico. — Mais aggravante ainda se torna o rapto perante a lei, visto que a fuga da snr.ª D. Ignez, cujas intençoens louvo e respeito, se praticou depois da formal recusa de seu pae...

— Mas, senhor, ella está pura e virgem...

— Quem o duvida, snr. conde?... E quem sou eu, simples pastor de tres pobres aldêas, para que v. exc.ª me confie os intimos segredos da honestidade de sua senhora!? Nem eu, nem o meu prelado, nem os doutores do civel ousariam interrogar mysterios dessa natureza — Inquestionavelmente, snr. conde de S. Vicente, a questão é toda de fôro externo. O da consciencia tracta-se no confessionario... quando se tracta... que em fim... este nosso seculo não é dos menos corrompidos... E se me permitte contar-lhe-hei uma historia...

— Sim, snr. abbade, ouvi-la-hei com prazer; mas diga-me se em suas forças e virtude está abreviarmos esta ligação de que depende o bom conceito de D. Ignez...

— O bom conceito!... Pelo amor de Deus, snr. conde... Este povo é muito bom e muito estupido para conceituar mal a snr.ª D. Ignez... Por cá, meu nobre senhor, como por lá, na côrte do snr. rei D. Pedro, ha muitas libertinagens e immoralidades de fidalgos, que o povo não é capaz de devassar atravez de um reposteiro de raz com um grande brazão...

— Não o comprehendo, snr. abbade...

— Dizia eu que a pureza da filha do snr. D. Christovão está immaculada como as estrellas, e estará em quanto v. exc.ª fôr para ella um amante brioso e protector. Inquestionavelmente, eu não posso abreviar o seu casamento. Sua eminencia — o arcebispo primaz — esse

póde e deve santamente permittir que a filha do mui conhecido D. Christovão, seja, contra a vontade de seu pae, esposa do snr. conde de S. Vicente; mas eu não posso realmente... inquestionavelmente...

— Todavia — retorquiu o conde com um sorriso de amargura — Se esta, que é filha de D. Christovão, fosse a filha de um meu caseiro, pobre e desvalido...

— Isso era outro caso — interrompeu o padre Carlos, a toda a pressa, e esfregando as mãos — Ora d'ahi verá que eu sou rigorosamente logico e coherente nos meus principios. Lembra-se, snr. conde, que eu lhe pozesse algum obstaculo a este casamento antes de v. exc.ª me dizer quem era a sua noiva?!... Por certo que não... E' que eu, longe de a imaginar tão alta — suppunha-a uma pobre mulher do povo a quem fazem conta todos os casamentos e que nunca infringe as leis, porque as leis nem se occupam dellas, nem se dão por offendidas... E se me permitte, aquella historia que pedi ha pouco licença para contar, vem trazer um exemplo inquestionavelmente gravissimo para o nosso assumpto...

— Não valem os exemplos, snr. abbade; eu creio nas pessimas disposiçoens da lei, mas sinto-me com forças de as vergar em meu favor...

— Nesse caso... — redarguiu o padre, encolhendo os hombros.

— Mas é preciso que o casamento se realise já e já, porque não soffro que me separem de D. Ignez para a terem em deposito até á final solução destes negocios que prejudicam a sua honra...

— E' nobre, e inquestionavelmente airoso o seu procedimento... mas, meu caro... (permitta-me que lhe chame *amigo*...) eu muito queria fortalecer os meus argumentos com aquella passagem, que, pela terceira vez peço humildemente licença para contar... O caso é simples... rapido... interessante... e tragico...

O conde erguera-se afflicto e desesperado: era-lhe manifesta a maldade do padre no momento em que o hypocrita lhe pedia licença para o tractar de *amigo*. Os temores de D. Ignez estavam de mais justificados.

Padre Carlos não suspeitava das prevençoens do conde. Longe de suppor que D. Ignez, menina recatada, e inteiramente fóra das coisas do mundo, o conhecesse —

menos ainda, no seu retiro, devera receiar do conde de S. Vicente, que ha muitos annos não visitára as suas commendas. A historia, essa é que o padre não esquecia por coisa nenhuma. Ser-lhe-hia mais facil suspenderem-no das funcçoens sacerdotaes, que desvanecerem-no da freima de historiador. E' forçoso ouvir-mo-lo: seja tudo em desconto dos vossos peccados, piissimos leitores!

CAPITULO XVI.

Em que o padre Carlos da Silva inquestionavelmente *narra a famosa historia, não sabemos por ora de quem, mas com ajuda de Deus a mais intelligivel de todas as historias. Obra de muita moral e edificação. Temos a annunciar interrupçoens, que nos não deixam gosar estès contos do principio ao fim, com aquella fleuma logica e imperturbavel d'uma novella ingleza.*

Snr. conde de S. Vicente — proseguiu o padre — v. exc.ª se não ganha com a minha historia tambem não perde. O tempo é uma dadiva da munificencia de Deus, que só falta a quem o não aproveita; a experiencia, essa é que não chega a todos, porque são poucos os escolhidos para a prova do infortunio.

— Eu sei pouco mais ou menos o que vae dizer-me — interrompeu o conde.

— Sabe?! — é incrivel! v. exc.ª sabe com quem está, ou vê na minha testa o pensamento que me queima a cabeça?!

— Sei que o reverendissimo é filho bastardo de D. Christovão da Veiga.

— Mentira!

O padre era a explosão de colera menos evangelica que tem resfolegado pelos respiradouros d'um sacerdote!... Erguido e provocante diante do conde, parecia

dispor-se a acceitar o repto da desaffronta, se o conde julgasse ferido o seu pundonor.

Mediavam instantes de silencio. Tavora não soffreu irritaçoens perigosas no seu orgulho: illuminado por um raio de juizo prudencial, pareceu-lhe que o padre era mais um mysterio de profundos enigmas, que um simples segredo de familia.

— Enganariam-me, nesse caso, snr. abbade... — replicou Manoel de Tavora — Já vejo que nada sei, e interesso-me em saber a historia do seu segredo, se por ventura...

— Eu não disse a v. exc.ª que hia contar a historia do meu segredo; mas se é necessaria a franqueza como desabafo para este odio maldito que me aqui encravaram no coração; snr. conde, é o meu segredo que vae ouvir — é de mim que se falla — e antes de mim ha-de fallar-se d'um crime insoluvel na terra porque não ha vingança nobre que me indemnise.

O padre perdera tudo da sua ironia calculada logo que a exaltação natural, e tambem nobre como a altivez das suas posturas, veio desassombra-lo da mal fingida humildade monastica.

Aquelles labios, que pareciam crispar scintillas nervosas, não tinham nascido para murmurar a oração da hostia. Eram de um talhe e vigor rigido bastante para arengar, com grande prestigio, a um aguerrido esquadrão daquelles que desmantellaram os arraiaes do duque d'Alva.

O dialogo, como o leitor vê, era, a cada palavra, interrompido pelo silencio de ambos. O conde tinha prejuizos, uns filhos das crenças, outros da ignorancia, e outros vinculados á fidalguia destes nossos reinos. Padre Carlos hia-se-lhe transfigurando n'um homem extraordinario, imponente de grave respeito, e — quer m'o acreditem quer não — uma especie de mytho religioso que era necessario temer e reverenciar.

E' que o padre, além do brilho fascinador dos olhos, tinha a supremacia da intelligencia, e um ressaibo tragico nas vozes e nos ademanes, que lhe davam o condão

soberano de annullar os adversarios com o magnetismo da sua vontade imperiosa.

Ha destes homens ainda, hoje, que é mais farta a communhão das intelligencias, e menos auxiliar a magia dos prestigios humanos.

O padre começou assim a sua historia:

Este Christovão da Veiga, snr. conde de S. Vicente, é o representante d'um crime hereditario. Ha nesta familia um vinculo moral de perversidade. As traiçoens cavilosas vem-lhe de muito longe. No diá em que o primeiro Veiga recebeu a cruz de cavalleiro abriu o demonio um reservatorio de fogo para todos os Veigas. O inferno não é uma fabula dos gregos. E' necessaria uma afflicção infinita, uma eternidade atormentada de expiaçoens para homens como Christovão da Veiga... Desculpe-me, snr. D. Manoel... Eu perco-me ás vezes no mundo onde supponho que reina a justiça de Deus, quando mais me fórço em rojar pelo chão amaldiçoado dos homens...

O conde não respirava, e o padre suspendia-se de vez em quando, como quem espera a inspiração avara, ou a vaga memoria de esquecidos acontecimentos.

Continuava depois:

— Christovão da Veiga tinha dezoito annos; e D. Antonia Bacellar tinha dezeseis. Eram ambos nobres...—

A porta, que dizia para a camara proxima, abriram-n'a de improviso. D. Ignez da Veiga, assustada e afflicta, corre aos braços do conde. O padre necessariamente quebra o fio da sua mal começada historia, e o conde com difficuldade percebe Ignez que, a desmaiar, escassamente diz que vira seu irmão. O padre Carlos que a entende vae ao balcão, olha, e reconhece Pedro da Veiga, apeando-se á porta do castello.

— Sem duvida — affirmou elle — é Pedro da Veiga, que ahi está...

— Sósinho? — perguntou o conde.

— Sósinho, ao que parece.

D. Ignez esvaira-se de terror e surpreza, ainda mesmo que os trabalhos da noite, que com tanta coragem supportou, a não enfraquecessem até ao ultimo enervamento do corpo e do espirito.

Pedro da Veiga fizera-se annunciar por um dos proprios criados do conde.

— Diz a teu amo que está aqui o filho de Christovão da Veiga. Não me tardes a resposta.

A intimação foi textualmente feita ao conde. D. Ignez retiraram-n'a para a camara. O padre Carlos mostrára interessar-se pelas melhoras desta menina; mas o diabolico sorriso do artificio lá o tinha elle outra vez lythografado nos labios.

Pedro da Veiga, o unico senhor de si naquelle estranho lance, com gentil confiança na sua galhardia de vinte e quatro annos, subiu até ao ultimo degrau que entrava no salão do castello.

O conde de S. Vicente foi ao meio da sala, e, cortejando-o silenciosamente, gesticulava com a polidez de quem offerece a sua casa ao que espera que lh'a offereçam.

Não era preciso. Veiga, se parou um momento, encostado ao batente da porta, é porque não se tivera antecipado em coordenar os elementos de seu discurso.

Ora é certo que os discursos desta natureza são difficeis de melindre entre pessoas que não começam por distribuirem-se fraternalmente um trocadilho de sôcos, ou um tinido desagradavel de floretes.

O padre, esse — ninguem deve suppor que estava a rir-se. Quem diz que o homem adoptára um sorriso de eterno sarcasmo, não quer dizer que o insensato do clerigo estava em perenne gargalhada.

Mais presença de loquela, se não podemos dizer de espirito, quem nesta conjunctura a sustentou foi elle.

— Bem vindo seja o nobre viajante... Bellas novas, e estranhos costumes traz elle de mimo para aquelles que como eu não viram cem palmos d'horisonte adiante do nariz...

O gracejo do padre fez uma ligeira impressão nos labios de Pedro da Veiga. O conde murmurára palavras tão confusas ao seu hospede, que nem o auctor do manuscripto lh'as devassou. Pois já foi!

— Eu não tinha a ventura de conhecer v. exc.ª... dizia o Tavora, espiritualisando-se do quebranto, que parecia tolhe-lo nos corajosos alentos da sua fidalguia.

— E' natural — respondeu Pedro da Veiga — E pa-

rece-me que nada temos a sentir... nem mesmo tempo a perder... Preciso ficar a sós com v. exc.ª... Eu encarrego-me de desculpa-lo aqui com o snr. abbade... se bem me lembro quê é de Villamarim...

— Sou justamente o abbade de Villamarim — inquestionavelmente o mesmo abbade de ha quatro annos...

— E' que eu suppunha encontra-lo conego, arcediago ou deão da Santa Sé... — replicou Pedro da Veiga sorrindo, com os seus ares de zombaria.

— Nada, nada, meu fidalgo — tornou o padre — eu não quero alongar-me destes pintorescos prados de *Lordello*... Gosto muito de contemplar esta natureza selvagem com que fui creado. Já agora morrerei pastor de ovelhas bravas... Horisontes largos e esperançosos tem-os v. exc.ª que é a vergontea d'um tronco, rico de nobre seiva, e de gloriosos fructos. Eu cá, padre sem ambiçoens, sem orgulhos, sem prejuizos de nobresa... filho do amor ou do crime, ou não sei de que...

As ultimas palavras traziam o fel do sarcasmo. Os dous fidalgos pareciam impacientar-se com as demasias eloquentes do padre. Este, conhecendo-os, atalhou-se por uma transição espirituosa.

— Que salão de plebeus é este que não tem um fogão no dia 7 de Fevereiro? Ora, senhores, eu retiro-me, porque não tenho um temperamento tão calido como v. exc.ªª.

— Não, snr. abbade, (replicou o conde) v. s.ª ha-de esperar... que talvez estejam removidos os obstaculos que contrapoz á benção nupcial...

— A' benção nupcial?... — perguntou Pedro da Veiga com o vivo enthusiasmo de todo o seu contentamento.

— Sim, senhor — respondeu o conde com solemnidade e altivez — v. exc.ª seriá meu irmão a esta hora se este escrupuloso sacerdote conviesse em esposar-me com a snr.ª D. Ignez.

Pedro da Veiga abraçou o Tavora com transporte, esquecendo-se um pouco dos seus orgulhos. O padre nem sequer contribuiu com uma intergeição de alegria para esta scena patetica. Sorria-se, e achava que tinha manifestado pela sua parte o contentamento de um bom padre que vê acabarem as coisas a contento d'ambas as

partes, sem o desgosto d'um venealissimo peccado. Mas quem póde imaginar o que este padre era?! Isso...ninguem!

— Aproveito a occasião para lembrar a v. exc.ª — exclama o padre Carlos com uma importancia jocoséria e de momento — que a snr.ª D. Ignez da Veiga está desmaiada naquelle quarto.

— Desmaiada! — bradou Pedro da Veiga.

— E' verdade!... — affirmou o conde com maviosidade — Assustou-a a sua chegada imprevista... E depois os incommodos da noite passada... incommodos tão escusados, filhos d'um capricho...

— Já sei — tornou o Veiga — caprichos... é verdade... mas não discutamos essas graves ninharias... Quero vê-la... é aqui?... — E encaminhava-se á camara que fôra indicada pelo padre.

— E' ahi.

Respondeu o conde, e adiantou-se a abrir a porta. A porta estava fechada por dentro.

— Fechada! — exclamou Pedro da Veiga.

— E' que D. Ignez — disse o conde — achou-se melhor, e julgou-se mais protegida nos seus temores com a porta fechada.

— Sim — tornou o sacerdote com uma entonação circumspecta e irrisoria — Sim, inquestionavelmente está melhor, aliás tinhamos aqui os profundissimos mysterios d'um castello...

Pedro da Veiga olhava o padre com uma vista atravessada e de ruim agouro. A supposta bastardia não é que o irritava assim, pois muitos irmãos bastardos elle tinha, que lhe não alteravam a santa paz e quietação do espirito; é que lá dentro, no orgão das antipathias, circulava-lhe o sangue d'um rancor ingenito, ou inspirava-o o espirito profetico de muito maus futuros.

O irmão de D. Ignez, abalando levemente a porta, chamou com um tom de voz carinhosa a irman. A este chamamento inutil, juntou o conde o seu tambem inutil. Ambos franziram o sobrolho. O padre é que não estranhava o silencio da linda menina e dos seus mimosos receios.

— Se querem — diz elle — um padre que a invoque em nome de Deus, vou lá.

Pedro da Veiga não estava em hora de facecias, aliás responderia uma argucia menos estimulante que esta:

— Snr. padre... v s.ª é dos padres o menos auctorisado para invocar alguem em nome de Deus. Não se trata aqui de chamar o espirito das trévas, nem isto é festim em que hajamos mister um truão de fazer rir com dicterios e chocarrices.

— Eu não faço rir, snr. Veiga, com chocarrices. Quando gracejo, se fosse comprehendido, faria chorar. Truão, nenhum entrou nos vossos saloens, senhores fidalgos, com esta cara tão franca para penhor das verdades amargas que digo, sem a douradura das liberdades comicas d'um bobo...

— Não val a pena irritar-se, snr. abbade — atalhou o conde com a inflexão da bondade e do pesar. — A occasião não é boa para ditos e remoques que ferem muito. Se v. s.ª quer auxiliar-nos n'uma boa obra — n'um acto augusto e grandioso, que vae salvar a reputação d'uma familia respeitada, e a minha de cavalheiro, e a sua de ministro do Evangelho, fique embora, que Deus e nós lhe agradeceremos o cumprimento dos seus deveres sagrados. Se, por desgraça, protesta envenenar impiedosamente com a sua presença a união de duas familias, que não querem odiar-se, então é melhor sahir, e sahir com o coração seguro de que um de nós é incapaz de uma vingança mesquinha.

— Vingança mesquinha!! — não me falleis em vingança, senhores! — retorquiu o padre Carlos da Silva — E' necessario que me ouçam — continuou elle com uma exaltação imprevista e colerica — E' necessario que me ouçam, porque eu sou um enigma infernal entre vós. Sou um delegado d'uma mulher que jaz no tumulo com uma ferida rasgada no peito. Ha um sangue innocente que transsuda na pedra deste tumulo! Ha um grito de vingança que quer uma longa expiação de lagrimas! Ha um ANATHEMA de conjuração diabolica que vae até á ultima geração d'uma familia com um rastilho de sangue!

O padre parecia possesso. A linguagem d'um morto que se ergue sobre a lapide onde o lançaram apunhalado innocentemente, não aterraria mais aquelles dois homens!

A exaltação suprema, a que o abbade subira, despe-

nhára-o depois. O respirar forte, arquejante, e frenetico prostrara-o de cansasso moral. Sentado com a rapidez de quem sente fallecer-se, o padre Carlos entrelaçava os dedos da mais aristocratica mão pelos cabellos negros, e parecia querer refrigerar a cabeça que lhe calcinavam pensamentos de fogo.

A sua postura era respeitavel, embora os dois não attingissem o mysterio daquella angustia devoradora.

Pedro da Veiga, esquecido um instante de sua irman, parecia commovido daquella impressão, quando aproximando-se de seu irmão bastardo — como elle o julgava — lhe disse com falsa ternura e affeição d'amigo:

— Mas, senhor, diga-nos em que somos cumplices desse terrivel segredo!? Que fizemos nós, tão pouco relacionados com v. s.ª, para nos vêrmos aqui n'uma posição tão estranha, e nesta occasião que tanto precisamos de esquecer as desgraças dos outros para remediar as nossas?...

— São irremediaveis as vossas desgraças, senhores! Chamae essa menina que ahi está nesse quarto. Ella que venha ouvir uma historia... a historia de seu pae, snr. Pedro da Veiga... à historia de seu sogro, snr. conde de S. Vicente, a historia deste homem, chamado Carlos da Silva, nobres mancebos, que ides festejar umas bodas nupciaes!...

— E será essa historia nova para mim?! — interrogou Pedro da Veiga.

— Nova, como são novos os crimes incriveis desse homem que vive invulneravel para o remorso, e guardado para a eternidade dos supplicios d'um outro mundo, onde o crime não tem a mascara dos respeitos sociaes.

— Que homem? — interpellou o conde de S. Vicente.

— Christovão da Veiga! — respondeu o padre com decisão e rancor.

— Mas é melhor — tornou o conde — evitarmos a presença dessa menina innocente das culpas do pae, e sensivel de mais para ajuizar dos grandes crimes de um homem, se é de grandes crimes que nos quereis fallar...

— E' verdade, snr. conde, não quero que minha irman se dóa de taes revelaçoens... Eu entro no seu

quarto, e o snr. abbade se não prescinde da sua historia, ahi tem o snr. conde que lh'a ouça.

Pedro da Veiga casualmente volvera os olhos para a porta da camara, e viu-a abrir-se cautelosamente. Depois os lindos olhos de D. Ignez espreitaram de mansinho, e encontraram os de seu irmão rindo-se para ella, porque os labios tambem se riam. A linda menina, como a assucena que descahe se os raios do sol a affagam muito, retirou-se de envergonhada, mas não quiz, ou já não pôde fechar a porta. Seu irmão, ligeiro como um amante, e com o coração ancioso por ella, tão mimosa no seu pudor surprehendido, entrou na camara, e, aváro do abraço fervoroso que hia dar-lhe, fechou-se por dentro, e deixou, sem saudades, o padre historiador, e o pobre conde com as tristes honras d'auditorio, e constrangido, sabe Deus quanto!

CAPITULO XVII.

O editor destas coisas dá a sua palavra de romancista em como a historia do padre Carlos da Silva não será interrompida.

O padre Carlos da Silva está sentado na extremidade d'um escabello, e estende o braço direito sobre uma mesa de faia com lavores dourados. Em quanto os nervos se lhe conservam mansos e quietos, no decorrer da historia, o padre falla com os olhos fitos n'um dragão, serpente, esphinge, demonio, ou coisa que o valha, aberta no centro da mesa, cujos contornos vae traçando distrahidamente com o dedo indicador.

O conde de S. Vicente está sentado n'uma corpulenta cadeira de couro lavrado, e matisada de metaes. Vê-se-lhe primeiro a inquietação buliçosa a distrahi-lo das gravidades historicas do padre: mais tarde a historia prende-lhe a intelligencia e os sentidos, como não ha prisoens de mulher que tanto apertem.

Prevenimo-nos nestes preliminares.

Agora, cumpridas as leis do romance moderno — fastidiosamente localista — não ha nada que se intrometta na historia do padre mais romantico de que ha noticia.

Attenção. E' elle que falla:

— Eu disse a v. exc.ª que Christovão da Veiga tinha dezoito annos, e D. Antonia Bacellar dezeseis. E eram ambos nobres: elle de pergaminhos; ella de virtudes.

E' certo, snr. conde, que uma menina de dezeseis annos carece da experiencia e do triumpho repetido de muitas tentaçoens, para ser canonisada em virtuosa; mas a virtude, que se herda, á beira d'um leito pobre, onde morreram avós e paes honrados, está purificada, e vin-

culada ao coração d'uma orfan, como a fortuna do fidalgo poderoso ao senhorio de seu filho.

Esta D. Antonia Bacellar dizem-me que fôra um rosto formoso, e o coração d'um anjo. Tambem me dizem que era d'uma sensibilidade afflictiva... No dia em que seu pae lhe morreu chorou lagrimas, que não deviam estagnar-se. A orfan emancipou-se no dominio de perpetuas desgraças. A tutella da honra, neste seculo de immoralidade, é uma protecção irrisoria para a mulher pobre, que não póde vender-se em bazar de esposas endinheiradas...

— Não é sempre assim, snr. abbade... interrompeu o conde — Ha muito quem se não curve ao ouro da mulher, se elle não é o mais pobre dos seus adornos...

— Haverá — tornou o padre — mas v. exc.ª não lucra em argumentar-me excepçoens, porque dilata mais a minha historia, que eu muito queria lhe não molestasse a generosa paciencia...

Christovão da Veiga era por esses tempos o morgado da casa dos Veigas, e o representante das *virtudes* fidalgas de seu pae, cujo nome é hoje uma novella de crimes nas lendas populares, que, as mais das vezes, são, com verdade, a tradiccional chronica dos seus escandalos... (*)

A mulher que nasceu boa do coração e cresceu com as suas illusoens innocentes, quando o homem lhe apparece por detraz dos seus sonhos — exhala, como a flôr d'Abril, os perfumes da sua candura — abre-se ao sol do amor com todo o viço da sua generosa affeição — e, como a flôr d'Abril, morre na manhan dos seus amores, queimada por um raio desse sol que lhe fecundára no seio a esperança florida dos affectos puros.

Esta menina, snr. conde de S. Vicente, era um anjo assim. Estava arriscada a perder-se com facilidade quando a quizessem perder. Iria com o riso nos labios, o perdão no coração cahir cheia de amor nos braços do seu algoz. N'uma época de compaixão e misericordia pelas mulheres infelizes, faltaria o algoz... Nesta, a victoria era do primeiro que a tentasse. Quem primeiro a tentou foi Christovão da Veiga.

(*) A snr.ª Joaquina da Luz confirmou as imputaçoens do padre. *Vid. cap. XII.*

Antonia Bacellar vivia d'uma parca mesada que lhe esmolára um seu thio corregedor em Vizeu, e da renda de uma propriedade rural, pequena e mal grangeada, que v. exc.ª poderia vêr desta janella, se valesse a pena vêr-se... Lá ao pé não desagrada aos olhos, e dá ao coração umas tristezas que fazem chorar os que souberem esta historia, que é tambem a historia da vida e da morte daquella menina... Debaixo de uma ramada estão lá umas plantas que reverdessem na primavera, e florejam como ha vinte e sete annos, que alli foram plantadas por mão della. Está lá uma pedra onde ella se assentava... o musgo cobriu-a como a ervagem que nasce nos sepulchros... — E' alli tudo muito melancolico, principalmente á tarde, quando se ouvem sinos a finados por estas aldêas, ou as mulheres do campo descantam estas cantigas de por aqui passadas de uma tristeza que dóe e desconsola... Perdoe-me v. exc.ª... eu esqueci-me de mais... com pequenas coisas da alma, que pouco valem para mim ou para v. exc.ª...

O conde entristecia-se com estas pinturas, cuja maior gravidade lhes vinha do tom baixo, tremido, e entallado com que o padre a coloria. O proprio abbade tinha os olhos humidos, e as feiçoens amortecidas como ellas se figuram no homem quebrado pelo desalento. Calou-se, e scismou. O conde perecia esquecer-se da esposa, e do irmão para escuta-lo. Como o silencio do abbade se prolongava, Tavora interrompeu-o:

— Prende-me bastante o coração com a sua tristeza, snr. abbade. Já adevinho que ha amarguras muito grandes no desenlace, não é verdade?...

— E', snr. conde, é uma verdade das mais doridas de recordarem-se... Eu tinha dito que...

— D. Antonia Bacellar vivia d'uma mesada, e de...

— Ah! sim... e desta propriedade que pouco valia; mas abundava-lhe o que tinha, e tinha muito quem lhe invejasse o seu patrimonio de virtude...

— E não vivia com algum parente? — interrompeu o conde.

— Não, senhor. Tinha comsigo a creada que fôra ama de sua mãe. Era uma segunda mãe... o symbolo de uma familia inteira, e a recordação das acçoens nobres e intimas dessa familia que ella conhecia ha 70 annos. Seu

thio corregedor confiara as filhas desta mulher — mais depressa lhe confiaria a sobrinha, que é um amor segundario para um thio, quando ha filhos, e não sobram os ganhos d'um magistrado probo...

Quando a pequena vinha sentar-se nas tardes do estio debaixo da ramada da sua herdade, Christovão da Veiga apparecia-lhe como de passagem, e cortejava-a com muito respeito, que é a primeira expressão d'um profundo amor. D. Antonia amava este homem, que foi necessariamente de uma boa presença. E' certo que as fórmas elegantes muito influem quando as decoram os prestigios sociaes, os atavios da educação, e a aureola da fidalguia opulenta que muito é para a mais independente das mulheres.

Quem venceu D. Antonia Bacellar foi a tentação incessante. Não posso dar outra razão, porque ninguem disse que dialogos houveram, e que lagrimas se verteram antes desta innocente menina renunciar á sua corôa de virgem... Depois é que veio á luz a promessa — a seducção, e a villania... Foi depois... mas antes, snr. conde, esta menina sentia-se... mãe... Tenho de memoria umas linhas escriptas por mão de D. Antonia... Escreve-as a uma amiga professa nas religiosas Claras de Villa Real... São estas, sem alteração d'uma palavra:

« Estás senhora da minha vida. D'aqui appello para « a morte, se fui enganada. Até hoje só Deus via os « meus crimes: d'ora em diante eu sou criminosa aos « olhos do mundo... Comprehendes-me, Rita? A mi- « nha situação... o meu estado... meu Deus!... Adi- « vinha-me, minha querida amiga, antes que eu t'o di- « ga... Estranho-me... E' um sonho terrivel de que não « acordo!... Que seria de mim se este homem me atrai- « çoasse!... E' impossivel!... Ninguem escarneceu as- « sim d'uma orfan, d'uma infeliz que se perdeu por amar « muito... E não me arrependo de o ter amado!... Ar- « repender-me e morrer será a mesma coisa... A paixão « sinto-a augmentar-se, quanto mais se aggravam as mi- « nhas culpas... Rita! A Virgem ouve-te, porque tu és « boa, e pura, como eu era ha quatro mezes... Pede- « lhe de joelhos por mim... pede-lhe pela criminosa, e « tem fé nas tuas supplicas que ELLA ha-de inspirar aquel- « le que me póde fazer virtuosa no conceito do mundo,

« ou abandonada por torpeze maldita de vergonhas... »

Esta carta, snr. conde, revella uma suspeita a D. Antonia... uma descrença que começa... um presagio tormentoso do seu abandono... Ha uma segunda carta á mesma freira . Eu sei-a... E' a minha lição de vinte annos. Eu tinha seis quando a li pela primeira vez...

« Abandonou-me a Virgem que nunca me abandonára, quando eu fui pura como as mais dignas da sua « protecção e do seu amor. Nem uma esperança... Eu « estou triste como ninguem esteve no mundo. Sinto-me « morrer, minha amiga, e nem escrever-te me é desafogo... Christovão da Veiga é outro homem... vejo-o « impacientar-se, quando timida e chorosa lhe fallo na « minha honra e nas suas promessas... Com ares de enfastiado pede-me que não ultraje o seu cavalheirismo, suppondo-o capaz de faltar-me... mas não é o coração que « lhe dá o enthusiasmo... não é, não, Rita, eu conheço que não é, e não sei dizer-te a razão porque o conheço... As horas parecem-lhe longas... eu sei que lho « parecem, e elle, com tudo, ainda me não deixou antes da hora costumada... D'antes, não me consentia « que eu lêsse, quando elle me repetia os juramentos e « as palavras apaixonadas sempre com viveza e variedade nos pensamentos... Agora é elle o que me pede que « leia... Não será isto o amor que se acaba, minha querida amiga!... Diz-me, não terei eu motivos para « chorar de noite e de dia?... D'antes as flôres da minha ramada do *Prado* eram-lhe tão caras... contemplava-as com uma ternura tão lisongeira para mim... « e hoje dessas flôres dou-lhe uma rosa humida com as « minhas lagrimas, e elle desfolha-a insensivelmente... « Não será isto uma differença, um annuncio de que sou « muito desgraçada?... Poderás tu consolar-me, Ritinha?... Poderás dizer-me se eu devo ter esperanças nas « promessas deste homem, deste anjo que eu hei-de adorar quando mesmo sinta um seu pé esmagar-me o coração?... Que pensarias tu, no meu caso... responde-me, vale-me... enchuga-me estas lagrimas, e a « Virgem Nossa Senhora te conserve para amparo da tua « desgraçada amiga. »

Ha outras cartas, senhor, mas reproduzi-las é retar-

dar o desenlace. As cartas de desenlace... essas é indispensavel que as eu repita...

— Todas... todas... — interrompeu o conde com ar de supplicante bondade, e compassivo interesse.

O padre Carlos hia continuar, quando a porta da camara foi aberta, e Pedro da Veiga com sua irman pela mão entrou na sala. O padre ergueu-se e adiantou-se dois passos a cortejar Ignez que, com muito acanhamento, correspondia aos cortejos do padre.

— Perdôem a interrupção... — disse Pedro da Veiga — Eu queria que o snr. abbade conhecesse minha irman... que talvez não tivesse visto...

— Não, senhor — respondeu o padre com intenção — eu não tinha a honra de conhecer sua irman... Bem sabe v. exc.ª que eu não frequento as sociedades onde a snr.ª D. Ignez é rainha de formosura... e de virtudes... Deus permitta que tambem...

— Muito agradecida — disse D. Ignez com brandura e animada um pouco mais.

— Eu espero — tornou o Veiga — que d'hora em diante o padre Carlos da Silva seja amigo de Pedro da Veiga, e da sua irman, e daquelle que mais direito tem á sua estima e veneração?

— Quem, snr. Veiga? — interpellou o padre com acrimonia.

— Christovão da Veiga...

— Por Deus! — replicou o padre estendendo o braço com magestade e soberania — Por Deus, snr. Pedro da Veiga!... se não é escarneo, peço-lhe que me não insulte de boa fé!... V. exc.ª não sabe a pagina hedionda da vida de seu pae... Permitta Deus que esse livro negro de atrocidades o não esfolhem as mãos innocentes de sua irman... Uma supplica... retirem-se por algum tempo... Snr. conde, diga v. exc.ª se devem retirar-se os filhos de Christovão da Veiga em quanto eu sou o historiador dos crimes e vergonhas de...

— Sim... — respondeu o conde, que nada dissera ainda depois da apparição de D. Ignez — Eu peço que se retirem algum tempo... Vão vêr o castello... tem pouco que admirar, mas as vistas dos adarves tem bellesa...

— Pois sim, vamos... — instou D. Ignez que se

assustára com as palavras do padre — Sim... vamos... repetiu ella, puxando pelo braço do irmão...

E foram, não obstante a hesitação calada de Pedro da Veiga, e a má vontade que lhe estorcia a vista para o padre. E' crivel que D. Ignez soffresse muito. Apprehensivel, ou nervosa, como hoje se diria, a debil menina devia prever muitas desgraças, embora seu mano tentasse convence-la de que não previa nenhumas.

O padre Carlos susteve-se um pouco a prender o fio da sua interminavel historia, ou a repousar da fadiga e anciedade com que fallára na presença dos filhos de D. Christovão. O conde estava como vendido e desencorajado no lance de scenas tão variadas e estranhas. Nem a elle, e a nós menos ainda, era possivel antever as consequencias destes maus principios! Vamos onde o padre nos levar, já que é elle o facho illuminador deste romance tenebroso.

— Peço-lhe que continue, snr. abbade.

— Um pouco de silencio, snr. conde — respondeu o padre — v. exc.ª escuta-me talvez com toda a serenidade do seu sangue frio, e eu não converso, nem reproduzo novellas de entreter o espirito... — ergo o crepe negro do cadaver de minha mãe, dispo-lhe o seio da tunica borrifada de sangue, e com os meus proprios dedos aparto-lhe os labios da ferida que lhe rasgaram no coração para que v. exc.ª veja e se dôa da profundidade do golpe...

— Eu já tinha adivinhado que D. Antonia Bacellar era sua mãe...

— Era minha mãe... snr. conde.

O tremor doloroso e entalado com que o padre soltou aquellas palavras, relatava a dôr no mais sublime da sua poesia angustiada! Mais que a paixão, mais que a saudade afflictiva, superior ao extremo adeus de um pae agonisante a seus filhos desvalidos, aquelle *era minha mãe*, acompanhado de lagrimas copiosas, resumia em si uma vida de padecimentos, uma viuvez de coração com desesperança profunda nos consolos do mundo.

Tavora compadeceu-se deveras do homem que chorava como creança. Nunca os seus folguedos de nobre tinham sido perturbados pelo espectaculo das lagrimas na face d'um homem. As que elle vira na côrte eram as la-

grimas do capricho, a expressão do odio impotente, as lagrimas cortezans que a esponja do fel enxuga muitas vezes, e jámais a uncção religiosa pôde acarinhar com os seus afagos de resignação.

— Este não é o chorar afeminado do coração fraco, snr. conde — proseguiu o padre comprimindo os sobrolhos com violencia — chorar por quem senão conheceu, quando nos contam desgraças que deram ao sepulchro uma mulher sem crime para tamanha punição — é motivo de mais para chorar — não é verdade? Eu fallo da que aqui me deixou no mundo como um livro da sua vida e morte, escripto com o sangue das suas entranhas... Tambem me legou a alma debil que Deus lhe fadára para sentir e chorar... Porque não chorarei o resto das lagrimas, que ella deveria verter se a sua vida não fosse tão breve entre os que a mataram? — ... Esqueci-me de que me attendia, snr. conde. Estava eu agora a pensar alto como penso noite e dia na solidão da minha consciencia... Eu vou satisfazer-lhe a sua curiosidade...

— Não só curiosidade, snr. padre Carlos... — é tambem o interesse do dó...

— Dó... não, snr. conde! — interrompeu o padre com firmeza colerica — Eu não quero dó de ninguem! Não troco a minha vingança pela compaixão dos felizes do mundo... As côres tristes do sentimento que dou á minha historia, senhor, não são figuras de rethorica para commover... São a fidelidade do texto, e os documentos que hão-de servir-me em saldo de contas depois da vingança... Perdão! snr. conde... perdia-me outra vez nas abstracções... Eu não sei que tinha dito...

— Acabára de repetir a carta de sua mãe em que ella desconfia de estar acabado o amor de D. Christovão...

— E' verdade... E' a segunda carta que termina assim: — « Poderás dizer-me se eu devo ter esperanças nas promessas deste homem, deste anjo, que eu hei-de adorar, quando mesmo eu sinta um seu pé esmagar-me o coração? »

— E' justamente o final da segunda carta... v. s.ª disse depois que para abreviar o desenlace hia repetir as ultimas...

— As ultimas... — respondeu o padre com um sor-

riso amargurado — as ultimas não foi ella que as escreveu... O padecimento mata a intelligencia... Houve quem escrevesse os ultimos dias daquelle anjo... Foram as mãos que lhe ampararam a face amortecida, e lhe cerraram as palpebras humedecidas das ultimas lagrimas que chorou... E' um diario, snr. conde de S. Vicente, que faz soffrer a alma do mais perdido e insensivel pelo endurecimento dos crimes.

— Existe esse diario? — perguntou, vivamente commovido, Manoel de Tavora.

— Tenho-o eu, e não tenho mais nada neste mundo! Enfureço-me e sinto lagrimas de piedade quando o leio... Parecem impossiveis estes dous sentimentos! Ella morreu, perdoando... e eu vivo ha vinte annos atormentado na alma pela peleja do perdão contra a vingança... O meu manuscripto, snr. conde, quero que o leia...

— Permitta Deus que seja hoje — disse o Tavora com a emoção d'um sincero interesse.

— Hoje, não... E' cedo ainda — retorquiu o padre com intenção calculada.

— Cedo?!... porque é cedo?

— Cedo para a minha vingança!

Era admiravel a mutação rapida nas feições do abbade! A compaixão dorida e serenamente religiosa, que, ha tanto tempo, lhe irradiava na bella physionomia, convertera-se instantanea naquelle franzir severo e rispido de colera que os frenologistas imprimem nos seus *Robespierres e Marats* de fantasia.

O conde de S. Vicente sentia-se abalado, captivo, e fascinado deste homem extraordinario, que anceava uma vingança mysteriosa, e impossivel de descortinar-se nas trevas dos odios humanos. Emprazo o mais esperto dos meus leitores para adivinharem que tragico pensamento relucta naquelle coração de homem a arfar, possesso de maus espiritos, debaixo de uma veste sacerdotal!

Vamos estabelecer alguma hypothese antes de virar folha ao meu precioso manuscripto. Suppomos que o padre... Não suppomos nada, que é o melhor... — Sigamos textualmente a pratica dos dous, cujas divagações me fizeram quebrar a palavra de romancista, que, de tão

boa fé, vos dei, honrados leitores, no argumento do capitulo.

— Cedo para a minha vingança — repetira o padre estendendo com magestade o braço direito para o conde.

— E que vingança medita?

— Que vingança medito!... — respondeu o abbade acenando com a cabeça, e sorrindo com aquelle riso indefinivel entre a ironia e o martyrio. — Que vingança medito... pergunta v. exc.ª? Pergunte ao orfão que resa sobre o tumulo de um pai, que lhe mataram, que vingança medita!... Pergunte á virgem prostituida e abandonada á porta d'um hospital, que vingança medita!... Pergunte ao filho a quem mataram sua mãe com infamias e traiçoens e escarneos e vergonhas... que vingança medita!... E' a minha vingança, snr. conde de S. Vicente!...

— Não fira alguma victima innocente, snr. padre Carlos... — replicou o Tavora com a brandura de uma boa alma...

— Não era tão innocente minha pobre mãe!? Quem mais innocente do que a pomba que estende o pescoço debaixo do pé que a suffoca?!... Snr. conde de S. Vicente... não sei como estas horas se passaram... Supponho que v. exc.ª me não convidará a consagrar o seu casamento com a filha de D. Christovão da Veiga... Retiro-me, e levo comigo a certeza de ter-lhe inspirado compaixão pela desgraçada, que já não póde agradecer-lh'a...

— De certo... assim eu podesse já agora saber que flagelos o privaram dessa mãe infeliz...

— Sabe-los-ha, manhan, já que o quer...

— Confia de mim o seu *diario?*

— Não o confio de ninguem, snr. conde... Hei-de lêr-lh'o... Quero sondar as emoçoens que elle lhe causa...

— Aqui?

— Além!

O padre erguera-se, e por um dos balcoens da torre apontava para uma pequena granja que se toucava de espessas arvores na margem direita do rio de Prado.

— Além?! — perguntou maravilhado o conde.

— Não lhe disse eu já que era aquella a herdade de D. Antonia Bacellar?! Eu, nas scenas de grande amargura, procuro harmonisar tudo que é dôr por quantos

modos inventou a tristeza... Já li o diario de minha mãe sobre o seu tumulo... De tanto quero eu livra-lo... Snr. conde, depois das minhas obrigaçoens parochiaes, ver-nos-hemos manhan...

— Até manhan, snr. abbade.

Manoel de Tavora vieram D. Ignez e seu irmão desperta-lo d'uma tristeza meditativa.

Lá dentro, n'aquelle coração religioso e timorato, o terror e o prestigio acordaram alvoroços estranhos e dores surdas no mysterio de uma alma nobre.

CAPITULO XVIII.

O qual não póde chamar-se massador sem grave prejuizo dos artigos de fundo. Contam-se passagens que só o demonio era capaz de adivinhar!

O padre Carlos da Silva teria tempo de hir no fundo da tortuosa escada do castello, quando D. Ignez e seu irmão entraram na sala. Pedro a quem o verniz das viagens tinha dado este polimento de estoicismo, que hoje se adquire sem sahir da aldèa, encarára a historia do padre como coisa frivola, e propria d'um abbade de Santa Senhorinha de Villa-marim, com pertençoens a mysterioso e terrivel. D. Ignez, que era mulher e toda subordinada aos preconceitos e temores d'um coração novo e crente, déra mais ouvidos á voz intima dos terrores que lá dentro lhe segredava infortunios, do que ás graciosas zombarias de seu irmão em desconceito da lenda tragica do propheta de Villa-marim — como elle por não sei que de escarneo chamava ao padre.

Cada um com as suas idêas, vieram encontrar o conde de S. Vicente, que por força devia tambem lá ter as suas.

O homem estava aterrado, e succumbia como creança ás funestas consequencias d'uma tragedia, cujo remate ainda não sabia. A existencia d'um grande crime a expiar já elle não ignorava: a precisão de ser expiado na pessoa de alguem era um artigo de fé indestructivel; mas o que mais atormentava aquella boa alma eram as conjecturas da victima e do algoz! Seria a innocente filha de D. Christovão a pomba expiatoria d'aquelles rancores? Estariam os alçapoens do inferno abertos para receberem todas as almas em contacto com o criminoso?

*

Era justamente este grave caso de theologia moral que escandecia a cabeça atordoada do conde, quando a melancolica esposada e o risonho Pedro da Veiga cada um por sua vez lhe dirigiram estas animadoras palavras:

— Então o padre pediu as tres aves-marias do costume?

O conde sorriu forçadamente ao gracejo do Veiga.

— Disse-lhe coisas que o entristeceram, não é verdade? Eu adevinhava isso... Não t'o disse eu, Pedro?

O conde ergueu-se e apertou affectuosamente a mão de Ignez, como a agradecer-lhe alentos, que tão precisos lhe eram. A fronte começava a illuminar-se-lhe por entre as nuvens de tristeza, ou o fogo dos lindos olhos d'ella aqueciam aquellas feiçoens paralisadas pelo torpor de um medo sobrenatural. Eu estou por isto, e penso que não ha inimigo vivo nem fantasma de tumulos que o homem não accommetta, espiritualisado por certos olhos que faíscam mais lume que as escorvas das melhores pistolas inglezas.

As almas, que se decidem pelas primeiras impressoens, decidem-se pelas segundas com milagrosa rapidez. Se não fosse esta lei da sabia providencia, haveriam perpetuos tolos, apaixonados insupportaveis, e homens feios muito infelizes com mulheres, que tem o direito da escolha.

A alma do conde era uma d'aquellas almas. Se o deixassem só vinte e quatro horas, alta noite uma larva a resfolegar sangue lhe cahiria de entre as vigas do tecto, e ao romper do dia o conde de S. Vicente, palido e hirto com os olhos esgazeados, iria jurar perante o guardião dos franciscanos — que vira a alma penada de D. Antonia Bacellar rugindo vingança contra o assassino da sua honra e da sua vida!

Credo! Santo nome de Jesus! O que não iria hoje de soláos em má prosa em casa da tia Josefa do Cabo, do tio Pedro da Antonia, e da tia Antonia do Pedro!... Bom foi virem a snr.ª D. Ignez e seu mano exorcismar no nascedouro uma legião de demonios e feiticeiras, que povoariam a provincia de Traz-os-Montes, mesmo apesar da *pavorosa illusão da eternidade*, alumiada pelos candieiros da civilisação.

O estroina do Pedro da Veiga estava morto por saber

a fundo a sublime loucura do bastardo Carlos da Silva.

— Conte lá, snr. conde — dizia elle com ares de destemido *farceira.* (*) Conte para ahi essa jeremiada do propheta Carlos... Que diz elle? Quer levantar contra o pae os povos da freguezia? Temos excommunhão pontificia, ou accendem-se as fornalhas da inquisição?

— Não escarneças, Pedro; eu tenho muito medo daquelle homem... — Disse D. Ignez com muita brandura, e apertando convulsivamente a mão do conde. — Diga, elle entristeceu-o, não é assim? — Continuou ella olhando docemente para Tavora.

— Entristeceu-me bastante... Quem não ha-de entristecer-se com as desgraças d'uma senhora, que foi boa de coração e linda talvez como D. Ignez da Veiga?!...

— Essa é boa! — interrompeu o irmão de Ignez enrugando a testa e emendando logo este gesto de aborrimento com um sorrir de desprezo. — E' muito boa essa, snr. conde de S. Vicente! V. exc.ª compara uma Bacellar com uma Veiga?!

— E então, isso que tem, mano? — perguntou sinceramente compungida D. Ignez!?

— Eu não comparo linhagens, snr. Pedro da Veiga!... Permitta Deus que novos dissabores por causa de pequices de noblyarchia não venham aguar-nos esta amisade nascente... O que eu disse foi que D. Antonia Bacellar teria um coração e uma formosura como a de sua irman...

— Teria — tornou o Veiga repremindo os espiritos hyeraldicos que se lhe alvoroçavam rebeldes a toda a idèa filosoficamente democratica. — Teria... póde muito bem ser que tivesse... mas não me sinto inclinado a sanctificar o coração de uma mulher ordinaria, que se vale da sua formosura para calcular um casamento desigual, como eu me sirvo das boas maneiras com a filha de um meu foreiro para os unicos fins que posso aproveitar na filha de um meu foreiro...

— Que disseste, Pedro? perguntou D. Ignez com singella curiosidade.

— Não disse coisa que lhe interesse, menina — respondeu o conde: e voltando-se para Veiga continuou com circumspeção e soberania: — Não estamos sós, meu ami-

(*) Equivalia a *Janota* dos nossos dias.

go... A conversa, assim tractada com liberdade de rapazes tenho direito a suspende-la na presença da que hade ser minha mulher...

— Tem razão, snr. conde... E lembrou muito bem... Minha irman, e a reputação de minha familia, soffrem com a demora do seu casamento. Não carecemos dos favores insignificantes do abbade de Villa-marim. Qualquer padre e em qualquer capella... não é verdade?

— De certo. — Respondeu o conde com resolução.

— Pois bem — continuou o Veiga — partamos já para Villa Real. Veste-te, Ignez...

— Eu estou vestida... não tenho mais do que isto — respondeu com muita simplicidade Ignez, agitando graciosamente a meia cauda do seu vestido de gase, matisado de relevos a fio de prata, e mal enxuto da chuva d'aquella noite.

O conde e o irmão sorriram-se, e iriam talvez commentar a *toilette* critica (palavra que só muito depois atravessou os Perineus de braço dado com a *soirée*) da menina, quando aquelle lacaio, ferido horas antes por Pedro da Veiga, appareceu no limiar da porta do salão.

— Que queres? — perguntou o conde.

— Saberá v. exc.ª que estou mal arranjado deste braço... Não me acho nada bom... e custou-me bem a chegar cá acima...

João Lisboa, como o leitor se lembrará que elle se chamava, não tinha visto Pedro da Veiga, senão pelas costas, conversando com a irman. Quando ouviu fallar de braço, Veiga lembrou-se do encontro da madrugada, e olhou para o Lisboa, que não teve mais uma palavra, quando deu de cara com o seu *bemfeitor*.

— Então que é o que tens?... cahiste? — perguntou o Tavora.

— O que foi — respondeu elle virando as costas para sahir. — O que foi... ahi está esse senhor que o diga... O que eu preciso é que me deixem curar antes de partir, ou então que me deixem confessar para morrer...

E sahiu. O conde ficou perplexo, e o Veiga, apesar de toda a sua indifferença de bom tom, mostrou-se embaraçado com a eventualidade. D. Ignez, indecisa entre dois partidos que tinha a escolher, dizia lá na sua consciencia que novas desgraças conspiravam contra ella.

— Posso saber — perguntou o Tavora com gravidade — porque v. exc.ª feriu o meu creado?

— Pelos mais justos motivos. Offendeu-me, como um vil, que eu mandaria açoutar se trouxesse lacaio comigo...

— Oh mano!... — acudiu Ignez como quem supplicava bons modos e brandura ao genio irritado de seu irmão, que se déra um ar de arrogancia da meia-idade na sua resposta concisa e terminante.

O Veiga continuou sorrindo:

— Mau é que v. exc.ª me interrogue por um facto a que me envergonho de responder...

— Não deve envergonhar-se, snr. D. Pedro da Veiga... — redarguiu o conde. — Nós os fidalgos temos obrigação de responder pelos nossos actos, sem corar de vergonha, quando elles nos não ficam mal.

— Mas — replicou o Veiga — eu supponho que o conde de S. Vicente não quer ser meu juiz por eu ter disparado uma pistola no braço atrevido do seu creado!

— Quem sabe?! — replicou o conde com a mais fidalga serenidade.

— Oh meu Deus! — exclamou D. Ignez em postura supplicante — Pedro!... Snr. Manoel de Tavora!... pelo amor desta infeliz que a ambos supplica não estejam com essas palavras, que parecem de inimigos!

— Que singular situação! — murmurava o conde passando os dedos pelos anneis da desalinhada cabelleira.

— Diz bem!... — tornou o Veiga com intenção má e caprichosa. — Que singular situação!

— Principiam muito cedo os dissabores entre nós — disse o conde, entre repêso e enfastiado.

— Não sou eu que os promovo — redarguiu Pedro da Veiga.

— Nem eu, pois não, conde? — interrogou D. Ignez.

— De certo não: sou eu — e mais ninguem... — Respondeu o conde com sublime resignação e bondade.

— Agora a minha vez, snr. conde... — replicou o Veiga cada vez mais rapaz e mais estouvado. — Principiam muito cedo os dissabores entre nós.

— Quem t'os causa, Pedro? — perguntou a irman encantadora de mansidão e brandura.

— São todos! — respondeu imperiosamente Pedro da

Veiga.— Repito as palavras do snr. conde: *é singular a nossa situação!* O meu pundonor ferido não se afaga, como lamurias de rapaz. Aos olhos do mundo, o procedimento de minha mana e o de v. exc.ª, snr. Manoel de Tavora, perderão a sua deshonestidade pela benção matrimonial; mas, pela minha honra lhes confesso, que a minha consciencia magoada não se concilia de barato com os maus precedentes deste casamento. Não me deslumbra o realce da minha familia com esta alliança...

— Nem eu ouso querer que tal deva acontecer.— Atalhou o conde sorrindo.

— Nem acontecerá. Orgulho por orgulho, snr. conde, já que não posso dar-lhe affronta por affronta.

— Ou eu o não comprehendo, snr. Veiga — disse o conde com acrimonia — ou v. exc.ª tem uma condição que desmente a honradez cavalheirosa que eu lhe suppuz...

— Conde! pelo amor de Deus!...— Atalhou D. Ignez com afflicção e temor.

— Que quer v. exc.ª dizer? — Interrogou o Veiga rispidamente, com as faces afogueadas de colera imprudente.

— O que eu queria dizer é que v. exc.ª é caprichoso ou indiscreto de mais.

— Porque?

— E' incrivel que m'o pergunte. Qual foi o meu procedimento, desde que v. exc.ª entrou nesta sala?...

— Sim, sim — interrompeu D. Ignez com aquella gentil intrepidez que caracterisa a mulher de paixoens resolutas.— O snr. conde teve comtigo algum procedimento digno dos modos grosseiros com que o tractas?

— Teve! — respondeu com firmeza o Veiga, lançando sobre sua irman um olhar rancoroso e ameaçador.

— Qual? — perguntou o conde.

— Fazendo valer mais o seu lacaio, que as razoens que eu tive para o castigar... Basta de interrogatorio! — (Exclamou o Veiga iracundo e perdido como um ebrio no delirio dos seus instinctos ferinos). A certas perguntas é a minha espada que responde. Snr. Tavora! em nome de meu pai, nego a minha irman o consentimento para casar-se com v. exc.ª

— Oh meu Deus, quanto sou desgraçada! — Esta improvisa exclamação de Ignez, coadjuvada por lagrimas,

não sabemos que scenas atalharia tristes, e incriveis naquelles dias de desleixado pundonor. Filosofando, como nos é licito, sobre estes caracteres, qual o manuscripto os pinta, Pedro da Veiga, assim enfatuado em fumos da fidalguia briosa de justas e torneios, era um homem excentrico na sua época, muito degenerada e nada ciosa nos brios da castidade de portas a dentro, como é publico e notorio. Precavido contra a imputação de anachronismo, eu quero, em nome do meu caro e fidelissimo manuscripto, que o leitor, medianamente versado na fisiologia das sociedades, confesse de boa mente a apparição destes homens, que se destacam do commum porque o demonio do ridiculo se lhes encarnou no espirito. Não vimos nós, ha poucos annos, em Coimbra, um academico reptado para duello, tirar o gorro e cobrir o capacete, despir a batina e vestir o arnez e cota de armas, largar as esburacadas meias de sarja e encadernar as tibias infidelissimas nas grevas e nos cuxotes, e, com a mais irrisoria boa fé, arremeçar-se ao campo da morte a todo o trance, com o triste do pagem de escudo e cavallo de estado? Se a hilaridade nas turbas foi o resultado da impressão deste espectaculo lamentoso de ridiculo, não vêdes o pobre do academico por isso representar nesta época em que se vive no botequim e morre na cama com a maior simplicidade, o que Pedro da Veiga representava na sua em que se amava e prostituia com aquella prasenteira lhaneza dos saloens de Luiz XIV, tão *filosoficamente* recebida nos da mulher de Affonso VI?! Valha-nos Deus com esta comichão de filosofias, que mais de um malicioso ha-de jurar que são farrapos da minha pobreza de imaginação!

A exclamação de D. Ignez, qual a ouvimos tão expressiva d'angustia, condoeu o coração raivoso do mano, mas não pôde applacar-lhe na cabeça as iras do orgulho.

O conde de S. Vicente, irritado como não podia deixar de o estar a mais candida paciencia — mas, por effeito d'um artificio de sublime moral, grave e solemne, sem desdizer do seu caracter nobre e apaixonado — retorquiu serenamente:

— Então v. exc.ª de certo está authorisado por seu pae para prohibir o casamento de sua irman comigo?

— Não preciso repetir o que affirmei uma vez! —

respondeu o Veiga com grosseira sobranceria. O conde impassivel e risonho, replicou:

— Podia emendar, na segunda affirmativa, a mentira da primeira!

— Snr. conde! — bradou o Veiga avançando um passo para Manoel de Tavora, que se não moveu uma linha. D. Ignez ajoelhada e de mãos erguidas embaraça o segundo passo ao irmão, que treme de colera, e contorceia uns olhos de tyranno de drama.

— Snr. Veiga! — tornou o conde com muita serenidade — V. exc.ª é um fraco aos meus olhos... aos de sua irmau terá passado por valente... mas que lucra d'isso?

— São muitos insultos — voseou o Veiga — Um florete, snr. Manoel de Tavora... ou uma libré de lacaio para esses hombros!

Chegou ao conde a sua vez de convulsoens. Os olhos que elle cravou, raiados de sangue sobre Pedro da Veiga, prestes se embaciaram de lagrimas ao verem que terror afflictivo se apossára de Ignez, que, de joelhos ainda, não tinha voz para supplicar, nem forças para separa-los, mas pallida, gelada e convulsa, erguia humildes para o conde aquelles olhos, que impossivel fôra não serenarem o furor do mais indomavel sanguinario.

Imaginem a afflicção desta menina, quando ella, desafogada da primeira compressão de terror, exclama com a voz entalada de suspiros:

— Pedro!... eu irei comtigo... irei... mas pelo amor de Deus, compadeçam-se de mim... Snr. conde... não posso ser sua contra a vontade de meu pae... V. exc.ª não perdeu nada... Quem perdeu tudo fui eu... Eu só... mas irei... irei para onde quizerem que eu vá...

Os gemidos que da alma lhe vinham em gritos de agonia, tolheram-lhe a voz. Pendida a cabeça sobre as mãos regadas de lagrimas, D. Ignez linda e angustiada como outra do seu nome, parecia prostrada aos pés de um barbaro como Affonso 4.º, implorar a vida que impios punhaes iam cravar-lhe no seio.

Pedro da Veiga — a peor alma d'aquelles dias, e o mais repulsivo em crueza de todos os irmãos, vibrava um olhar de aborrido desprezo sobre sua irmau. O conde entorpeceram-no espiritual e materialmente a successão de

palavras e desgraças improvistas, que ha menos de duas horas o arrastavam á desesperação.

— Perdido! — murmurou elle com uma voz surda e tirada dos abysmos da alma!

— Perdido... não... Manoel de Tavora!... perdido não, porque não ha forças humanas que nos separem...

E assim, transportada a um quasi delirio, e erguida de improviso como se o braço d'um anjo salvador a levantasse da sua humildade pueril, D. Ignez abraça soffregamente o conde.

Pedro da Veiga, estranhamente sopeado nas suas iras perante aquella expansão livre de sua irman, relucta com a desordem de paixoens que o desvairam, e sente-se um instante envergonhado de si mesmo. A sua situação, se lhe tirarem o silencio comico, era de pesar-lhe com dôr na consciencia, e com vergonha na face! Até alli na sua presença, entre o conde e sua irman foi tudo aferido pelo pudor: nem um olhar que não fosse honesto, nem uma palavra que magoasse a sensibilidade pundonorosa d'um irmão. E agora? um abraço calido, embora afflictivo; um delirio apaixonado, um juramento de alliança, uma expansão de amantes, embora o destino venha sellar de sangue aquelle juramento, embora lagrimas sejam as flores das nupcias, e a campa o seu leito conjugal.

D. Ignez soluçava, chorava, e comprimindo com os dentes o labio inferior parecia violentar-se a disfarçar uma dôr aguda que lhe varava o seio. Eram torturas de mais para uma organisação tão melindrosa. A face ha pouco febril nas vertigens de um amor, longo tempo retrahido nas angustias do pudor e do medo, descorou pendida e desmaiada. Parecia morta, quando o conde hia senta-la, ou conduzi-la ao quarto. Pedro da Veiga tambem ia auxiliar o conde, quando este com um não sei que de ferocidade nos olhos, lhe disse em tom rancoroso:

— Não ouse pôr-lhe a mão... O carrasco abandona a victima depois que a mata...

Pedro da Veiga immovel, e embrutecido como se na verdade sua irman lhe cahisse de entre os braços assassinada n'um ataque de furiosa demencia, não teve uma intergeição que responder ao pungente d'aquella ameaça.

O conde, duvidoso se Ignez da Veiga seria um ca-

daver, lançou sobre o leito aquelle corpo quebrado, e frio. Sobre os labios alvacentos achou-lhe na respiração tardia alguns signaes de vida. O pulso era debilitado e raro como nas agonias d'um ethico. De resto, a existencia desta menina, assim extenuada de fadiga, sem alimentos, e sobre tudo tão martyrisada sem esperanças, ameaçava finar-se muito depressa. O conde, contemplando-a, chorava. Pedro da Veiga deixava-se cahir sobre uma cadeira, e com a cabeça curvada sobre o seio, parecia soffrer remorsos, ou imaginar o balsamo que guarecesse as feridas abertas n'aquelles dois coraçoens tão bons e generosos.

Bem longe disso... Nem seria possivel o contrario...

Veiga ergue-se repentino; vae como em delirio ao quarto de sua irman; toma-lhe arrebatadamente o pulso; convence-se de que não está morta; e, virando-se sobranceiro e terrivel para o conde, exclama:

— Não lhe compete estar ao pé de minha irman enferma!... Quando lhe faltarem pae e irmão, virá um estranho velar as doenças da filha de D. Christovão da Veiga.

O conde com admiravel sangue frio respondeu:

— A civilidade manda-me ser o mais zeloso enfermeiro dos meus hospedes. Quando eu fôr a casa dos Veigas zelar a saude dos seus familiares, v. exc.ª, rude e incivil como é, mandar-me-ha sahir de sua casa.

— Snr. conde! — replicou o Veiga — Já não podemos transigir sem sangue!

— Assim o creio!

— Pois bem... E' necessario que minha irman saia d'entre nós...

— Sahirá! — respondeu o conde com sobresalto e nenhuma resolução.

— Não tenho um creado!... — murmurava o Veiga esfregando a testa freneticamente.

— Tem os meus ás suas ordens, menos o que v. exc.ª...

— Matou! — respondeu o padre Carlos da Silva, encostado ao batente da porta do quarto!

— Que diz, snr.? — interrogou Pedro da Veiga, desorientado e confrangido pelo terror natural aos mais prevaricados coraçoens.

— Matou-o... que mais quer o filho de D. Christovão da Veiga? — respondeu sem alterar-se o padre.

— Não é possivel! — murmurou o Veiga comprimindo a testa convulsivamente.

— E' possivel tudo, snr. Veiga! — tornou o padre com um dos seus sorrisos melancolicos... Tudo é possivel e tudo se explica por uma só palavra... ANATHEMA!

— Basta, senhores! — exclamou o Veiga sentando-se á cabeceira de sua irman, que não déra ainda novos signaes de vida.

O padre acenou ao conde e sahiu. O conde seguiu-o, sem ter dado uma palavra, depois desta inesperada apparição do padre.

Fóra na sala, a meia voz, foi este o dialogo que elles tiveram:

— Esta minha vinda surprehendeu-o, snr. conde?

— Por certo.

— Eu lhe explico. Muito perto d'aqui chamou-me o seu caseiro pedindo-me que tornasse atraz para ouvir de confissão o seu creado, que parecia escoar-se de sangue, e morrer. Achei-o febricitante, lavado em sangue, e profundamente chagado desde o hombro direito até ao peito. Perguntei-lhe quem o ferira, respondeu-me que éste fidalgo, que estava com o snr. conde. Primeiro pasmei — depois... maravilhei-me da Providencia de Deus... e achei que os homens não eram admiraveis por nenhum genero de virtude ou crime... Eram quasi inintelligiveis as suas palavras... Quiz atar-lhe a ferida — era um vão esforço; não havia sangue a suspender; lá para o interior do peito via-se-lhe uma carne lacerada e negra; era a morte, que não dava esperanças nenhumas ao mais habil cirurgião. As poucas palavras que lhe entendi foram-me ditas para que eu as communicasse a v. exc.ª Este homem tem mulher pobre, e dous filhos que não deixam ainda o collo de sua mãe. O morto pediu que lh'os protegesse por caridade, e lhe mandasse dizer por sua alma cem missas do ordenado que v. exc.ª lhe tinha a dar pelo anno findo... Pouco mais disse... Accrescentou que perdoava a quem o matou, para que Deus lhe perdoasse os seus peccados...

— Oh meu Deus! — murmurou o conde — o que é a minha vida ha um mez! que scenas tão desgraçadas eu tinha de causar com esta minha vinda á provincia!

— Agora, outro assumpto — continuou o padre — Ha indisposição entre v. exc.ª e Pedro da Veiga.

— Immensa, snr. abbade... e irreconciliavel.

— Eu adivinhava-o, se não tivesse escutado as ultimas palavras.

— Ouviu-as?

— Persuadi-me que o Veiga queria tirar-lhe a irman.

— E' verdade... e exige um desafio depois.

— Anathema! — murmurou o padre, sorrindo-se.

— Que diz, snr. abbade?

— E' uma palavra com que v. exc.ª já viu que eu explico os fenomenos desta familia. Não ha nada a recear nem a perder.

— Ha tudo...

— Tudo o que? D. Ignez em casa do pai, ou a vida no desafio?

— Que me importa a vida, se tenho de perder este anjo.

— Poupe a vida, que esse anjo é seu como a idêa da vingança é minha...

— Que quer dizer?... explique-se...

— Explicar-me?... só tenho aquella palavra que v. exc.ª sabe...

— Mas... eu não comprehendi como é possivel fazer minha esta infeliz menina...

— Dir-lho-hei.

— Quando?

— Logo que ella estiver em casa de seu pai...

— Peor mil vezes...

— Imagine um melhor meio, se póde, e desprese o meu conselho, snr. conde.

— Então dê-me uma escassa luz do que ha-de fazer-se.

— Dar-lha-hei clara e immensa como a do sol.

— E antes de ella sahir?

— Dê-lhe uma esperança, e diga-lhe que manhan lhe será enviada uma carta sua... Snr. conde!... olhe para mim como para um amigo... Juro pelas sagradas ordens que me constituem ministro de Deus, e pela hostia e calix que consagro a Christo — juro que D. Ignez da Veiga será sua, tanto quanto uma mulher póde sê-lo d'um homem!

— Eu lhe agradeço de todo o meu coração.

O conde abraçava calorosamente o padre, que continuou:

— Um dos seus criados deve já hir buscar uma liteira a casa de D. Christovão.

— Já?... quem sabe se poderemos ainda...

— O que?

— Remediar com bons modos...

— Pois bem... se achar o remedio dos bons modos desprese o meu conselho... Procure-me como um recurso extremo, que ha-de encontrar-me, snr. conde...

Nisto appareceu Pedro da Veiga. Vinha livido, e trazia nos olhos risiduos de lagrimas. Se foram de colera ou de contricção não era facil adivinhar. Vamos ouvi-lo e julgaremos:

— Minha irman está melhor. Em nome della peço ao snr. conde que me faça chegar aqui uma liteira de minha casa.

— Em nome della é que me pede? — perguntou o conde em tom de admirado.

— Em nome della.

— Essas ordens devo recebe-las della mesma.

— Não consentirei que ella lhe falle.

— Porque, senhor?

— Não é uso na provincia de Traz-os-Montes, salvo em lupanar de dissolutas, entrevistas n'um quarto a sós com a pessoa que nos não pertence por direitos alguns. Aquella mulher que alli está é minha irman... basta que eu lhe diga isto. As demais explicaçoens dou-lhas de cara a cara, em hora e local determinados... Creio que não se esqueceu...

— Não se esqueceu — respondeu o padre, sorrindo-se, com aquelle sorriso que já não é preciso explicar ao intelligente leitor.

— Não fallo com v. s.ª — retorquiu o Veiga.

— E' comigo... Não me esqueci — tornou o conde.

— Bem... — posso contar com o favor que lhe pedi, em nome desta senhora que v. exc.ª introduziu de noite em sua casa?

— Póde... e já.

O conde sahiu a um dos balcoens do castello. Chamou o primeiro criado que viu, e desceu á sala do pri-

meiro taboado. Pedro da Veiga com insolente despreso entrou no quarto de sua irman, fechou a porta na cara do padre, sem o menor gesto de attenção.

O padre sorriu-se, e disse no fundo da sua consciencia:

« Entre o homem e a vingança interpõe-se o tempo. Nunca estive tão perto da minha. »

Porque o diria?

Veremos, se o manuscripto lá chegar — o que Deus permitta.

Padre Carlos era muito nervoso para estar quieto. Tirou da sua carteira de marroquim atauxiada d'ouro um oitavo de papel. Deste cortou uma tira, e nesta escreveu o seguinte:

« Manhan ás 4 horas da tarde um mendigo estará
« sentado no segundo degrau da tua escada. Receberás
« uma carta — e com ella a esperança de seres minha
« como hoje o és pela alma. Nem uma lagrima Osten-
« ta a alegria de uma mulher sem pudor. E' rehabilita-
« res-te para a honra. — Conde de S. Vicente. »

O conde chegou. Vinha mortalmente triste. Leu o bilhete. Disse que lhe agradava, e lembrou a difficuldade da entrega.

Entretanto que elles vencem a difficuldade, entremos no quarto.

D. Ignez sentada na cama, chora as mais amargas lagrimas de mulher, e de mulher virgem, e de virgem que vê cahirem-lhe murchas as flores da sua grinalda sem que o coração tenha uma nodoa.

Pedro da Veiga, com a barba sobre a mão esquerda, e com a direita pousada nos copos da espada, parece saborear aquellas lagrimas com refinado cynismo.

— Pedro! porque queres a minha deshonra? Que mal te fiz?

— Deshonraste-me. Envileceste-me. Escreveste na campa de tua mãe um epitafio de vergonhas. Arremeças teu pae ao tumulo, com o primeiro escarro na sua fronte de nobre!

— Oh meu Deus! como este homem é cruel!

— Não invoques Deus! Elle é que me poz aqui para punir-te.

— De que? Eu não tenho uma acção que me en-

vergonhe... não tenho um peccado na minha consciencia... Estou pura...

— Ainda bem...

— E se o não estivesse?

— Matava-te, e... matava-o...

— A elle? — exclamou Ignez com um grito ardido e profundo de raiva — A elle? Nunca! O conde de S. Vicente não é uma pobre mulher, que tu escarneças.

— Silencio! — replicou com voz soturna o Veiga.

Foi tarde a voz de silencio. Fóra, o padre e o conde ouviram a ultima exclamação.

— Silencio! — disse tambem o padre — Escutemos.

E escutaram, mas não ouviram mais que o sonido represado de vozes. Era ainda o dialogo, que nós poderemos ouvir se o travesso do Veiga nos não pozer fóra do quarto.

— D'aqui a uma hora é necessario que estejas prompta.

— Estarei — respondeu a lastimavel menina já sem alentos para luctar com um tigre.

— Ha de hir para casa.

— Hirei... mas não me martyrises... Cala-te, que as tuas palavras são golpes que sinto no coração...

— Has-de saber o que são golpes na clausura... fechada para sempre á luz do dia...

— Deixa-me!

Esta desesperada exclamação d'Ignez foi nos ouvidos do conde e do padre um brado de soccorro.

Sem se consultarem, simultaneamente empurraram a porta, e encontraram os dous irmãos na postura em que os vimos.

Ignez estremeceu, e saltou insensivelmente abaixo da cama. Pedro da Veiga arrancou meia espada da bainha, e sentiu a mão nervosa do padre obriga-lo a embainha-la com uma simples compressão sobre o seu punho. Esta scena rapida como um sonho mau foi silenciosa, mas muito expressiva e eminentemente dramatica. Note-se que o padre nem aqui neste lance de perigosa crise economisou o seu infallivel sorriso.

— Snr. Pedro da Veiga — disse o padre fria e pausadamente. — V. exc.ª é victima de algum desarranjo mental... (O padre fôra informado pelo conde de todos os

precedentes). A experiencia, e o mundo que v. exc.ª correu, e que tantas vezes são um correctivo para as indoles malevolas, pára o snr. Veiga foram um deslumbramento que o cegaram...

— Não lhe peço moralidades, nem sermoens, snr. abbade... Applique-os aos seus freguezes...

—A missão do homem honrado não limita as suas funcçoens ao circulo de uma freguezia. V. exc.ª precisa que lhe fallem doutrinas de moralidade, que lhe importa se é um pobre parocho que lh'as diz em nome do Evangelho?! (E aqui o padre depois de um ligeiro gesto ao conde, collocou-se de maneira que o Veiga não suspeitasse a passagem d'aquelle bilhete, que lemos para D. Ignez da Veiga)—v. exc.ª é um impio, quando sacrifica aos caprichos d'um orgulho estolido o coração de sua irman, a *honra immaculada* de seu pae... (aqui sorriu-se) e os nobres affectos do snr. conde de S. Vicente...

— Ha pouco — interrompeu o Veiga sarcasticamente —era eu o que lembrava ao snr. abbade a precisão de casar minha irman com aquelle senhor... e v. s.ª... nem eu me lembro que razoens frivolas inventou para adiar esta alliança... Agora...

— Mudaram-se as scenas, não é o que quer dizer? — interrompeu o padre. — Engana-se, snr. Pedro da Veiga. Eu não tolhi o casamento d'este senhor com sua irman. Annullei-me como padre para este sacramento... Tinha para isso as minhas razoens de consciencia... Encarregassem-me de mandar-lhe um outro sacerdote, menos zeloso dos preceitos ecclesiasticos, ou desencarregado no fôro da consciencia, e veriam os noivos com que afan eu curava de sua felicidade.

— Comprehendo-o, snr. abbade... — Tornou o Veiga em tom jocoso...

— Ainda bem...—replicou elle fingindo-se desattendido. — Eu sou claro e franco... Ouçam-me todos com juizo e bom espirito... Salvem-se as reputaçoens de todos... O mal feito não prejudica o bem que póde fazer-se... Podem todos ser felizes...

O padre Carlos não adevinhamos a que conclusoens levaria os seus principios, visto que a snr.ª Benta do João, já nossa conhecida, farta de chamar na sala, sem lhe responderem, bateu á porta do quarto. A pobre mulher

limpava as lagrimas com o seu avental de serguilha, e custava-lhe a vencer os soluços para se explicar.

— Que queres? — perguntou o conde.

— Vinha saber — respondeu ella chorando cada vez mais — o que se ha-de fazer d'aquelle morto.

— Ha-de vestir-se e levar-se para a egreja — respondeu o abbade.

Pedro da Veiga, que pela primeira vez fôra homicida, sentiu-se aterrado, levou a mão ás espiraes descompostas do seu cabello, levantou-se, e sahiu para a sala. D. Ignez escondera a face entre as mãos, e sabe Deus que afflictiva impressão não foi aquella! O conde lastimava-se, e lastimava tantas victimas que elle fizera sem uma intenção criminosa. O padre... meditava na sua vingança... A Benta do João, mulher de boa alma como são todas as mulheres que não podem pela sua rudeza diminuir as dores com os linitivos do grande tom, chorava por tudo sinceramente; e não choraria menos pela morte da sua galinha pedrez, ou do seu bacaro de orelha fanada, do que chorou pelo João Lisboa.

Além desta sua natural sensibilidade, a mulher tinha remorsos de ter innocentemente dado um pucaro de agua ardente, e umas esfregaçoens ao lacaio, que ella julgou, na melhor fé do mundo, estar tolhido de frio. Não obstante este espinho cruelissimo, que ella esperava arrancar da sua consciencia, á custa de confissoens, e rozarios e vias-sacras, a mulhersinha não prescindia de fazer os seus respeitosos cumprimentos á senhora; e para isso aproximou-se o mais que pôde de D. Ignez, que, sem espirito de orgulho nem fumos de aristocracia, não estava para atura-la. A sur.ª Benta, que não tinha ainda lido nem ouvido fallar na soberania popular, humildava-se carinhosamente á fidalga, e sentia-se cahir de joelhos aos pés della, quando o padre Carlos da Silva, cioso de que taes actos de humildade fossem usurpados a Deus, susteve-a e reprehendeu-a com o seu olhar severo. A Benta, ao que parece tinha peccado lá dentro que a não deixava socegar sem pedir perdão a alguem. Mau é que o remorso na mulher do povo lhe nasça espontaneo sem que o confessor lhe cauterise a consciencia com a ponta de ferro quente nas lavas do inferno. A dôr então é real, profunda, e, se quasi sempre é filha de prejuizos e allusoens moraes, casos ha em que o es-

*

pirito se enlucta d'aquelle pavor convicto de crimes, que é tambem mortalha para o corpo. Nas cidades, e nos saloens, e nas *Aspasias* dos saloens, é que não ha dessas consciencias, nem desses crimes, nem intimos pavores, que o brilho deslumbrante da pedraria não desvaneça. Por cá, « no sepulchro branqueado das cidades » o espinho do crime descrava-se com facilidade do seio archejante da mulher que se requebra n'uma polka-mazurca. Cahido, o lindo pé do anjo passou-lhe por cima, e quantas vezes o espinho nascido no sangue, e pisado por ella tão donairosa, transforma-se como a crysalida, em flôr innocente, que eu e tu, amigo leitor, lhe apanhamos debaixo dos pés, e aspiramos sequiosos do seu perfume!

Forte bossa das abstracçoens! E' de mais!

Estavamos com a Benta do João, porque ella estava ferida da serpente do peccado. A mulher, se tinha precisão d'uma confissão geral, devia ajoelhar-se ao seu pastor, que estava alli, e não a D. Ignez da Veiga, que era das que alli estavam a que mais precisava de confessar-se pelo pouco que promettia da vida.

A Benta continuava a chorar, e tão copiosa foi nestas vertentes de sentimento liquido, que o padre Carlos não resistiu á necessidade parochial de chamar a sua ovelha á parte, e ouvi-la de confissão provisoria.

— Que tem, mulher? — perguntava elle chamando-a ao fundo do quarto, ao mesmo tempo que D. Ignez lia o escripto, e o conde lhe traduzia nos gestos a impressão daquellas promessas.

Deixemos a snr.ª Benta confessar-se de algum peccado tremendamente mysterioso, na certeza de que o padre Carlos não é homem que o cale se fôr coisa de interesse romantico.

D. Ignez illuminou-se-lhe a face d'um brilho de alegria, que reflectiu com egual intensidade na face do conde. Pareciam transfigurados! Apertavam-se as mãos com frenesi; e lagrimas, como aquellas que ambos choravam, serão sempre em faces amarellecidas pelo desgôsto um grito silencioso de contentamento febril.

Costumam dizer os da aldêa na sua linguagem candida e desenfeitada, quando contemplam extasiados uma linda creança, de olhos espertos, e sorriso angelico — « este menino é de Deus... não vivirá muito. » Sentia-se

precisão de dizer « esta infeliz é do céo » vendo aquella formosa e magoada menina, assim angustiada pelos cilicios da desgraça, e ferida de golpes mortaes em tão poucas horas, e sem um só instante de jubilo que lhe suavisasse a gravidade do martyrio! . . . O fel da morte bebe-se a longos tragos em poucos instantes. Uma grande paixão é surprehendida pela mortalha, que muitas vezes nem tempo deixa de pedir á esperança um raio de luz. Não foi assim feroz com D. Ignez a morte que de tão perto lhe acenára durante 11 horas de inconsolavel supplicio.

A consciencia que ella tinha da sua virtude immaculada, as flôres virentes da sua corôa de virgem, poderiam servir-lhe de allivio, quando a prepotencia de sua familia a arrancasse para sempre do coração do conde?

Não — e realmente não. As paixoens decididas, se a desventura as envenena no seu culto o mais ideal e o mais generoso, não cuideis que é consolação para a mulher a consciencia do seu pudor sem macula, ou para o homem a chamada consciencia do seu cavalheirismo. A virgem que se abandona aos affagos espirituaes do homem — esse coração que se embriaga e perde nas aspiraçoens indefinidas do instincto — abdica toda a sua realeza, todo o seu orgulho, pede carinhos em troca da completa renuncia de si mesma, e, como a flôr, rescende todo o perfume que o sol. . . o amor lhe fecundára no seio.

D. Ignez, arrastada para longe de Manoel de Tavora, e convencida de entrar em casa de seu pae, candida, innocente, e pura como sahira, não acharia nesta convicção balsamo para cicatrisar a ferida de morte que lhe golpearam no seio. . . embora intacto por mão de homem.

Adorada espiritualmente de joelhos, ou sómente, em summa de todas as adoraçoens, devorada pelo amor calido de beijos freneticos e sequiosos, D. Ignez verteria as mesmas lagrimas, morreria no mesmo instante, e aos seus proprios olhos seria a mesma desgraçada. Aos olhos do mundo, é que ella não pediria indulgencia nem amor. Mulher que se abysma no segredo da sua dôr, e expira abraçada com a imagem d'um homem por quem se perdera — essa não pense o mundo que a flagella em negar-lhe um perdão que ella lhe não pediu. . . Esquecida de si, despresada pela propria consciencia, a mulher esque-

ceu e despresou primeiro esse pomposo sarcasmo chamado *opinião publica.* Na morte, os seus dois extremos gemidos repartiu-os por Deus, e pela saudade... da terra, não — do homem que na terra lhe fica para lêr-lhe o epytafio com os olhos enxutos e o coração tranquillo. (*)

— Então onde fica a historia? — pergunta o leitor, arrependido de gastar o seu dinheiro em um livro, que nem ao menos é uma sincera novella!

Judicioso burguez, barão, litterato, ou o que quer que és! — a historia é tudo isso que ahi vês, descorado aqui pela palidez da tristeza, alli energico e vivo pelo vivo interesse que me vem d'acalorados successos; acolá esti-

---

(*) E' uma impressão da actualidade, que me despertou a imagem do homem que, sereno e quieto de espirito, lê o epytafio da mulher, que alli está adormecida por elle n'aquelle leito onde não ha o amanhecer. Eu conto á sensivel leitora uma verdade mais pungente que esta. No cemiterio da Lapa liam-se em 1850 estes versos escriptos a lapis n'uma campa:

« Aqui repousa, em fim dos seus tormentos
Um anjo que expirou ás mãos cruentas
D'um traidor singular entre os perversos!
Morreu de amores, victima das crenças
Que tão viçosas esta pedra esmaga!
A morte foi-lhe um bem! O assassino
Esse que altivo do seu crime infando
Por entre vós se ostenta... um dia cedo
Aqui virá prostrar a fronte livida,
Queimada pelo fogo do remorso...
Por ella não choreis — pertence aos anjos!
Mas por elle chorai — arde no inferno,

12 de Maio de 1850. »

Indaguei o genero de vida e de morte que vivera e morrera a indicada *victima de amores.* Era verdade. Fôra, senão um anjo de formosura, dizem que a alma d'um anjo, uma dessas poucas mulheres que podem chamar-se puras depois de atraiçoadas. Até á morte conservou lagrimas e pudor na face; mas a quéda fôra muito grande da altura a que a levaram affectos mentirosos, e a infeliz morreu! O mais triste da tragedia é « que aquelles versos foram escriptos pelo proprio algoz que *entre vós se ostenta* » como elle, com toda a feroz ingenuidade do cynismo, não tem intima repugnancia de confessar.

Um destes *Safys*-caricaturas que se pavoneam por taes, perguntava a um seu companheiro menos cynico, sorrindo e apontando para uma corôa de goivos e perpetuas que mão de mãe pousára n'aquella campa:

— Será de virgem aquella corôa!

— Não... E' de martyr... — Respondeu o outro.

rado e confuso pelo remanso que a alma do escriptor saboreia nessas agonias sociaes que o retratam no intimo; umas vezes desleixado e risonho deste desleixado sorrir da infelicidade que olha para as scenas do passado amarguradas e doridas do flagello da desgraça, que é o mesmo em todos os tempos; outras vezes grave e sisudo, analytico e regularmente historico como convém que o seja para não cahir no desagrado do leitor, que exige os successos filhados e consecutivos como um capitulo genealogico do *Genesis.* Desta arte satisfazem-se as necessidades do leitor, e as minhas, no que diz respeito ao espirito — que, nos foros sacrosantos da materia, convençam-se os benevolos compradores dêste livro, que nem é bom fallar — para não ficarem elles desacreditados como inimigos das letras, ou eu como invalido rabiscador de romances.

Depois de fallar de mim e de ti, amigo leitor, bom é que o padre Carlos da Silva nos explique a mal reprimida risada com que respondeu ao breve entre-parenthesis que teve com a lagrimosa Benta do João.

— Vá-se embora mulher... — Dizia-lhe com affabilidade o padre — Se não tem outro peccado, as portas do céu estão abertas para si...

— Então não é preciso pedir perdão a ninguem? — perguntou ella enxugando as lagrimas com o punho do seu jaqué de baeta.

— Não é, não... Mande buscar a Villa Real um habito e um caixão, e reze-lhe por alma, que é como se paga aos mortos o mal que sem querer se lhe faz na vida. Vá com Deus...

A thia Benta retirou-se, resando o quadragesimo *padre-nosso* por alma de João Lisboa, e atravessando a sala susteve o *pão nosso de cada dia* para commentar a seu modo a fisionomia descomposta de Pedro da Veiga, que passeava na sala com os braços crusados e os olhos electricos e cravados no chão.

— Tem cara de morte de homem ou de roubo de egreja — disse a velha mentalmente contra todos os preceitos de uma boa grammatica, e atou o fio do seu *padre-nosso*, com devota subtilesa.

Dentro no quarto, D. Ignez, quasi delirante de prazer, já pôde com o sorriso nos labios perguntar ao pa-

dre Carlos que terrores eram os daquella pobre mulher tão afflicta. O padre, que, pelo que se vê, não era já um homem sinistro para D. Ignez, respondeu que a snr.ª Benta do João, naturalmente caridosa, mas ao mesmo tempo estupida em julgar do diagnostico dos enfermos, erradamente entendera que os incommodos do defunto João Lisboa eram resultados de frio, e por isso lhe déra um pucaro d'aguardente que ella muito temia fosse causa da sua morte. E' por isso que a mulher julgando-se cumplice neste homicidio aos olhos de Deus, vinha primeiro pedir perdão a v. exc.ªs para depois fazer uma confissão geral. Accrescentou que para remissão deste grande peccado promettera hir amortalhada á Senhora da Penna, e pesar-se a cêra no Senhor dos Afflictos, e vender as vaccas na feira dos 8 para mandar dizer missas por alma do defunto.

O conde e Ignez sorriram-se da simplicidade da mulher.

O padre Carlos da Silva não parecia gostar da tal ou qual intimidade que observava entre os namorados, protegida pela retirada subita de Pedro da Veiga para a sala. Que pensamento de ruim mysterio era o delle neste desgosto? — perto de nós vem a pagina que o revelará.

Depois de uma ligeira meditação, o padre despediu-se de D. Ignez, e acenando ao conde para affastar-se della, fallou-lhe assim:

— E' certo que a snr.ª D. Ignez vai recolher-se a casa?

— Supponho que sim.

— Aproveitou-se da occasião que lhe proporcionei para dar-lhe o escripto?

— Foi-lhe entregue, e já o leu.

— Que impressão?...

— A melhor.

— Convém, sim?

— Em tudo que eu fizer... Tudo lhe prometti confiado em v. s.ª

— No meu juramento, não é verdade?

— Na sua honra...

— Não jureis o nome de Deus em vão... A que vem aqui essa palavra?

— Nega compromette-la, snr. padre Carlos?

— Recorda-se do meu juramento?

— Devo recordar-me toda a minha vida.

— Eu lho repito: — pelo corpo e sangue de Christo que consagro, e pelas ordens que me auctorisam a este mysterio augusto, e pelos soffrimentos de minha mãe — accrescento agora — prometto e juro que D. Ignez da Veiga será do conde de S. Vicente, tanto quanto uma mulher póde ser de um homem... Foi assim, snr. Manoel de Tavora?

— Permitta Deus que assim se cumpra.

— Cumprirá. Vou esperar na egreja aquelle cadaver... Manhan está v. exc.ª naturalmente sósinho... procura-lo-hei...

— Hoje mesmo, snr. padre Carlos...

— E' impossivel. E' quasi meio dia. Vou dizer missa, e aproveita-la para que esse infeliz não seja sepultado sem alguns suffragios...

E partiu. Atravessando a sala em que Pedro da Veiga passeava ainda, furioso com a demora da liteira, o padre parou, fitou-o, mediu-o, como se costuma dizer, da cabeça aos pés, e está claro — sorriu! O Veiga não foi estranho a este gesto indefinivel: — parou, e... sorriu tambem.

— Não nos comprehendemos, snr. Veiga — disse o padre.

— E Deus me livre d'entrarmos em intelligencias, snr. abbade — respondeu no mesmo tom de ironia o Veiga.

— Folgava d'ouvir-lhe a ironia afidalgada... o sarcasmo trajado á côrte... se não tivesse de dizer uma missa por alma d'um homem que v. exc.ª addicionou ao cathalogo das victimas de sua familia...

— Retire-se... senhor! — Retorquiu Pedro da Veiga em postura ameaçadora.

O padre riu-se, e continuou sem visos de sobresalto:

— Quem sabe se eu teria quem me fizesse os suffragios, se eu fosse o seu segundo trofeu de sangue no dia 7 de Fevereiro de 1701?!... Deixe-me viver, snr. Veiga, que não tenho familia que me arranje com suffragios melhor eido no céu, do que seu pai me arranjou na terra...

E sahiu finalmente com aquelle coração de rija tempera, sereno como entrára, e esperançoso na sua vingança como nunca estivera.

Qual seria? Veremos.

CAPITULO XIX.

Carta do conde de S. Vicente, e o diario de D. Antonia Bacellar.

ERAM duas horas da tarde deste malfadado dia 7 de Fevereiro de 1701. . . .

O conde de S. Vicente escrevia esta carta:

« Era uma hora, quando chegou a liteira. Acom-
« panhavam-na alguns homens de pé, e entre estes dois
« franciscanos. Logo que v. s.ª daqui sahira, Pedro da
« Veiga chamou D. Ignez; disse-lhe palavras que a fize-
« ram chorar; travou-lhe do braço, e sahiram a esperar
« a liteira fóra do terreiro da torre. Conheci a intenção
« offensiva em que este vil procedimento fôra empenha-
« do. Pouco depois o cadaver do meu criado passava
« por diante do assassino..... Que tremendo titulo,
« quando recahe n'um irmão daquelle anjo! Via chorar...
« Elle voltou as costas, e Deus sabe que inferno lhe tu-
« multuava nos abysmos daquella alma torva!...

« As lagrimas são do homem, snr. padre Carlos...
« Chorei quando a vi... eu não pude vê-la entrar na
« liteira... senti apagar-se-me a luz da razão, e invo-
« quei a esperança... e o seu juramento... para suppor-
« tar o golpe curavel daquelle punhal...

« Soube que um dos franciscanos dissera a Pedro da
« Veiga, que vinha auctorisado para, em nome de Chris-
« tovão da Veiga seu pae, desde que seu filho não po-
« desse representa-lo. Pedro foi surdo a todas as pergun-
« tas dos frades, ás instancias derradeiras da irman, e
« bradou raivoso pela brevidade da partida. Foram!...
« A saudade amarga com que lhe escrevo, snr. padre
« Carlos, deve supplicar-lhe compaixão a meu favor...

« Soffro muito... Morreria... matára-me, se a esperan-
« ça me não velasse a vida nestas longas horas de marty-
« rio. Estou só. Mora o terror nesta solidão, onde a vi,
« como um anjo, que Deus me concedera em paga da
« paixão generosa com que a amára! Só e a minha dôr,
« que tem o fel de todos os soffrimentos humanos!...
« Só... com o pensamento n'um homem que tremi de
« conhecer... n'um homem que m'estende a mão cari-
« nhosa d'irmão, e me promette a vida que a saudade
« me disputa sentada á beira do tumulo. A minha vida
« sinto-a tão extenuada e debil... tão quebradiça ao mais
« leve toque do desespero... que, na minha situação iso-
« lada e estranha, é-me preciso recorrer á protecção de
« todo o mundo... á protecção d'uma creança que me
« diga que aquella infeliz ha-de ser minha... Ha tor-
« mentos em volta do homem que eu não podia advi-
« nhar! O mais afortunado basta o flagello d'algumas
« horas para arremeça-lo no abysmo da desgraça... Será
« desgraçado até morrer!... Eu sou um desses homens
« que Deus pune injustamente. Peço á minha conscien-
« cia um grito de remorso... não lho ouço... Amava
« esta mulher antes de vê-la abandonada á minha hon-
« ra... Depois... foi uma adoração .. um delirio... um
« sonho de que acordei para perde-la... Perde-la...
« não! Não tenho eu um amigo... um anjo tutellar meu
« e della... não é v. s.ª o enviado pelo céu com o re-
« frigerio da religião a este espirito que se devora?......

Manoel de Tavora foi interrompido pelo subir apres-
sado d'alguem que se encaminhava para o salão.

Olhou na incertesa... Era o padre Carlos da Silva!

Pela terceira vez este ente mysterioso de fantastica
apparição — este caracter de surpresa capaz de preencher
as funcçoens de quatro dramas no genero campanudo —
viera perturbar o entrecho desta emmaranhada historia.
Verdade é que todos explicamos as hidas e vindas do pa-
dre sem recorrer ás reticencias, nem á magia: mas era
talvez mais grato ás intelligencias pacatas que o irrequieto
sacerdote se tivesse sentado n'uma cadeira de sola crafe-
tada de laminas, e fallasse de lá quando lhe tocasse a
palavra.

Pois não póde ser assim, sem menoscabo do manus-
cripto, cuja contextura respeito, como o sensivel leitor

respeitaria com os labios os arabescos e tortuosidades caprichosas na fisionomia da mulher que contasse os annos do meu manuscripto, principiado a escrever em 1764.

Manoel de Tavora abraçou anciosamente o padre, e exclamou com expansivo contentamento:

— Não o esperava!... Como adivinhou os meus tormentos!... Quiz surprehender-me?

— Adivinhei-o... condoi-me, e vim trazer ao conde de S. Vicente a consolação que ninguem levaria ao padre Carlos da Silva...

— Deus o livre de que as nossas situaçoens se mudem...

— Não blasfeme, snr. conde! A minha situação... sabe-a?... adivinha-a como eu lhe adivinhei os padecimentos d'hoje?...

— Sei que soffre...

— Muito, snr. Manoel de Tavora!

O padre sentou-se, pousou a testa sobre as mãos, que sobrepoz na mesa, e passou instantes assim concentrados no ponto negro que lhe gangrenára para sempre a vida.

Depois, erguendo subito a face onde corriam duas lagrimas tardias, cravou com apaixonado interesse os olhos no conde, e exclamou com voz tremula:

— Vou lêr-lhe o diario de minha mãe...

— Ah! sim... tinha-me promettido... — Tornou o conde com affectuoso enthusiasmo.

— Tinha promettido... não cumpro com exactidão... paciencia... Os tempos mudaram-se, e as circumstancias tambem. Prometti que fosse manhan... é hoje... Convidei-o para a granja de D. Antonia Bacellar... é em casa do snr. conde de S. Vicente... que importa? o local e o dia nada teem com o diario, nem comnosco, nem com a infeliz, a cuja morte v. exc.ª vae assistir pela primeira vez, e eu assisto todos os dias, desde que sei soletrar as 8 letras que dizem ANATHEMA...

— Sempre essa palavra funebre... — Redarguiu o conde com tristesa.

— E' uma palavra... escreveram-na aqui no diario... mas quem sabe se passará de uma palavra..... Sabe-o Satanaz... Deus voltou a sua face divina daquella que a escrevera... Comecemos, snr. conde... Mas pri-

meiro deixe-me dizer-lhe: — quem escreve é a religiosa de Santa Clara, cuja correspondencia em parte lhe li hoje de manhã.

O abbade tirou d'um canudo de lata um rolo de papel, cosido á margem com cordão preto, e, pelo uso, mais antigo na apparencia do que realmente era. Lêu:

« De dia e de noite na minha sella, nas minhas re-
« zas diante do meu oratorio, ou no côro, orando a
« Deus, a alma de minha amiga vem perfumar d'unc-
« ção celeste as minhas oraçoens, enxugando-me as la-
« grimas, que tanto desafogo me são desde que a perdi.

« Consagrei-lhe a minha vida, porque não tenho
« vida que não seja a saudade. Não posso, mesmo sup-
« plicando ao Senhor perdão das minhas culpas, cho-
« rar uma lagrima por mim... Choro por ella, como
« quem deseja morrer para encurtar o espaço que nos se-
« para até o dia de juizo.

« Fiquei n'um ermo desde que o esquife m'a levou
« dos braços. Viuva de todas as consolaçoens humanas,
« eu, pobre mulher, que a tinha a ella como um anjo,
« custou-me muito a vê-la separar-se de mim para sem-
« pre. Não tinha ninguem mais aqui. Orfan como ella,
« eu só queria da piedade divina que a mesma mão ca-
« ridosa nos fechasse os olhos de ambas. Deus não me
« achou digna. Eu curvo-me peccadora diante de quem
« chama a si os que soffrem na terra, e vão no céu rece-
« ber a corôa do martyrio. Morreu martyr! Eu fui tes-
« temunha da sua vida. Vi-a, menina, colher flores. Vi-a,
« donzella, adivinhar o seu triste futuro, quando as la-
« grimas sem explicação lhe banhavam as faces, e eu
« lh'as enxugava com as minhas. Vi-a retalhada em ca-
« da fio do coração, enganada em cada crença, desfal-
« lecida, abraçada com a morte, como quem busca o
« refugio de mãe, que não póde repellir sua filha.

« Nestas horas afflictas que me sobram das minhas
« obrigaçoens de religiosa, venho aqui neste claustro que
« foi para ella a sua derradeira paragem nos trances da
« vida — neste claustro que já não é para mim remanso
« de paz, mas prisão de flagelios... e aqui vejo-a em
« toda a parte, sorrindo-me, e chorando, chorando-se
« e lamentando-me... Vejo-a naquelle leito d'onde as
« agonias a lançaram para estes braços, onde devera mor-

« rer quem nelles vivera tão pouco tempo, mas tão lon-
« go d'amarguras. Vejo-a, com os olhos e labios cerrados
« pelo sello da morte, sahir aquella porta por onde entrá-
« ra com o grito de soccorro nos labios, e as lagrimas
« da desesperação nos olhos. Soccorro... quem o não da-
« ria áquelle anjo que fugia do mundo, escarnecido na
« sua innocencia, e ferido no coração com tamanha cruel-
« dade!

« Eu era a sua amiga, a sua irman, a sua mãe.
« Filha do meu coração, pranto que ella chorasse, do-
« res que lhe queimassem o seu viçoso sorrir de candida
« felicidade, eram as minhas dores e o meu pranto. Fui
« tudo para ella. Morreu-me, mas eu quero que a sua
« memoria seja a minha pobre existencia. Vou principiar
« a viver com ella. Todo esse passado de gosos e mar-
« tyrios quero copia-lo do coração para este papel...
« Será a mim só que deve importar a sua vida e o seu
« fim? Não é... e praza a Deus que eu fosse a unica a
« chora-la; e do que ella foi quizesse o céu que o meu
« coração fosse o unico sacrario!...

« Escrevo para mim... Ella vê-me do céo... Sinto
« a sua mão tocar-me na face... São lagrimas, minha
« cara amiga! Bem sei que não ha ahi o chorar, nem
« o pedir de joelhos a Deus uma vida melhor. Mas o
« pouco, que eu tinha neste mundo, comtigo se foi!...

« Aqui ha o refugio da oração... repete-a aos pés
« de Deus, supplica-lhe que me escute... E' a tua oração,
« minha irman, é aquella que o desejo da morte te se-
« gredára nas grandes tribulaçoens, e que tu me deixaste
« em herança. Pede comigo ao Senhor que nos junte
« nos bens do céu, como nos juntára nas desgraças da
« terra.

« Como ha tamanhos soffrimentos, e como se póde
« viver com elles!

« E' muita coragem na dôr pedir ao coração todas
« as palavras e movimentos, e esperanças, e desconfor-
« tos que ligaram a minha vida com a de Antonia
« Bacellar. E' muito, meu Deus!... Mas as ultimas
« instancias della tão choradas, tão anciosas, quando a
« mão da morte lh'as comprimia na garganta... como
« hei-de eu cumpri-las, se aquelle infeliz tiver a des-
« ventura de sobreviver-me... »

O diario, se tal nome póde dar-se a esta pungente recordação, tinha aqui algumas linhas traçadas. O conde de S. Vicente revelára já por lagrimas a sensibilidade que d'ante-mão as suas proprias desventuras lhe enterneceram. O abbade lia sem emoção. No tom com que lia denunciava-se uma frieza incoherente. Dir-se-hia que padre Carlos da Silva expunha o processo criminal d'um réo, que tinha a condemnar depois.

Continuou:

« Conheci Antonia Bacellar no colo de sua mãe.
« Tinha eu dez annos, e ella sem articular palavra,
« chorava se a não deixavam abraçar-se-me ao pescoço,
« e rir... rir... rir para mim, como se quizesse vatici-
« nar-me que tempo viria em que eu a visse chorar muito.

« Abracei-a com muito amor um dia... Chorei quan-
« do ella saltava de contente sobre os meus braços; ti-
« ve-a comigo horas e horas, até que ella saudosa do
« colo de sua mãe, chamava por ella, e chorava já por
« a não vêr... Quiz entrete-la... Acarinhei-a... devo-
« rei-a de beijos; mas não era possivel distrahi-la...
« *Mãe: mãe!* gritava ella... Que importava chamar?
« sua mãe tinha sido enterrada naquelle dia!...

« Antonia tinha anno e meio. Seu pae, que não tinha
« outra, nem recursos para muitos, estremecia-a, e pedia a
« Deus que pela sua misericordia me conservasse a mim, já
« que tão cedo lhe levára do mundo a mãe de sua filha.
« A creança parecia affagar-me com mais amor como se
« adivinhasse que não tinha mãe. Era este nome o que
« ella me dava... Quando lhe diziam que eu era Rita
« e não era mãe, a pequenina chorava, e pedia-me que
« castigasse a pessoa que tal dizia.

« Era muito linda. Apartava-se de todas as creanças
« pelas feiçoens, onde se via alguma coisa de dolorosa
« predestinação... A face era palida como estas flores
« que descoram da sua alvura um momento depois de
« colhidas. Os olhos como debilitados pelas lagrimas ti-
« nham uma serenidade maviosa como os que se pintam
« nos quadros do Menino Deus no colo da Virgem San-
« tissima. O seu riso tornou-se d'uma tristeza que entres-
« tecia os outros; e os seus cabellos louros era um gosto
« vêr-lh'os crescer tão annelados, por aquelles hombros que
« que eu lhe humedecia com os meus beijos freneticos.

« Aos quatro annos, que principia a estação risonha
« dos brinquedos, Antoninha entretinha-se em enflorar
« de ramilhetes o seu oratorio, e não consentia que ou-
« tras mãos alem das minhas lhe desordenassem a syme-
« tria, que ella suppunha dar aos seus preciosos santi-
« nhos.

« Ensinei-lhe o padre nosso e a Ave-Maria. Depois
« disse-lhe que rezasse por alma de sua mãe. Fitou-me
« os olhos, viu-me a chorar, parecia comprehender-me,
« viu-me ajoelhar, ajoelhou tambem, rezou comigo, e
« no fim da oração, apontando-me para o céo, pergun-
« tou-me — se estava lá. Disse-lhe que sim, e ella pondo
« as mãos insensivelmente repetiu a sua oração.

« Encontrei-a depois a rezar muita vez: pergunta-
« va-lhe se rezava por sua mãe — respondia-me, que es-
« tava a pedir-lhe que viesse vêr os seus santinhos, e a
« sua Ritinha que era eu. Eu sorria-me e ella pendura-
« va-se-me do pescoço beijando-me soffregamente.

« Os meios, não muitos, de seu pae suppriam as
« despezas d'uma educação de mulher. Antonia aos 8 an-
« nos era a maravilha dos que a conheciam em Villa
« Real. A melancolia, e o desinteresse que tudo que
« eram prazeres lhe causava, fizeram-n'a celebrisar-se
« entre todas as educandas. Bordava primorosamente.
« Conservo eu tantas das suas tarefas da mestra, e tão
« reveladoras do que lá dentro se passava triste naquella
« alma infantil!... Aquelle pano bordado onde uma
« pastora affaga um cordeirinho que perdê a sua mãe!
« Aquelle outro onde uma creança espalha flores n'uma
« campa isolada no adro d'uma egreja!... Aquelle len-
« ço que ella bordou a retroz preto, e marcou com es-
« tas luctuosas palavras — *para as lagrimas d'Antonia
« Bacellar* — não será isto o pressentimento da desgraça,
« que murmura uma profecia funebre nos segredos d'um
« coração innocente para a culpa, mas fadado para o
« infortunio?

« Seu pae luctava com as adversidades da vida des-
« de creança. Trinta annos antes seus avós eram ri-
« cos e nobres. Partidarios d'Hispanha, cahiram com o
« dominio de Filippe 3.°, e perderam a fidalguia, e a
« honra, e sobre tudo os alimentos que grangeavam nas
« suas herdades.

« Depois o decorrer dos annos, cada vez mais es-
« cassos de subsistencia, fez que o passado tão rico de pres-
« tigio e fortuna se tornasse para Alvaro Bacellar, pae
« d'Antoninha, como um sonho de felicidade, de que o
« infeliz acorda sempre no mesmo leito de dôr.

« Desde a acclamação de D. João IV, que o pae
« d'aquelle anjo de tristeza luctava com um poderoso, e
« esperava revindicar uns bens que lhe foram violenta-
« mente usurpados com titulos de má fé, e deshumana
« iniquidade.

« Este poderoso era Pedro da Veiga — homem tão
« mau, que seria duvidar da justiça de Deus rezar ho-
« je um padre-nosso por aquella alma eternamente con-
« demnada! . . .

« No dia em que as leis calcaram a justiça d'Alva-
« ro Bacellar, para augmentar ao thesouro d'um opulen-
« to delator o obulo do pobre, aquelle honrado homem
« adoeceu.

« Antonia e eu sentamo-nos á cabeceira da sua ca-
« ma. Pedimos-lhe por alma da que Deus lhe tirára do
« seu lado, que se lançasse nos braços da Providencia
« antes de se lançar nos da morte. Chorou muito com-
« nosco. Apertou ao seio aquella filha. Sentia-se morrer
« de dôr quando não podia consolar-lhe os gemidos aba-
« fados que sahiam do coração della a abrasar-lhe os
« beiços... Pedia a Deus, de joelhos sobre o leito, que
« o deixasse viver para amparo da sua filha.... Era já
« tarde...

« Uma noite velavamos ambas ao lado do enfermo.
« Reclinado para a filha pediu-lhe que mandasse cha-
« mar um confessor.

« A infeliz não pôde suster-se — desmaiou — e neste
« desmaio soltou um grito: « Meu Deus! levai-me a
« mim primeiro, que eu fico orfan! » Este brado devia
« compungir o Eterno, se a sua divina vontade não fos-
« se um mysterio para os que não podem julga-la d'en-
« tre o pó da terra.

« Durante o desmaio, Alvaro Bacellar quiz ter a
« filha sobre o seu leito; mas redobrou d'afflicção quan-
« do, ao sentir-se arder em febre, temia communicar a
« doença a sua filha...

— « Melhor fôra que ella não podesse rezar por al-

— « ma de seu pae. . . — dizia elle, afastando-lhe os ca-
— « bellos ensopados em lagrimas e suor.

« Depois, voltando-se para mim, já com os labios
« roixos como se a dobra da mortalha os empanasse,
« disse, com voz tremula e soluçante, estas palavras,
« que me foram escriptas com lagrimas de sangue no co-
« ração:

— « Deus me dê vida .. mas se está destinado que
— « eu vá dar contas dos meus peccados... quem ha-de
— « revogar os decretos do Altissimo?... »

« Seguiu-se uma longa pausa, e um profundo gemer
« de atribulado na hora da morte. Passada esta syncope
« dolorosa, em que as trevas do tumulo lhe passavam
« terriveis diante dos olhos, o doente continuou aper-
« tando-me a mão com a sua mão de fogo:

— « Esta menina... vae-me suspensa da minha al-
— « ma aos pés de Deus... Lá pedirei por ella, que é
— « tão linda e tão innocentinha...

« Os suspiros embargaram-lhe a voz. Eu chorava,
« e déra a minha vida por a daquelle homem... Déra a
« minha vida por não ter conhecido esta familia... por
« ter morrido um dia antes d'aquella scena atribulada!...
« Com que ancia eu invoquei a Virgem Maria! Que pro-
« messas n'um momento eu não fiz para cumpri-las de
« rastos com as mãos e os joelhos ensanguentados!...
« Quiz ajoelhar-me... mas aquella mão de moribundo
« apertava-me como se eu fosse a vida para aquelle des-
« graçado que não queria morrer!...

« Depois de um longo intervallo de gemidos abafa-
« dos e quasi extinctos como um ecco amortecido, Ba-
« cellar proseguiu com os olhos fitos em mim e quebra-
« dos pelo languor da febre:

— « Mas este anjo fica no mundo... sem protec-
— « ção.... sem fortuna.... sem futuro.... Perdão...
— « perdão... Ritinha... A senhora tem vinte annos...
— « foi mãe desta orfan, foi protectora desta desvali-
— « da... foi tudo quanto Deus póde inspirar a favor
— « d'uma desgraçada... A minha filha não fica sem
— « asylo... Os seus dez annos tão tenros... tão peri-
— « gosos no abysmo da perdição... ha-de proteger-
— « lh'os, sim?... diga... não chore assim que me
— « parte a alma... ha-de ser a mãe de minha filha...

— « a herdeira das minhas lagrimas para as chorar por
— « ella? . . . diga . . . diga . . . que eu invoco a Virgem
— « Maria para ser testemunha da sua promessa. . . »

— « Sim . . . sim — respondi eu com todo o vigor
« da minha alma angustiada, comprimida, e esvaecida
« n'um transporte de dôr. O pae de Antoninha violen-
« tara-se tanto para fallar. . . esgotára tanto o resto de
« forças n'aquella afflictiva commoção de pensamentos,
« que, acenando apenas á minha resposta, pendeu a fa-
« ce livida sobre o hombro direito, e, depois d'um tra-
« balhoso arquejar sob a dobra do lençol que marcava
« os estos do coração, cahiu desacordado.

« As contursoens que eu soffri . . . o excesso de ma-
« goa despedaçadora, que me vibrou por todo o corpo,
« só depois outra vez o senti, e não ha linguagem huma-
« na que o diga aos que não conheceram o requinte
« de dôr, que envenena uma vida inteira, se a não ma-
« ta logo.

« Deus quiz conservar-me os alentos. Peguei d'An-
« tonia e transportei-a á sua cama. Ahi senti-me desfal-
« lecer. . . Collei os meus labios aos d'ella, que me não
« sentia, e chorei a desgraça de nós ambas.

« Chamei a creada unica da casa, e pedi-lhe que
« chamasse a toda a pressa o confessor. Esta pobre mu-
« lher, que fôra ama da mãe d'Antoninha . . . que vira
« expirar o dia feliz d'aquella familia, e nascer o pri-
« meiro d'eternas desgraças . . . rompeu em soluços que
« tornavam mais tormentosa se era possivel a minha si-
« tuação. Consolei-a . . . eu, que tanto carecia de animo
« para salvar aquella familia da extrema desolação! . . .
« Pedi-lhe que ao menos me chamasse meu thio. . . a unica
« pessoa de minha familia . . . o unico amigo que eu ti-
« nha no mundo, depois d'aquelle homem que se estor-
« cia nos paroxismos da morte.

« A minha querida Antoninha quando abriu os olhos,
« e se viu sósinha no seu quarto, chamou o pae com af-
« flictiva desesperação, como se acordasse d'um sonho
« em que o visse amortalhado dentro do esquife. Fui em
« seu soccorro: acarinhei-a, pedi-lhe que não aggravas-
« se a doença de seu pae; inspirei-lhe confiança na Vir-
« gem Maria, e lembrei-lhe que rezasse com fervor e
« esperança nas melhoras delle. A infeliz ajoelhou, e

« nunca a prece mais crente e lagrimosa foi de um cora-
« ção innocente mover a compaixão do Senhor. Eu, ven-
« do-a tão fervorosa, pensei que Deus a escutaria! Quan-
« do se reza com tanta afflicção, deve-se esperar a mise-
« ricordia divina... dizia eu comigo, olhando-a tão bel-
« la no seu extasis doloroso, tão apaixonadamente ani-
« mada n'aquelle santo delirio!

« Deixei-a n'aquella postura angelica para acudir
« ao pae, que chamava sua filha. Não a deixei seguir-
« me. Pedi-lhe que não interrompesse a sua oração tão
« bem principiada... Fui só, e encontrei-o delirante.
« Não me conheceu... — « És a minha filha — disse-
— « me elle com grandes intervallos e difficuldade — és
— « o retrato de tua mãe... Não a conheceste... Foi
— « bella no rosto e no coração... Nunca se queixou
— « do destino... Morreu sorrindo-se para o mundo
— « que lhe fôra um algoz... Eu não... eu amei-a...
— « adorei-a... e inundei-lhe de minhas lagrimas aquel-
— « le rosto, onde brilhava uma luz celestial... um
— « resplendor dos anjos, que nem o sopro da morte
— « lhe apagou... Perdemo-la ambos, minha filha...
— « Deveramos morrer n'aquelle dia... A tua amiga...
— « foi Deus que a mandou sentar-se ao pé do teu ber-
— « ço... Sem ella o que seria de ti... e de mim, que
— « tenho passado a minha vida a luctar com a desgra-
— « ça para desviar-lhe os golpes da tua cabeça!...
— « Não pude... filha da minha alma... não pude...
— « Estás pobre... que eu morro como o ultimo dos
— « criados de teus avós... Em qualquer leito se mor-
— « re... não é assim, Antoninha?... mas a vida...
— « a honra... a virtude é outra coisa!... Meu Deus!... »

« Esta exclamação foi um brado improviso como o
« de homem que apunhalaram de repente. Tremia em
« convulsoens medonhas. Chamei-o com muita afflicção,
« e com muito mêdo... não me respondeu com o menor
« gesto. Antonia veio angustiar ainda mais aquella si-
« tuação. Entrou espavorida no quarto, afastando com
« frenesi os cabellos que se lhe empastavam nas lagri-
« mas da face.

— « Deus não quer as minhas oraçoens... — excla-
— « mou ella, abraçando-se comigo — Rezei muito, e
— « não tive uma voz que me promettesse a vida de

— « meu pae... Morre!... O' Ritinha! meu pae mor-
— « re... e não ha nada que possa valher-lhe... »

« E cahiu n'um choro tão dilacerante e inconsola-
« vel, que, eu não sei como o Senhor, que tudo póde,
« lhe não suavisou tamanha agonia! Perdoae-me, meu
« Deus!... ha existencias tão virtuosas, tão desoladas
« do berço até á morte, que seria offender a Providen-
« cia, julgando-as protegidas e vigiadas por ella...

« Quando o cirurgião chegou, e meu thio com o
« padre, Alvaro continuava no seu delirio de palavras
« confusas, e sumidas. O cirurgião sem lhe tomar o pul-
« so, nem indagar de nós os padecimentos do enfermo,
« segredou ao padre algumas palavras que depois soube-
« mos que foram recommendar-lhe a extrema-unção, no
« caso de que fosse impossivel confessa-lo. Antonia adi-
« vinhou como se o anjo do martyrio lhe murmurasse aos
« ouvidos, cada palavra do seu futuro negro. Parece
« que as lagrimas tinham seccado n'aquelles olhos! A
« infeliz soluçava, contorcia-se, arfava como nas ago-
« nias da morte, e causava terror!

« Parece-me que ouço ainda a voz tremula d'aquel-
« le padre de cabellos brancos e rugas profundas no ros-
« to. A sua missão era consolar os vivos, e prometter o
« céo, em nome do Altissimo, aos que hiam das penas
« do mundo para a eternidade. Aos pés do leito do mo-
« ribundo com as mãos entrelaçadas sobre o peito, pe-
« dia talvez a Jesus Christo um intervallo lucido para
« abençoar o enfermo d'alguma falta, que lhe maculasse
« a sua vida toda de martyrio e de virtude. A nós —
« que não podiamos curvar resignadas a cabeça á von-
« tade de Deus, o padre fallou-nos com a magestade de
« um inspirado:

— « Tende coragem, filhas!... Os espiritos que
— « enfranquecem no dia da provação, não podem ser
— « os queridos do Senhor, que expirou na cruz sem
— « um gemido d'impaciencia... Almas como as deste
— « honrado homem, quando o Creador as eleva até
— « si, pedem lá incessantemente pelos que ficam na
— « terra dilacerados pela saudade, ou pela herança de
— « infortunio. A relegião deve consolar-vos nessa dôr,
— « minhas filhas. Ouvide a consciencia... ella vos di-
— « rá que o virtuoso, desgraçado no mundo, tem uma

— « vida eterna a viver na presença de Deus. Vêde aquel-
— « le rosto, onde o remorso não cavou uma ruga, se o
— « não illumina a claridade de uma alma, que vae
— « deixar a mortalha do corpo, e levantar o seu vôo
— « ao extremo refugio dos justos!? O que é a vida,
— « se o excesso d'infortunio póde envenenar a alma do
— « homem, que chegou á velhice com os labios puros
— « d'uma blasfemia contra a Providencia? Deus que
— « nos dá a vida, e que tão provada de dôres a deu
— « a este moribundo, levará em bem essas vossas la-
— « grimas desesperadas? Eu vos digo que não, e em
— « nome do Crucificado vo-lo digo! A vida é um em-
— « prestimo — uma passagem d'espinhos ou de flores,
— « no fim d'aqual se abre o reino da gloria para o que
— « leva os pés ensanguentados dos espinhos, ou o rei-
— « no das trevas para o que se corôou de flores rega-
— « das pelas lagrimas dos opprimidos... Filhas, ajoe-
— « lhae comigo... Mostrae as vossas lagrimas áquelle
— « Crucifixo — convertei-as em oraçoens... pedi-lhe
— « que leve deste mundo aquella alma, se na balan-
— « ça do céo pesarem mais as suas virtudes... ou en-
— « tão, pedi-lhe para aquella fronte queimada pela fe-
— « bre o refrigerio da razão, um instante de intelligen-
— « cia, para que eu possa abençoa-lo, e remi-lo dos
— « seus peccados, pelo muito que descontou em amar-
— « guras... »

« Rezámos. Antonia custava-lhe suster-se de joelhos,
« e pousou o rosto sobre o meu hombro.

« De repente Alvaro Bacellar soltou um gemido
« agudissimo. Depois de uma pequena pausa, prerom-
« peu nestas palavras convulsas e tiradas com violencia
« do resto das suas forças. Eram talvez o derradeiro es-
« forço da vida, exaggerado pelo delirio da febre:

— « Que mal fiz eu a esse Veiga para tamanha
— « perseguição?! Juiz!... vaes julgar um homem de
— « probidade, que se refugia á sombra da lei... Não
— « venhas roubar-me aqui o pão da minha filha, no-
— « bre deshonrado!... Juraste cuspir-me na virtude
— « hypocrita!... Não... não cuspirás!... Quero le-
— « gar memorias honrosas a minha filha, já que tu
— « me não deixas legar-lhe o mesquinho torrão de seus
— « avós... Desde 1640... ha 31 annos... que a tua

— « raça maldita da honra me persegue desde o solar
— « de meus avós até estas palhas da minha extrema
— « miseria! Espoliado, quasi mendigo, mas calado e
— « com os dentes cerrados para estranhos me não ou-
— « virem um gemido... aqui, com esta filha innocen-
— « te... com este anjo que te não commove... aqui,
— « amaldiçoado de Deus, chegou a tua mão assassi-
— « na! Filha da minha alma, roubaram-te... mata-
— « ram-me... Desvia os olhos do verdugo!... não vês
— « aquelle rosto calcinado pelo fogo do inferno?!...
— « Foge... foge... abriga-te no meu seio... quero
— « levar-te ao céo candida e innocentinha como de lá
— « desceste!... Meu Deus!... eu vos entrego este
— « anjo que ficaria no mundo a chorar a minha fal-
— « ta... Minha filha!... minha filha!... »

« No decurso deste prolongado delirio, eram varia-
« das as commoçoens do doente. Sempre com os olhos
« errantes, mas empanados de uma nevoa que lhe des-
« compunha a fisionomia, Alvaro Bacellar apertava-nos
« insensivelmente as mãos, e queria sentar-se fazendo es-
« forços que o padre lhe embaraçava tomando-o pela cin-
« tura. A sua ultima exclamação pela filha, que pare-
« cia estatua ou paralisada pela dôr, fê-la com a voz en-
« fraquecida e mortal, como se a lingua se lhe abrazasse
« na febre que lhe vinha aos beiços em bafaradas de lume.

« Esperamos se reanimasse do quebrantamento em
« que o delirio o deixava. Entretanto o padre, zeloso da
« salvação d'aquella alma, e, porque assim o aconse-
« lhara o cirurgião, disse-nos que era bom sacramentar
« aquelle moribundo. Estas palavras coaram nos ouvidos
« de Antoninha como a noticia, da morte de seu pae. O
« padre fallou-lhe como um anjo de consolação, e não
« sei porque divino mysterio as nuvens da minha alma se
« desvaneciam conforme a sua linguagem, perfumada de
« paciencia e resignação e amor de Deus, se insinuava
« brandamente nos ouvidos, no coração e na consciencia.

« Quando estavamos na dolorosa diligencia de sere-
« nar os transportes afflictivos d'Antoninha, annunciou
« a creada que estava alli um homem, que necessitava
« fallar ao snr. Alvaro Bacellar, e que tendo ella dito
« que era impossivel por estar muito doente, o homem

« dissera que mesmo assim precisava fallar-lhe, e accres-
« centou que dissera isto com grosseiros modos.

« Mandamo-lo entrar, porque o padre nos disse que
« não havia razão para o contrario, visto que o homem
« instava.

« Entrou, e ficou surprehendido quando nos viu á
« roda do leito de um moribundo.

— « Pois elle está assim doente?

« Ninguem respondeu palavra a esta pergunta.

— « Em tal caso — continuou o homem — ha-de ser
— « intimado no parente mais proximo.

— « Para que? — perguntou o padre.

— « E' que eu venho intimar-lhe a sentença que o
— « meretissimo juiz de fóra da commarca deu contra
— « elle, e a favor do exc.^mo^ snr. Pedro da Veiga...

« Antoninha, como arrebatada e perdida, lançou-se
« de joelhos aos pés do meirinho, e exclamou de mãos
« erguidas:

— « Pelo amor de Deus não mate meu pae!...
— « Vá-se embora antes que elle abra os olhos... Te-
— « nha pena de mim, que sou filha delle...

« O padre reparando na humilhação d'Antoninha,
« e na immobilidade estupida do meirinho, fê-la erguer
« com suavidade, e voltando-se para elle proferiu estas
« palavras, com as lagrimas a descerem-lhe nas faces
« venerandas:

— « Que mais quer a justiça deste pobre homem?
— « O snr. Pedro da Veiga venceu; pois que tome pos-
— « se... e Deus julgará no seu tribunal de quem ella
— « devia ser... Mas, vmc. bem o vê!... Alvaro Ba-
— « cellar está para dar contas ao Supremo Juiz... Di-
— « ga isto mesmo ao snr. Veiga...

— « Mas eu tenho de cumprir a minha obrigação
— « — replicou o meirinho — é preciso que me assigne
— « alguem a intimação...

— « Assigno-lh'a eu, se isso vale d'alguma coisa —
— « disse o padre com brandura.

— « Isso é que eu não sei se um padre póde assi-
— « gnar coisas de justiça...

— « Pois eu tambem não... Vá saber e volte, com
— « a graça de Deus.

« O meirinho sahiu, e o padre soccorreu com os

« seus affagos religiosos a minha querida Antoninha, que
« parecia desesperada e inconsolavel. Eu, por mim, co-
« mo se Deus attendesse á precisão que eu tinha de ani-
« mo para confortar a minha filha adoptiva, sentia-me
« reanimada, não pela esperança das melhoras, mas pe-
« lo allivio com que Alvaro Bacellar morreria, tendo
« uma voz intima que lhe dissesse, que eu cá ficava no
« mundo para amparo de sua filha.

« Logo depois da sahida do official de justiça, o pae
« d'Antoninha abriu os olhos, contemplou-nos a todos
« com muita serenidade, e sorriu-se para a filha, e a
« mim apertou-me a mão. Se elle fallasse e me pedisse
« com toda a ancia do seu amor que fosse eu a mãe de
« sua filha, não me faria na alma maior impressão do que
« senti n'aquelle aperto mudo e tão expressivo. A fisio-
« nomia do sacerdote illuminou-se de uma santa alegria.
« Não eram as esperanças da vida, n'aquelle sorriso de
« Alvaro Bacellar, as que alegraram o padre. Eram es-
« peranças que, acima das illusoens mentirosas do mun-
« do, tinham a sua realidade no céo. A confissão que
« elle julgara impossivel, hia preparar aquella alma,
« despi-la das tribulaçoens mundanas, e perfuma-la dos
« incensos que do leito da morte já parecem rescender
« aos pés do throno do Senhor.

« Antoninha perguntou muitas vezes a seu pae se
« sentia melhoras: elle sorria-se e anediava-lhe os ca-
« bellos da testa. O padre fez-nos signal de que sahisse-
« mos, e nós, por um esforço sublime da religião sobre
« a nossa vontade de filhas (eu se o fosse não o amára
« mais), deixamo-los, e viemos chorar diante do orato-
« rio, onde encontramos aquella boa velha desfeita em
« lagrimas.

« Inesperadamente, Antoninha abraçou-se em mim,
« e exclamou:

— « E se meu pae morre, ó Ritinha... que ha-de
— « ser de mim?!

« O grande amor que eu lhe tinha magoou-se com
« esta pergunta. Por mais que me reprimi, não pude
« conter esta resposta resentida:

— « Eu cuidava que me tinhas amor de filha, ou
— « d'irman, ou de amiga, pelo menos... »

— « E não tenho? — interrompeu ella afflictiva-
— « mente.

— « Parece-me que não...

— « Porque, Ritinha?... diz!... eu que te fiz?...
— « perdôa-me se te magoei...

— « Pois tu perguntas-me o que ha-de ser de ti se
— « teu pae morrer?! Não sentes que a vida de am-
— « bas nós é uma só vida para o infortunio?...

— « Sim, sim para o infortunio...» — tornou ella,
« fitando-me os olhos com estranha penetração, ao mes-
« mo tempo que parecia distrahir-se nas amargas conje-
« cturas d'infortunios que a esperavam. Eu despertei-a
« d'aquelle doloroso recolhimento d'espirito, com estas
« palavras animadas sabe Deus com que esforço do
« meu proprio desalento:

— « Mas attende, Antoninha... Não sou eu a tua
— « querida irman?

— « És, Rita... és...

— « Pois então?... ficarás sósinha no coração de
— « tua irman?

— « Não... mas meu pae amava-nos tanto a am-
— « bas!... Era a alma onde viviamos juntas, e de-
— « pois a quem havemos de chamar pae neste mundo?

— « A Deus nosso Senhor, que é pae da mais po-
— « bre das suas creaturas... Olha, Antoninha, se o
— « Senhor determina que o teu... e meu pae não vi-
— « va entre nós, é porque o chama á vida dos an-
— « jos... Se morrer na terra para viver no céo, vive-
— « rá para nós tambem. Rezar-lhe-hemos todas as ho-
— « ras, sempre juntas, sempre dignas de um dia qui-
— « nhoarmos da sua gloria... E não te parece que orar
— « é conversar com os justos e com os santos? »

« Antonia parecia não me escutar, ou a dôr lhe en-
« talava as palavras no coração. Respeitei aquelle amar-
« gurado silencio, que é a mais eloquente expressão de
« uma orfan que não póde, sem sentir morrer-lhe metade
« da existencia, consagrar a outra metade aos carinhos
« de uma irman adoptiva. Fiz-lhe mal com aquellas
« ternas palavras, segundo ella depois me disse. Anto-
« ninha n'aquelle conflicto, quizera antes que eu lhe désse
« esperanças de seu pae viver, e lhe não fallasse do que
« aconteceria depois da morte d'elle. Mas eu, escrava

« das minhas propensoens para futurar o peor, não pude
« suavisar-lhe o padecimento com esperanças que me não
« suavisavam a mim. Disse-lhe o que sentia infelizmen-
« te... O coração dizia-me sempre desde que Alvaro Ba-
« cellar adoecera, que daquella cama para a sepultura
« só a mão de Deus poderia amparar-lhe a quéda.

— « Então, não me dizes nada, Antoninha? » —
« disse-lhe eu apertando-a contra o meu coração, e bei-
« jando-a nos labios que me davam um triste sorriso

— « Que queres que eu te diga, minha Ritinha? —
— « que não tenho esperanças nenhumas na vida de meu
— « pae?... E' verdade... não tenho... perdi aquelle
— « pae, tão bom, tão nosso amigo... mas se elle ainda
— « vive, quero estar ao pé delle... deixem-me estar ao
— « pé delle, já que Deus não quer que eu o siga. »

« A transição para as lagrimas foi repentina. De
« novo os soluços, os gemidos, as contursoens, e mesmo
« o desespero vieram assalta-la na sua resignada mansi-
« dão. Tremi pelo desarranjo mental d'aquella infeliz
« quando a vi arrancar-se os cabellos desatinadamente...

— « E' atroz, — gritava ella — é atroz, meu Deus,
— « eu ficar sem meu pae! »

« Debalde lhe reprehendi aquellas peccaminosas ar-
« guiçoens á Providencia... Pareceu-me humano e mais
« religioso talvez deixar-lhe o desafogo n'aquella suprema
« agonia... n'aquelle combate dilacerante entre o amor
« ardente de filha e a resignação christan, que parece
« (e Deus me perdoe se é um crime senti-lo) uma violencia
« feita ao coração, quando com ella nos querem apagar
« na alma um grande incendio no começo do seu ardor
« impetuoso.

« Decorrera meia hora, quando o padre veio dar
« comnosco ao pé do oratorio nestas lagrimas e nestas
« afflicçoens. Acenou-me ás escondidas d'Antoninha, e
« disse-me que fosse ao quarto d'Alvaro Bacellar, que
« elle ficava alli com a filha.

« Fui... Oh meu Deus! as palavras que elle me
« disse ouço-as ainda nos meus sonhos funebres, em que
« Alvaro Bacellar, nas agonias da morte, vem inundar-me
« as faces de lagrimas, que são, no meu despertar sem-
« pre triste, uma confirmação de que nasci para chorar,
« noite e dia!...

« Quando abri a porta conheci-lhe nos olhos amor-
« tecidos a anciedade com que me esperava.

« Com muito grande esforço estendeu-me o braço,
« e eu beijei-lhe a mão, e tive-a longo tempo collada
« aos meus labios. Parecia que isto lhe aprazia, como
« se a frescura de minhas lagrimas lhe refrigerasse a
« quentura febril da mão. Estivemos assim sem trocar-
« mos uma só palavra, e eu não sei verdadeiramente o
« que desejava, mas parece-me que tremia d'ouvi-lo,
« por saber que tinha de sentir-me estallar o coração
« quando elle principiasse a recommendar-me sua filha...
« Conhecia-se que Alvaro luctava com a fraqueza do pei-
« to para fallar, ou quem sabe se com as angustias do
« espirito? Foi assim que elle começou, levantando-me
« o rosto para si:

— « Olhe, Ritinha... a sua bondade para com esta
— « familia infeliz, que lhe enluctou a mocidade com
— « alheios pesares, não é um sentimento vão aos olhos
— « de Deus. Se o céu não ha-de galardoa-la do muito
— « que soffre por mim e minha filha, que devo eu, tão
— « peccador, esperar da misericordia divina!?... Fa-
— « ço-a soffrer bastante, não é verdade, menina?...
— « Não chore assim, que então não posso dizer-lhe o
— « que manhan não poderei...

« A falla enfraquecia-se-lhe tanto, que eu não po-
« dia sem susto contemplar-lhe as faces que pareciam
« morrer rapidamente. Tinha medo de estar sosinha com
« elle; parecia-me que a mão lhe arrefecia de mais. Te-
« mia de o vêr fallecer, e estava para dizer-lhe que não
« fallasse, porque eu adivinhava quantas palavras elle
« tinha no coração para mim, quando elle, depois de
« uma dolorosa pausa, continuou:

— « Deixo-lhe a minha filha. O coração diz-me
— « que ella não ha-de sobreviver-me muito tempo; mas
— « não ha orfan que tanto amparo precise. Ampare-a,
— « Ritinha, que eu pedirei a Deus por si e por ella.
— « Manhan que ella expirasse não lhe ficava no mun-
— « do quem lhe esmolasse uma mortalha, e uma mis-
— « sa por sua alma. Eu tenho um irmão, mas pobre,
— « porque é um honrado magistrado. Os filhos são-lhe
— « de mais para consumirem o pão escasso do seu
— « suor... A Ritinha tem alguma fortuna: a sua ami-

— « ga e irman e filha não lhe será pesada. E' um
— « pranto de mais, que faz uma desvalida de menos no
— « numero das desgraçadas que se perderam por falta
— « de subsistencia. Que lhe resta a ella da avultada
— « fortuna de seus avós? Aquella granja do Prado,
— « que por escarneo me não quizeram usurpar! Com
— « tudo... e não sei porque... tinha vontade que ella
— « conservasse aquelle ultimo palmo de terra, que lhe
— « herdou seu pae... Quem diria que Alvaro Bacellar
— « tinha de morrer assim tão pobre? Com que pressa
— « se cumpre a vontade de Deus! Bemdito sejaes,
— « Senhor, que déstes ao desgraçado na hora da mor-
— « te a esperança em vós! Bemdito sejaes, Senhor,
— « que pozestes ao meu lado um anjo de consolação
— « que será o amparo da minha querida filha!... »

« Os soluços abafavam-nos as vozes.

« Eu quiz reprimi-los para poder a todo o custo di-
« zer poucas palavras que lhe fossem de consolação. Não
« pude, nem elle pôde continuar. Nos meus beijos gra-
« vados naquella mão cada vez mais gelada, é impossi-
« vel que elle não sentisse o meu juramento de ser irman
« de sua filha. Não valeriam mais as palavras, não. O
« que eu senti não foi só a sagrada promessa feita a um
« agonisante; foi, como se eu curvasse humilde a cabe-
« ça ás ordens do céu, dadas pelo proprio Deus á sua
« indigna serva.

« Senti bater na porta; fui vêr; era o sacerdote a
« perguntar-me se Alvaro Bacelar me tinha dito o que
« queria. Respondi que me parecia que sim, e elle pe-
« diu-me que fosse estar com Antoninha, que desmaiára,
« em quanto se ministravam os ultimos sacramentos ao
« moribundo.

« Ao retirar-me senti passos de quem subia na esca-
« da: cuidei que era o abbade com a extrema-unção,
« mas, não ouvindo rezar o bemdito á porta, julguei
« que seria prevenção para não aterrar Antoninha. En-
« ganei-me. Disse-me depois o padre confessor, que era
« um official de deligencias e um cirurgião que vinham,
« a requerimento de Pedro da Veiga, examinar se na
« verdade Alvaro Bacellar, por doente, não podia ser
« intimado!! « A tua mão assassina veio perseguir-me no
« leito da morte! » — tinha dito o infeliz Bacellar no seu

« delirio; e assim acontecia! ... O' Ente-Supremo! como
« são insondaveis os vossos mysterios, quando fazeis que
« um homem seja o flagello de martyrio para outro que
« chamaes para a bemaventurança!

« Eu tive um pensamento que devia ser inspiração
« do céu. Antoninha, assim desmaiada, ser-me-hia facil
« transporta-la a minha casa, que era perto. Meu thio
« estava alli guinhoando da nossa dôr. Achou boa a
« minha lembrança; e tomando-a nos braços levou-a
« daquella casa para nunca mais voltar a ella. A visi-
« nhança, que era do coração amiga de Antoninha, di-
« vidiu-se pelas duas casas. Eu queria poder estar em
« ambas; mas a minha infeliz amiga, quando acordou
« daquelle angustiado somno, e se viu em minha casa e
« me não viu alli a reanima-la, gritou, como se perdera
« o juizo, contra as pessoas que a consolavam, arguin-
« do-as de terem morto seu pae e a sua irman.

« Corri logo a casa; e achei-me abraçada por ella
« com quanta força a desesperada agonia podia dar-lhe
« a ella tão debil e esvahida! ...

— « Meu pae morreu? » — bradou ella.

— « Não, Antoninha, não morreu; mas se Deus
— « permittir que elle viva, precisa muito descanso, e
— « tu bem vês quanto nos é difficil a quietação. Vieste
— « para aqui, e logo que o cirurgião permitta volta-
— « rás para tua casa. »

« Ah! não voltou, nem eu voltei! ...

« Disse-me depois o padre que Alvaro Bacellar re-
« cebera os ultimos sacramentos com todas as mostras de
« uma contricção sublime, e que repetidas vezes pro-
« nunciára o meu nome, e que perguntado se queria vêr
« sua filha, erguera as mãos pedindo que lh'a desvias-
« sem d'alli. Uma vez redobraram as instancias com que
« o moribundo me chamava. Vieram a toda a pressa a
« minha casa: eu hia já no fundo da minha escada quan-
« do encontrei o sacerdote que me disse:

— « Morreu!

« Os ouvidos da minha alma ouviram ainda o grito
« que eu soltei com a maior dôr do coração humano!
« Não sei o que se passou. Achei-me depois n'uma ca-
« ma. Vi lagrimas em todas as faces. Perguntei por An-
« toninha, disseram-me que estava no quarto proximo,

« sem sentidos ha quatro horas. « Talvez morta! » Disse-
« me um pressentimento horrivel. Corri ao quarto. Achei-a
« desacordada; mas o pulso batia-lhe, e o seio respira-
« va. Joelhei então; joelharam comigo todas as pessoas
« e ao meu lado aquelle augusto sacerdote, cujo sem-
« blante era severo de religião como a magestade do Se-
« nhor. Rezamos todos por alma d'Alvaro Bacellar. Es-
« tavamos nesta oração fervorosa, chorada, e ouvida no
« céu, quando Antonia despertou. Sentou-se na cama
« com impeto. Contemplou-nos alguns minutos com os
« olhos esgaseados e terriveis como os de um demente. Bu-
« liu com os labios sem proferir um som. Fez alguns
« gestos sem significação alguma. Depois... com o lume
« de uma alegria feroz nos olhos, e com um riso de pos-
« sessa nos labios, soltou uma risada medonha, convul-
« sa, e arrepiadora.

— « Está douda! » — bradaram todas aquellas vo-
« zes!

« Eu é que não articulei uma palavra!... Como a
« mãe a quem roubam a filha das suas entranhas, cin-
« gi-me a ella vivamente... freneticamente... com sof-
« freguidão delirante, e não tive senão lagrimas para
« ella, que me encarava com aquelle espanto dos de-
« mentes, ou com os tregeitos repulsivos e atemorisado-
« res dos idiotas.

— « Meu Deus! esta é a suprema de todas as des-
— « graças! — bradei eu na maior consternação! —
— « Perdoai a esta creatura se ella tem culpas para ta-
— « manhos castigos! »

« O cirurgião ordenou que se retirassem d'alli todas
« as pessoas, menos eu. Quando assim se cumpriu, o
« sacerdote retirava-se com as demais pessoas, e Anto-
« ninha fez-lhe signal de que não sahisse. Eu quiz per-
« suadir-me que ella, por esta acção, não estaria dou-
« da; mas o que depois colligi foi que aquelle homem
« de Deus exercia a sua divina auctoridade sobre os es-
« piritos sãos, e os espiritos enfermos e desvairados pela
« perdição dos infortunios.

— « Que me quer, minha filha? » — disse-lhe o pa-
— « dre, correndo-lhe a mão pela face pallida.

— « Diga muitas missas por alma de meu pae,

— « sim? » — respondeu Antoninha enternecida, e affa-
« vel, com uma voz de carinhosa meiguice.

— « Pois sim, direi missas... muitas missas... mas
— « seu pae não precisará de muitas para entrar no
— « reino dos justos...

— « No céo? » — perguntou ella.

— « Sim, no céo, que é a patria dos que penam
— « torturas na terra sem maldizerem a mão inimiga
— « que os martyrisa. »

— « Se eu fosse vêr minha mãe!... — tornou An-
— « toninha com sobresaltada alegria. — E' verdade...
— « ai! que prazer para ella!... Ritinha... não é? o
— « pae... vêr o pae, hoje, manhan sempre, no céo,
— « e por toda a eternidade... Diga, snr. padre... não
— « estão juntos, abraçados, amando-se como cá, cer-
— « cados de anjos e de serafins, na presença da Virgem
— « Maria?... »

— « Estão, estão, minha filha. Agora o que elles
— « pedem a Deus é que sua filha os imite na coragem
— « em soffrer os espinhos da terra, que rebentam no
— « céo em flores... Antoninha ha-de imita-los, sim?»

— « Hei-de resar muito... isso hei-de, e mais a
— « minha Ritinha; mas tu choras Rita?... Então não
— « sou tua amiga... »

« Eu chorava, porque temia com tanta razão, que
« ella não recuperasse o juizo.

« Disse o cirurgião que lhe seria muito bom passar
« pelo somno. Receitou-lhe um medicamento com opio,
« e produziu muito bom effeito. Antoninha, depois de
« desvairar em quasi tudo que disse, adormeceu nos meus
« braços, e delles passou para os do sacerdote, que já
« não quiz separar-se da que elle chamava « flôr da co-
« rôa de martyrio de seu pae. »

« Antonia Bacellar tinha-me só a mim no mundo.
« Meditei muito na sua vida, e considerei-a, senão feliz,
« ao menos amparada pelo meu amor e pelos meus re-
« cursos. Docil e humilde, com uma singeleza de alma
« levada ao infinito da innocencia, Antoninha, quando
« as pungentes saudades de seu pae perdessem os espinhos
« dos primeiros tempos, olharia risonha para o mundo,
« e para mim com ternura de uma reconhecida irman...
« *Reconhecida*... não. Eu não queria constitui-la em

14

« obrigaçoens para comigo. O que eu queria era que ella
« me désse o seu coração todo cheio do meu amor, e vasio
« de sentimentos por tudo que não podesse ser seu pae,
« sua mãe, ou uma amiga que a idolatrasse mais que eu.

« Poderia ella depara-la no mundo? Oxalá — oxalá,
« dizia eu tantas vezes no fundo da minha alma! — Per-
« mitta Deus que todos a amem, e eu seja a que menos
« lhe mereça o seu amor, se bem que penso que ninguem
« poderá ama-la mais que eu.

« Antonia Bacellar estava de 14 annos, quando per-
« deu seu pae. Eu tinha 24. Esta differença de nossas
« idades, e o meu genero de vida sempre triste e medi-
« tativa, fizeram-me sentir por ella alguma coisa que
« deve ser a semelhança do que sentem mães extremosas
« por suas filhas.

« Eu scismava nestas conjecturas, quando ouvi os
« responsos do acompanhamento que conduzia o cadaver
« de Antonio Bacellar. Toda eu estremecia d'emoçoens
« crueis, que tão vivas ainda hoje me commovem! En-
« tão é que eu senti o amor filial que o tracto intimo de
« familia me habituára a alimentar no coração pelo pae
« d'Antoninha. Não chorei, porque as minhas lagrimas
« parece que o fogo da dôr as consumira — mas, peor
« mil vezes que o chorar, este gemer surdo e recolhido
« no seio, é a mão sombria da amargura suffocando-nos
« a vida sem refugio algum. Senti-me tão quebrada nos
« alentos, e descoroçoada de mim, que cheguei a im-
« plorar ao Senhor que me désse animo, e coragem, e sau-
« de para desviar do coração d'Antoninha os golpes que
« eu podesse receber no meu. A gente quando ora com
« fervor e esperança é sempre confortada. Conheci-me
« fortalecida com vigor de sobra para o martyrio. Depois
« pedi por ella — pelo meu anjo — e com tamanha fé na
« misericordia divina, que mal a minha oração findára,
« Antoninha despertou, chamando por mim. Foi Deus.

« As suas feiçoens não estavam descompostas como
« ha pouco. Languida na vista, e tão livida naquellas
« faces angelicas, o seu ar era de quem se retrahia á dôr
« irsondavel da alma, e descreu das consolaçoens mun-
« danas. Magoava-me com o seu silencio. Eu queria que
« ella chorasse, e se queixasse, e me pedisse a mim o
« balsamo para as suas feridas. Calar-se, era desconfiar

« de mim — era não querer entrar no meu coração, ou
« confiar no refugio intimo das suas consolaçoens, e ter
« em pouco as alheias...

— « Antoninha — dizia-lhe eu abraçando-a e bei-
— « jando-a — não tens uma palavra que dês á tua ami-
— « ga? Falla... pelo amor de Deus... não estejas as-
— « sim calada que me assustas... Que sentes? »

« Sorria-se amargamente, e recahia logo naquella
« somnolencia, talvez, peor que a afflicção, que tumul-
« tua, chorando e gemendo e aniquilando-se, até cansa-
« rem as forças do corpo e as do espirito.

« Quando o padre nos deixou parece que ambas re-
« servavamos algumas lagrimas para dar-lhe em recom-
« pensa do muito amor que elle nos déra.

— « Seja nosso amigo, snr. padre Antonio — lhe
— « dizia eu beijando-lhe a mão. — Bem nos vê sósinhas
— « a mendigarmos conforto uma á outra para sermos
— « menos infelizes na soledade em que vamos viver.
— « Venha ter comnosco sempre que possa. Seja o nos-
— « so guia para o céu nesta dolorosa peregrinação da
— « vida... »

— « Serei um vosso thio, minhas filhas... serei co-
— « mo um pae que adoptaes e escolheis no seio da
— « egreja... mas que precisão havemos destes paren-
— « tescos? Sou um padre, filhas de Deus, e esta pa-
— « lavra resume em si toda a caridade, todo o evan-
— « gelho, e toda a protecção que um enviado do céu
— « poderia dar-vos. Recorrei ás vossas oraçoens que
— « hão-de subir sempre immaculadas aos pés de Jesus
— « Christo. Nos trabalhos do mundo, acercai-vos de
— « mim, e eu orarei comvosco para que a mão invisi-
— « vel do Senhor os afaste de vós. Ficai em paz! eu
— « vos abençôo em nome de Deus. »

« Antoninha abraçou-o com santo enthusiasmo, e dos
« abraços delle veio lavada em lagrimas para os meus.
« Valeu-lhe muito aquelle desafogo. O pranto é a respi-
« ração da alma abafada pela dôr... Pareceu-me que
« ella me responderia a esta pergunta:

— « Sentes-te mais alliviada, minha querida? »

« Acenou-me affirmativamente. Eu instei, porque
« necessitava ouvir-lhe uma só palavra que fosse:

— « Mas falla, meu anjo... estás menos opprimi-
— « da? »

« Depois de um profundo gemido, murmurou:

— « Eu...? »

— « Sim... tu, Antoninha... Estás melhor... mais
— « alliviada, não é verdade? »

— « E'... Estou mais alliviada... e tu?... sof-
— « fres? »

— « Soffro muito por te vêr soffrer mais do que po-
— « dem as tuas forças.. »

— « Muito... eu soffro muito... Meu pae já não
— « vive... não torno a vê-lo... »

— « Has-de vê-lo, Antoninha, no céu... Não é tão
— « consoladora esta esperança, que não mente como as
— « esperanças do mundo? »

— « E'... mas eu não queria viver... Ha-de ma-
— « tar-me a saudade, mas quando será?! »

— « Quando fôr vontade de Deus... quando tive-
— « res mostrado que és digna do céu pela paciencia
— « com que soffreres os trabalhos, que Deus não dá
— « em vão a quem é infeliz. »

« Antonia fez-me um gesto significativo de que me
« calasse. Recostou a face ao meu seio, e apertou-me
« com estremecimento. Comprehendi o amor e o soffri-
« mento daquelle abraço. Ha dores assim que, no seu
« consternado silencio, reclamam o silencio dos outros.
« Depois é que eu conheci as angustias caladas, e re-
« conditas. Hoje é que eu comprehendo o coração de An-
« tonia Bacellar, depois que os vermes do sepulchro lh'o
« corroeram... depois que um punhado de pó não
« póde reviver... suspirar... e sentir o afago das minhas
« lagrimas. Oh meu Deus! se não fosse a esperança que
« prende a saudade dos vivos a um anjo que de cá me
« levastes, o que seria de mim nesta viuvez em que me
« vejo de todos os enlaces mundanos?! Eu amaldiçoára
« o meu nascimento, e o destino sinistro, e a morte, que
« todos os dias me acena com as suas agonias, e tão ca-
« prichosa, ou tão cruelmente escarnecedora das minhas
« supplicas, não me quer ceder oito palmos de terra
« para meu descanço eterno!... Mas, perdoai-me, Se-
« nhor!... Eu anceio a morte, e é a vós que a peço,
« como a esposa que suspira pelos braços do esposo ca-

« ptivo, como a filha que chora pelo regaço da mãe,
« como Antonia Bacellar chorava na vida pela morte,
« que a arrebatasse á bemaventurança de seu pae.

« Aquelle anjo de martyrio, tres mezes depois da
« sua orfandade, parecia transfigurada. O sentimento
« nunca em tempo algum lhe deixou brilhar no rosto
« aquelle festival rubor da mocidade, aquella radiosa
« alegria que transpira dos olhos e dos labios como o per-
« fume das flores. A sua côr era assombrada pela triste-
« za perenne, que ella dizia nascer-lhe de pressentimen-
« tos vagos, mas todos melancolicos.

« Depois da morte do pae, a sua paixão não respi-
« rava, nem as suas breves conversas, comigo mesmo,
« eram sobre aquelle magoado assumpto. Eu fugia de
« taes recordaçoens, por temer ferir-lhe a sensibilidade,
« que era sempre, na amargura, como estas flores que
« se contrahem, quando são levemente tocadas. A dôr
« tambem se concentrava mais naquelle coração, e de-
« pois era de morrer de pena vêr como o rosto lhe
« amarellecia, e os olhos se lhe orlavam de nodoas roxas.

« Vivemos assim tanto tempo! Nunca um sorriso
« maquinal lhe descerrou os labios, com todos os meus
« esforços e os daquella pobre velha que pela sua bonda-
« de era um manancial de consolaçoens.

« Padre Antonio visitava-nos tres vezes por semana,
« e instruia-nos nos livros sagrados, e na historia profa-
« na, que elle dizia era preciso conhecer a fundo para
« admirar o dedo de Deus apontando o destino das na-
« çoens, e a fraquesa dos arrojos humanos, e a altivez
« decahida dos imperios, sugeitos ás prediçoens dos pro-
« fetas.

« Antonia interessava-se nestes estudos, e era con-
« siderada como um portento de intelligencia pelo padre.

« Eu menos avida d'instrucção que ella, se não con-
« segui tanto pelos meus estudos voluntarios, devo-lhe á
« sua conversação tudo que aprendi, porque fiz proposi-
« to captivar-lhe o espirito com as sciencias, para distrahir-
« lh'o das memorias lagrimosas de seu pae e da sua vida.

« Seu thio Domingos de Serqueira Bacellar foi des-
« pachado corregedor de Vizeu, e, melhorado de meios,
« estabeleceu-lhe uma mesada de 20 crusados que eu con-
« senti que ella acceitasse para dar largas ao seu melindre,

« que poderia magoar-se com a lembrança da sua depen-
« dencia! Como seria cruel esta lembrança para mim,
« se ella chegou a concebe-la uma só vez na sua vida!
« Eu creio que não... Morro com esta consolação!...
« E' a melhor recompensa para uma boa alma.
« Decorreram dois annos neste viver obscuro. Come-
« çava a raiar uma frouxa luz de felicidade nos nossos
« invariaveis recreios de portas a dentro. Antonia não
« me recordo vê-la chegar a uma janella, nem mostrar
« o menor desejo de vêr a luz do dia. Ao amanhecer dos
« domingos, iamos á missa d'alva; ajoelhavamos sobre
« a sepultura de seu pae; e recolhiamos-nos sem trocar
« palavras com alguem. As suas devoçoens eram no meu
« oratorio, e ao principio muito continuadas, e excessivas,
« se é que póde haver excesso em fallar com o espirito
« divino. Depôis eram menos repetidas, porque padre
« Antonio nos disse que a pura elevação da alma a Deus
« n'um minuto levava comsigo muita adoração, e não o dis-
« punha menos a nosso favor que as rezas obrigatorias
« de repetidas estaçoens e corôas.
« Acreditamo-lo, porque este santo homem fallava,
« segundo as inspiraçoens que lhe desciam de Deus.
« A nossa vida, pois, era a vida da clausura, com
« todos os prazeres que alli amparam a vida sagrada á
« religião, embora hajam magoas do mundo que a des-
« consolem na sua intima consciencia.
« Foi este viver que despertou em padre Antonio o
« desejo de vêr-nos religiosas n'um dos mosteiros em que
« fosse mais tibio o fausto, e mais acrisolada e austera
« a ordem.
« Senti-me impressionada d'emoçoens estranhas,
« quando o padre me propoz este voto de perpetua reclu-
« são na casa de Deus. Eu tive sempre em grande res-
« peito e temor as obrigaçoens de uma esposa de Christo,
« digna de tão magestoso nome.
« O meu espirito vacillava timorato n'uma decisão
« tão grandiosa. A vocação era decidida; mas eu tremia
« diante de um futuro, que não podia de antemão ta-
« lhar á minha vida, que não era só minha, mas da-
« quella orfan, que eu adorava mais que a minha felici-
« dade. Por ella, faria eu calar todas as minhas pro-
« pensoens em desharmonia com as suas.

« Nesta lucta silenciosa, que eu não podia nem me
« atrevia a revelar á minha querida amiga, surprehen-
« deu-me ella uma vez, como se os segredos do meu
« coração lhe fossem denunciados pelas lagrimas que de-
« balde tentei esconder-lhe :

— « Não chores, Rita — me disse ella com mei-
— « guice — não chores por isso... Devêras antes cho-
— « rar de remorso, para que eu te perdoasse o mys-
— « terio que fazes da magoa que te doe no coração...
— « Porque não has-de tu ser freira? Ha nada neste
— « mundo mais proximo do céu? Não ha, não póde
— « haver... Um convento parece-me um asylo, entre
— « o céu e a terra, suspenso das mãos dos anjos...
— « Alli é que a vida deve ser repassada das alegrias de
— « Deus!... A oração muito sublime ha-de ser na
— « solidão do templo, e no escuro d'uma cella onde
— « não entram as vozes tumultuosas do mundo!... Se
— « eu podesse ser religiosa, alli nas Claras, onde eu
— « hia visitar minha madrinha!... »

— « Antoninha! — exclamei eu perdida de conten-
— « tamento — Antoninha, meu anjo, tu queres ser
— « freira?... queres? diz... diz... »

— « Queria, queria!... se eu podesse... se eu ti-
— « vesse o dote... — »

— « Tens, Antonia, temos um dote para nós am-
— « bas... Sou muito rica, muito, muito, minha ir-
— « man, para comprar a felicidade de nós ambas... »

« Antonia sorriu-se para mim. Eu não sei como es-
« taria; mas parece-me que o jubilo que senti devia trans-
« pirar dos meus gestos, das minhas feiçoens, e daquel-
« la anciedade com que lhe aspirava as respostas. A sua
« mudez tomei-a por assentimento. Ergui-me, abracei-a,
« corri como douda, disse ás criadas, a meu thio, e
« queria contar a todo o mundo que hiamos professar —
« nós as duas existencias vinculadas para o céu, e para
« a soledade da clausura!... O padre Antonio encon-
« trou-me neste accesso de alegria. Maravilhou-se. Não
« lhe dei tempo de perguntar-me nadà. Abracei-o, bei-
« jei-lhe as mãos, contei-lhe tudo, tudo, que tudo era
« pouco para a immensa expansão de goso que minha
« alma pedia. Foi talvez de mais o meu sobresalto; mas
« eu tinha soffrido desde o berço; era aquelle o meu pri-

« meiro prazer; estranhei-o; delirei, vi-me commovida,
« capaz de rir e de chorar, capaz de tudo menos de pre-
« ver novos infortunios na existencia de nós ambas.

« Padre Antonio deu os parabens á minha amiga.
« O meu contentamento brilhava nas suas faces veneran-
« das. Transportou-se á mais elevada poesia da religião:
« fallou como um homem illuminado por Jesus Christo;
« arrebatou Antoninha; fez-nos chorar a todos, e abra-
« çou-nos ambas juntas n'um extasis apaixonado, como
« agradecendo ao céu a inspiração de nos fazer religiosas.

— « Então tu queres dotar-me, Rita? » — pergun-
« tou Antoninha n'um tom fagueiro, alegre, e animado
« com ternura.

— « Que tenho eu, Antoninha — respondi eu — que
— « não seja nosso? Não temos nós um leito para am-
— « bas? Os nossos vestidos e alimentos não os parti-
— « mos como irmans? Não são as nossas oraçoens mur-
— « muradas ao mesmo tempo, com os mesmos labios,
— « e consagradas no mesmo coração? Não é isto as-
— « sim, diz? »

— « E'... foi sempre... »

— « E ha-de sê-lo sempre, Antoninha? »

— « Sempre?! — respondeu ella improvisamente
— « contristada — quem sabe o que Deus dispõe? Não
— « podemos contar com o dia de ámanhan... Mal di-
— « ria meu pae que me deixava tão cedo!... mal diria
— « eu que havia de sobreviver-lhe um dia, um mez,
— « um anno, dois e tres annos... E vivo... mas co-
— « mo, santo Deus!... tão infeliz!... »

« Rebentaram-lhe as lagrimas e eu penalisei-me. Re-
« conheci então que os prazeres para mim eram sonhos.
« Vieram logo as afilicçoens, como compensação cruelis-
« sima d'um goso momentaneo.

« O padre, com palavras ungidas pelo conforto do
« céu, enxugou o pranto em ambas as faces de duas des-
« venturosas amigas, que sorriam juntas e juntas chora-
« vam.

« No dia seguinte ao deste lance de triste, mas sau-
« dosa, lembrança para mim, Antoninha, mal despertou,
« mesmo antes da sua oração da manhan, acordou-me,
« inquieta e sobresaltada, para me contar um sonho.

— « Escuta, Ritinha — dizia ella com muito amor

— « — se não esquece-me, e depois não terei outro tão
— « lindo que contarte. »
— « Diz, diz, Antoninha... »
— « Olha. Eu estava de joelhos, alta noite, pe-
— « dindo a uma estrella que me allumiasse o rosto de
— « meu pae... »
— « Oh filha — interrompi eu — no céo ha almas...
— « e o espirito não tem rosto humano. »
— « Pois sim, mas querias tu que a alma a sonhar
— « soubesse o que muitas almas não saberão acorda-
— « das!? Isto é um sonho... já te disse... ou estás a
— « dormir, Ritinha? »
— « Não estou, não... E depois a estrella... »
— « A estrella respondeu-me que a luz dos justos
— « era mais clara que a luz das estrellas, e que por
— « isso as trevas não podiam allumiar o sol. Depois
— « eu chorei porque o céo era surdo ás minhas suppli-
— « cas, e um anjo desceu até mim sobre um throno
— « de nuvens que dardejavam um lume, que cegava
— « os olhos da face, e allumiava os do entendimento.
— « E o anjo tocou-me na fronte com uma vara de fogo
— « celeste e escreveu esta palavra — MARTYR! »
— « E acordaste depois, Antoninha? »
— « Não... oxalá acordasse... »
— « Então? »
— « Tive um sonho mau, tristissimo, e aterrador...
— « Foi logo em seguida... Eu curvei a face marcada
— « pelo anjo, e adorei a vontade do Senhor.
— « Nisto o céo escureceu-se; o ar enegreceu como
— « o interior d'um esquife e eu tremia como a flôr das
— « montanhas açoutada pela tempestade. Orava, e as
— « palavras crestavam-me os labios como se eu respi-
— « rasse fogo. Queria fugir, e os joelhos sentia-os es-
— « talar, quando tentava ergue-los d'uma pedra que
— « era o sepulchro de meu pae. Depois ouvi o reboar
— « dos trovoens que rolaram, rolaram desde os confins
— « do céo até rebentarem sobre a minha cabeça. Vi
— « um raio. Ao seu clarão negrejava o anjo das trevas,
— « que allumiava os olhos da face, e cegava os do en-
— « tendimento. Desceu, desceu até mim, e com uma
— « vara de fogo infernal escreveu-me na fronte esta
— « palavra — ANATHEMA! »

— « E depois? — perguntei eu aterrada. »
— « Acordei... Não é tão medonho, Ritinha? »
— « E'... mas não passa d'um sonho, não é ver-
— « dade? »
— « Eu sei!... Não leste no *Genesis* o sonho de
— « Faraó? »
— « Faraó era um criminoso, a quem Deus mandou
— « lêr em sonhos a sua sentença — tornei eu receando
— « as apprehensoens d'aquelle espirito quasi infantil. —
— « E tu és innocente como uma das onze mil Virgens. »
— « Deus é que nos julga, Ritinha. »
« E dito isto começou a sua oração da manhan, sem
« dar-me azo a replicar-lhe.
« Eu estava agitada e anciosa pela vinda do padre
« Antonio. Queria eu que elle fosse o interprete d'aquelle
« sonho, como *José do Egypto*. Mal chegou, contei-lh'o
« sem que Antoninha nos escutasse. Assustei-me doloro-
« samente quando vi o silencio d'aquelle santo homem!
« Queria que elle sorrisse, e com tudo não sorriu.
— « Devem-se crêr os pressagios dos sonhos? —
— « apressei-me eu a perguntar-lhe. »
» Elle respondeu com firmeza e magestade:
— « Não ha lei divina nem humana que dê credito
— « aos sonhos, e nos mande temer a realidade de pra-
— « zeres ou desgostos sonhados; mas, minha filha,
— « quando a alma se agita n'um corpo adormecido,
— « sem desvairar por chimeras e disparates; e quando
— « é o espirito celeste de Antonia Bacellar o que recebe
— « a consolação do anjo de Deus e a maldição do anjo
— « das trevas... eu não sei o que pense!... Deus ma-
— « nifesta-se ás suas creaturas por tão variados mo-
— « dos!... A alma, que é do céo, prevê tanto os in-
— « fortunios na allucinação de si proprio!... Em fim,
— « Ritinha, não diga nada dos meus receios a esse
— « anjo; mas eu quizera manhan, se possivel fosse,
— « vê-la protegida pelas telhas sagradas do convento...
— « Deus me não leve sem que eu veja a realidade desta
— « minha querida esperança... »
« A incerteza do padre apavorou-me. Nesse dia fallei
« sempre com Antoninha em entrarmos na clausura.
« Achei-a vivamente propensa para isto. Meu thio e tutor,
« que era um honrado executor da nossa vontade, fez-me

« entrega da minha fortuna, que avultava de mais para
« o nosso dote em qualquer ordem monachal. As licen-
« ças e as escripturas encarregou-se padre Antonio de
« as preparar. Ardiamos ambos em desejos pelo consen-
« timento do thio d'Antoninha, a quem ella pedira licença
« como prova de reconhecimento aos seus beneficios. O
« thio felicitou-a, e disse-lhe, que ficava pedindo a Deus
« lhe désse a elle meios para que suas filhas tivessem egual
« sorte.

« Chegou o dia da nossa entrada.

« Ninguem virou costas ao mundo com olhos mais
« enxutos... Seria por não termos conhecido as suas de-
« licias? Deveria ser .. Nós viamos tanta filha feliz;
« tanta esposa alegre, e encantada com os prazeres de mãe;
« tanta orfan esperançosa em povoar o coração de affe-
« ctos, e crear ligaçoens mais ternas que as de pae;
« tanta desgraçada, tantas meninas desvalidas sempre com
« o sorriso da alegria para o mundo que as lisongeava e
« embebecia!... Nós é que só tinhamos a solidão, e a
« tristeza, e o desapego por tudo que não fosse a nossa
« vida monotona e circumscripta ás relaçoens d'um padre
« que nos estremecia, e do meu velho thio que nos amava
« como filhas. Foi por isso que não tivemos uma lagrima
« de que o mundo possa vangloriar-se.

« A nossa entrada foi sem pompa, quasi ignorada,
« e desapercebida dos faustos, que acompanham a que
« vae do mundo renunciar aos pés do altar as alfaias men-
« tirosas com que o amor proprio lhe embellesára o pó...
« o *nada* da formosura.

« Antonia chorava, quando a porta do mosteiro se
« fechou com um rodar triste de não sei que saudade vaga
« e funebre. Pedi-lhe explicação d'aquellas lagrimas:
« disse-me que a não tinha.

— « Bem sabes o meu coração!... — ajuntou ella.
— « Eu que tenho fóra d'aqui? o tumulo de meu pae... e
— « mais nada, que me desperte a vontade de viver com
— « toda a minha liberdade... de chorar... Não é isto
— « assim, Ritinha? »

— « E' — lhe tornei eu consolada de vêr que não
— « era o arrependimento. »

« E de certo não era. Antoninha quando lhe cor-
« taram o cabello, e lhe deram, em troca dos vestidos se-

« culares, tres tunicas e um manto de estamenha *vil no*
« *preço e na côr*, assim como o determina a regra do
« instituidor, olhava para mim com tal sorriso de bon-
« dade, e abnegação de si, que eu, no fundo do meu
« coração, consternei-me por não adivinhar que goso ou
« dôr mysteriosa denunciava aquelle sorriso.

« Foi-nos dada mestra de noviciado. Era uma reli-
« giosa austera, das que cingem o cilicio, e oram sem-
« pre fervorosas pelos peccados alheios. Era muito boa
« conselheira, e sobejavam-lhe esforços em nos inteirar
« das nossas obrigaçoens, e da vida desapegada que ti-
« nhamos a viver em relação com o mundo. Mal sabia
« ella quanto demasiados para nós não eram as suas pra-
« ticas! . . . Tão espontaneas as nossas vocaçoens, era santo
« mas vão trabalho experimentar-no-l'as com a pintura
« de compromettimentos assustadores para almas debeis e
« tibiamente decididas. Padre Antonio era que farte ins-
« piração de nossos deveres, se a precisassemos. Foi-nos
« permittida, a custo, uma grade em semana para o ou-
« virmos, e para elle nos bemdizer a face prasenteira
« que lhe mostravamos, tão folgadas dos nossos trabalhos,
« tão ditosas da clausura que para nós valia a maior li-
« berdade marcada pelo dedo do Senhor, e tão anciosas
« por maiores luctas de espirito em que provassemos a
« robustez de nossas propensoens.

« Assim o pensavamos — assim o criamos. Deus, po-
« rém, não era comnosco nestes desejos.

« Antonia Bacellar fôra, desde menina, adoeniada.
« A sua magresa natural augmentava todos os dias a olhos
« vistos; mas nem ella se intimidava da morte, nem
« queria que eu me atemorisasse por isso. Deus sabe o
« que eu soffria calada por tão debil e franzeninha a vêr
« assim continuadamente deteriorada na saude! A's vezes
« parece que as pancadas do pulso lhe refluiam ao cora-
« ção: tal era o quasi nada das pulsaçoens, e tão vio-
« lento lhe arquejava o coração encostado ao meu por
« aquelles abraços de amiga que teme perder a amiga —
« resumo de tudo que a sepultura ainda lhe não fechou.

« No setimo mez de noviciado, Antoninha estava
« desbotada, esvahida de vigor, e n'um definhamento
« de tysica apparente, que me fez chorar dia e noite, a
« occultas della, algum novo sobre tantos infortunios.

« O medico entendeu-se com o padre Antonio, e
« aconselhou a sahida d'Antoninha a ares por alguns
« mezes.

« O padre, antes de me communicar esta precisão,
« rodeou-a de mil razoens, e de tão santos argumentos
« para eu me sacrificar ao apartamento de alguns me-
« zes, que eu, em vez de lagrimas, tive o sorriso de gra-
« tidão para dar-lhe, a elle que tanto se empenhava na
« saude d'aquelle anjo unico da minha desventurosa vida.

« Por quantos desvios e melindres pude, cheguei a
« propôr-lhe a sahida. Antonia, então sim, apavorou-se
« não sei se da morte com que a ameaçavam, se da surpre-
« sa. Dizer-lhe que sahisse do convento, quando ella prin-
« cipiava a desconfiar do seu cansasso na respiração, era
« o mesmo que dar-lhe a escolher uma campa no claustro
« do mosteiro, ou na egreja ao pé da de seu pae. Debu-
« lhou-se em pranto, e, em paga do amor com que a con-
« solava, só teve estas palavras para dar-me, arrancan-
« do-as do coração:

— « Que importa morrer hoje aqui, ou manhan lá
— « fóra?! »

— « Quem te falla em morrer, Antoninha? — lhe
— « repliquei eu com amargo fingimento — O que eu
— « quero é remediar todas as tuas mortificaçoens, que
— « tambem são minhas. Não vês a magresa e frouxi-
— « dão em que descahes de dia para dia, e esse abati-
— « mento de corpo que é d'onde provém a turbação da
— « alma, em que sempre estás assombrada?! Se é ne-
— « cessario que saias para melhorar, porque não has-
— « de sahir? Deus não agradece o deixar-se a gente
— « morrer para mais depressa tocar o termo dos tra-
— « balhos da vida... E' o que diz o snr. padre Anto-
— « nio, e bem sabes com que verdade as palavras lhe
— « descem do céu ao coração... »

— « Mas quem diria — replicou ella limpando as
— « lagrimas — que serias tu a que tanto me rogasses a
— « minha sahida de ao pé de ti!... »

— « Oh minha filha — exclamei eu, abraçando-a —
— « eu não te peço que saias de ao pé de mim... E' o
— « meu coração que cede á amisade e ao dever...
— « Para te ter sempre ao meu lado, para que vivas
— « mais que eu, Antoninha, é que eu te peço que

— « vás buscar vida mais duradoura, e vigorosa do que
— « a que tens... Ora diz-me, não virás aqui á grade
— « todos os dias se quizeres? Não será tambem ha con-
— « solação para ambas nós a tua saude completa, á
— « custa do sacrificio da nossa separação por algumas
— « horas no dia? diz, Antoninha?... »

— « Mas eu não posso estar sem ti um instante...
— « Com quem hei-de eu viver lá fóra?... »

— « Comigo sempre no pensamento... não será
— « um allivio?! »

— « Não... a saudade é uma paixão que mata...
— « não vês como eu estou?! Não te parece, Rita,
— « que era acabar-me separarem-me de ti? »

« Eu não sabia responder a isto. Por mais resoluta
« que me quiz mostrar, cedi com facilidade. A minha
« coragem era contrafeita... Deus sabe com que vontade
« a aconselhava para sahir; mas a razão pesou tanto
« sempre nos meus juizos, que nunca até hoje me deixou
« um instante de liberdade ao coração... E saberei eu
« o que é a liberdade do coração?! Ah! sei... sei...
« Era acompanha-la, sahir com ella, mudar as minhas
« tençoens se ella as mudasse, ser religiosa se ella o
« fosse...

« Quando padre Antonio soube da repugnancia d'An-
« toninha, arguiu-me de a não querer deixar sahir, e vati-
« cinou-me redobradas lagrimas, se lhe não zelasse a sua
« saude, com alguns sacrificios.

« Chamei-a para me justificar da injustiça com que
« me accusavam. Arrependo-me disso. O meu coração era
« culpado, e as culpas, por mais escondidas que lá se
« abysmassem, aos olhos escrutadores do sacerdote eram
« visiveis como as nodoas na alvura da face.

« Culpada disse eu que era, porque, aterrada pelo
« presagio que Antonia me fez sentir da sua sahida, nunca
« mais instei com ella.

« Antoninha entendeu a precisão que eu tinha de ser
« salva por ella, e disse ao padre Antonio que as minhas
« instancias por demasiadas que tinham sido a ressentiram
« de suspeitas a respeito da minha amisade; — e que eu,
« por conhecer quanto a dissaboreavam taes rogos, nunca
« mais lhe tocára nessa ferida mal fechada.

« Foram tão ajustadas com a religião e com o juizo

« as razoens que o padre Antonio deu para a sahida da mi-
« nha amiga, que nem ella pôde, com toda a sua repu-
« gnancia, balbuciar uma só palavra em abono da sua
« vontade.

« Chorar, e nada mais, foi o que ella respondeu. Con-
« trafiz-me quanto me foi possivel para acalmar-lhe as pe-
« nas. Fiz-lhe trocar pelo pranto o sorriso da esperança,
« que bellos annos no futuro realisariam em perpetua feli-
« cidade para nós. Ella creu-me, e eu tão crente como
« ella, não presagiei a mais ligeira magoa, além das pun-
« gentes saudades, cuja consolação estaria em nos vêrmos
« uma hora em cada dia.

« Padre Antonio não quiz espaçar muitos dias a sahi-
« da, logo que alcançou o consentimento d'Antoninha.

« Na manhan do fatal dia 10 de Fevereiro de 1673
« choraram todas as religiosas que vieram acompanhar á
« portaria aquelle seu anjo do céu, como todas lhe cha-
« mavam.

« Quando me vi, sem ella, na minha cella, sósinha,
« e inconsolavel aos esforços de tão consoladoras creatu-
« ras, senti a morte.

« No momento em que escrevo... redobram as minhas
« lagrimas. O meu espirito varado pela saudade daquel-
« la dòr... sinto-o reluctar-me no peito com toda a ago-
« nia do desespero... Soffro muito, meu Deus!... Per-
« mitti, Senhor conservar-me o claro entendimento, que
« tantas vezes sinto turvar-se e escurecer-se... A demen-
« cia!... seria cruel, meu Deus!... A morte... antes
« a morte que eu vos supplico com tanto amor, e que eu
« tanto mereço pela resignação com que tenho padeci-
« do.

....

....

Aqui suspendeu o padre Carlos a sua leitura. Tinham decorrido tres horas. O conde de S. Vicente, como estava magoado no coração, limpára as lagrimas muitas vezes. O padre não era estranho áquellas emoçoens; mas lagrimas é coisa que elle não tinha, ou então esgotára-as á força de gastar a sensibilidade em repetidas leituras daquella historia.

— Não lê mais? — perguntou o conde.

— Hoje não. Vamos tratar agora dos vivos, e de-

pois voltaremos aos mortos, não lhe parece rasoavel, snr. conde?

— Tratar dos vivos!?... Ah!... sim... Mas eu tinha tanta vontade de ouvir o fim do diario de sua mãe... Porque o não acaba?

— E' quasi noite... Não vê que manhan tem de apparecer um pobre á snr.ª D. Ignez? E supposto que os pobres se acotovellam em abundancia por esses caminhos, ainda assim é preciso escolher e iniciar o mais esperto de todos... V. exc.ª não deve aqui ficar sósinho... E' verdade... Venha ser meu hospede á residencia de Santa Senhorinha. Se sobrar o tempo das primeiras occupaçoens, leio-lhe o *finis coronat opus* da minha historia.

Ao anoitecer sahiram o conde de S. Vicente e o padre Carlos, e foram caminho da residencia.

A thia Benta do João, que os viu passar, fez á noite ao lar esta advertencia a seu marido:

— O' homem! eu agouro mal deste *matrimonho*... E Deus me perdôe se pecco. Aqui ha coisa... Isto começou por morte d'homem... e, como diz lá o dictado « quem com ferro mata com ferro morre... »

— Isso é verdade... — respondeu o thio João cambaleando com somno. E não pôde dar outras razoens do seu dito, porque adormeceu.

O leitor talvez se interesse tanto como o João da Benta nos romanticos acontecimentos desta peregrina historia...

CAPITULO XX.

Vê-se que o editor desta verdadeira historia não quiz desfalcar a ordem do manuscripto, e por isso deu aqui remate ao lamentoso diario de Antonia Bacellar.

A RESIDENCIA parochial de Santa Senhorinha de Villamarim era uma casa rustica, pequena, e sem pertençoens a nenhum estylo architectonico.

Por dentro era decorada pobremente, e essa mesma pobreza era afeada pelo desalinho e sordidez e nauseamento que ressumava d'aquillo tudo.

Quatro taipas, milagrosamente suspensas e irriçadas de palhas barrentas, construiam o reservatorio, ou camara do snr. abbade daquella freguezia.

O abbade já os leitores o conhecem, e não é pequena maravilha conhecerem-n'o como um sacerdote de mais asseados crepes que passeava na provincia. Não custa a deparar destes contrastes em todas as classes: hoje, porém, na do clero portuguez vereis muita somma de padre a transsudar immundicie da batina encebada; mas, se vos elle der licença de o visitardes, topareis o aprimorado da mobilia, e o folhado das sanefas e das guarda-camas, e os tremós com os diches chinezes, e as odaliscas voluptuosas harpejando ás plantas do sultão pintadas, já se vê, nos papeis das paredes... visto que em paiz christão não é permittido pô-las alli de carne e osso, a contento de um folgado derviche, zelador sincero das houris do profeta.

O conde de S. Vicente quando se viu na amesquinhada vivenda de padre Carlos da Silva, deu visos de pasmado.

— Estranha? — perguntou o abbade.

— Repáro na simplicidade de tudo isto...

— Na pobreza é que v. exc.ª quer dizer... E' porque eu realmente sou pobre... Podéra amontoar oiro, sem usurpar o alheio, mas de que me serve o oiro a mim, se eu não compro com elle a vingança de minha mãe?!

— Sempre essa terrivel palavra, snr. padre Carlos!... Porque não perdôa?

O padre sorriu-se. Espevitou a torcida de um enferrujado candieiro de cobre, e, caminhando adiante do seu illustre hospede, entrou n'um pequeno quarto, cujas paredes eram forradas por estantes de livros postos para alli em desordem, e vinculados á perpetua moradia de não sei quantas familias de reptis, em que predominavam aranhas corpulentas, e, ao que pareciam na sua inquietação, inimigas da luz.

— Pelo que vejo — notou o conde — v. s.ª já teve mais gosto da vida.

— Porque, snr. conde?

— Vejo que se deu aos livros... e, quando a vida se aborrece, aborrecem-se os livros, que não prestam consolação nenhuma.

— Estes livros, snr. conde — tornou o padre — não me custaram um ceitil, e para ahi estão como ahi entraram ha seis annos. Foram livros que me legou aquelle padre Antonio dos Anjos, que v. exc.ª conhece da historia... Alguns delles foram de minha mãe e outros de Soror Rita da SS. Trindade... Tomára eu nem vê-los... São lagrimas que ahi estão... parecem-me vigias que estão d'alli a vigiar se eu adormeço no esquecimento da vingança...

O conde tirou da estante um livro, e veio á luz lêr-lhe o titulo. Era o primeiro volume da vida de Santa Thereza, com estas palavras manuscriptas. *Pertence a Antonia Bacellar, noviça no mosteiro das franciscanas de Santa Clara em Villa Real* — 10 *de Outubro de* 1673.

— Aqui está um livro que era de sua mãe, snr. padre Carlos...

Não teve resposta alguma. O abbade esfregava impaciente a testa com a mão direita, como se tentasse comprimir nas palpebras duas lagrimas que o accusavam de sensibilidade mulheril.

Tavora, folheando o mesmo livro, deparou um quarto de papel, escripto.

— Que será? — perguntou elle, mostrando-o ao padre. Este tomou-o com desinteresse, e murmurou:

— E' alguma devoção de minha mãe... A letra é sua. Em quanto o conde lia de passagem meia pagina das contricçoens da Santa, o padre leu algumas linhas do manuscripto de sua mãe, que resavam assim:

« O mundo não foi para ella um horto de espinhos.
« Reputou-se venturosa na culpa, votou-se ás paixoens
« que lhe encheram o coração, morreram-lhe as illusoens,
« mas não ficou vasia de affectos a sua alma ardente.
« Deus é todo amor. Foi elle que lhe sarou as ulceras
« d'aquella alma corrupta, e dignou-se assentar alli o
« seu throno... Depois do crime o remorso, e depois do
« remorso a santidade!... — mas eu tão infeliz sempre...
« sempre...

O padre não proseguiu este ligeiro commentario á vida de Santa Thereza; poderia, se continuasse, deparar com alguma invectiva á Providencia accusando-a de menos generosa com a sua alma anciada por emoçoens que lhe refrigerassem o ardor. Foi interrompida a leitura de ambos, por uma servente, que poz um taboleiro de pratos de estanho sobre a mesa, e retirou-se, sem gastar mais palavras que as classicas do — *louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.*

Não eram só pratos de estanho. Em uma travessa chineza lourejava uma galinha assada, de que o conde se serviu quasi nada, e o padre apenas provou, e trinchou distrahidamente. Tomada esta parva, que era de sobejo para dois homens que se nutriam do fel das desgraças, o abbade tomou o taboleiro, collocou-o fóra da porta, e fechou-a sobre si. Depois disse com affabilidade:

— Agora, snr. conde, quer v. exc.ª conversar com os mortos antes de curarmos dos vivos?

— E' a continuação do diario que vae lêr-me não é verdade?

— Se lhe apraz...

— Aprazem-me tanto as tristezas... e estou tão affeito a ellas desde que um fado mau aqui me trouxe...

— Bem mau que elle foi, snr. conde!... — Atalhou

o padre dando a cada palavra um accento de profecia lugubre...

— E não ha-de faze-lo melhor a sua amisade, snr. padre?

— Melhor!... quem sabe?!... a luz dos desgraçados é tão bassa para derramar claridade nas almas alheias escurecidas pelo infortunio!...

— Mas o seu juramento?! Não basta esse?

— Basta, realmente, basta, snr. Manoel de Tavora! O meu juramento é a sua felicidade?

— Cumprido que seja...

— Se-lo-ha.

Nesta expressão unica do padre vinha o desabafo intimo d'uma vingança risonha, pensada, tremenda, e irrevogavel. Este *se-lo-ha* tinha a firmeza das condemnaçoens irremissiveis, que balbuciadas por Diocleciano, eram subito comprehendidas pelo algoz, sem explicação da lei, ou appellação para o senado.

Juiz, algoz, lei, e senado era o padre, só e livre, na sua consciencia. Deus te-lo-hia prescrutado; mas quando da mão de Deus é que o flagello da punição desce á mão do homem, a alma sequiosa de sangue não transluz na face do que ahi foi posto para flagellar.

Estava o padre desdobrando a folha que deixára com signal, e o conde em frente delle era todo ouvidos para attende-lo. O primeiro, antes de principiar a leitura pouco antes interrompida, ceremoniosamente disse ao seu bondoso hospede, que no caso de enfadar-se com o estirado da historia, sem rebuço lh'o dissesse, para lhe hir mostrar a cama, onde poderia dormir sem receio de pouca limpeza. Estas consideraçoens eram necessarias para qualquer pessoa melindrosa, que attentasse no desleixo d'aquella casa, e mais que tudo na variedade de bicharia miuda, que deveria surdir de cada buraco, e de cada fisga das paredes. Mas é crivel que receios taes não assaltassem o conde, cujos infortunios de tamanho vulto o não deixavam scismar nas ferroadas d'uma pulga, ou na lucta desigual dos seus calçoens com alguma enorme ratazana.

Dito isto, que realmente revela muita erudição no commentador do manuscripto, ouçamos o padre que lê em tom de entranhada melancolia o diario sentimental de sua mãe:

« Padre Antonio procurou-me á tarde no dia da sa-
« hida d'Antoninha. Vinha triste e muito recolhido em
« si. Abstrahia-o uma dòr grande, ou um avesso pressen-
« timento. Fallando-me d'ella, nas suas palavras via-se
« o mal-fingido receio da doença incuravel d'Antoninha.
« Pedi-lhe com instancia e afflicção que me dissesse o
« que pensava da molestia da minha amiga. Respondeu-
« me que lhe era tão precisa a distracção como o ar que
« se respira, e como o arrependimento e a fé em Christo
« aos que a precisam para se salvarem.

« Antonia Bacellar passára toda a manhan em pran-
« tear-se. As saudades da sua cella, dissera ella, que
« lhe redobravam a doença. O padre confortou-a, como
« elle só no mundo sabia faze-lo, e foi baldado o seu
« conforto. Meu thio, acarinhando-a como filha, não a
« deixou um instante, e algumas vezes, assumindo a au-
« ctoridade paterna, impoz-lhe o preceito de se acurvar
« com resignação á vontade das pessoas mais idosas.

« A minha amiga era docil como um anjo. Desde
« logo suffocou em si as angustias, e prometteu, sorrindo-
« se, não chorar mais, nem accusar alguem do muito
« que viesse a padecer.

« Isto era ainda mais pungente para mim que as
« mesmas lagrimas. Cheguei a persuadir-me que m'a não
« tratariam com a meiguice precisa para consola-la. Eu
« enganava-me. Meu thio amava-me quanto podia amar-
« se uma pessoa, que não carecia do amor compassivo
« pelo infortunio; e a ella amou-a mais ainda por vê-la
« desvalida, orfan, e pobre.

« A manhan do seguinte dia passou-a Antoninha n'uma
« grade comigo, com a mestra, e com padre Antonio.

« Vinha menos amargurada, ao que parecia, do
« que m'a pintaram. Senti-me feliz com esta surpreza.
« Fallamos dos nossos dias futuros sem interrupção de os
« vivermos juntos. Para tanta ventura, disse o padre,
« que bastava a vontade d'Antoninha: ponto era que ella
« cuidasse em desembaraçar-se de pensamentos tristes,
« dandô-se ás distracçoens do campo, que tão lindo era
« na estação das flores.

« Conviemos em que Antoninha devia hir muitas vezes
« á sua granja do *Prado*, e passar por lá a maior parte
« do dia. Dorothea — a sua velha creada — deveria acom-

« panha-la, quando os encargos do sacerdocio lhe não
« cedessem a saudavel companhia de padre Antonio.

« Assim o fez. Repartia os dias pela grade e pela
« sua granja do *Prado.* Lá entretinha-se em dispôr flores,
« e arranjar as copas das arvores, e as varas da ramada
« para no estio lhe darem sombra e escondrijo, que ella
« tanto amava, se a melancolia scismadora lhe era menos
« dolorosa na solidão.

« Um mez depois que sahiu, Antoninha pareceu-me
« reanimada: — mais côres na face, mais vida nas ex-
« pressoens, e nos labios aquelle sorriso de contentamento,
« que se estrema bastante do que vem amargurado e con-
« trafeito de dentro.

« Alegrei-me, e bemdisse a misericordia divina, que
« me amparava aquella metade da minha existencia, e m'a
« promettia com a saude, e longa vida, para que eu
« viesse a ser um dia chorada por ella, e não ella perdida
« para mim.

« Ha pressentimentos terriveis.

« Um dia chorei muito. Era de matar a tristeza que
« me enturvava o espirito. Quiz desafogar-me d'aquella
« dôr mysteriosa com o padre Antonio; mas o que eu
« padecia era inexplicavel. Não atinava com a causa.
« Era o pressentimento.

« Seguiram-se dias cada vez torvos para mim. An-
« tonia Bacellar pedia-me explicaçoens; eu não lh'as
« dava que não podia, e ella condoia-se; contristava-se
« comigo; e cahia n'um profundo silencio quando me
« eu calava.

— « Antoninha — exclamei eu uma vez n'um tom
— « affogado de angustia — Antoninha, tu não serás
— « minha amiga como eras?!

— « Que pergunta, Ritinha! — respondeu admi-
— « rada, mas menos sobresaltada do que eu ficaria se
— « tal pergunta me fosse feita por ella.

— « Diz-me — tornei eu estendendo-lhe os braços
— « pela grade em ar supplicante — és minha amiga
— « como deves?

— « Que faço eu para suppores que não? Deixei
— « eu de vir aqui algum dia? Viste-me já um gesto
— « de enfadamento nas horas fugitivas que vivemos
— « juntas?

— « Não — respondi eu não tenho visto; mas en-
— « tão, já que és um anjo do céo, explica-me porque
— « eu estou tão triste... »
— « Eu sei!... Estarás doente... porque não saies?
— « Não te tenho eu pedido tantas vezes que... »
— « Vá viver comtigo para não arrefecer a tua
— « amisade? »
— « Isso não... eu nunca te disse tal, Ritinha...
— « Tu queres fazer-me chorar... pois bem... conse-
— « guiste-o... »
« E chorava.
— « Que mal te faço para isto? — proseguiu ella,
— « soluçando. — E' o mesmo que chamares-me in-
— « grata... e esse crime é o maior de todos... Juro-te
— « que o não sou... não sou... não... nunca o serei,
— « por mais que a desgraça venha a desmemoriar-me
— « dos beneficios que te devo... »
— « Nada me deves, Antóninha, se bem me pagas
— « este grande amor que te tenho... »
— « Notas em mim alguma differença? »
— « Não — e para que m'o perguntas, se a cons-
— « ciencia te não accusa?! »
— « Para que t'o pergunto?! Pois não será um
— « capricho teu duvidares de mim sem dar-me uma só
— « razão que me culpe? »
— « Deus me livre de podê-la dar... Morreria an-
— « tes disso, minha filha... Está bom! — prosegui eu
— « enxugando as lagrimas — Somos muito amigas...
— « Estou consolada e arrependida... Perdôas-me, An-
— « toninha, de recear que o teu coração estivesse re-
— « partido... »
— « Repartido! » — exclamou ella surprehendida. »
— « Assustas-te! — disse eu mais surprehendida que
— « ella — Não podia ser muito facilmente... »
— « O que? — tornou ella cada vez mais enleada
— « e absorta. »
— « Amares... Haverá nada mais natural na tua
— « idade e com o coração que tens? »
— « Não te amo eu a ti com todos os affectos do
— « meu coração, Ritinha?! »
— « Amas?! pois bem; eu não ambiciono mais
— « nada... Sou mais feliz que tu, que não podeste

— « ainda suspeitar do meu amor um instante só na tua
— « vida. Quando souberes como doem estes receios,
— « verás a felicidade que vem de palavras animadoras
— « e santas como as tuas... Estás tão longe... não
— « posso dar-te um beijo!... »

— « Vês? olha lá como nós somos felizes!... nem
— « nos podemos beijar quando queremos! »

— « E que tem isso? não é tão grata a certesa de
— « que o faremos bem cedo, quando vieres para os
— « braços da tua irmau?!... »

« Antonia não me respondeu. As feiçoens parece
« que se lhe toldaram d'uma nuvem negra. Foi uma tran-
« sição espantosa. Então é que eu senti um ferro em
« brasa varar-me o coração. Faltaram-me palavras para
« lhe fazer uma pergunta. Toda eu tremia, e ella pare-
« cia vergar sob um peso de vergonha, ou de remorso,
« que lhe não deixava erguer a face para mim! Nem a
« experiencia propria, nem o tracto da vida das paixoens
« alheias, me dizia na consciencia que Antonia Bacellar
« era mulher que amava um homem... Adivinhei-o,
« senti-o, repassei-me d'uma dôr suprema de verdade,
« li-o naquella vergonha, naquelle rosto abatido, em
« todos aquelles gestos que denunciavam uma alma fra-
« ca, singella, e incapaz de mentir.

« A' custa de uma grande lucta com as minhas la-
« grimas, pude perguntar-lhe:

— « Estás incommodada, Antoninha? »

« Não me respondeu.

— « Vae, meu anjo, vae dar o teu passeio... —
— « tornei eu, quando o ressentimento, o ciume, e a
— « febre principiavam a operar em mim um sentimen-
— « to estranho — Isto aqui está triste... Não percas
— « um instante de saude, e de contentamento... »

— « Rita! » — exclamou ella com anciedade.

— « Que queres, Antoninha? »

« Respondeu-me com o silencio das lagrimas. Com-
« prehendi-a, e desejei morrer neste instante.

« A providencia do Senhor é prodigiosa. Neste tran-
« ce afflictivo, entrou padre Antonio, e ficou perplexo
« olhando-nos uma e outra, que não levantavamos a face
« para elle.

— « Que tendes meninas? Vós sois os meus pecca-

— « dos... Choraes mais lagrimas na roda do anno,
— « que as familias todas de Traz-os-Montes, não ex-
— « ceptuando o vosso velho padre, que tambem chora
— « ás escondidas... Então? que é isso!? »

— « Nada!... » — respondi eu, e Antonia com a
« voz cortada pelos soluços, respondeu depois de mim:

— « E' a minha desgraça ..snr. padre Antonio...»

— « A sua desgraça, minha filha!? Não a casti-
— « gue Deus. E' desgraçada quem é tão querida de
— « todos, e tão sem mancha no seu coração d'um
— « anjo!? »

« Eu adivinhava que pungir seria o destas palavras
« na minha infeliz amiga. *Desgraçada*, chamou-se ella
« então... Ah! de certo o era... muito desgraçada,
« meu Deus!... Para atalhar ás magoas involuntarias
« que o padre lhe causaria, disse eu, sorrindo-me da-
« quella alegria dos que podem reprimir na garganta o
« grito da desesperação:

— « Vão passear... ande, snr. padre Antonio, ti-
— « re-a d'ahi, que está muito afflicta... »

— « Pois sim — tornou o padre, tomando-lhe a
— « mão, e fazendo-a erguer — Vamos ao *Prado* vêr
— « se aquellas *saudades* e *suspiros* desabrocharam...
— « Tenho saudades das minhas flores, e quero vêr
— « como esta fada dos jardins encantados me cultiva
— « uma flôr que lá tenho, e que é só minha, pois
— « não é, minha jardineira? »

— « Sim, senhor » — respondeu Antonia, com os
« olhos fitos no chão, e a alma sabe Deus distrahida
« por onde...

— « Adeus, Antoninha, até manhan — lhe disse eu
— « com insuspeita ternura — Olha a minha rosa branca,
— « que não seque, sim?... Adeus! »

« Sahiram.

« Dorothea, que tinha esperado no pateo por sua
« ama, quando a viu sahir acompanhada pelo padre,
« voltou atraz a comprimentar-me, e disse-me estas me-
« moraveis palavras, quando sahia:

— « Ha grandes desgraças a futurar, menina...
— « Manhan lhe direi... não posso já calar-me... Deus
— « não me perdoaria se eu não dissesse... »

— « O que? » — interrompi eu anciosa.

— « Agora não... Estão á minha espera... Até
— « manhan... »

« Estava aclarado o mysterio com os mais salientes
« traços. Não havia que duvidar. Antonia amava...
« Quem... e para que? Era esta a angustiosa pergunta que
« eu me fazia incessantemente. Já me não magoava a
« perda da melhor parte daquelle coração. A desgraça
« menor cedia á suprema de todas as desgraças. *Des-*
« *honra!* — esta palavra maldita murmurou-me com des-
« abrimento todo aquelle dia o seu accento diabolico aos
« ouvidos da alma! *Deshonra!* — e a deshonra de An-
« tonia Bacellar — da filha d'Alvaro Bacellar, que,
« na hora da morte, me tinha dito — *entrego-lh'a...*
« *seja mãe desta desvalida!*

« A noite que eu passei Deus a não dê aos meus
« inimigos, se é que os tenho merecido, nesta minha
« vida toda d'amor com o proximo, e de desenganos e
« ingratidoens...

« Muito de manhan no dia seguinte veio o padre
« Antonio dizer-me que o nosso anjo estava doente de
« cama, com alguma febre.

« O coração senti-o naquelle momento respirar com
« desafogo toda a sua dôr retrahida, mas a prudencia
« calou-m'a nos labios. Hiria eu dizer áquelle santo ho-
« mem suspeitas, que poderiam ser infundadas, ou adian-
« tar-lhe segredos que elle saberia no confessionario?
« Não quiz; não pude, e não devia.

« Com muitos rodeios pude revelar timidamente o
« confuso temor em que eu estava a respeito d'Antoni-
« nha. Perguntei-lhe se ella na granja do *Prado* era
« cortejada por alguem... Respondeu-me que não.

— « Porque me faz tal pergunta? — continuou elle
— « Não aventure assim juizos temerarios, minha filha,
— « que são muitas vezes ança para grandes culpas. An-
— « tonia Bacellar é innocente como ha dez annos o era
— « no seu colo. Peça perdão a Deus dessa indiscrição,
— « que é peccaminosa, e peça tambem perdão á sua
— « amiga... »

— « Pedirei... — respondi eu — oxalá que ella te-
— « nha de perdoar-me... »

— « Pois então, Rita? a senhora duvida da pure-
— « sa da sua amiga?! »

— « Não, snr. padre Antonio... Deus me mate,
— « antes que eu duvide da sua puresa... »

— « Eu acompanho-a, pelo menos, duas vezes por
— « semana no seu passeio... Nunca por nunca depa-
— « rei um homem que podesse... que ousasse... nun-
— « ca, minha filha, eu juro que ainda não vi por on-
— « de perca a innocencia daquella virgem... E de-
— « mais... Deus me perdôe!... bem sabe que eu sou
— « o director espiritual de Antonia Bacellar... »

« A primeira idêa que me assaltou foi que Antoni-
« nha se não confessára desde que sahira... Que valia
« a mais forte rasão de padre Antonio? Sustive esta con-
« trariedade, e não quiz alvoroçar a alma escrupulosa
« daquelle homem tão crente como bom. Bastava eu para
« tamanho flagello...

« Mandei saber d'Antoninha duas vezes nessa ma-
« nhan, e tive em resposta que se erguera alliviada ás
« 11 horas, e estava escrevendo uma longa carta,
« me mandou dizer Dorothea, muito sentida de não po-
« der vir á grade naquelle dia por causa da molestia da
« menina.

« A's 5 horas da tarde recebi a seguinte carta, que
« ficará com algumas outras, appensa a esta historia, se
« antes de concluí-la a morte se não apiedar de mim:

« Rita.

« Se tivesse mãe atirava-me ao seu regaço a chorar,
« se tivesse pae ajoelhava-me a seus pés e soluçava até
« ser comprehendida. Tenho-te, e foste, e és tudo para
« mim. A ti me ajoelho, choro no teu regaço... não
« me lances de ti... abraça-me, sorri-me, falla-me com
« brandura, que eu sou muito desgraçada.

« Não tenho valor nenhum, Ritinha! Queria se-
« gredar-te as minhas dôres; era-me tão bom dizer-tas
« abraçada a ti... contar-tas, e com as minhas lagri-
« mas suavisa-las da culpa... e não tive alma hontem,
« nem hoje, nem a terei um dia de levantar a face, e
« dizer-te — *eu amo* — *e soffro* — *e peço a morte*, *quan-*
« *do devêra anciar pela vida...*

« Não rasgues esta carta, minha querida amiga!

« Se me repelles, anjo protector, ondo hirei pedir con-
« solaçoens!

« *Consolaçoens!*... Não posso mentir-te... Não és
« tu quem póde dar-m'as todas... Hoje... Ritinha, não
« és tu só; e comtudo eu amo-te... estimo-te como te
« amava ha tres mezes, como te amarei até ao fim da
« minha flagellada vida...

« Deixas-me conversar comtigo? Não viras o rosto
« com despreso á tua Antoninha, á tua querida irman,
« que te abre o sacrario da sua alma, como a maior das
« infelizes quando pede á Virgem dos céus o soccorro,
« que não depara na terra?!

« Foi em uma tarde de insondavel amargura... Eu
« estava scismando em ti, e em meu pae, e na minha
« pouca saude, que me privava dos teus affagos, e do
« manancial das esperanças que me davas tão... desva-
« necidas.

« A culpa não foi tua... nem minha... O destino...
« o destino, não... E' Deus.

« Nessa tarde, longa de dóres e pressentimentos,
« um homem, ainda moço, e vestido de caçador, en-
« costou-se ao portêlo da minha granja, inclinou-se para
« dentro, cortejou-me com familiaridade... pareceu-me
« que deveria conhecer-me, pela liberdade com que o
« fez.

« Tu bem o sabes, Ritinha: era a primeira vez que
« um homem, sem os carinhos paternaes de teu thio, e
« a mão abençoadora de padre Antonio, me dirigia uma
« palavra, uma saudação, um simples gesto. Estremeci,
« envergonhei-me, creio mesmo que nem atinei com as
« maneiras cortezes de mulher bem educada! Tamanho
« sobresalto me agitou o sangue, e aqueceu o rosto, que
« Dorothea m'estranhou, e perguntou-me o que tinha.
« Poderia eu dizer o que sentia? Era pejo, ou surpresa,
« ou abalo nervoso, ou presagio de infelicidades? Eu
« não sabia...

« Perguntei depois a Dorothea, quem era aquelle
« homem; respondeu-me com azedume que era Christo-
« vão da Veiga — o filho do inimigo implacavel de meu
« pae!

« Fiquei convulsa e aterrada. De relance passaram-
« me pela imaginação quantos quadros de dolorosa lem-

« brança eu vira na minha infancia. Afigurou-se-me o
« leito onde meu pae expirou. Ouvi as imprecaçoens
« agonisantes que elle soltára contra Vasco da Veiga.
« Delirei, Ritinha; a febre devorava-me, e temi de al-
« gum accidente que me impedisse d'hir para casa.

« Sahi logo da granja, e não disse uma palavra a
« Dorothea. Poucos passos caminhára na estrada, quan-
« do, outra vez, Christovão da Veiga, atravessando
« diante de mim, parou, e assobiou pelos caens. Pre-
« guei olhos no chão, e não sei porque não cedi a uma
« força occulta que m'impellia a retroceder. Accelerei o
« passo, e no momento que passei por elle, conheci que
« se descobrira, e me saudára não sei com que palavras,
« a que Dorothea me parece que respondeu.

« A' entrada da villa, o mesmo homem, que en-
« curtára por atalhos, vi-o saltar uma parede e caminhar
« diante de mim. De noite, que foi uma estirada noite
« de inquieta vigilia, scismei e sonhei com Christovão
« da Veiga. Ergui-me antes de amanhecer. Protestei não
« mais tornar á granja, para mais não encontrar um fi-
« lho de Vasco da Veiga. Anciei pelas horas de fallar-te
« para me desvanecer dos terriveis prejuizos que a só pre-
« sença de tal homem me revoltou no coração... E de-
« pois, ó Ritinha, estive comtigo, e nada te disse, e
« tantas vezes me lembrou dizer-te aquelle mau encon-
« tro!...

« Que seria? Se o meu temor encareceu aquelle
« acontecimento, porque não te contei eu que encontrá-
« ra Christovão da Veiga — um homem que m'inspirou
« tanto medo, tanta repugnancia, e mais nada? Eu não
« sei! A *desgraça!*... esta palavra explica todos os sen-
« timentos escuros da minha alma.

« Não fui dois dias á granja. Na manhan do ter-
« ceiro morreu Vasco da Veiga, e que morte tão afflicta
« disseram que foi a delle!

« Lembrei-me que o filho não sahiria de casa. Sen-
« ti uma alegria infinita com esta certesa. Fui á *granja.*
« Padre Antonio foi comigo, e com grande admiração
« mostrou-me um *martyrio*, plantado e quasi secco n'um
« dos meus canteiros!

« Como veio para aqui esta flôr tão murcha com
« tão poucos dias de vida? — « Não sei » — lhe respondi

« eu. — « Alguem que sabe da sua tristesa — tornou elle
« — quiz significa-la por esta flôr. . . mas quem seria ? . . . »
« — Talvez o thio de Ritinha — disse eu — e assim fica-
« mos na incertesa até que á noite teu thio nos disse
« « que já estava em idade de não usar da linguagem das
« flores, quando tinha tão boa lingua para fallar. » Eu
« não me ri, porque fiquei vivamente sobresaltada.

« Este successo já tu o sabias; mas eu não quero
« que me esqueça a menor das minhas culpas. . . *culpas*
« não. . . *infelicidades*.

« Que mysterio é este? — disse eu a Dorothea. A
« pobre mulher affligiu-se comigo, e não me illucidou,
« nem quiz que me eu cançasse a pensar naquella brin-
« cadeira.

« Continuei a hir regulamente á granja.

« Eram passados quinze dias depois que vira Chris-
« tovão da Veiga. Começava a assustar-me, que, findo
« o lucto, elle tornasse á caça, e me apparecesse. E
« porque é que eu me assustava? O' Ritinha, no meu
« coração tumultuavam uns pensamensos estranhos. . .
« uns pavores infantis. . . um não sei que alvoroço mais
« pungente que um sonho mau, e menos angustioso que
« uma realidade muito penosa! . . .

« Nunca puz mão naquelle *martyrio*. Dorothea as-
« sustava-me com bruxarias, e não sei que rezas andava
« a murmurar uma tarde, quando eu, distrahida com
« os meus craveiros, deparei um papel dobrado entre os
« cravos!

« O' Dorothea! » — exclamei eu assustada — « Que
« tem? » — « Nada. . . » — lhe respondi eu. . . Não pu-
« de dizer-lhe que vira um papel! Apossou-se de mim
« um susto, uma surpresa vaga e mysteriosa, uma espe-
« cie de fascinação, que me tolheu a falla. O coração
« batia-me em desordem. Nas faces sentia o calor do
« sangue. Tremula, perdida da cabeça, e cançada n'um
« tão rapido instante de afflicção, sentei-me no colo de
« Dorothea, que parecia tão assustada como eu.

« Que tem, menina? deu-lhe algum vágado? » —
« Foi. . . quasi nada » — lhe respondi, affectando me-
« lhoras.

« Quer que vamos embora? » — « Sim, e já. . .

« mas não — emendei eu — não vamos já... que eu não
« posso... Passeemos... isto ha-de passar. »

« Custa-te a acreditar, Ritinha? Eu não minto.
« Aquelle papel, se eu podesse explicar as emoçoens que
« me causou, verias o que é o coração d'Antonia Bacel-
« lar! Não pude, nem posso. Não haverá no mundo
« quem as tenha sentido assim? Só essa, que Deus fez
« com um coração egual ao meu, poderá comprehender-
« me.

« Eu já pensei se isto seria um encantamento!...
« Mas esta palavra, por ventura, alguma coisa explica?
« Eu não sei se a vida tem segredos, que se não adivi-
« nham, ou se estes são attributo sómente das pessoas
« infelizes! O que eu não posso é calar a voz intima que
« então me aconselhou que não mostrasse aquelle papel
« a Dorothéa! E com tudo eu ignorava como ella as
« palavras que elle tinha, se é que era um escripto!

« Com disfarce e subtilesa, que pela primeira vez
« na minha vida me áuxiliou a occultar uma acção, ti-
« rei o papel d'entre os cravos, escondi-o em mim a tre-
« mer, e creio que me denunciaria pelo desassocego em
« que fiquei, se Dorothea estivesse d'aviso em vigiar-me
« os movimentos.

« Naquella tarde não disse mais uma palavra, que
« não fosse a da sahida da granja.

« Mal me fechei no meu quarto, abalada por uma
« predicção de dentro da alma, abri o papel, e li...
« essa carta que te confio, Ritinha:

— « Diz-me o coração que este papel hirá ás tuas
— « mãos, anjo do céu! Deus dá o dom da profecia ás
— « almas, que santamente se apaixonam pelas virgens,
— « que elle mandou á terra para ostentação da sua
— « omnipotencia.

— « Quem é que te escreve, Antonia Bacellar?
— « *E' um Veiga!!*

— « Não te horrorises! Se ha pressentimentos en-
— « tre duas almas que devem ligar-se, na tua devèras
— « ouvir esta resposta: — *é um anjo!*

— « Eu devo ter-te sonhado desde o berço! Um
— « amor assim purificado nas lagrimas, não nasce da

— « impressão d'um instante. Vejo-te no céu, desde que
— « os olhos da minha alma, anciada pelo amor, se
— « levantam para Deus!
— « E vivias no mundo!
— « Uma vez oravas joelhada na sepultura de teu
— « pae... Não te vi as lagrimas... era ao amanhecer...
— « mas senti-as na minha face, e disse na solidão da
— « minha alma — *devem queimar assim as lagrimas*
— « *della!*
— « Eu chorava remorsos... meus, não — os de
— « minha familia!...
— « Que queimará mais? o pranto consolado da
— « que pede pela alma do justo, ou o que desce nas
— « faces cavadas pelo remorso?
— « Perdão! filha d'um homem virtuoso! perdão
— « para o filho d'um mau, que expirou nas tribula-
— « çoens do crime impenitente!
— « Perdão para mim, que pedi de joelhos a meu
— « pae commiseração para o teu! Perdão, Antonia
— « Bacellar, para Christovão da Veiga, que não pó-
— « de com lagrimas de sangue lavar da memoria dos
— « homens um apellido que o deshonra!
— « Meu pae não vive já! Não o maldigas! pede
— « por elle, que a sua alma precisa das tuas suppli-
— « cas, antes que desça ás trevas eternas!
— « Os seus suffragios foram comprados. Não se
— « ergueram a Deus as mãos d'um anjo... — pede por
— « elle, que é pae do homem, que se ajoelha a teus
— « pés. »

« Que impressão te fez esta carta, Ritinha? Diz-m'a,
« por quem és, que eu não posso dizer o que em mim
« se passou! Chorei, mas estas lagrimas que sentimento
« revelariam?! No fim da leitura senti dobrarem-se-me
« os joelhos: aos labios subiu-me do coração uma prece
« pela alma mais necessitada do fogo do purgatorio. Orei
« com vehemencia, com devoção, e só com uma lem-
« brança, um só sentimento — a alma d'um mau que se
« perdia!...
« Cahi de cama.
« Lembras-te daquella febre, que me não deixou er-

« guer tantos dias! Foi então, que eu recebera essa car-
« ta vinda do... céu... sim, Ritinha, eu creio que Deus
« tolheria o braço de quem a escreveu, se a zombaria
« ou a mentira ahi viessem para lançarem na sepultura
« a tua amiga.

« Dia e noite, a imagem daquelle homem não me
« deixou socego para uma hora de sereno dormir. Sonha-
« va-o. Via-lhe distinctas as feiçoens que tanto de relan-
« ce uma só vez encarára!... adivinhava-o no menor dos
« seus gestos; despertava com o coração a pular-me no
« seio, e queria suffocar aquella alegria... aquella sau-
« dade... não sei o que era, que me transtornava a mi-
« nha vida, os meus costumes, tudo, até as minhas ora-
« çoens!

« Quando suppliquei a Deus com fervor foi n'um
« despertar, em que os meus labios, agitados por um
« sonho, balbuciaram esta palavra, que distinctamente
« ouvi — *amo-te!* Então ajoelhei com a maior devoção
« de desgraçada. Pedi á Virgem Maria, a meu pae, á
« alma do justo mais querida do Senhor, que me tirasse
« do coração a imagem de Christovão da Veiga, e as
« letras daquella carta.

« Não me ouviram, Ritinha!

« Passaram-se dias... muitos dias que eu não fôra
« á granja. Padre Antonio, creio que instado por ti,
« fez que eu sahisse. Fômos ao *Prado.* O *martyrio* tinha
« sido tirado, e no seu logar estava um ramo de cypres-
« te. Novos espantos para padre Antonio. Para mim, ó
« Rita, mal sabes que funebre surpresa não foi aquelle
« ramo! Tirei-o com uma certa resolução que maravi-
« lhou o padre. Dorothea benzeu-se, e esconjurou os
« maleficios daquelle novo sortilegio. Reparei em padre
« Antonio, que se ria das creendices da virtuosa mulher.
« Eu, por mim, bem sabia que encantamento o ramo
« tinha; mas não eram conjurios humanos capazes de
« quebrar-lh'o!

« Fallavamos do *martyrio* antes do *cypreste*, como
« symbolo da morte, ouviamos o padre que lançava tudo
« em conta de brinquedo, ou amores occultos d'algum *Ber-*
« *nardim Ribeiro* daquelles valles, quando repentinamente
« divisei ao longe sobre uns rochedos Christovão da Veiga,
« sentado, com a espingarda inclinada sobre o braço es-

« querdo. Reconheci-o logo. Afoguearam-se-me as faces.
« Conheceram-me a alteração. Eu fiz-me incommodada
« da cabeça, e não tornei tão cedo a olhar para aquel-
« les sitios Ninguem deu por elle.

« Antes de sahirmos, olhei furtivamente... Lá esta-
« va, immovel, triste... parecia-me que o estava...
« triste como eu o tinha visto tantas vezes nos meus so-
« nhos...

« Amava-o, Rita, amava-o, juro-t'o pela salvação
« da minha alma!

« Bastava a lembrança de encontrar Christovão da
« Veiga face a face para me irritar a doença. Era logo
« a febre a devorar-me, e o quebramento das forças, a
« necessidade de não sahir da cama; e comtudo eu ti-
« nha desejo de viver, ambicionava a saude, e parecia-
« me que a vida era muito preciosa para a mais infeliz
« das creaturas.

« Accusaste-me, Ritinha, d'esquecida de ti! Mal
« sabes que a doença me não deixava alguns dias vêr-te;
« e eu, por não te magoar, pedia que nada te dissessem,
« embora eu passasse por ingrata, ou distrahida!

« Estás farta de lêr, não é verdade? Ora deixa,
« minha cara amiga, que eu vou findar... perdôa-me...
« tu não te afadigas com a minha carta... Eu é que
« sou muito injusta... O coração não disse tal, Ritinha...
« Foi um gracejo por entre tristesas... Nunca sorriste
« com os labios humidos de lagrimas?!

« Eu já, e agora, e sempre!...

« Olha, Ritinha, vou fallar comtigo, como se es-
« tivera sentada no teu collo, com o braço á roda do
« teu pescoço, e com os labios tão proximos dos teus,
« que te désse em beijos a paga d'alguma reprehensão!...

« Não vês que tenho alguma alegria? Pois se eu
« abri o meu coração á minha amiga! Eu não sabia que
« era tamanha consolação o desafogo das paixoens repri-
« midas!... Calei-te a minha... não devia faze-lo —
« estou bem punida...

« A primeira vez que fui ao *Prado*, depois do en-
« contro do cypreste, sentia menos retrahimento em mi-
« nha alma, e menos susto de Christovão da Veiga.

« Desejos de vê-lo... isso não; creio que não; mas
« se o visse... e podesse dizer-lhe que me esquecesse...

« isso, sim, fazia-o para seu desengano, e para meu
« socego... Seria preciso dizer-lhe qual a minha voca-
« ção... fallar-lhe no mosteiro, e na distancia que hia
« da clausura ao mundo... Só assim é que ambos fica-
« riamos tranquillos; e Deus abençoaria esta minha no-
« bre resolução... Com estas idèas enchi-me de animo,
« e fui; mas conforme diminuia a distancia hia diminuin-
« do a minha coragem... Refazia-me de novo vigor, de
« firmes reflexoens, de novos alentos, mas, dois... tres
« passos dados, descoroçoava, enfraquecia, e sentia mes-
« mo faltarem-me forças para hir.

« Nesta alternativa, a que Dorothea era estranha,
« cheguei ao *Prado*, e no canteiro do *martyrio*, e do
« *cypreste* achei uma *perpetua*. Custou-me a applacar os
« pasmos e momices da creada, que a vira primeiro que
« eu. Era-me forçoso concordar com as suas doutrinas
« de feitiços; mas nem por isso lh'a deixei pisar aos pés
« como ella queria, depois de não sei que oração infal-
« livel.

« Estava eu scismando neste enigma de flores, que
« já então não era enigma para mim, (quero ser sincera
« — eu estava tão lisongeada com ellas!...) quando.
« Christovão da Veiga passava na estrada. Senti-lhe os
« passos; o coração adivinhou-o: acaloraram-se-me as
« faces; alvoroçou-se-me o sangue: a coragem, as ten-
« çoens, a memoria foi-me tudo delido na alma, apenas
« concebi que era possivel fallar-lhe.

« O acaso... (seria o acaso?...) fizera que eu esti-
« vesse encostada á parede mais baixa da granja. Da es-
« trada via-se-me ametade do corpo. Quiz retirar-me;
« luctei com as mais encontradas emoçoens... senti-me
« presa áquella parede, como se uma paralysia me to-
« masse d'improviso.

« Veiga estava muito perto de mim. Descobriu-se...
« e nem uma palavra me disse. De mim não sei o que
« podessem dizer. Sei que até a vista se me enturbou, e
« a minha perturbação era como eu não sei exprimi-l'a.
« Queres que te não falte á menor das circumstancias
« deste encontro? Olha... de repente seccaram-se os la-
« bios, tanto que me não era possivel despega-los!...
« Como é o amor, Ritinha!

« Este silencio não foi d'instantes. Penso que lhe

« não ouvi palavra alguma, antes destas que ainda es-
« cuto:

— « E' só uma pergunta... Possue uma carta mi-
— « nha? »

« Balbuciei muito, antes de responder-lhe:

« Sim, senhor. »

— « Já sou menos infeliz » — tornou elle.

« Eu não disse coisa alguma; nem idêa tive que o
« pejo me não deixasse exprimir. Fiquei petrificada; nem
« os olhos lhe lancei com affoutesa. Ora frio ora calor é
« o que eu sentia lavrar-me por todo o corpo. Depois
« foi elle que me disse:

— « Soffre ainda muito da sua doença? »

« Ainda soffro » — respondi, quando Dorothea se
« achegava de mim.

— « Com quem está a menina a conversar!? » —
« perguntou ella em alta voz.

« Não pude responder-lhe... E que resposta poderia
« eu dar-lhe?... o silencio, e as côres da vergonha no
« rosto...

« Christovão da Veiga ouvira-a, e disse com graça:

— « Conversa com um jardineiro, que ha-de cui-
— « dar-lhe das suas flores, se elle fôr capaz de trata-
— « las com o mimo com que foram creadas... »

« Dorothea debruçou-se no muro, conheceu quem
« fallava, e retirando muito á pressa a cabeça, excla-
« mou a meia voz:

— « Ai! Credo! Longe vás que damno não faças!...
— « T'arrenego!... és Veiga... estão as inqueriçoens
— « tiradas... »

« E começou a acenar-me que sahisse d'alli, e quem
« sabe o que eu faria, se Christovão da Veiga me não
« prendesse a attenção com esta pergunta:

— « A minha carta mereceu-lhe uma lagrima? »

« Nada respondi. Elle proseguiu:

— « Afflijo-a com as minhas perguntas? »

« Não me afflige: mas não devo responder-lhe... »

— « Então sou eu o incivil... Desculpe-me, sim? »

« Commoveram-me estas palavras. Não por ellas,
« mas não sei porque, as lagrimas embaciavam-me os
« olhos, e eu em vão fazia por occultá-las. Estava mor-
« ta porque elle se despedisse, e não podia já aturar os

« tregeitos e enfadamentos de Dorothea. Elle parece que
« me adivinhou, fazendo-me esta pergunta a que eu de
« embaraçada não atinei a responder:

— « Sou já importuno... Quer que a deixe?...
— « Diga, não tenha dó de magoar-me... »

« Ficamos calados algum tempo, até que Christo-
« vão da Veiga, ao despedir-se, me fallou assim...
« creio eu que foi assim:

— « Penso que alcancei o mais que podia alcan-
— « çar... Perdoou em mim os crimes de meu pae?!»

« Eu atalhei rapidamente:

« Por quem é... senhor... não pronuncie esse nome
« que não é preciso... »

— « E', snr.ª D. Antonia — replicou elle — é pre-
— « ciso que eu seja menos desgraçado com o seu per-
— « dão, já que o seu amor não póde ser para mim a
— « felicidade da vida... Diga-me por quem é... —
— « aborrece-me? »

« Não, senhor... porque hei-de eu aborrece-lo? »
« — Respondi eu perturbada.

— « Eu lhe agradeço — com as lagrimas nos olhos...
— « — Não posso ambicionar mais ventura... Repita
— « que me não aborrece... »

« Não posso aborrecê-lo... não tenho porque... As
« culpas de seu pae... Emfim, (interrompi eu mesma a
« minha idèa com precipitação) não posso aqui demorar-
« me... »

« Christovão da Veiga retirou-se. Eu fiquei como
« cançada de uma grande lucta de espirito. Sentei-me
« por necessidade. Dorothea disse-me que eu de verme-
« lha me tornára pallida, e por fim macilenta. Passa-
« vam-se em mim sentimentos tão variados de dôr e de
« prazer, que nem eu sabia no que viria a parar a des-
« ordem da minha imaginação. Eu, Ritinha, temi sem-
« pre a demencia desde que me disseste, que eu, na
« morte de meu pae, estivera douda. Pensei então que
« o estava, e cheguei a apertar as mãos na cabeça, como
« se quizesse suster a razão que me fugia.

« Ainda que eu muito queira, não sei contar-te com
« vagar e fidelidade a historia do meu coração desde
« aquelle dia até esta hora em que te escrevo.

« O amor, verdadeiramente sentido e mais sublime

« do que eu t'o posso explicar, augmentou sem que
« Christovão da Veiga trabalhasse para me captivar quasi
« todos os pensamentos da minha alma. Tu e elle! — não
« tinha outras imagens de pessoas vivas que me adoças-
« sem as saudades penalisadoras das que morreram. Para
« eu ama-lo tanto, não era talvez precisa esta carta,
« que da estrada para dentro do muro me foi lançada no
« dia seguinte áquelle em que fallamos Lê, e vê se
« della adivinhas os abalos que senti. A carta vi-a cahir,
« quando felizmente padre Antonio, afastado de mim,
« rezava no seu breviario. Eu só pude lê-la á noite; lê-a
« tu agora:

« Serei muito desgraçado, se me tiver illudido.

« Não poderei queixar-me d'Antonia Bacellar. Essa
« ainda me não disse palavras d'esperança. Eu sou es-
« cravo do coração: é este que me falla em nome d'um
« anjo, e me promette uma felicidade, que nem eu sei
« concebe-la... E' um sonho o teu amor. No dia em que
« fosses esposa de Christovão da Veiga eu acordaria no
« céu...

« Olha onde se eleva o sublime desta paixão! Para
« que te buscaria eu entre os anjos, Antoninha?!

« Não me criminas, quando te offereço esta alma
« não manchada pelas iniquidades de Vasco da Veiga?

« Não posso crêr que sou abominado! Disseste-me
« que o não era. Não o sou; mas é confiar demasiado
« em mim propôr-te uma alliança, sem sondar-te as
« propensoens! Quererás ser religiosa... Pois bem... Eu
« considerar-me-hei a expiação dos crimes da minha fa-
« milia...

« Attende-me, porém, Antonia Bacellar. Meu pae
« usurpou-te a maior parte da tua fortuna. Quero resti-
« tuir-t'a, e já. Vinculadas as nossas almas, tenho satis-
« feito perante Deus e os homens uma sagrada indemni-
« sação. Repellido, como teu marido, quero... peço-te
« que me digas a quem devo dirigir-me para renunciar
« estas propriedades, que são o meu inferno, e com ellas
« as indemnisaçoens que a minha honra me aconselha
« severamente. Manhan ouvir-te-hei.

Christovão da Veiga. »

« Ha tres dias que recebi esta carta. Antes de hon-
« tem fui ao *Prado*, e quando abria a cancella fui sur-
« prehendida por Christovão da Veiga. Dorothea com
« ares d'enfado, e não sei porque, deixou-me alli com
« elle sósinha, perplexa, e envergonhada. Parecia que
« elle estava embaraçado como eu! Depois de muito si-
« lencio, apenas interrompido por algumas palavras vagas
« de cumprimento, Christovão da Veiga disse-me isto:

— « Recebeu a minha carta... eu bem vi que a
— « recebeu. »

— De certo — lhe respondi, cada vez mais pertur-
— bada. Elle continuou com a voz tremula:

— « Não poderia lê-la com indifferença... Seria
— « bem triste que assim a lê-se... Póde responder-
— « me?... »

— Por em quanto não — lhe tornei eu a tremer de
— pejo sem ousar fitar-lhe os olhos.

— « Precisa consultar algum parente? »

— E' uma amiga, a mais carinhosa depois de mi-
— nha mãe... —

— « Pois bem... consulte-a... ella não ha-de es-
— « torvar-lhe a sua felicidade, se o meu amor póde
— « faze-la feliz »

« Calei-me. Estava anciosa por fugir d'alli. Doro-
« thea aproximava-se de nós. Não sei porque, mas
« reparei que Christovão da Veiga se envergonhava
« de fallar diante della com a mesma franquesa. Depois
« fallou-me nas flores, e fez allusoens ao *martyrio*, ao
« *cypreste*, e á *perpetua*, que já não eram precisas para
« eu decifrar o segredo:

« Pouco depois retiramo-nos eu e Dorothea. Elle...
« bem notei eu a repugnancia com que se despediu.

« Não tornei mais a vê-lo. Sei que a sua imagem é
« a minha imaginação incessante. Não é preciso pergun-
« tar á minha consciencia se o amo: é ella que m'o diz
« continuamente, quando mesmo faço por esquecer um
« instante este amor que me allucina.

« Aqui tens, Ritinha, a minha alma, e as minhas
« lagrimas. Agora condemna-me. Não tenho coragem
« d'hir ahi, em quanto me não sorrires de lá com a in-
« dulgencia do teu bom coração.

« E' tão tarde!... E disse tão pouco de tanto que
« tinha escondido na minha alma!...

« Adeus!... Tua irman — *Antonia.* »

« Não se dizem as alternativas de alegria e de ter-
« ror que experimentei em quanto li esta pagina do livro
« negro d'Antonia Bacellar. No fim, o que tive na al-
« ma foi um sentimento indefinivel de compaixão, de
« ciume, de presagio medonho... de tudo, cuja expres-
« são na minha face foram lagrimas abundantes.

« Senti-me só desde aquelle momento. Olhei para
« o interior do meu coração e achei-o ermo: reparei no
« que lá dentro se passava amargo e tumultuoso, e vi-me
« outra, mudada n'outro viver, n'outros pensamentos,
« e em desventuras infinitas.

« Antonia Bacellar é uma ingrata! — foi a accusa-
» ção de dorido resentimento que lhe fiz. Depois invo-
« quei todos os recursos da minha razão, e consolei-me
« com a certesa de que eu não podia exercer dominio
« sobre uma mulher livre, e captiva algum tempo ao
« meu amor pelos laços quebradiços da gratidão e da
« amisade.

« Nessa mesma tarde escrevi-lhe este billhete:

« A tua felicidade, Antoninha, é a minha felicida-
« de. Permitta Deus que o casamento seja a suprema das
« tuas venturas. Lembra-te que tens uma amiga para
« soffrer e rir comtigo. No dia em que, esposa de Chris-
« tovão da Veiga, soltares um gemido de arrependimen-
« to, esse gemido encontrará um ecco no coração da tua
« Rita. Vem quando quizeres, que o teu logar no meu
« coração suspira sempre por ti. Não o abandones tu,
« minha querida irman. Consagra-lhe a tua amisade —
« que é um dever. Amor — não t'o peço: — em nós é
« uma illusão infantil... Espero-te manhan. Já vês que
« estou alegre, e dou-te o mais terno sorriso d'indulgen-
« cia, se é verdade que o precisavas, ou ambicionavas
« de mim. Tua até á morte extremosa amiga — *Rita.* »

« Antonia veio. Parecia que a felicidade lhe brin-
« cava na fysionomia! Estava um prodigio de formosu-
« ra. A febre purpureava-lhe o jaspe das feiçoens, e no
« seu sorrir expansivo e festival via-se a alma alvoroçada,
« que vem ás faces animadas florejar em alegrias intimas.

« Então é que ella parecia delirar em sonhos de go-
« sos impossiveis. Fallava-me do seu amor com ternura,
« com frenesi, com exaltação, com mil variadas emo-
« çoens que a assemelhavam ás vezes a uma douda. Por
« fim recahia na sua tristesa, e era então que, não sei
« porque adivinhação do instincto, eu ajuizava que aquel-
« le amor era uma grande paixão. Perguntei-lhe eu:

— « O' Antoninha... Será bom que o nosso ami-
— « go padre Antonio saiba desses amores? »

— « Pois sim... » — respondeu ella com ar de
« duvida. Eu continuei:

— « Um casamento não se esconde como um cri-
— « me... E' um acto tão santo, tão publico, não é
— « verdade? »

— « De certo... Pois sim, digamos tudo ao padre
— « Antonio, sim? »

— « E á tua mestra de noviciado, queres? »

— « Para que? Essa não sei para que deva sa-
— « be-lo!... »

— « Lembrava-me eu que sendo ella tão boa para
— « ti, nos dias das tuas amarguras, deveria alegrar-se
— « hoje com as tuas alegrias... »

— « Pois então diz-se-lhe tudo... »

« Neste momento chegou padre Antonio, e abraçou
« Antoninha transportado em regosijo de a vêr alli, quan-
« do lhe tinham dito que ella estava de cama.

« Eu não quiz demorar a impressão mais aprasivel
« do padre Antonio:

— « Não sabe que temos casada, não tarda, a
— « nossa Antoninha? »

— « Casada... é verdade — respondeu o padre —
— « as esposas de Christo tambem são casadas com o
— « divino esposo... »

— « Nada, nada... — repliquei eu, sorrindo — é
— « um esposo profano... »

— « Está a gracejar a Ritinha!... »

— « Ella que o diga... O' Antoninha... diz tu,

— « que sabes dar mais enthusiasmo aos teus desposo-
— « rios... »

— « Estás a brincar comigo... » — respondeu ella,
« sorrindo-se com tristesa.

— « Bem o dizia eu! » — tornou o padre.

— « Visto isso — exclamei eu com azedume — estou
— « aqui zombando com o snr. padre Antonio por tua
— « causa, não é verdade? »

— « Não, não estás — disse Antonia com seriedade
— « — E' certo, snr. padre Antonio, póde ser que eu
— « venha a casar... »

— « Tudo é possivel, minha filha, e permitta Deus
— « que seja feliz como merece... Então quem é o di-
— « toso que lhe tocou esse coração angelico? »

« Antonia abaixou os olhos, e fez-se vermelha. Eu
« vi-me na irresolução de responder. O padre voltava-se
« para mim, interrogando-me com o seu silencio. Quem
« nos espreitasse, sem quinhoar da nossa amargura, rir-
« se-hia daquella mudez incomprehensivel para aquelle
« santo homem.

— « Então? esse esposo é anonymo, ou ainda não
— « foi baptisado?» — replicou o padre com entonação
« de gracejo.

— « Tem nome — respondi eu — e um grande nome
— « que elle tem... »

— « Ora vá... digam... »

— « E' Christovão da Veiga » — respondeu Anto-
« nia Bacellar com energia, e com um certo entono de
« soberba.

— « Christovão da Veiga! » — murmurou o padre
« com a fysionomia transfigurada. — « Christovão da
« Veiga! » — repetiu elle n'uma abstracção, que pare-
« cia ignorancia daquelle nome.

— « Sim, senhor! » — affirmou Antoninha sem
« sobresalto.

« O padre então ergueu as mãos para o céu, e ex-
« clamou:

— « Tudo é possivel, meu Deus, quando vós o
— « quereis!... »

« Fiz por abreviar este lance angustioso para o me-
« lhor dos homens, e o mais santo dos ministros do Se-
« nhor. Pedi licença a Antoninha para mostrar ao padre

« as duas cartas de Christovão da Veiga. Concedeu-
« m'a com prazer, e quando as eu passava para fóra da
« grade foi ella a que primeiro as tomou com soffregui-
« dão e transporte tal, que..., eu propria córei áquelle
« excesso... Pareceu-me que o era... Não espero ser
« castigada na terra por aquella injustiça... se o foi.

« Padre Antonio leu as cartas sem a mais leve com-
« moção: dobrou-as vagarosamente: entregou-as a An-
« toninha, e disse-lhe com as lagrimas a descerem-lhe
« nas faces cavadas por annos longos de trabalhos mas
« não de experiencia:

— « E' impossivel que Deus a não proteja, meni-
— « na! O seu coração é sem macula: eu não posso
— « recear que deva expiar nas vergonhas da terra pec-
— « cados que não tem.... Ama este senhor? »

— « Amo... não devo mentir a alguem deste mun-
— « do, e menos ao meu confessor: — amo-o, e tenho
— « fé que sou muito amada por elle... juro-o... »

— « Pois, filha, eu hei-de afervorar as minhas sup-
— « plicas ao Senhor porque não seja em vão o seu ju-
— « ramento... Deus ha-de ouvir-me, que eu supplico
— « por um anjo, por uma virtuosa orfan. »

— « Pois... supplique, supplique, snr. padre An-
— « tonio » — exclamei eu, soluçando.

— « E quem sabe — tornou elle — se Deus ha ins-
— « pirado o coração de Christovão da Veiga para sal-
— « dar com Antonia Bacellar as tremendas contas de
— « Vasco?!.... »

....

« Desde este dia em diante Antoninha foi menos
« recatada no seu namoro. Christovão da Veiga (meu
« Deus!... que pavoroso nome! que resumo de crimes!
« que perversidade tão singular!)..................

....

Aqui o padre Carlos da Silva fitou attentamente o con-
de, e esteve neste olhar eloquente e amargurado alguns ins-
tantes, que foram horas tormentosas para o seu hospede.
Depois, continuou a leitura:

« Christovão da Veiga já se não escondia de Doro-
« thea, nem do padre Antonio, nem dos que deviam
« lançar naquelles amores o fel, cuja amargura é só uma
« pobre mulher a condemnada a senti-la. Uns escarne-

« ceriam: outros amaldiçoariam a filha, que tão depres-
« sa olvidára as agonias mortaes de seu pae. Todos, em
« fim, neste seculo immoral e ao mesmo tempo severo
« com os seus proprios crimes, lhe chamariam bem de-
« pressa — *deshonrada!*

« Antoninha relatava-me de viva voz, d'então em
« diante, a mais simples troca de palavras que praticas-
« se com Christovão da Veiga. Afiz-me ao seu contenta-
« mento, e já me era grata aquella alliança, que eu
« n'outro tempo olharia como desgraça para mim, qual-
« quer que fosse o homem que me roubasse a minha que-
« rida companheira d'infancia.

« O mesmo padre Antonio mostrava-se contente do
« honesto andamento que Christovão déra áquelles amo-
« res. Regosijava-se de ser elle o que viria a santificá-
« los um dia no altar. Em nome d'Antoninha, pedia-me
« que renunciasse a professar, e fosse depois saborear o
« meu quinhão de felicidade no manjar de delicias da
« minha amiga, ligada áquelle homem tão nobre de co-
« ração, tão fidalgo de virtudes, e tão honrado, e bem-
« quisto de todos.

« Eu sorria-me com isto... Antonia, com o coração
« ebrio do amor de seu marido, o que seria para mim?
« Uma amiga, cujo coração as recordaçoens d'infancia
« não deixaram resfriar de todo! Uma boa alma, agra-
« decida, terna e sublime, porém sem vida, sem calor
« para mim, que fui lançada de seu seio, apenas o olhar
« de um mancebo lhe mandou que me repellisse.

« Estes meus pensamentos, fielmente escriptos hoje,
« nunca eu os disse a ninguem, nem aqui os escrevêra
« se esta historia tivesse de ser lida antes da minha mor-
« te... Creio em Deus que o não será.

« Dorothea veio, a chorar, denunciar-me os succes-
« sos que eu já sabia. Era este o seu segredo. Pedi-lhe
« que nunca me escondesse a menor circumstancia da-
« quelle namoro, embora Antoninha não tivesse para
« mim segredo algum. Prometteu-m'o... oxalá cumpris-
« se...

« O proximo casamento de D. Christovão da Veiga
« com D. Antonia Bacellar era já publico em Villa Real.
« Principiaram os respeitos para ella, que até alli passava
« pelas turbas que se não descobriam. Lisongearam-na

« estes cortejos intempestivos. O seu coração transfigu-
« rou-se. Nem a linguagem era a mesma da sua inno-
« cencia. Sempre quieta e abstracta, sempre receosa e
« resoluta... não sei o que me pareciam aquelles modos
« estranhos, onde respirava a soberania, o orgulho, e
« outros sentimentos que lhe não ficavam bem.

« Uma vez perguntei-lhe eu:

— « Antoninha! o amor faz tudo isso que tu és? »

— « E eu que sou? » — respondeu ella sorrindo-se
« carinhosamente.

— « O que és? nem eu sei!... pareces-me outra... »

— « Ah!... de certo sou... Nem eu sei como es-
— « ta mudança se fez em mim!... Que me notas,
— « Ritinha? »

— « Muita alegria... »

— « Se eu sinto-a!... »

— « Sempre? »

— « Não... Tenho horas de tristesa... quando a
— « duvida no amor delle me inquieta... »

— « Pois tu duvidas? »

— « Se eu amo-o tanto!... E se isto fosse um so-
— « nho, ó Ritinha? »

— « Era uma desgraça, pois não era? »

— « Era a morte!... » — respondeu ella profun-
« damente recolhida em si.

— « Deu-te elle alguma causa para temores e re-
— « ceios? »

— « Nenhuma. »

— « Então que vos falta? Tratai de vos unirdes. »

— « Se fosse isso só!... »

— « Pois que é? Eu cuidei que bastava a vontade
— « d'ambos!... »

— « E' preciso pedir licença ao rei... Não vês
— « que ha esta maldita lei... »

— « E elle por que o não faz? »

— « Vae faze-lo... Não vês que lhe morreu o pae
— « ha tão pouco tempo... »

....

« Achei boas todas as razoens que Antonia me deu.
« Padre Antonio approvou-as, e mesmo aconselhou a
« precisão de addiar este casamento para mais tarde, a
« fim de não despresar os costumes e usos, que tinham

« grande poder na opinião mundana. Eu não amava,
« nem tinha a experiencia das paixoens, mas parecia-me
« que cederia, se amasse, mais depressa aos desejos do
« meu coração, que aos usos e costumes friamente cal-
« culados. Parecia-me isto.

« Ha um intervallo de que não tenho algumas re-
« miniscencias. Não sei o que então se passou. Antonia
« fallava-me com o mesmo interesse, e fallava sempre
« das virtudes que se escondiam em cada uma das pala-
« vras do seu amado.

« Dorothea vinha quasi sempre chorosa perguntar-
« me o dia do casamento. Queixava-se do pouco caso
« que sua ama fazia della. Impacientava-se por vêr que
« Antoninha horas e horas conversava em segredo com
« D. Christovão. Eu consolava-a, e a pobre mulher cus-
« tava-lhe a aquietar-se com os meus juizos sempre bons
« a respeito daquelle namoro.

....

« Eram passados tres mezes depois que Antoninha
« me escrevera a primeira carta.

« Um dia, de manhan, mal se abriram as portas,
« procura-me meu thio. Quando m'o annunciaram, sen-
« ti um suor de morte por todo o corpo. Que negro pre-
« sagio! Fui á grade. Quiz logo adivinha-lo pelo sem-
« blante. Vi-o livido, desmaiado, tremulo, e assombra-
« do de terror. Nem uma expressão me deu...

— « Que tem, meu thio? »

« Sentou-se, afastando com desespero os cabellos,
« e escondendo depois o rosto entre as mãos.

— « Que tem... diga, meu thio, falle pelo amor
— « de Deus... Já sei que me vem annunciar alguma
— « desgraça... Antoninha está doente? »

— « Morta! »

— « Meu Deus! — exclamei eu.

— « Morta para a honra! » — disse elle n'um tom
« funebre e entrecortado de lagrimas.

— « Oh santo nome de Jesus! —

« Eu não pude dizer mais nada. Encostei a cabeça
« á grade, e senti escorrer-me em bagas um suor frio
« pela face. Aquillo é que era um sonho aterrador! Hou-
« ve uma commoção de morrer dentro em mim... cuidei
« que morria... Ouvi meu thio:

— « Rita! Deus me perdôe, se te não devia trazer
— « estes padecimentos... Não vês que eu morreria ao
— « peso de amargura... e de vergonha... se me não
— « désses o teu coração para allivio?... Ajuda-me a
— « levar esta cruz... »

— « Que foi, meu thio?... —

— « Socega... depois saberás... »

— « Diga, diga já, que a incerteza atormenta-
« me...

— « Promettes... »

— « O que, meu thio? —

— « Ouvir com resignação... »

— « Sim, sim, eu prometto, e peço a Deus que
— « me deixe cumprir... —

— « Pois pede, que eu tambem já lhe pedi... Ou-
— « ve, Ritinha... Christovão da Veiga, ao romper do
— « dia, sahiu do quarto d'Antonia Bacellar! »

— « Santo Deus! — exclamei, e não me lembra
« que soltasse outra palavra. Passou-me diante dos olhos
« uma nuvem negra... o coração senti que m'o despeda-
« çavam... Desmaiei.

« Quando acordei daquelle somno, que Deus não
« permittiu me fosse o ultimo, achei-me nos braços da
« mestra, e rodeavam-me muitas religiosas... Lembra-
« me que vi meu thio, e lhe fiz um signal de silencio,
« pondo o dedo sobre os labios.

« Nesse dia á tarde fui procurada por Antonia Ba-
« cellar. Disseram-lhe que eu estava enferma de cama,
« e accrescentaram-lhe que de manhan ainda eu fôra com
« saude a uma grade fallar com meu thio, e que viera
« de lá nos braços das religiosas.

« Disseram-me que o rosto d'Antoninha se turvára
« d'uma espantosa amargura, e que não lhe ouviram se
« não um ai mal reprimido no coração, como um grito
« afogado na garganta. E retirou-se.

« Dorothea supplicou, depois, que a deixassem hir
« á minha cella: não lh'o consentiram. Avisaram-me
« destas instancias. Ergui-me, e quasi me arrastei á gra-
« de. Soube que Antonia estava de cama a arder em fe-
« bre: que meu thio a não procurava; e que Christovão
« da Veiga respondera a uma carta que lhe ella escreve-
« ra depois que fôra do convento.

« Dorothea não cumprira a promessa que me fez...
« sabia tudo, e fôra ella quem avisára meu thio das suas
« suspeitas. Antonia jámais lhe confiára o segredo da
« sua .. deshonra... mas ella tudo espreitára, porque
« desde o principio agourou mal daquelle namoro. Meu
« thio, depois de avisado vigiou, e viu um encapotado
« atravessar um salão, e entrar no quarto de Antonia
« Bacellar, Quiz chamar testemunhas para o verem sahir.
« Não as chamou. Pareceu-lhe que salvava a honra da-
« quella infeliz com o seu silencio. Ao romper do dia
« vi-o sahir. Sósinho, e desarmado esperou-o no pateo.
« Impoz-lhe o preceito de dizer quem era. Christovão da
« Veiga desembuçou-se: poz a mão nos copos da espada,
« e jurou por ella, e pela sua honra, de lavar com o seu
« proprio sangue, se tanto fosse preciso, as manchas da
« honra de D. Antonia Bacellar.

« E' isto o que Dorothea presenciou. Antonia igno-
« rou quanto se passava; mas nada lhe era estranho de-
« pois que me procurou, e muito mais quando percebeu o
« despreso de meu thio...

« No dia seguinte, padre Antonio procurou-me...
« eu pressentira a sua vinda; tinha-me erguido para o
« não fazer esperar; mesmo nas agonias da morte eu hi-
« ria á grade, sendo elle o meu anjo consolador naquel-
« las maiores tribulaçoens da minha vida.

« Tremi diante do aspecto severo e triste deste ho-
« mem, quando o vi de braços cruzados sobre o peito.
« Parece que reprimia com os braços os saltos do seu co-
« ração naquella postura humilde.

« Custou-lhe a fallar. Eu, por mim, rompi em so-
« luços que até então não podera livremente soltar. Elle
« quiz atalhar-me na minha afflicção:

— « Rita! Se não fosse verdadeira outra vida depois
— « desta... devêramos todos amaldiçoar a hora em que
— « nascemos... Ha desgraças que fazem descrer da Pro-
— « videncia de Deus... mas é aos duros de coração...
— « aos réos da impiedade... aos blasfemos na hora da
— « afflicção... Não ha um passo de homem que o Se-
— « nhor não meça, Ritinha... Não desespere da mi-
— « sericordia divina... A sua amiga não ha-de ser
— « amaldiçoada de Deus, nem dos homens. As mar-
— « tyres que sobem ao reino dos justos não é pelo de-

— « grau da deshonra... O Eterno a querer mortifica-
— « la com grandes dôres não lhe déra a deshonra por
— « corôa de martyrio. Aquelle anjo é pelo coração que
— « o é... Não lhe tire o seu amor... ame-a, minha fi-
— « lha, conforte-a, não lhe faça subir a côr da vergo-
— « nha á face, console-a, que é hoje mais desgraçada
— « que nunca. Abandonada que fosse a sua amiga pelo
— « homem que a perdeu, Ritinha, a religião pede-lhe
— « em nome da caridade que a não lance de si... Di-
— « ga, filha... prometta-me consolar aquella desgra-
— « çada menina...

— « Consola-la!!...— respondi eu com impacien-
— « cia — pois se ella está perdida, valerão d'algum
— « lenitivo as minhas consolaçoens?!!

— « Valem .. E ella não está perdida. Christovão
— « da Veiga casará com ella... Ouço uma voz do céo
— « dizer-me que sim...

— « Oh meu Deus! eu vo-lo rogo pelas vossas cin-
— « co chagas! »

« De joelhos fiz esta prece afflictiva. Depois, n'um
« transporte de saudade por Antoninha, exclamei:

— « Sim, sim, eu quero vê-la, e consola-la... Fa-
— « ça que ella aqui venha, snr. padre Antonio... Di-
— « ga-lhe que eu sou a sua mãe, que tudo lhe per-
— « doa...

— « Eu vos agradeço, Senhor! » — disse o padre, er-
« guendo as mãos, e os olhos lagrimosos para um pai-
« nel do Senhor Crucificado.

....

« Ao anoitecer deste dia recebi esta carta de Anto-
« nia Bacellar:

« De joelhos te agradeço, minha irman. Não me
« despresaste... Tenho o coração cheio de vida, Rita...
« e não encontro palavras... Não posso... não sei es-
« crever-te. *Deshonrada*... não! Não me dêem este no-
« me, por piedade! Aquelle anjo vae ser meu marido...
« Amo-o com delirio. Podia perder-me, deshonrar-me,
« matar-me por elle; mas não me perdi... Quem me
« despresar ha-de ter remorsos... Não devo ser despre-
« sada... não! E' meu marido... sou delle como espo-

« sa, como escrava, como o insecto que morre debaixo
« de seus pés...

« Rita!... vêr-me-has... e só então... no dia em
« que eu poder dizer-te — *Sou esposa de Christovão da*
« *Veiga!... Quem me cuspiu despresos na cara tem o*
« *meu perdão...* Adeus, Rita! Salva-me da vergonha
« de te apparecer... »

« Pelo desconcerto e confusão destas idêas, com-
« prehendi a lamentavel situação de Antonia Bacellar!
« Com as mais animadoras esperanças no seu casamento,
« ainda assim pareceu-me que ella se debatia nas angus-
« tias d'uma consciencia peccaminosa!

« O desejo de vê-la era-me impossivel reprimi-lo,
« por mais consideraçoens rigorosas que eu propria me
« fizesse. O que é a verdadeira amisade! Como a gente
« perdôa os crimes alheios primeiro que os seus, se por
« ventura... ou por desgraça... tem um coração sempre
« compassivo para abençoar!

« Perdoei-lhe tudo! Senti-me crente nas suas virtu-
« des como d'antes. A razão condemnava-a... bradava-
« me que ella tinha perdido muito; e o coração, embran-
« decido por padre Antonio, dizia-me que aquelle anjo
« despenhado tinha um novo incentivo para o meu amor...

« Pedi-lhe que viesse vêr-me. Interpuz o valimento
« de padre Antonio, e de meu thio, que lhe restituira
« a sua amisade: não consegui que viesse fallar-me.

« Todas as tardes Christovão da Veiga a acompa-
« nhava á granja, e de lá á entrada da villa, onde se
« separavam depois de escurecer, sem que Dorothea se
« atrevesse a aconselha-la. Padre Antonio já não era em-
« baraço para os namorados se não fallarem. O mesmo
« Veiga parecia estima-lo, respeita-lo, e tanto o capti-
« vou das suas maneiras qué o credulo sacerdote chegou
« a jurar pela honra daquelle nobre cavalheiro.

« Faltava um mez para completar-se o praso do lu-
« cto. No fim de seis, Christovão da Veiga requeria a
« licença regia para os seus esponsaes. O bom e prom-
« pto resultado era certissimo. Depois, lidos os banhos,
« a minha Antoninha estaria com o seu coração purifica-
« do como no dia em que nos abraçamos em angustiado

« adeus na portaria do mosteiro... Que felicidade! que
« alegria de esperanças para o meu coração!...

....

— « Antonia está muito triste » — disse-me uma
« vez padre Antonio.

— « Que será?... Talvez saudades minhas!... El-
— « la deve ter soffrido bastante para cumprir a sua ca-
— « prichosa palavra d'aqui não tornar antes de casa-
— « da... Será isso? » — perguntei eu.

— « Será; mas essa tristesa nunca ella m'a occul-
— « tou... As torturas d'hoje são um segredo... Já me
— « lembrou... »

— « O que? » — interrompi eu com anciedade.

— « Alguns resentimentos de namorada... algumas
— « creancices do coração, que tantas elle tem quando
— « salta livre n'um peito de dezoito annos... »

— « Talvez!... porque lh'o não pergunta? »

— « Já o fiz de mais... vi-a chorar, e tomára eu
— « não affligi-la... »

— « Teremos a lamenta-la como a mais desgraça-
— « da das mulheres?! » — repliquei eu com excitação
« e instancia afflictiva.

— « Meu Deus! — exclamou o padre — esse pensa-
— « mento é um veneno que me mata... Trago-o co-
— « migo, Ritinha, e não sei porque ha dias rogo a
— « Deus que me leve cedo para si. . »

— « Assusta-me, snr. padre Antonio! — atalhei eu
— « — pois não tem esperanças... diga por quem é...
— « Antoninha fica perdida... impura... deshonrada!?»

— « Isso é impossivel!... Deus não permitte hu-
— « milhação tamanha a uma infeliz!... Christovão da
— « Veiga não póde ser tão sem temor de Deus que
— « atraiçoasse aquelle anjo... Demais, Ritinha, que
— « justos motivos temos nós para receios tão angustio-
— « sos?! Está triste Antoninha? Tristezas e lagrimas
— « não foram sempre as noites e os dias da sua vida?
— « Ha muito que não chorava... Chora hoje...
— « Quantas vezes na grande alegria ha estes recolhi-
— « mentos d'espirito que folga sósinho comsigo, e pa-
— « rece avarento do seu goso!? A isto chamarão tris-
— « tesas os que não sabem o que é o coração huma-
— « no!... Ora pois, minha filha, alegre-se das espe-

— « ranças do seu velho padre, que têm muita confian-
— « ça que a mão da Providencia ha-de acompanhar a
— « nossa Antoninha até ao altar.....................

....

« Não me valeram estas palavras ungidas d'espe-
« rança. Desde logo o espinho da duvida encravou-se-me
« no coração, e a ferida não tive balsamo de fé que m'a
« curasse.

« Dorothea augmentava cruelmente o meu desalen-
« to com as suas duvidas. Fallava-me da melancolia in-
« cessante d'Antonia, apenas desafogada por gemidos
« agudissimos, que, por nenhuns rogos da creada, ella
« explicava. As poucas cartas, que lhe escrevi, eram res-
« pondidas com duas palavras, e essas tocadas de um
« fingido contentamento... O segredo era para todos...

« Os seis mezes estavam completos. Eram passados
« tres que eu não via Antonia Bacellar. Ahi está a car-
« ta que recebi, em resposta á mais pungente, á mais
« lagrimosa invocação que eu podia fazer-lhe da minha
« cella..

....

— Esta carta — disse o padre Carlos da Silva — é a primeira que hontem lhe repeti de cór. Está lembrado, snr. conde? (*)

— Estou... foi quando ella sentindo-se mãe...

— O manifestou a Soror Rita da SS. Trindade por estas palavras — *até hoje só Deus via os meus crimes; d'ora em diante eu sou criminosa aos olhos do mundo... Comprehendes-me, Rita? A minha situação... o meu estado... meu Deus! Adivinha-me, minha querida amiga... antes que eu t'o diga...*

— E remata — atalhou o conde — pedindo á sua amiga...

— Que supplique de joelhos á Virgem para que *inspire aquelle que a póde fazer virtuosa no conceito do mundo, ou abandonada por torpe e maldita de vergonhas...* Prosigamos agora no que escreveu Soror Rita:

« Li esta carta repetidas vezes, até que a surprêsa
« me deixou entende-la. Eu já nem hoje me recordo da
« incomportavel dôr, que me paralisou o coração. Lem-

(*) Veja a pag. 155, Cap. 17.

« bra-me que não pude chorar. E' o que me lembra da-
« quelle trance muito superior ás forças de uma pobre
« mulher, e, mais ainda, ás de uma amiga extremosa.
« Mandei chamar o meu bemfeitor... aquelle am-
« paro do meu coração nas suas quédas para o abysmo
« do desconforto... Padre Antonio veio com a alma
« cheia de consolaçoens; mas eu não pude revelar-lhe o
« meu supplicio... não pude... e não pude infelizmente
« ser comprehendida!...
« Escrevi a Antonia Bacellar. Reanimei-a. Pedia-
« lhe como de joelhos que não descresse na honra de
« Christovão da Veiga... Rogava-lhe que viesse a uma
« grade, que eu lhe daria consolaçoens, como se a Vir-
« gem m'as inspirasse para eu lh'as dizer. Nada conse-
« gui. Esta é a resposta que recebi de todas as minhas
« supplicas:

....

— E' a segunda carta que hontem lhe li — disse o padre Carlos, sem olhar para o conde, que, em testemunho do seu bom coração, tinha os olhos rasos de lagrimas.

— Recordo-me dos pontos principaes da carta — respondeu o conde. (*)

— Podem resumir-se nisto — proseguiu o padre com voz tremula, e as faces afogueadas d'uma colera que parecia ter-se incendiado lentamente — *Christovão da Veiga é outro homem... vejo-o impacientar-se, quando timida e chorosa lhe fallo na minha honra e nas suas promessas... Com ares d'enfastiado pede-me que não ultrage o seu cavalheirismo, suppondo-o capaz de faltar-me... mas não é o coração que lhe dá o enthusiasmo... não é, não, Rita, eu conheço que o não é, e não sei dizer-te a razão porque o conheço...* Estava trahida, deshonrada e abandonada, snr. conde de S. Vicente... não lhe parece natural?...

— Natural... não, snr. padre Carlos, parece-me atroz!... é uma ferocidade incrivel!...

— Lá vamos ao remate — disse o padre Carlos, e proseguiu na leitura:

« As minhas forças estavam gastas, esvahidas, e an-

(*) Veja a pag. 156.

« niquiladas pela desesperança. Adoeci gravemente. A
« luz da existencia apagava-se-me nos olhos, depois que
« a vi morrer-me no coração. Eu chamei a morte em
« meu soccorro como um faminto pede um bocado de
« pão! Não quiz vèr alguem nos primeiros dias. A mi-
« nha mestra augmentava com a sua continua assisten-
« cia a minha afflicção. Eu queria gemer, chorar, gri-
« tar... e não podia... era forçoso morrer suffocada, re-
« trahida, naquelle ermo, com a alma tão desviada de
« Deus, tão attribulada em angustias que eu não podia
« soffrer em desconto das minhas culpas!... Que noites,
« meu Deus!... que noites e que dias tão cerrados á
« luz d'uma esperança por mais que a eu pedisse á mi-
« nha imaginação!...

« Recebi cartas d'Antonia Bacellar. Queimei-as
« quasi todas antes de as lèr, para que m'as não vissem...
« As que li eram cavadelas que aquella infeliz me dava
« na sepultura. Aquelle coração devia de estar despeda-
« çado! Era um chorar de desolação, de perdição, de
« abandono que condoia feras!... Santo Deus, como a
« imagem de Christovão da Veiga se me afigurava hor-
« rorosa, esmagando debaixo de seus pés aquella inno-
« centinha!...

....

« Padre Antonio conseguiu visitar-me na minha cel-
« la. Pediu para ficar só comigo. Consentiram-lh'o...
« tal era a santidade do seu nome, e o credito de suas vir-
« tudes no mosteiro!

« Lancei-me em seus braços, humedeci-lh'os de la-
« grimas, vi-o chorar como nunca vira, nem pensei que
« um homem podesse chorar... Então é que eu conheci
« que nada lhe era novo, e que aquellas lagrimas eram
« como a sentença de Antoninha — *perdida para sem-*
« *pre!...*

— « Não ha nenhuma esperança?! » — exclamei eu.

— « Nenhuma das que nascem da terra... Do céu,
— « sim, podem vir todas... Resignação, minha filha!
— « Roguemos a Deus que a leve... e nos leve... Rea-
— « lisou-se o sonho da infeliz quando era innocente.
— « O anjo de Deus desceu do céu, e escreveu-lhe na
— « fronte uma sentença — MARTYR. O anjo de satanaz
— « subiu das trevas, e traçou-lhe com fogo a maldição

— « — ANATHEMA... Lembra-se deste sonho, Antoni-
— « nha? »

— « Lembro... » — respondi eu a desfallecer, de-
« batendo-me em insupportaveis agonias d'um suor de
« morte, que me resfriava.

« Padre Antonio, assustado do perigo apparente da
« minha vida, pediu soccorro, que eu tanto lhe instei
« por acenos que não pedisse. Os medicos consideraram-
« me perigosa... Mas não é de mim que devo fallar...
« Tão obscura corre a minha vida nesta cella, que só
« em afflicçoens ignoradas pelo mundo eu podera dar-lhe
« um frio interesse que me fizesse lembrada, durante o
« meu repouso eterno naquelle claustro...

« Eis-ahi o que eu soube de Antonia Bacellar, em
« quanto a doença me teve no leito da dôr por espaço de
« quatro mezes. Era o padre Antonio que a furto me in-
« formava de ametade dos acontecimentos, que, mais
« tarde, me foram dados com as côres da mais negra
« traição.

« Christovão da Veiga no fim de 10 mezes de na-
« moro com a minha desventurada amiga, abandonou-a!

« Este abandono foi assim — Instado com lagrimas
« para que realisasse um casamento, cuja demora era
« um peso de vergonha para Antonia Bacellar, Christo-
« vão fingiu que na côrte, por motivos imprevistos, lhe
« negavam a licença regia para este casamento. Mostra-
« va-se vivamente magoado deste estorvo, e protestava
« hir a Lisboa destrui-lo, á custa da sua fortuna, se
« tanto fosse preciso. Padre Antonio, que de boa fé acre-
« ditava nestes atraiçoados artificios, foi espontaneamen-
« te a Braga fallar com o arcebispo, e conseguiu deste li-
« cença para o casamento clandestino, e promessa de re-
« conciliar qualquer desavença com a côrte. Doudo de con-
« tente, padre Antonio propoz a Christovão da Veiga esta
« feliz maneira de se unirem, e encontrou friesa, e aborreci-
« mento. Aqui principiaram as suspeitas naquelle santo
« homem, até então illudido. Soube da côrte, que Chris-
« tovão da Veiga jámais pedira licença para casar-se; e
« que se a pedira lhe não seria negada. Convenceu-se da
« traição. Communicou-a a Antoninha. A desgraçada
« lança-se de rastos aos pés do seu seductor. Supplica-lhe
« que a salve da deshonra. Pede-lhe em nome do filho

" das suas entranhas. Pede-lhe pelas cinco chagas de
" Christo. Vale-se da caridade religiosa. Sugeita-se a
" ser desterrada, despresada, e apunhalada no dia em
" que a receba como sua mulher... consegue despresos,
" e enfadamentos, e mentiras que só duram em quanto
" novos despresos as não desmentem.

« Christovão da Veiga, uma tarde despede-se de
« Antonia Bacellar até ao outro dia de manhan. Pro-
« mette-lhe arranca-la do abysmo do soffrimento, onde
« a lançára para experimentar-lhe a constancia do seu
« amor... No dia seguinte uma cartinha d'Antonia Ba-
« cellar é-lhe devolvida da casa de Christovão da Veiga
« com esta resposta — *o fidalgo sahiu de manhan para a
« côrte, e não disse quando voltaria.* Antonia recebeu
« esta carta na presença de padre Antonio, a quem
« mandára chamar para alegra-lo com a sua promettida
« felicidade. Leu-a. Não disse nada. As faces primeiro
« pareciam-lhe injectadas de fogo, depois embranqueceram
« como a dobra de um lençol de mortalha, e desmaiou.
« O despertar foi um grito arripiador. Apoz estes segui-
« ram-se outros gritos arrancados do coração. Os braços,
« em contracçoens nervosas, lançou-os ao pescoço do
« sacerdote. Com os dentes cerrados, os brados que sol-
« tava eram rugidos convulsos que pareciam os do ester-
« tor d'um agonisante. Emfim, quando o corpo se ge-
« lava como um cadaver, e cadaver tombava entre os
« braços do padre, um novo grito estrugiu como um der-
« radeiro adeus ao mundo! Padre Antonio vergou a
« tamanho peso. Ao dobrar-se para ergue-la do chão,
« sentiu... viu... ouviu os vagidos d'uma creancinha...
« Antonia Bacellar era mãe... O ministro de Deus er-
« guia do taboado, e afagava ao seu seio aquelle filho
« do crime, aquelle anjo que parecia chorar no nasci-
« mento o ferrete de deshonra com que entrava no mun-
« do.

« O menino foi entregue a Dorothea. Meú thio e
« padre Antonio vigiaram o leito em que Antoninha de-
« lirava. Era impossivel o segredo. Veio o cirurgião, e
« julgou-a moribunda. No seu delirio, repetia o sonho
« dos doze annos. Repetia muitas vezes a condemnação
« do anjo das trevas. Anathema! — esta palavra repetiu-a

« ora chorando, ora sorrindo para os que lhe rodeavam
« o leito.

« Não morreu. E' que na balança de Deus os seus
« peccados pesavam mais que o seu martyrio.

« Padre Antonio adoeceu. Os seus setenta e quatro
« annos estavam á beira do tumulo. Bastava a mão des-
« ta suprema desgraça para lh'os impellir. Ainda Anto-
« ninha se não erguia, nem parecia dar accôrdo das suas
« desventuras, quando recebi uma carta de padre Anto-
« nio, que, depois de relatar-me estes pungentes succes-
« sos, rematava assim:

« Deus ouviu as supplicas do seu servo. Não tenho
« crimes. A patria dos justos é a dos que não delinqui-
« ram. Creio na salvação da minha alma. No dia da
« minha morte, Ritinha, abra esse oitavo de papel. Te-
« nha piedade, se podér tè-la... E' o dedo de padre An-
« tonio que ainda lhe aponta o caminho que leva ao céu.
« Se a desgraçada viver, ampare-a. Aquella luz está ex-
« tincta. E' um anjo que se purifica. No dia do seu pas-
« samento hão-de os anjos tecer-lhe uma corôa, e subi-
« la em nuvens d'incenso aos pés do Altissimo... Neste
« instante solemne peço a Deus perdão para Christovão
« da Veiga.... Adeus. »

« Reconheci que o Senhor me mandava erguer do
« leito da doença. As minhas forças tiveram-n'as por um
« milagre. Eu, indigna peccadora, não me atrevo a
« considerar-me a eleita de Deus para a omnipotencia
« da sua obra; mas o meu corpo levantou-se vigoroso do
« seu leito da morte como o cadaver de Lazaro.

« Meu thio annunciou-me que Antoninha se levan-
« tava. Perguntei-lhe como eram os seus soffrimentos.
« Disse-me que não lhe ouvia uma palavra — que lhe
« parecia morta — que nem lagrimas lhe via. Accrescen-
« tou que tinha umas rosetas na face, e uma tosse inces-
« sante; mas que se não queixava de dôres do corpo
« nem da alma.

« Perguntei-lhe se o mundo sabia daquelles aconte-
« cimentos. Respondeu-me que não; mas que se dizia

— « Oh Rita... quem diria isto?!... a que eu che-
— « guei!... »

« Os gemidos privavam-me a falla. Com violencia
« pude responder-lhe a algumas perguntas, sem nexo,
« que me fez. O delirio deixava-lhe muito pequenos in-
« tervallos de razão... Penso que naquellas molestias ha
« até á hora ultima da vida uma animação que illude
« muito.

« A' meia noite, chamou-me d'entre muitas religio-
« sas que vinham ajuda-la a bem-morrer. Fui, sabe Deus
« com que receio que lhe ouvissem alguma palavra da sua
« vida. Levantou ainda a cabeça, encostou-a ás costas
« do catre, quiz, mas não póde, lançar-me o braço
« direito em roda do pescoço. Depois com a entonação
« debil de uma voz que expira, balbuciou:

— « Perdôo-lhe... »

— « A quem?... »

— « A quem?!... perdôo-lhe, Ritinha... diz-lhe
— « que lhe perdôo... »

— « Sim — tornei eu — mas a quem? »

— « A... Christovão da Veiga... »

— « Que disse ella?! » — perguntou uma das reli-
« giosas.

— « Delira » — respondi eu sobresaltada.

— « Não deliro, não — tornou a moribunda — E'
— « para que Deus me perdôe... »

« Susteve-se alguns minutos, e perguntou:

— « Padre Antonio?!... não veio!... E tão meu
— « amigo que é!... Foi a Braga... mandou a Lis-
— « boa... Tomou conta do meu... ah!... »

« Foi um grito que nos fez estremecer a todas! De-
« pois redobrou a febre e o delirio. A minha cabeça des-
« vairou... nem eu sei o que ella disse... Os acci-
« dentes, um apoz outro, não me deixaram mais erguer
« d'entre os braços das religiosas. Mudaram-me para ou-
« tra cella... Ao romper d'alva, mal eu descerrava os
« labios para perguntar por Antoninha, as lagrimas das
« que me vigiavam responderam-me que a desgraçada
« estava na Eternidade.

— « Morreu? » — exclamei eu, saltando fóra da
« cama.

« Silencio em todas!... Quiz correr á minha cella,

« não me deixaram. De mim o que se seguiu, foi um desses
« soffrimentos que nem assim podem chamar-se. porque
« perdem o caracter da dôr, e somem-se no coração como
« entre cinzas o brazido de um grande incendio.

« Christovão da Veiga, esse homem amaldiçoado
« como Vasco da Veiga, e açoute da humanidade como
« seus filhos serão, casou, quando Antoninha se deba-
« tia nos paroxismos da morte!...

....

« Ha seis annos que a minha amiga repousa no
« claustro. O seductor vive feliz. Sei que tem uma filha.
« Salve-a Deus de ser a victima expiatoria de seu
« pae.

« O filho de Antonia Bacellar vive. Se eu viver,
« receberá de minha mão a historia de sua mãe. Se eu
« morrer ser-lhe-ha dada, para que chore lagrimas de
« filho, e saiba que tremendo crime lhe deu entrada no
« mundo.

« As minhas lagrimas estancaram-se. Tenho hoje
« um sorriso para a morte, que se me avisinha devagar.
« Quer dar-me tempo de reconciliar-me com Deus. Bem
« vinda seja!...— *Soror Rita da SS. Trindade.* »

— Termina aqui o diario, snr. conde de S. Vicente — disse o padre Carlos, enrolando o masso, e atando-o com uma fita negra — O resto sabe-o v. exc.ª Não conheci a freira que o escreveu. Este masso foi-me entregue depois da minha ordenação... Soror Rita da SS. Trindade morreu em 1681, anno e meio depois que escrevia este diario... Pediu que a enterrassem a par da sepultura de minha mãe... e nada mais sei desta religiosa... Está fatigado, não é verdade?

— Estou moralmente fatigado — respondeu o conde profundamente abstracto.

— A historia verte uma tristesa lenta nos coraçoens menos propensos para o pesar, não é assim?

— Muita tristesa, snr. padre Carlos... Nunca eu a senti tão inconsolavel e amarga... Tem razão para soffrer muito, senhor!...

— Agora, snr. conde, vamos descançar as poucas horas que restam... Manhan temos de viver muito; é

preciso não desperdiçar os espiritos... Eu vou guia-lo ao seu quarto...

Separaram-se, deitaram-se, e é crivel que nenhum adormecesse.

CAPITULO XXI.

Vê-se que o duello foi sempre uma caricatura em Portugal, e ha-de sê-lo sempre em quanto a dôr fysica fôr mais pungente que a moral. E mais se diz que mestre Antonio sapateiro foi o unico que lucrou 20 crusados nestas aguas turvas de tão infaustos successos.

CONVEM saber o que é feito de D. Ignez da Veiga, depois que a vimos entrar na liteira, e, acompanhada de seu irmão e dous franciscanos, hir caminho de Villa Real.

A' entrada da villa debandou a comitiva. Pedro da Veiga foi adiante, e sua irman, com as portinholas da liteira corridas, passou incognita por entre os pasmados que dariam os dentes da sua bocca por saberem quem hia na liteira dos Veigas, depois daquella celebrada fuga da fidalga.

Ignez apeou dentro do pateo, com o portão fechado. A snr.ª Joaquina da Luz, sem recorrer á nigromancia, fez os seus entes da rasão, e concluiu que a menina entrára em casa, naturalmente com o diabo no corpo, como tinha sahido.

Recolhida ao seu quarto, Ignez chorou com a maior naturalidade. Bem que a esperança lhe sorrisse, e afiançasse a alliança com o seu conde, no fim de tantos padecimentos, o abandono em que se via dos seus, e a saudade daquelle que bastava a enchcr-lhe o coração de affectos, devia contrista-la muito. A entrevista, porém, que lhe fôra promettida com um mendigo no dia seguinte eram emoçoens de sobra para desvia-la das tristesas do

seu passado, e das impróvidas consequencias que d'ahi proviriam.

Nem uma criada lhe appareceu durante a tarde. Ao anoitecer levaram-lhe um taboleiro com a ceia, e não se maravilhem desta ceia ao anoitecer, visto que naquella época regularmente estomacal — o almoço era na madrugada, o jantar ao meio dia, e a ceia ao recolher das gallinhas, como ainda hoje cumprem os que lêem pelos aforismos daquelles tempos. A civilisação é que reformou os estomagos. A moda tem sua influencia directa sobre as visceras do abdomen, como um colete espartilhado sobre as do peito. A luz derrama-se por tudo, louvado seja o Senhor!

A noite que D. Ignez passou não devia ser mais repousada que a do conde de S. Vicente.

Ao nascer do sol, Christovão da Veiga, apesar do seu cruel rheumatismo, veio ao quarto de sua filha. Encontrou-a chorosa, mas menos aterrada do que elle a suppunha, quando a fulminasse com a sua presença de catadura severa. A menina ergueu-se, e pediu-lhe a mão. O pae negou-lhe a benção com um repellão grosseiro, e fitou-a com olhos de despreso. Ignez deixou cahir a cabeça sobre o peito, e esperou que seu pae fallasse. Com effeito, Christovão da Veiga, com a fysionomia rancorosa, e a entonação da voz vibrada pela colera, fallou assim:

— Venho aqui aviltar-me ao seu quarto, mas era preciso que viesse.. São só duas palavras, que meu filho se envergonharia de dirigir-lhe, ainda que não estivesse esta hora punindo o seu cumplice nas affrontas feitas á minha honra, enxovalhada pela senhora...

— Meu pae!...— exclamou Ignez, ajoelhando-lhe.

— Não me vexe com esse titulo...— bradou iradamente D. Christovão, afastando-se da filha.— Quero fazer-lhe uma esmola para salva-la da extrema miseria. Vai recolher-se a um convento. Tenho dito tudo... prepare-se...

Assim com tão desabrida fereza deixou o pae a lagrimosa menina, que de aterrada nem teve um ai, que lhe valesse uma supplica. Deixa-la experimentar o que são paixoens, sem que por isso no seu padecimento a

possamos assemelhar ao requinte de martyrio que vinte e cinco annos antes penou D. Antonia Bacellar.

Tornemos á residencia de S. Senhorinha de Villa-Marim. Dia claro, Pedro da Veiga procura o conde de S. Vicente na sua casa de Lordello. Dizem-lhe os caseiros que o fidalgo sahira de noite com o snr. abbade. O Veiga informa-se do prestito que os acompanhava, e pela simplicidade com que sahiram, lembra-se muito bem de que o conde fosse pernoitar á residencia. Rapido, quanto o cavallo esporeado pelo odio lhe permittia, corre á residencia. Antes de desmontar já padre Carlos o vira, e lembrou-se então do duello, provocado no dia anterior. Os seus planos, quaesquer que fossem, soffreram um abalo com esta inesperada apparição, que realmente não esquecera ao conde.

Veiga erguia o braço para bater no portão, quando este lhe foi aberto por padre Carlos.

— Madrugou, snr. Veiga!...— lhe disse o padre, sorrindo.

— Está aqui o conde de S. Vicente?— interrogou o Veiga com o seu rude orgulho.

— Está.

— Avise-o da minha chegada.

— Espere que elle se levante — respondeu o abbade com a mesma rudesa, enrugando a testa com todos os gestos do despreso.

— A minha honra não concede esperas... V. s.ª não me conhece?

— Demais, snr. Veiga... A que vem a pergunta?

— A fazer-lhe saber que não lhe farei segunda... Reptei o conde de S. Vicente... Se o cobarde não deixa os prazeres da cama, nesse caso, retiro-me, e mandarei mais tarde o meu lacaio procura-lo... —

Manoel de Tavora chegára eventualmente á janella e ouviu as ultimas palavras do Veiga. Desceu desvairado ao pateo. As suas armas eram a intrepidez que nasce do desatino. Face a face com o Veiga, a raiva faiscava-lhe dos olhos, e comtudo a prudencia dava-lhe um ar de galharda nobresa, um sorriso tão soberano de despreso, que nunca o homem se apresentou, conscio da sua superioridade, com mais altivez diante do seu inimigo. A um gesto seu, padre Carlos retirou-se.

— Ouvi-o fallar em lacaio, snr. Pedro da Veiga — Disse o Tavora, encostado ao batente do portão.

— Fallei, sim, prometti manda-lo procurar mais tarde o snr. conde, se a cobardia o não deixasse sahir das delicias da cama.

O conde aproximou-se mais de Veiga, e com o mais apparente socego de espirito, lhe disse:

— Quero eu por um instante suppôr que o snr. Pedro da Veiga é o lacaio com que fui ameaçado. Que desforço tiraria de tal lacaio, apresentando-se-me armado como cavalheiro? Era este...

Na face erquerda de Pedro da Veiga estalou uma bofetada; em seguida o braço que arrancava a espada, rangeu-lhe agarrado pela mão do conde; um repellão em cheio dobrou-o para o chão, e por fim o peito arquejava-lhe debaixo do joelho do Tavora, quando padre Carlos, empenhando toda a força de seus braços, pôde salvá-lo de ser alli afogado pela mão nervosa que parecia encravar-lhe os dedos no pescoço.

Pedro da Veiga, apenas solto daquellas algemas, que o prenderiam talvez á sepultura, erguido, lançou mão aos copos da espada, voseando *cobarde* a altos brados. O conde sorria-se; mas o padre Carlos sustivera a espada na bainha, sem para isso empregar metade do esforço, que um momento antes fôra preciso para salvar o filho de seu pae.

O manuscripto aqui tem uma lamentavel lacuna. Dá-nos a entender que Pedro da Veiga, rugindo vinganças e epithetos affrontosos, montára com menos garbo do que desmontára o seu cavallo, e fôra caminho de Villa Real. Tavora, pelos modos, e não deixa de ser natural, recolheu-se á residencia, e, valha a verdade, almoçou melhor do que ceára.

O que o manuscripto claramente conta é — que estando o padre no pateo da residencia, conversando com um seu freguez sobre os precisos para uma festa de missa cantada na primeira dominga de Março, passára alli mestre Antonio, o sapateiro dos solãos do Veiga, e perguntára — se por alli teria passado o senhor fidalgo D. Pedro da Veiga. Que o padre respondera, conscienciosamente, que alli estivera, e que no decorrer da conversa sobre varios assumptos, o sapateiro perguntára ao abba-

de se queria comprar-lhe um annel. O abbade examinou-o, e leu com bastante pasmo, o mote que o circuitava — *reges descendunt á nobis, non nós á regibus* — Posto a preço, o sapateiro deixou-o ficar por 20 crusados, e retirou-se contentissimo da boa feira que fizera, visto que tudo era ganho, e não seria facil que tal annel, alli sepultado n'uma aldêa, viesse a apparecer em Villa Real. Accrescenta o sincero historiador destas minuciosas passagens, que o padre, observando miudamente o seu annel, lhe descobrira uma mola, que se abria por dentro, e dava ao annel a fórma de uma caixinha destapada. Maravilhado por isto, novas maravilhas o surprehenderam, quando leu, no interior das laminas que formavam a caixinha, este nome muito seu conhecido — *Manoel Carlos da Cunha e Tavora.*

Finalmente, resa ainda o chronicão, que o bom do padre, tendo o dono em casa, calou-se com o annel: reserva esta digna de reprehensão, se o ministro do Evangelho lhe não dér outra sahida.

O leitor é penetrante de mais para saber, sem que lh'o digam, que este annel cahiu do dedo de D. Ignez da Veiga na noite de 6 de Fevereiro de 1701.

*

CAPITULO XXII.

De como mestre Antonio era um refinadissimo agiota. Lance dramatico, que perdeu todo o interesse palpitante por causa do instrumento ser uma faca de sapateiro. Mysterios que se revoltam na cabeça do padre, e que levam por diante aquella bernarda *moral, á custa de ferro e fogo.*

Ás 4 horas da tarde deste dia 8 de Fevereiro, estava um mendigo sentado nas escadas de Christovão da Veiga. Quem reparasse no cuidado que elle punha em aconchegar-se o manto andrajoso que o cobria, devêra desconfiar do pobre áquellas horas alli sentado, sem pedir esmola.

— Agora não são horas de dar esmolas, irmãosinho... — Disse o mestre sapateiro, que o via lá do interior da sua furna domiciliaria.

— Eu não lhe peço nada, mestre... — Respondeu o mendigo.

— E faz bem — continuou o sapateiro batendo sola — Eu cá não peço por não ter sacco.

— Deus o não castigue, irmão!

— Mais do que eu estou? Isso não sei... mas só se me dér a lepra que deu a Job. A respeito de cobre... cruzes, nem um maravedil...

— Deus o não castigue, irmão!... Vinte crusados é dinheiro que não tem nenhum remendão em Portugal...

— Vinte crusados?! — exclamou o sapateiro espantado — Que quer dizer isso?!

— Que não ha razão para se queixar da sorte, snr. mestre... porque vinte crusados, ganhos do pé p'ra mão, sem trabalho nenhum...

— Falle baixo, falle baixo, pois vmc. sabe...

— Que ha achados muito bons, quando o dono não apparece a querer acertar o dedo com o annel...

— Cale-se, cale-se, por quem é... Eu não furtei o annel...

— Mas parece-o... Então, se o não furtou, que medo tem?!... Ora venha cá...

O sapateiro aproximou-se humildemente.

— Eu quero juntar mais cinco a esses vinte crusados, se me fizer um serviço...

— Então vmc. quem é?!

— Que lhe importa?... O dinheiro ganha-se com os olhos tapados... Quer servir-me por este preço?...

— Conforme fôr o serviço...

— Não é pesado. Saiba-me primeiro onde está a snr.ª D. Ignez...

— Se é isso só, posso dizer-lh'o já. Está no seu quarto fechada, e vai manhan para um convento...

— Manhan! — exclamou o pobre — manhan!... sabe-se isso de certo!

— Se sei!... eu sou dos que vão na comitiva, com uma carga de caixoens... que mais quer?

— Deixa-me entrar no seu sotão?

Aqui o mendigo desmandou-se na voz, e esqueceu o artificio. O sapateiro conheceu logo que fallava com o comprador do seu annel...

— Agora já o conheço... é o snr. abbade de Villamarim!...

— Cale-se...

— O meu sotão está ás ordens de v. s.ª... podia já ter dito isso... Ora esta!... quem havia de conhecel-o com estes farrapos, e estas barbas tamanhas!!...mas, a fallar a verdade, estão ao pintar!... são como as barbas dos santos *martiles* de Marrocos da procissão de cinza! Ora vamos, a casa não é propria, mas é o que ha... Faz favor de sentar-se, e esteja á sua vontade...

Padre Carlos, fechada a porta do sotão, deixou cahir o manto de farrapos, desfez-se das espessas barbas que lhe ajustavam artisticamente, e de mendigo que era, exceptuando os socos que lhe ficavam pessimamente, no resto parecia um salteador calabrez, attendendo ás coro-

nhas de duas pistolas que lhe sahiam d'entre a abotoadura do seu radingote de veludo azul.

« Que exemplo a futuros *sacerdotes!* »

— Vamos a saber, mestre, devo contar comsigo?
— Eu já disse... isso lá é conforme...
— O preço?
— A respeito de preço ninguem nos ha-de ouvir; eu estou aqui para tudo que couber no possivel.
— Está dobrada a parada! São dez crusados se fizer chegar ás mãos de D. Ignez, antes da noite, uma carta...
— Isso, ha-de perdoar-me, mas não lhe vejo furo... O que póde fazer-se, póde fazer-se; mas lá isso d'entregar uma carta sempre lhe devo dizer que não é para ninguem, salvo a thia Joaquina da Luz, que a *propósto* de feitiços é como se quer...
— Deixemo-nos de feitiços. Das duas uma. Ou vmc. pede dinheiro, e me serve, ou então eu sou capaz de o perder com aquelle annel.
— O' snr. abbade, por alma de quem lá tem, não me bote a perder. Cego eu seja dos olhos ambos de dois, se eu furtei aquelle annel!...
— Não furtaria; mas eu posso leva-lo a um tribunal e faze-lo condemnar... Está bom... Eu bem sei que o mestre sabe bem das empresas em que se mette. Nada de ameaças. Quem reina é o dinheiro. Vmc. fica com dez bellos crusados de D. João 5.°, e com a sua boa reputação d'honrado... Vamos — entrega-se a carta?

Mestre Antonio meditou, fez diversas caramunhas, e por fim decidiu-se a tentar o arrojo...
— Então ha-de ser já em quanto os fidalgos estão no fogão entretidos com os frades — exclamou o mestre.
— Um tinteiro — disse o padre.
— Isso agora, meu senhor, é que nunca houve em minha casa... Nem sei quem o tenha, por aqui perto, a não ser cá em cima o fidalgo...

Padre Carlos com uma faca do officio, tirada da alcofa do sapateiro, fez um golpe n'um dedo, e com uma apara d'um vio, escreveu com sangue n'um oitavo de papel, rasgado da sua carteira, estas linhas:

« Coragem, senhora! Manhan entra v. exc.ª n'um « mosteiro. Depois não ha salvação possivel. Durante a « noite esforce-se por fugir. Da meia noite em diante é « esperada pelo conde de S. Vicente á porta do quintal. « Não tem outro refugio. — *P. Carlos da Silva.* »

Mestre Antonio foi e demorou-se bastante na volta. O abbade já estava impaciente.

— Entregou? — perguntou vivamente o padre.

— Creio que sim... Ainda bem que estavam todos para o salão do meio. Atravessei o corredor, sem topar viva alma. Cheguei ao cabo, onde está o quarto da menina, e estropiei á porta. Fallou-me ella de dentro. Disse-lhe que era eu. Respondeu-me que estava fechada. Metti-lhe o escripto por debaixo da porta, e ella disse-me que ficava entregue... que mais quer?

— E que provas me dá de que foi entregue o escripto? Vmc. demorou-se tanto só para isso!...

— Ora ahi está como se tapam as boccas ás más linguas... Pegue lá... ahi tem...

— Isto que é?! — perguntou o padre, acceitando um papel.

— E' a resposta... Então? ganhei ou não ganhei honradamente os dez crusados?!

— Ganhou quinze.

— Como quinze?!

Mestre Antonio fez sérias diligencias por saber se estava acordado, em quanto o padre lia a resposta de D. Ignez:

« O sapateiro tem uma chave da porta do quintal « com que antes d'hontem ficou. Que a dê. Abram a « porta, e ajudem-me a descer da minha janella do « quarto que não é alta. Depois da meia noite espero « com anciedade. Salvem-me senão morro. »

Padre Carlos sorriu-se d'uma satisfação, que é a alegria perversa de executar um crime. Qual seria? Mais d'um leitor tem os olhos fitos n'uma scena de sangue!... Ai da victima que fôr immulada nas aras cruentas da vingança!... Maldito *Anathema!*...

Mestre Antonio cedeu... não — vendeu a chave por bom dinheiro, visto que eram honestos e virtuosos os fins para que a vendia. O homem mostrou-se cordealmente interessado no casamento da menina, que, segundo elle,

a ninguem mais se devia, se chegasse a effectuar-se, como era justo para tapar as boccas do mundo. Que a delle estava hermeticamente fechada, podemos nós jurá-lo.

Temos o padre no caminho de Villa-marim, morto por despojar-se das insignias a quem elle devia o mais valioso triunfo do seu plano.

O conde esperava-o com o coração inquieto. Nas horas, que passou sósinho na bibliotheca da residencia, pungiu-o vivamente o remorso de ter feito descer tanto um irmão de D. Ignez da Veiga. Por mais que se entranhasse do rancor que as affrontas do Veiga deviam provocar-lhe, não podia serenar a sua consciencia, que o accusava d'um feio excesso, d'uma vilesa afidalgada pelos moldes da peonagem. O sentimento que mais lhe aggravava o remorso era o amor d'Ignez, que, esquecido no momento afogueado da desaffronta, remanesceu depois animado, apaixonado, e repêso de enodoar-se n'um lance de força bruta. Nestas amarguras encontrou-o padre Carlos da Silva. Ardente d'enthusiasmo, communicou-lhe os bons fructos que colhera, e as mais gratas esperanças que lhe adjudicaria ao seu futuro.

O conde abraçou-o com transporte, e jurou-lhe o seu eterno reconhecimento. Pensava elle que a suspirada vingança de padre Carlos morria satisfeita no dia em que D. Ignez fosse esposa d'um homem contra vontade de seu pae! Haviam assim muitas intelligencias myopes, que pouco augmentaram de vista nas intelligencias netas, que são as contemporaneas, taes quaes as vemos por ahi estudando a fysiologia do coração humano, como quem estuda as quatro operaçoens!...

Padre Carlos não mais fallou na vingança, nem no diario d'Antonia Bacellar. E' certo, porém, que o homem pensava profundamente. O conde achou-o sempre abstracto, quando lhe dirigiu alguma pergunta. A's vezes o padre, naquelle affogo de pensamentos tumultuosos, que o impacientavam, dava murros na banca, erguia-se em desespero, e parecia arrepellar-se! A figura é comica, mas era exacta! Ha destas indoles; e as occasioens são as que fazem o homem moral.

Veremos que judiciosos motivos elle tinha para este desgrenhado agastamento comsigo mesmo.

CAPITULO XXIII.

O padre assenta a primeira bateria. Vê-se o que são as vinganças nos caracteres perversos. Antiguidade das cartas anonymas. De como uma tulha é o melhor valhacouto contra corregedores e meirinhos. Descobrem-se tres familiares do Santo Officio, que por força ou por geito deviam entrar no romance.

ERA meia noite.

D. Ignez espreitava pelos rotulos das portadas da sua janella se a porta do quintal se abria.

Não esperou cinco minutos. Abriram-na, e entraram dois encapotados. O primeiro, que era padre Carlos da Silva, levantou, debaixo da janella d'Ignez, o conde de S. Vicente á altura que pôde. A menina apoiou os pés, necessariamente lindos, sobre o hombro do conde; depois inclinou-se até lhe encontrar as mãos, e assim, constituida capitel de tão gracioso grupo, veio descendo sem perigo e sem temor até face a face se abraçar ao conde.

Não se trocaram palavras. Atravessaram a villa calados, unidos, e precavendo-se com os poucos encontros que tiveram.

A direcção estava talhada. Era a residencia de Santa Senhorinha de Villa-marim que devia receber no seu pobre seio os illustres fugitivos.

Chegados, Ignez parecia ebria de uma alegria desatinada; o conde tambem: o padre era um mysterio.

Depois separaram-se. A casa tinha duas camaras, e uma era do reverendo abbade... Aqui, perdôe-me o

fazedor do manuscripto, mas em vez dos seus alambicados rodeios, vão por conta da san moral e decoro litterario estas duas linhas de penacea universal............

....

....

A's duas horas da noite o padre Carlos escrevia o seguinte, e um seu criado ao pé da mesa esperava a carta.

« A Christovão da Veiga.

« Sua filha não está em casa. Foi-lhe á meia
« noite roubada. Se quer salva-la da prostituição,
« da vergonha, e do abandono, faça passar ordens
« para os alcaides e corregedores os não deixarem
« passar. Affirma-se que só depois de manhan sahi-
« rão d'aqui destes suburbios. Providencias prom-
« ptas podem resgatá-la das garras do seductor.
« Quem lhe escreve, senhor, é um homem zeloso
« da sua honra. »

— Parte — disse o padre ao servo — não venhas sem que essa carta seja entregue a D. Christovão. Bate, até que a porta te seja aberta. Logo que a entregues, desapparece... que te não percebam a direcção. Se te perseguirem, esconde-te.

O criado partiu.

Em seguida entrou outro criado, e o padre escrevia o seguinte:

« Irmão em Christo.

« Denunciai ao Santo Officio com a prompti-
« dão do vosso zelo pela extirpação dos herejes e
« impios, que Manoel Carlos da Cunha e Tavora,
« heretica e impiamente, acaba d'insultar a face de
« Deus no recinto sagrado do templo. Dai providen-
« cias. Qualquer demora ser-vos-ha levada em con-
« ta no tribunal de Jesus Christo. Fazei que o captu-
« rem na sua casa de Lordello, onde se acha em
« braços d'uma infeliz, que roubou ao seio carinho-
« so de sua familia. Aquella é filha do nosso presa-
« do irmão Christovão da Veiga. — Vosso irmão em
« Christo, e familiar do Santo Officio

« *P. Carlos da Silva.* »

O sobscripto da carta era assim:

« *Ao muito reverendo padre mestre Alvaro*
« *da Encarnação. Familiar do Santo Officio.*
« *Coimbra.* »

O servo levou a mula á redea para que os passos se não ouvissem, e quando lhe ficou atraz o povoado, montou, e accelerou a corrida quanto lhe era possivel.

Feito isto, padre Carlos deitou-se, e adormeceu.

Mais profundo era o somno de Christovão da Veiga, quando lhe foram á cama entregar uma carta de muita urgencia. Leu-a. Bradou que lhe trouxessem o portador. Quando o procuraram, tinha o portador cumprido fielmente as ordens de seu amo — desapparecera.

Entraram no quarto d'Ignez. Viram a janella aberta, e naquella solidão uma especie de escarneo mudo á prepotencia d'um pae, e aos brios cobardes d'um irmão.

Pouco depois o corregedor e mais justiças da comarca enchiam os saloens de Christovão da Veiga. Os emissarios partiam para alcaides, e corregedores, e alferes móres, e mais auctoridades civis e militares a quem o fidalgo, alcaide mór de Villa Real, dava poderes discricionarios, como hoje se diria.

No dia seguinte era um alarido na villa. Todos queriam fazer montaria ao lobo, todos se offereciam para ampliar o cordão de captura ao roubador de D. Ignez. Extremava-se em decididos offerecimentos o mestre Antonio!! Parece que roubador e roubada dormiam folgadamente.

O padre despertou cedo. Do adro da egreja viu uma turba de cavalleiros e peoens que se dirigiam a Lordello. Comprehendeu a missão, e exultou. Subiu rapido ao quarto do conde. Chamou com fingido sobresalto. Sem que a porta lhe fosse aberta, aterrou-os com a necessidade de se esconderem, visto que suspeitava lhe déssem uma busca na residencia para captura-los. Ignez hia desfallecendo: alentou-a a coragem do conde.

A residencia tinha uma tulha subterranea na adega.

— Estão salvos — disse o padre — e basta que se escondam, se elles se avisinharem d'aqui.

Não tardou a realidade da hypothese. Bateram á

porta da parte do corregedor. Subiram corregedor, beleguins, escrivaens, ajudantes de cartorio, notarios, afóra soldados, e povo, e gallegos, e mestre Antonio que ficaram á porta. Rebuscaram em vão e muito ligeiramente. O corregedor tambem era familiar do Santo Officio... Isto podia valer muito se preciso fosse.

Estavam salvos.

— Foram tomadas algumas providencias, snr. corregedor? — perguntou o abbade.

— Todas, dez leguas em circumferencia.

O conde de S. Vicente e a sua tremula companheira do subterraneo ouviram isto.

— Estamos perdidos! — exclamou ella.

— Não estamos — respondeu o conde — Este padre protege-nos... Como te enganaste com elle, Ignez!...

— E' verdade!... enganei-me felizmente... Bem se vê que o meu sangue lhe gira nas vêas...

— Não me lembres que é teu irmão — disse o conde tristemente meditativo.

— Porque?!...

— E' uma historia incrivel d'atrocidade...

Nisto o padre deu signal para que sahissem da tulha.

Vinham pallidos e enfiados de susto! O amor dá coragem e dá fraquesa. E', e será sempre, um mysterio. Se o corregedor os autoasse, e d'alli os fizesse entrar na egreja como condemnados a casamento, isso era o mais grato galardão daquelles travessos delinquentes; mas, no rasoavel entender do conde, a condemnação seria outra, depois daquella bofetada, e d'um rapto em duplicado, que devia ser crime espantoso á face das *ordenaçoens do reino*. Nestas, os raptos e bofetadas fidalgas, se as mulheres e as faces eram plebeas, expiavam-se com um passeio recreativo até *Castro Marim*; mas aqui era mais séria a pena, visto que D. Christovão da Veiga não era homem que transigisse sem o *morra por elo* daquella graciosa dadiva do rei d'Hispanha.

Quem, ainda assim, mais apavorado parecia era o padre Carlos! O conde quizera alentar-se na intrepidez daquelle caracter heroico, mas deparou-o timido, frouxo, e acanhado.

— Ouviu o que disse o corregedor? — interrogou o abbade.

— Ouvimos... — respondeu D. Ignez, como anciada por saber o accrescimo de infortunios que tinha de experimentar.

— Já vêem — proseguiu o padre — o risco em que estão se sahirem d'aqui estes primeiros dias...

— E padre Carlos da Silva — interveio o conde — tão generoso, tão nobre para comnosco, negar-nos-ha o asylo da sua casa por alguns dias?

— Nunca!... prouvera a Deus que esta choupana fosse um palacio, decorado de ricos tapetes da Persia, que os desenfastiassem da vida enclausurada a que tem de sugeitar-se, se não quizerem ser vistos e denunciados.

O conde abraçou o padre, e Ignez sentiu-se impellida a acompanhar o seu amado naquelle lance de gratidão e fervorosa amisade.

O abbade continuou:

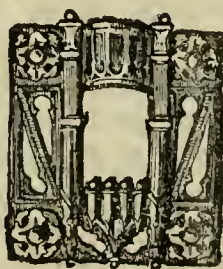
— Aqui temos, senão opiparos banquetes, ao menos sobejam-nos alimentos sadios, e a boa vontade que é o melhor dos acepipes. E de mais — disse elle sorrindo — o amor é meia mantença, e as esperanças de mais brilhante futuro são mantença inteira .. não é assim?

— E', é... — disse Ignez com animada rapidez.

— Pois não é tanto assim! — tornou o gracioso sacerdote — Deus a livre de jejuns que não manda a Santa Madre Egreja. Abstinencias completas bolem com a cabeça, com o estomago, e com o coração...

Riram-se ao mesmo tempo do remoque, e conversaram serenamente em assumptos relativos ás suas circumstancias, como a natureza do caso pedia.

Os promettidos esposos viviam como não podem imagina-lo os que não tiveram na sua monotona e obscura existencia episodios apaixonados, e, por dias e noites clandestinas, sob o véu do mysterio, uma extremosa mulher, que se nos entrega corpo e alma, em recompensa de muitas lagrimas, de sacrificios penosos, e de grandes desfaques na reputação... Não queremos colorir de mais o quadro que não vá elle dar muito nos olhos pela vivesa dos traços. Camoens definiu a situação de dois versos, que valia a pena cita-los aqui, se não parecessem, de velhos e safados que estão, um pedantismo de rapaz de

escóla. O coração adivinha, quando é consultado nestes mysterios que são todos delle; e como o leitor ou leitora nada paga nessa consulta eu penso *que é melhor experimenta-lo*. Em quanto ao conde de S. Vicente nada ha mais facil *que julga-lo*. O leitor tem direito a que eu lh'o diga; *mas julgue-o*. Deus me salve d'escrever romances, cujo incenso d'um fino amor vae perfumar olfatos embotados. E' escrever d'amor para *quem não póde experimenta-lo*.

CAPITULO XXIV.

Traição e vingança.

Leitores! O romance perdeu o seu mau sestro de massador. Exultai! Agradecei ao manuscripto, que, chegando a estas alturas, já não é manuscripto, é um carril de factos que roda accelerado n'um caminho de ferro, que outra coisa não póde chamar-se á impaciencia veloz com que o collector destas coisas se arremessou ao termo final dellas. Por não ter melhor coisa em que pensar, penso sinceramente no rapido desenlace desta enredada lenda, e chego a persuadir-me, que o auctor do manuscripto era velho, sentia-se desfallecer cada vez mais, e não quiz morrer sem deixar cimentos para que *melhor penna tomasse sobre si o encargo de tão ardua tarefa*, como se diz nos prologos. Por um triz não invento algum episodio imaginoso, e o encravo a martello nesta veridica, mas algumas vezes desapegada historia. Tenho sinceridade litteraria. Doe-me a consciencia de perturbar o seculo XXV em questoens renhidas sobre a veracidade desta mentira. Faço votos porque a neta da actual academia real das sciencias (cuja raça Deus não ha-de permittir se perca) se não occupe em questionar e traduzir estes gatimenhos, que muito é de crêr sejam para elles o que são os caracteres arabes para os socios da actual.

Deveis pois de saber que padre Carlos da Silva foi uma desgraça faze-lo herdeiro daquelle diario d'Antonia Bacellar. Este homem, só no mundo, farto de lamentar-se na isolação de filho sem paes, quando lhe disseram — *mataram tua mãe com o punhal da traição* — o seu primeiro grito foi pedir o nome do assassino. Assassino era seu pae, mas tambem era um perverso, que o arremessára entre os espinhos do mundo, se o não amparasse na quéda a

mão caridosa d'um estranho. A dorida paixão, com que aquelle diario fôra escripto, irritou a vingança irada do sacerdote, que morreria amargurado e só no mundo, mas talvez generoso e bom, se lhe não pedissem lagrimas para a mãe no tumulo. Pedir lagrimas áquelles olhos que as não tinham — áquelle coração que se devorava na impotencia de as poder verter no regaço de mãe... era pedir-lhe sangue... Esse, sim, déra-o elle todo pelo instante da sua vingança!... salpicára com elle o altar de Deus, se fosse preciso hir alli enterrar o punhal no seio do matador de sua mãe!

Estes planos atrozes abortaram na manhan do dia 7 de Fevereiro Outros se inflammaram das cinzas daquelles; — e esses vê-los-ha o leitor delineados no decorrer deste funebre capitulo.

Ha dez dias, que o conde e D. Ignez eram hospedes do abbade. Este a cada instante lhes annunciava fingidamente assustado, novas providencias para a sua captura. De mais, os familiares do Santo Officio auctorisados pelo inquisidor conimbrecense buscavam por toda a parte cuidadosamente o conde, incurso em heresia e desacato, depois que em vão o procuraram na sua quinta de Lordello. O conde principiava a affligir-se da sua situação, e mais ainda pela infeliz, que outra protecção não tinha além da sua O padre, porém, suavisava-lhe o martyrio offerecendo-lhe pela millesima vez a sua casa, e os seus recursos, e a sua vida.

Manoel de Tavora, sem que a infeliz menina o instigasse, fallou ao padre n'um casamento clandestino, para salvar Ignez da deshonra no caso d'algum attentado imprevisto contra a sua vida. O abbade respondeu affavelmente que sim; mas que sem licença regia seria uma temeridade, visto que elle conde perderia o titulo e a graça do rei.

Estas rasoens eram contrariadas por Tavora, mas as do padre venciam sempre.

O conde escreve para a côrte, e as primeiras cartas são-lhe descaminhadas pelo padre. O conde é chamado á côrte, e o padre queima placidamente as ordens regias!

São passados tres mezes.

D. Ignez da Veiga chora de dia e de noite... Sente-se mãe... e aquelle filho, que parece accusa-la já das

entranhas, é fructo d'um crime... e sê-lo-ha talvez por fim d'uma vergonha.

Padre Carlos delira de contentamento feroz!

E' então que elle escreve para Lisboa, pedindo uma ordem regia, que promette fazer chegar á residencia incognita do conde de S. Vicente.

Neste tempo Pedro II liga-se offensiva e defensivamente com França e Hispanha contra a casa d'Austria. Fazem-se aprestes de guerra, são chamados os nobres, e o conde de S. Vicente é invocado com graves penas no caso d'insubordinação, e reputado traidor á patria se não vier ao chamamento d'el-rei.

Esta ordem chega ás mãos do conde. Padre Carlos surprehende-o, chorando sobre o seio d'Ignez que lhe cahiu desmaiada nos braços.

Reanima-o. Lembra-lhe que corra á côrte a alcançar licença para casar-se, e destruir as intrigas que Christovão da Veiga lhe urdira no Santo Officio. Offerece-se para ser o depositario de D. Ignez, e o seu companheiro depois, visto que lhe seria difficil salvar-se com ella d'uma captura no circulo das dez leguas, onde redobravam de vigilancia todos os dias.

O conde resiste a estas insinuaçoens, agradecendo sinceramente os valiosos serviços do padre, mas resolve aventurar-se aos perigos com tanto que D. Ignez o acompanhe. O abbade, que vê baldos os seus conselhos e prognosticos sinistros, na vespera da partida faz que um novo assalto á casa de Lordello, capitaneado por familiares do Santo Officio, o contenham alli atemorisado na residencia de Santa Senhorinha.

Agora é já a propria Ignez, que implora ao conde a sua hida; embora ella tenha de chora-lo ausente, mas não perdido.

Tavora é um homem que ama com o virtuoso amor d'um anjo. Aquella mulher, possuida á custa de tantos trabalhos, não o enfastiára um instante, nem lhe magoára o coração com o espinho do arrependimento. Instado de joelhos por ella, e afervorado pelas admoestaçoens cavilosas do abbade, o conde, em uma noite tempestuosa, atravessa, com um guia, montanhas intransitaveis, como se as estradas lhe fossem vedadas pelas alabardas dos

alcaides móres, e, peor ainda, pelos farricocos do Santo Officio.

Incolume, todavia fatigado de desvios inuteis, Tavora escreve do Porto a Ignez, verte lagrimas de paixão nessa carta consoladora, e promette-lhe a felicidade que só a suprema vontade de Deus poderia converter em desdita. Ignez, tão feliz com esta carta, no extasis febril da sua alegria, abraça o padre Carlos, e dá-lhe pela primeira vez o doce nome d'irmão. O padre, porém, sorriu-se! Este riso era um escarneo! O escarneo era o cynismo cerval do algoz!

Christovão da Veiga perde as esperanças á sua desforra. De Lisboa dizem-lhe que não ha novas do conde de S. Vicente. Desde o momento, que imaginou sua filha pervertida, prostituida, e deshonrada, o desventurado pae recorda-se muitas vezes d'Antonia Bacellar, e o espectro desta mulher voltea-lhe nos seus pesadellos de velhice lacerada pelo remorso! Pedro da Veiga esquece que é assassino, e aviltado por uma bofetada, e deshonrado pela irman, em quanto as faceis mulheres da fidalguia, apesar de primas pela maior parte, lhe suavisam os espinhados alentos da mocidade com o amaciar estremecido e carinhoso das suas franquesas.

D. Ignez conta por lagrimas os minutos que tanto lhe demoram novas do seu anjo.

Passam-se trinta dias, e nem uma carta! Padre Carlos era depositario de tres, que ella nunca viu. O contheudo da ultima dizia assim:

« Tudo a nosso favor, anjo da minha alma! Vem!
« Esse generoso irmão que te acompanhe, e que venha
« ter partilha no delirio da nossa felicidade! Consegui
« licença para seres minha, e para não arriscar este an-
« no na guerra uma vida que é tua. Debellei as intrigas
« da inquisição, e as da côrte, que mais me attribula-
« vam. Este casamento convencionado aqui era a minha
« desgraça..

....

O resto da carta eram os lugares communs do amor idealisado, perfumado, e doudejante das mais risonhas esperanças. Ignez não viu esta carta. A que ella viu era escripta por uma letra estranha, e resava assim:

« El-rei condemnou-me a partir logo para Madrid,

« em castigo da minha resistencia ao chamamento. Não
« demorei uma hora em Lisboa. Vim unir-me ao exer-
« cito. As saudades que de ti me angustiavam aniqui-
« laram-me o espirito e o corpo. Estou doente; nem o
« braço póde menear uma penna, que te retracte o que
« é martyrio incomportavel no coração do homem que
« com lagrimas te escrevêra. Vem, Ignez! A tua alma
« está vinculada á do conde de S. Vicente. Se não que-
« res que a morte despedace estes vinculos sagrados, vem
« como o anjo da vida sentar-te á cabeceira do moribun-
« do. Adeus! Pede a esse virtuoso sacerdote, e generoso
« protector que te acompanhe. Rua do *Carvajal*, em
« Madrid — 10 de Junho de 1701. — *Conde de S. Vi-*
« *cente.* »

Ignez leu esta carta. Antes de desfallecer, ajoelhou aos pés do padre e rogou-lhe por alma de sua mãe que a não demorasse um instante...

— Por alma de minha mãe! — murmurou o padre — E sabe a menina se minha mãe precisa de suffragios?...

A infeliz não podia responder-lhe: estava desmaiada, e permittisse Deus que d'alli a erguessem para a lançarem no tumulo!..................................
....

Alta noite padre Carlos da Silva e D. Ignez da Veiga sahiram em robustas mulas com um criado de pé. Ao romper da aurora estavam em Chaves. O sol de Hespanha derramou os seus primeiros raios na face pallida daquella virgem... de coração!... O tigre da vingança, o filho d'Antonia Bacellar, e do pae daquelle anjo, hia concentrado em si como o algoz, que, no caminho do cadafalso, sente o pavor de si proprio retrahir-lhe a alma!

Caminharam.

Desde Brim a Madrid, Ignez, se fôra a mulher penetrante destas nossas eras d'espertesa prematura, sondára o coração atraiçoado do sacerdote! Eram forçados e frios os seus carinhos. As conversáçoens, que promovidas por D. Ignez eram sempre sujeitas ao conde, distrahia-lh'as o padre com outras relativas ás impressoens de jornada, aos monumentos gothicos, á natureza luxuriante daquellas formosas varzeas d'Hespanha, que tão desapercebidas eram para a temerosa amante d'um homem, que a chamava atribulado do leito da doença,

Em Madrid não existia a rua do *Carvajal.* D. Ignez esperou na estalagem que padre Carlos se informasse da residencia do conde. Era melindrosa a situação do traidor! Nem elle pensára talvez na maneira de espaçar o fingimento até ao dia da sua vingança! Era necessario que aquelle nefando segredo, durante cinco mezes, não transpirasse abafado n'um vêo densissimo de successos premeditados tanto que o não trahissem. A innocente era facil de enganar-se; mas ha nos coraçoens mais candidos um instincto, uma vista dupla, que devassa no coração dos grandes perversos. Até aqui, porém, D. Ignez da Veiga, confiava cegamente em seu irmão, e, dando-lhe este titulo, julgava ella que o prendêra á sua felicidade pelos vinculos do sangue, e pelos soccorros devidos a uma fraca e desamparada senhora.

Passára-se uma hora d'estirada agonia que D. Ignez da Veiga esperava o padre, quando este chegou com a fisionomia assombrada d'uma tristeza mentirosa.

— Então?! — exclamou ella.

— Não existe em Madrid — respondeu o padre amparando a cabeça com o braço direito firmado sobre uma mesa.

— Não existe em Madrid?!...

— Não, senhora.

— Mas... diga, snr. padre Carlos, onde está... para onde foi?!...

— Ignora-se...

— Oh meu Deus!... que desgraça!... Pois não se sabe?!

— Não, senhora.

— Mas não estava elle tão doente!?

— Estava, sim...

— Eu não entendo o que isto é, snr. padre Carlos!... O' Virgem Maria! sêde em meu soccorro!...

D. Ignez, n'um extasis de desesperada agonia, joelhou com as mãos erguidas. O abbade, immovel na sua postura meditativa, afigurava-se o homem prostrado pela dôr, que já nem póde soccorrer-se de Deus elevando-lhe o espirito afflicto. E Deus sabe que sublime infernal de angustia o suspendia pelos cabellos sobre o abysmo da vingança cavada por elle para aquella victima sem culpa! As torturas d'Ignez começavam a emparelhar-se com as

de Antonia Bacellar. Ambas mães, ambas abandonadas, o vilipendio, a deshonra, e a perdição principia para D. Ignez como um ponto escuro no horisonte alvissimo das suas esperanças, qual vinte e seis annos antes negrejava para D. Antonia Bacellar. Padre Carlos scismava nestas comparaçoens. Dellas é que sua alma se alentava quando a compaixão por sua irman começava a abrandar-lhe as ferezas de vingança.

A filha de Christovão da Veiga não tinha alli uns braços carinhosos que a sustivessem no seu desespero. O seu companheiro de jornada parecia contemplar friamente aquelle despedaçar-se de uma alma infantil no alvorecer das suas crenças, polluidas tão cedo pela ulcera da deshonra, insanavel no mundo. Era a scena do infortunio, sem luz de esperança, e o cynismo avarento de outras lagrimas.

De certo: eram outras as lagrimas que D. Ignez da Veiga fòra condemnada a chorar, no dia 7 de Fevereiro, quando padre Carlos da Silva, no castello dos Tavoras, deparou uma virgem como sua mãe o fòra, e uma victima de perpetua deshonra como sua mãe viera a ser.

Que pressentimentos não foram os da pobre menina na manhan daquelle dia!

O abbade de Santa Senhorinha reanimou-se, depois que sua alma bebeu na taça das angustias de Ignez o primeiro sorvo da sua vingança.

— Não desespere, senhora!.... — disse elle com maviosidade, despertando-a da sua absorpção de espirito — Não desanime... Ha aqui um segredo que não podemos decifrar sem tempo...

Ignez respondeu-lhe com incessantes soluços. O padre continuou:

— Animo, menina! O conde de S. Vicente foi naturalmente chamado a Lisboa para o repararem d'injustiças que a intriga lhe fez... Nem tempo lhe deram de lhe escrever... Talvez que a alegria o arrebatasse até ao delirio... ao esquecimento de que mandára vi-la...

A credula principiava a confortar-se destas frivolas razoens. O coração tem estas simplicidades quando a paixão lhe enturva a luz do juizo...

— Talvez!... — redarguiu ella com a face illuminada d'esperança.

— E' tão possivel!... — Continuou o sacerdote — E, supponde que são outras as razoens, é preciso que se saibam... Em mim, snr.ª D. Ignez, não tem um irmão como Pedro da Veiga, tem um escravo que hirá de rastos punir o seu traidor onde quer que elle esteja...

— Não falle assim — exclamou Ignez assustada.

— A traição é uma grande infamia... não é, D. Ignez da Veiga?...

— De certo! — E' impossivel que eu fosse enganada pelo conde...

— Impossivel... não! — redarguiu o padre abaixando a voz em tom sinistro — Impossivel!... se a menina soubesse como foi trahida...

— Quem?!... — atalhou ella a tremer.

— Ninguem! — respondeu o abbade sorrindo com indefinivel inspiração d'angustia e de sarcasmo.

Apoz uma longa pausa, em que o silencio era só nos labios, mas o ruido da colera tumultuava lá dentro naquelle coração, adjudicado ao demonio da vingança rancorosa — o abbade proseguiu:

— Quer ser docil aos conselhos d'um homem que quer salva-la?

— Ah!... sim... quero, quero... Entrego-me a si de todo o meu coração... Salve-me, se póde, que eu porei a face aonde o meu salvador pozer os pés...

— Não se humilhe, senhora. Erga essa face, onde brilha a fidalguia dos Veigas!...

— Que palavras, snr. padre Carlos!... eu não lhe mereço esses motejos...

O padre calou-se. A compaixão abalára-o ligeiramente; mas o edificio do odio era robusto: os cimentos foram amassados de lagrimas, e assentavam sobre o sepulchro de sua mãe.

A desgraça é a que perverte o homem.

Não protrahiremos o dialogo em que D. Ignez, no desatino da sua dôr chega a banhar de lagrimas as mãos do seu algoz; em que padre Carlos da Silva, no delirio da sua maldade, a muito custo póde reprimir a hediondez das suas tençoens.

O certo é que dois dias depois D. Ignez entrava n'um recolhimento de porsionistas, e padre Carlos da Silva despedia-se della. A infeliz fôra docil, como pro-

mettera aos conselhos do ministro do evangelho. O que lhe ordenou foi que ella se recolhesse por alguns dias áquelle asylo, em quanto elle hia a Lisboa procurar o conde, e convence-lo da urgencia daquelle casamento, ou arrasta-lo ás fogueiras da inquisição.

A pensão de Ignez era magnifica. As ordens, dadas á occultas, com mãos cheias d'ouro, foram um rigoroso segredo na entrada daquella portugueza no recolhimento.

Padre Carlos não sahiu de Madrid.

....

....

A escala dos soffrimentos humanos é infinita. A morte seria o menor delles, para os que soffrem como D. Ignez da Veiga em Madrid, e Manoel de Tavora em Lisboa!

A rede que lhe fôra tecida a elle no Santo Officio bastou a sua presença na côrte, e a graça real de quem muito podia sobre as intrigas inquisitoriaes, para desfaze-la.

E' verdade que o conde de S. Vicente fôra promettido em casamento a D. Izabel de Noronha; mas Pedro II, que tirára a primeira mulher ao irmão, não devia ser rigoroso em fazer cumprir estas promessas que não prejudicavam os foros da honra externa, e apenas boliriam com os espiritos cavalheirosos, em coraçoens de melindre, que já naquellas épocas romanticas era um anachronismo. O seu não tinha muito disso, e a côrte modelava-se por elle.

Removidos estes obstaculos, e alcançada a licença regia para o seu casamento com D. Ignez, o conde fez o que rasoavelmente lhe convinha, mandando-a a toda a pressa vir a Lisboa, como consta da carta roubada pelo padre.

Duas cartas, sem resposta, deviam perturba-lo. Esperou ainda a volta d'um emissario; as novas eram incriveis e aterradoras. Não existia tal abbade em Santa Senhorinha de Villa-Marim! Ha méz e meio que desapparecera, e ninguem sabia se era vivo ou morto! A justiça, suspeitosa de algum assassinio, rebuscára rigorosamente a casa, e devassára na visinhança, mas nenhuns indicios colhera!

Ha organisaçoens fortes que não podem aniquilar-se.

O suicidio foi a primeira consolação que o conde achou nos recursos que pediu á sua consciencia. Depois, a fuga de padre Carlos da Silva com D. Ignez, umas vezes parecia-lhe uma traição sem nome no complexo dos mais atrozes crimes; outras vezes recordava-se daquella vingança, daquelle *anathema* conjurado diabolicamente pelo filho d'Antonia Bacellar ao assassino de sua mãe. Mas que plano era aquelle de vingança! — pensava o conde no tumulto de angustiadas conjecturas — Padre Carlos cravaria um punhal no peito da infeliz? Seria ella a expiação do pae? O assassino morreria de remorso e terror salpicado do sangue da innocente?!

O leitor já previu o alvo do sacerdote. E talvez não o previsse. Ha crimes que se não creem, nem se adivinham. E com tudo, hoje mesmo neste seculo humanitario e socialista, muitos crimes se passam nas trevas, e se remexem no lodo d'algumas consciencias, escondidas por detraz de uma estudada pureza de fisionomia...

O conde adoeceu. A sua vida era já chorada, e a causa da sua morte deixou de ser mysterio na côrte, logo que Ignez da Veiga, tão suspirada por damas e cavalheiros, não appareceu. Christovão da Veiga foi chamado á côrte. Ahi, quando el-rei lhe pediu contas de sua filha, o velho alcaide de Villa Real, de joelhos jurou que lh'a tinha roubado o conde de S. Vicente e nada mais sabia. Certo de que já não era o conde o primeiro possuidor d'Ignez, Christovão da Veiga, tocado pela morte, recolheu-se á provincia, e encerrou-se no quarto a chorar as ultimas lagrimas da sua vida. As indagaçoens multiplicaram, e cada vez eram menos os indicios d'Ignez — eram nenhuns! Ninguem já fallava de padre Carlós da Silva, ninguem achára um cadaver, nem os proprios ministros em côrtes estrangeiras poderam colher a mais duvidosa informação.

....

Era no mez de Novembro de 1701.

D. Ignez da Veiga, transfigurada pelo soffrimento, com a alma já embotada das recordaçoens do conde, e decidida a morrer sem poder salvar a sua honra, pedia a Deus que lhe abreviasse aquelles ultimos trances da agonia. A regente do recolhimento queria ampara-la naquelle descahir rapido na sepultura, mas não podéra.

Nesse dia, pois, é Ignez chamada á portaria. Foi. O coração banhou-se-lhe d'uma alegria instinctiva. Era o padre Carlos da Silva, que ella não vira ha quatro mezes, e julgava morto. Arremeçou-se ao raro como para abraça-lo. Balbuciava palavras inintelligiveis naquelle delirio de contentamento, e parecia doudejar como n'um accesso de loucura.

Padre Carlos disse-lhe que sahiria na tarde daquelle dia.

Sahiu.

Ao anoitecer deixaram Madrid, e vieram caminho de Portugal, o mesmo caminho que tinham hido. Disse o padre a D. Ignez que o conde de S. Vicente fôra levado a Lisboa como preso, e encarcerado tivera de responder ás accusaçoens do Santo Officio instigadas por D. Christovão da Veiga. Accrescentou que a elle padre se devia a sahida do conde, a sua reputação illibada, e a conclusão daquellas nupcias, que hiam ser realisadas na provincia, a contento da sua familia.

A todas as perguntas d'Ignez respondeu o padre convenientemente, e com a serenidade de uma alma sincera. Ignez acreditou-o como ao seu anjo da guarda.

Nos dois ultimos dias de jornada Ignez queixou-se de algumas dores extraordinarias........................

....

O padre accelerou o passo. Em Chaves redobraram aquellas dores; e Ignez não conseguiu uma hora de descanso, por mais que a supplicasse ao sacerdote.

Anoitecia, quando o abbade de Santa Senhorinha pediu aos caseiros do conde de S. Vicente a chave do seu castello.

— Para que é a chave do castello? — perguntou Ignez sobresaltada.

— E' de lá — respondeu o padre — que ha-de ser levada em triumpho ao seio de sua familia. Na semana que vem chega aqui o conde. Seu pae não a recebe em casa, em quanto a menina não poder lá entrar condessa de S. Vicente.

Ignez achava-se outra vez naquelle quarto, onde tantas afflicçoens a martyrisaram nove mezes antes. A snr.ª Benta do João chorava piedosamente, vendo-a tão mudada, tão acabada, tão outra do que fôra em formosura

e graça! Queria fallar, mas padre Carlos, inteirado do que se passára na sua ausencia de quatro mezes e meio, impozera-lhe silencio, e privou-a de longas conversaçoens com a fidalga. Não seria preciso. D. Ignez estorcia-se em dôres que lhe arrancavam gritos penetrantes.

Entretanto o padre Carlos escrevia esta carta:

« Saiba D. Christovão da Veiga, que sua filha, a
« meretriz do conde de S. Vicente, está, a esta hora,
« gemendo as dores de parto, no castello do seu aman-
« te. A justiça de Deus quiz que esta mulher na hora da
« sua solemne deshonra, perdida e abandonada, se apro-
« ximasse daquelle que ha vinte e sete annos fez morrer
« Antonia Bacellar, depois dos trances... que foram os
« mesmos da filha de D. Christovão da Veiga.

Padre Carlos da Silva. »

Esta carta foi ao seu destino.

Ignez estava com duas mulheres encerrada na camara. As dores desvairaram-na a ponto de lhe arrancarem invocaçoens ao seu conde, ao seu anjo, que tão longe d'alli se debatia n'outras angustias... as da desesperança, mais atrozes talvez!...

Padre Carlos da Silva passeava no salão. A fisionomia nervosa, alquebrada, e livida pelas vigilias da sua irrequieta vingança, turvavam-lhe as sombras sinistras que descem no rosto d'um scelerado ferido pelo remorso. Remorso!.. era cedo ainda. O crime era de mais sanguentas aspiraçoens. A vingança incompleta não lhe matava a sêde dos odios.

Os gritos convulsos d'Ignez redobravam de fortaleza e angustia.

....

....

Como o tronco desmedulado que balancêa e estala ao açoute do furacão, assim Christovão da Veiga, ao lêr a carta de padre Carlos, tomado instantaneamente d'uma convulsão violenta, cahiu, sem côr, sem um gemido, como se o braço da morte o suffocára alli d'improviso.

Pedro da Veiga acudiu ao estrondo da queda, e ás lamentaçoens das criadas. Leu a carta que estava alli no chão, e aterrou-se na presença d'uma degradação que jámais previra. Baralharam-se-lhe os pensamentos na ca-

beça afogueada, e não atinou com o mais conveniente naquella situação infernal. Christovão deu signaes de vida. Ao vêr-se rodeado, fez signal ao filho que ficasse, e mandou sahir os domesticos.

— Lêste essa carta, Pedro?

— Sim, senhor.

— Que infelicidade, filho!!...—disse o velho com a face banhada de lagrimas, e lançando-se nos braços de Pedro. Este não balbuciava uma palavra consoladora a seu pae.

— Que faremos a isto? — proseguiu D. Christovão.

— Não sei... meu pae...

— Lembra-me... Oh meu filho... ajuda-me nesta lucta... é preciso salvarmos a desgraçada da morte... já que não podemos salvar-lhe a honra...

— Como, senhor?

— Vamos a Lordello... procure-mo-la... consolemos-lhe o coração... Faremos que ella se recolha a um convento, como secular, e mais tarde diligenciemos faze-la professar n'um mosteiro d'Hespanha, onde a não conheçam...

— Pois sim — redarguiu o filho commovido — vamos já... ou hirei eu...

— Não... tu não... Ainda me lembro, Pedro, daquellas desgraças de 7 de Fevereiro... Silencio!... O que se passou tudo é perdido e sem remedio. Façamos hoje o possivel.....................................
....

Partiram.

Eram 11 horas da noite. A lua espelhava-se nos lagos das varzeas de Lordello. O vento ramalhava nas florestas que remoinhavam ao sopé do castello. O céo era azul como em noite d'estio.

Padre Carlos da Silva, encerrado n'um quarto do primeiro andar da torre, tinha uma creança nos braços, e atava-lhe ao pescoço uma especie de nomina, ou bentinhos, em quanto o recem-nascido soltava vagidos dolorosos.

A seus pés via-se um fogareiro com brasas, e uma agulha de ferro, ainda vermelha do fogo. Que seria?.. Junto do padre estava uma mulher do campo, e um homem do mesmo tracto, que pareciam esperar as ordens

do sacerdote. Bateram á porta da torre. O padre espreitou da janella para baixo, e reconheceu os dous vultos. Mandou abrir, e murmurou áquelle homem poucas palavras.

Christovão da Veiga, e seu filho, seguiram o homem que os encaminhava. Quando elles subiam a escada para o segundo andar, descia a do primeiro aquella mulher com a creança nos braços, e uma carta subscriptada a um padre João Alvares, morador na *rua do Anjo*, em Braga.

Pedro da Veiga bateu á porta do quarto d'Ignez. Não lhe fallaram. Chamou-a. Ignez solta um grito d'estranho pavor.

— Meu irmão! o meu assassino! Conde! soccorre-me, que me matam!...

O sangue subira-lhe á cabeça. Estava doida. A porta cedeu violenta pelos empuxoens de Pedro da Veiga. A desgraçada tinha saltado fóra do leito, e corria desatinadamente na extensão do quarto, e do salão, invocando o seu conde a grandes brados.

Christovão da Veiga chorava. Pedro tentava debalde segura-la.

— Foge! assassino!... foge, fratricida!...

Eram as imprecaçoens estridorosas daquella infeliz! Mas as diligencias do irmão, já iracundo, não se aquietavam... Quando Ignez se viu amarrada, estrebuchou com uma robustez sobrenatural. Era a força muscular da demencia furiosa, ou talvez a força moral da desesperação, que é o agonisar da morte.

— Conde! Conde!... Salva-me deste assassino...

Pedro da Veiga, que cedera a um repellão, e que viu fugir-lhe a irman dos braços em grandes gritos, irou-se, e, com os olhos injectados de sangue colerico, correu rancoroso apoz ella, exclamando:

— Chama, chama, infame, que chamas o teu prostituidor... *Chama! Chama!*

Ignez da Veiga, com as mãos amarradas, cinge-se ao parapeito de uma janella, que padre Carlos abrira meia hora antes para observar a chegada de D. Christovão O pae adivinha-lhe as tençoens. Vae para suspende-la, chamando-a enternecidamente... Era tarde... Ignez precipitou-se do balcão ao fosso da torre, e deixou um

pedaço da sua tunica alva e ensanguentada na mão do pae...

Eis-aqui o seu thalamo, as suas esperanças, os seus amores! Tanta formosura, tamanho coração, e no fim de tantas agonias, vêde-a... é um cadaver despedaçado na rocha do castello! Buscai n'aquellas faces laceradas a pelle mimosa onde se collaram os beijos ferventes da paixão! pedi áquelles labios embaciados pela crusta do sangue um sorriso alegre para a vida, que alli se esvaeceu com tantas esperanças mortas! pedi áquelles olhos estorcidos pelo rasgar das carnes um olhar imperioso, uma ternura fascinadora, uma lagrima d'alegria, ou aquelle pranto de sangue que devera, aos olhos de Deus, remi-la d'um morrer tão afflictivo!...

....

....

Está explicado o mysterio da TORRE D. CHAMA contado *(Veja o cap. V.)* pelo thio Antonio da Maria. O que não podia saber-se, sem a perifrase do manuscripto, é que o cadaver de D. Ignez da Veiga foi nessa mesma noite transportado á capella dos Veigas, e ahi enterrado por Pedro da Veiga, que não derramou uma lagrima. E outro sim era impossivel adivinha-lo o thio Antonio da Maria, se o manuscripto o não contasse, que Christovão da Veiga, levado em braços para a cama, foi nos braços erguido para o esquife, onde desceu com mostras de sincero arrependimento, visto que á hora da morte, por um esforço sobrenatural, ajoelhára na cama supplicando perdão ao espectro d'Antonia Bacellar, que lhe rodeava o leito nos ultimos dias da sua agonia.

Padre Carlos da Silva desappareceu.

....

....

Agora, amigo leitor, queres saber a razão deste retrocesso de vinte annos? Era preciso dizer-te quem era aquelle Thimotheo d'Oliveira, seminarista de Braga que em 1720 seduz a filha d'um honrado cuteleiro. Nem mais nem menos — era o filho de D. Ignez da Veiga, e de Manoel Carlos da Cunha e Tavora — conde de S. Vicente.

Quem se dér a escrever romances, ha-de dar razão do seu dito.

CAPITULO XXV.

Que val a pena de lêr-se por ser o ultimo, e por encerrar a acção de mais de meio seculo — coisa por certo nova e admiravel não só pelo muito que se diz mas pelo muito mais que se poderia dizer, se o auctor quizesse escrever o seu romance em quatro volumes.

Não achei modos de atinar com o destino do filho ou filha de Thimoteo d'Oliveira, nem o manuscripto se entretem com o fim do cuteleiro Antonio Gil. Michaela sabe o leitor que era irman de Jacintha Rosa, e esta, como dito foi em lugar competente, era sinceramente cortejada por João Cabado, neto de mestre Antonio, que naturalmente morreu de velho nos sotãos dos Veigas. Este João enamorado é o mestre João Rodrigues Cambado, que em 1750 manifestava a sua mulher um programma de vida nova — « Vou fazer-me ladrão! » — dizia elle á feia mas honrada filha daquelle bom christão, e talvez soffrivel cuteleiro da terra da christandade, como é publico e notorio a respeito de Braga.

Realisadas as nupcias daquelles conjuges, Michaela veio para Villa Real com sua irman, para fugir ás mofas que em Braga lhe aggravavam a dôr da sua deshonra. De casa da irman é que ella passou para o serviço de Pedro da Veiga.

Fiquemos nestas alturas: vamos fazer convergir aqui novos successos.

Thimoteo d'Oliveira fugiu do seminario no dia seguinte ao da publicidade do seu crime. Em Coimbra foi recebido nos braços da companhia de Jesus, e, salvo no confessionario, o seu crime foi calado, ou desvanecido

pelo prodigio que elle era em sciencias, e pelo acatamento que se irrogava aos seus valiosos serviços á confraria. Mais tarde vê-lo-hemos inquisidor no Santo Officio.

E o conde de S. Vicente?

Esse é a maravilha deste romance. Da morte d'Ignez, á excepção de padre Carlos, Christovão e Pedro da Veiga, nunca soube alguem. Julgaram-na fugida, perdida, e barregan d'um padre por esses mundos de Christo.

O conde de S. Vicente militou. Em 1703 desfez-se a liga offensiva e defensiva contra a casa d'Austria, e el-rei D. Pedro entrou no tractado da grande alliança com o imperador Leopoldo 1.º, Inglaterra e Hollanda, para enthronisarem na Hespanha o archiduque Carlos.

Filippe V oppoz uma tenaz e desesperada resistencia. O exercito portuguez, capitaneado pelo marquez das Minas, escalou muitas praças de Castella antes de bater ás portas de Madrid.

O conde de S. Vicente viram-no arcar freneticamente com a morte em Valença, em Coria, em Albuquerque, em Placencia, e Ciudad Rodrigo.

D. Pedro II entra em Madrid aos 2 de Junho de 1706. Faz acclamar rei de Hespanha Carlos III. Exulta na mais grandiosa, e unica talvez, gloria do seu reinado. Chama em volta de si os fidalgos que lhe grangearam aquelle triumpho, e chora nobremente quando a chorar lhe contam a morte do conde de S. Vicente, na ultima refrega ás portas de Madrid.

Morrêra... ou melhor é dizer — suicidára-se!

Agora, adiante.

Padre Carlos da Silva vergou ao peso do remorso. Vagou foragido e pobre a mendigar o pão do estrangeiro. O remorso envelheceu-o, e este criminoso desgraçado já não tinha refugio nem esperança nem recursos em si para arrancar-se o espinho do crime, ou illudir o remorso que o matava. Soccorreu-se de Deus. Confessou a atrocidade da sua vingança: nenhum sacerdote lhe quiz perdoar sem a indulgencia especial do papa. Carlos d[illegible]-va foi a Roma. Clemente XI repelliu-o de [illegible] pojou-o das vestes sacerdotaes, e das funcçoe[illegible] que elle não exercia desde aquella noite [illegible] desesperação calou na alma daquelle home[illegible]

então a adjudicou a Satanaz em troca de uma inteira vingança do genero humano.

Voltou a Portugal. O crime seguia-o, e a face marcada pelo demonio que o comprára, accusava-o. E' preso em Lisboa como suspeito, e o tribunal em que responde — o do Santo Officio — ignora que o réo é seu familiar. Padre Carlos receia uma fogueira ecclesiastica, ou uma forca civil.

Um dos inqueridores é o reverendo padre Thimoteo d'Oliveira, que funcciona entre os dominicos como no collegio de Santo Antão. Padre Carlos da Silva, depois de tres annos de carcere, réo de occultar seu nome e estado, vai ser posto a tractos para revelar um mysterio, que se escurecia de graves suspeitas. Antes do martyrio, é interrogado a sós pelo inqueridor Thimoteo d'Oliveira.

No dedo deste jesuita brilha um annel, circundado pela legenda — *reges descendunt á nobis non nos á regibus.*

E' aqui necessaria uma explicação.

Padre Carlos, desde a noite do suicidio de D. Ignez da Veiga, que é a mesma da remessa do recem-nascido para Braga, nunca mais teve novas da creança, nem poderia have-las pela precipitação que houve na remessa, sem um indicio que no futuro lhe indicasse aquelle filho de paes incognitos. Vinte e quatro annos depois, quando voltou á patria, buscou na rua do *Anjo*, em Braga, esse padre João Alvares; mas vinte annos eram passados depois da sua morte, e ninguem dava noticia de uma creança, que fôra educada em sua casa. E, demais, padre Carlos era um mendigo, e ninguem lhe prestava a attenção nem os incommodos de uma seria investigação sobre o destino da creança. Poderiam informa-lo era no seminario de S. Pedro, onde em 1706 entrára um menino de cinco annos, com um peculio, de antemão ahi depositado por um anonymo, que precisamente era o sacerdote a quem fôra confiada a sua creação, o qual peculio era o seu patrimonio clerical.

Quando, em 1750, padre Carlos da Silva, o homem suspeito de crimes mysteriosos, respondia á inquerição do jesuita Thimoteo d'Oliveira, nada poderia descortinar o segredo que prendia estes dois homens, um curvado sob

o peso de 75 annos de sêde de vingança e amarguras de remorso; o outro de 48 annos tambem ervados de desgosto pela sua orfandade, e de remorso pelo seu crime de seducção.

Mas o annel no dedo do jesuita era um clarão nestas trevas, que, a não ser elle, deveriam perpetuar-se.

Padre Carlos contemplava attentamente a legenda, e tanta era a absorpção n'aquelle reparo, que Thimoteo d'Oliveira, reparou tambem.

— Estaes muito distrahido com o meu annel...

— Se vossa reverendissima me permittisse...

— O que?

— Aproximar-me, e reparar de mais perto...

— Aproximai-vos...

— Se consentisseis que eu visse esse annel...

— Ahi tendes...

O padre carregou na mola que ha 48 annos abrira...

— Que é isso? — exclamou o inquiridor — Descobristes um segredo, que eu nunca descobri...

— Nunca?

— Não... Que é o que buscaes dentro...

— Um nome — respondeu padre Carlos fortemente sobresaltado — Um nome... Ei-lo...

— Deixai vêr ..

O jesuita leu — *Manoel Carlos da Cunha e Tavora.*

— Que nome é este?... — exclamou elle perplexo.

— Que annos tem vossa reverendissima? — perguntou padre Carlos.

— Quarenta e oito...

— Este annel foi sempre seu?

— Sempre.

Padre Carlos, exaltado, energico, forte d'uma vida convulsa e febril, lançou ambas as mãos ao braço direito de Thimoteo d'Oliveira.

— Que quereis?! — perguntou este.

— Deixe-me vêr este braço...

— Sabeis por ventura...

— Sei... Tendes uma palavra escripta com fogo neste braço...

— Tenho...

— Anathema!...

— Sim, sim, e quem sois vós?!...

O réo não respondeu. Dos braços de Thimoteo passou quebrantado e desfallecido para a cadeira do inquiridor. O jesuita permanecia n'uma suspensão idiota, quando entrou um segundo inquiridor a indagar aquella demora. Thimoteo d'Oliveira não respondeu ás perguntas que lhe fez o frade dominico. Este, vendo o réo desmaiado, desapertou-lhe caridosamente o gabão, que parecia comprimir-lhe os estos violentos do peito. Neste desapertar cahiu um papel enrolado; apanharam-n'o ambos, e o primeiro que lhe leu o titulo foi Thimoteo d'Oliveira. Não ligou idêa alguma á significação deste mysterio — *Diario d'Antonia Baccllar*; mas, sem communicar ao seu companheiro as suas commoçoens, sumiu em si soffregamente aquelle rolo de papel, como quem esconde um thesoiro dos olhos d'um ladrão.

....

Padre Carlos da Silva foi transportado a um catre decente no dormitorio dos frades de S. Domingos.

Thimoteo d'Oliveira assistiu-lhe na sua doença com muita caridade, e pediu-lhe no fim, como recompensa da sua soltura, a historia do seu nascimento.

— Sois filho do conde de S. Vicente, que morreu em batalha no anno 1706 e de D. Ignez da Veiga, filha de D. Christovão da Veiga, que morreu depois do suicidio de vossa mãe em 1701. Não posso dizer-vos mais nada.

— E vós quem sois?

— Um homem a quem deveis o que sois. Pagai-me esta divida, com o vosso silencio sobre mim e sobre vós.

....

Padre Carlos da Silva viveu ainda cinco annos, n'um bairro retirado de Lisboa, vivendo de esmolas, e escrevendo uma historia que elle intitulou A MINHA VIDA, e que estava no manuscripto do 5.° volume, quando o terremoto de 1755 o esmagou com a sua obra no entulho do sotão que occupava.........................

....

Thimoteo d'Oliveira em 1764 veio á provincia de Traz-os-Montes, foi incognitamente hospedar-se em casa de Pedro da Veiga, e no segundo dia de residencia nessa casa, foi alta noite chamado para ouvir de confissão uma criada da casa, que parecia morrer d'uma dôr de colica.

No decurso da confissão geral desta enferma, o con-

fessor soltou um grito e desappareceu como um possesso.

A confessada era Michaela, que, julgando-se nos paroxismos da morte, pedira ao padre a benção do seu crime, por isso que ella perdoava de todo o seu coração a Thimoteo d'Oliveira, que tão desgraçada a fizera.

Dois annos depois, o jesuita Thimoteo d'Oliveira, foi desterrado, como cumplice no attentado regicida contra D. José I, no mesmo dia em que o padre Malagrida foi queimado.

Michaela póde dizer-se que morreu de pasmo, dias depois daquelle conflicto da sua confissão. O segredo porém daquella fuga improvisa, só o confessor lh'o arrancou do coração quasi gelado pela morte...............

....

Pedro da Veiga depois de uma vida corrupta e digna de seus avós, casou, como o leitor sabe ha muito, com sua prima D. Custodia Ozorio de Mesquita. O que o leitor não sabia, nem convinha dizer-lhe senão agora, ê que o fidalgo casou os seus 74 annos aos 25 de sua prima. Houveram aquelle filho, chamado Manoel, se bem que os contemporaneos rosnavam daquelle filho apenas ligitimado por ter nascido durante a constancia do matrimonio. Não sabemos o que queriam dizer com isto... Más linguas, naturalmente.

O sapateiro João Rodrigues Cambado decidiu-se por fim, e não valiam lagrimas da mulher que o desviassem de se fazer ladrão.

Na vespera da sua partida, a occultas da mulher, o sapateiro foi fustigado pelo chicote de Manoel da Veiga. O artista queixou-se ao pae do menino, e teve em reparação da affronta ordem de sahir dos sotãos. O fidalguinho, alentado por este recurso de seu pae, quando o sapateiro mudava para outro sotão a mobilia, repetiu a dóse de chicotadas, e parecia applicar-lh'a mais supprida, quando o Cambado lhe enterrou no peito uma faca, e lhe afogou na garganta o grito de soccorro.

O ultimo representante dos Veigas foi enterrado com todas as solemnidades, e dois mezes depois, Pedro da Veiga morreu de raiva impotente contra o sapateiro que nunca mais foi visto em Portugal.

Jacintha Rosa, e seu filho, apesar da sua monstruosa fealdade, acharam quem lhes valesse na fome duran-

te dez annos, no fim dos quaes uma avultada quantia lhe foi mandada do Brasil pelo capitalista João Rodrigues de Magalhaens, que já não era *Cambado*, e para lá partiram.

D. Custodia Ozorio de Mesquita, a viuva de Pedro da Veiga, teve filhos bastardos d'um cavalheiro pobre de Villa Real, que acabaram mais pobres que seu pae.

Os netos do sapateiro são actualmente baroens, e esperam sahir viscondes na primeira fornada. Tudo isto é verdade.

INDICE.

ERRATAS.

A PAGINA 94, linha 4.ª, aonde se lê — raro leitor — deve lêr-se — *caro leitor.*

A pagina 95, linha 32, aonde se lê — toro abrasador — lêa-se — *toro abrasado.*

A pagina 96, linha 2.ª, aonde se lê — demenio — lêa-se — *demonio.*

A pagina 117, linha 8.ª, aonde se lê — fumoso ginete — lêa-se — *fogoso ginete.*

A pagina 154, linha 22, aonde se lê — a coloria — lêa-se — *as coloria.*

A pagina 170, linha 9.ª, aonde se lê — estorceia — lêa-se — *estorcia.*

A pagina 181, linha 15, aonde se lê — As paixoens — lêa-se — *Nas paixoens.*

A pagina 187, linha 23, aonde se lê — seu pae — deve lêr-se — *ser pae.*

A paginas 194, linha 11
» 201, » 15 e 28
» 206, » 39
aonde se lê — Pedro da Veiga — deve lêr-se — *Vasco da Veiga.*

A pagina 304, linha 3.ª, aonde se lê — inquisidor — lêa-se — *inqueridor.*

Preço .... 480 *rei*

OBRAS DO MESMO AUCTOR JÁ PU[illegible]ADAS

Poesia dramatica — Agostinho de Ceuta. / Marquez de [illegible]

Poesia lyrica. . . — Inspiraçoens.